

The AFFILIATE



THE ASCENSION SERIES
book one

USA Today Bestselling Author

K.A. LINDE





Poison
BOOKS

Flor de Lotus
TRADUÇÕES



TRADUÇÃO: PAYNE

REVISÃO INICIAL: RAQUEL

REVISÃO FINAL: RAFAELLA

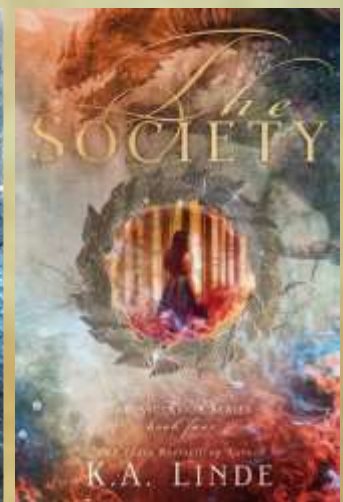
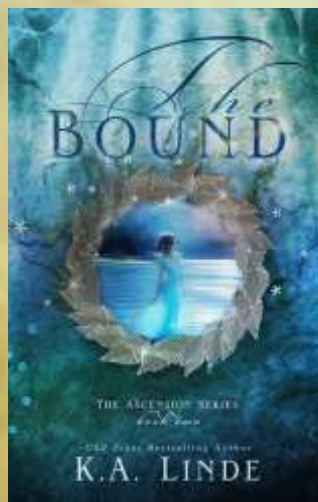
LEITURA FINAL: LAGERTHA E HECATE

FORMATAÇÃO: CIRCE



The Ascension Series

K. A. LINDE



No dia de sua Apresentação, na frente de toda a Corte Byern, os planos da vida de Cyrene Strohm de dezessete anos, se concretizam quando ela é escolhida para uma das mais prestigiadas posições na sua terra natal — uma Afiliada da Rainha.

Qu assim ela pensa

Quando Cyrene recebe uma carta misteriosa e um livro ilegível, ela descobre que nada é o que parece. Empurrada para um mundo de intrigas políticas perigosas e magia mortal, a posição de Cyrene só fica mais traiçoeira quando ela se sente atraída pelo único homem que nunca poderá ter...

Quando o próprio Rei Edric

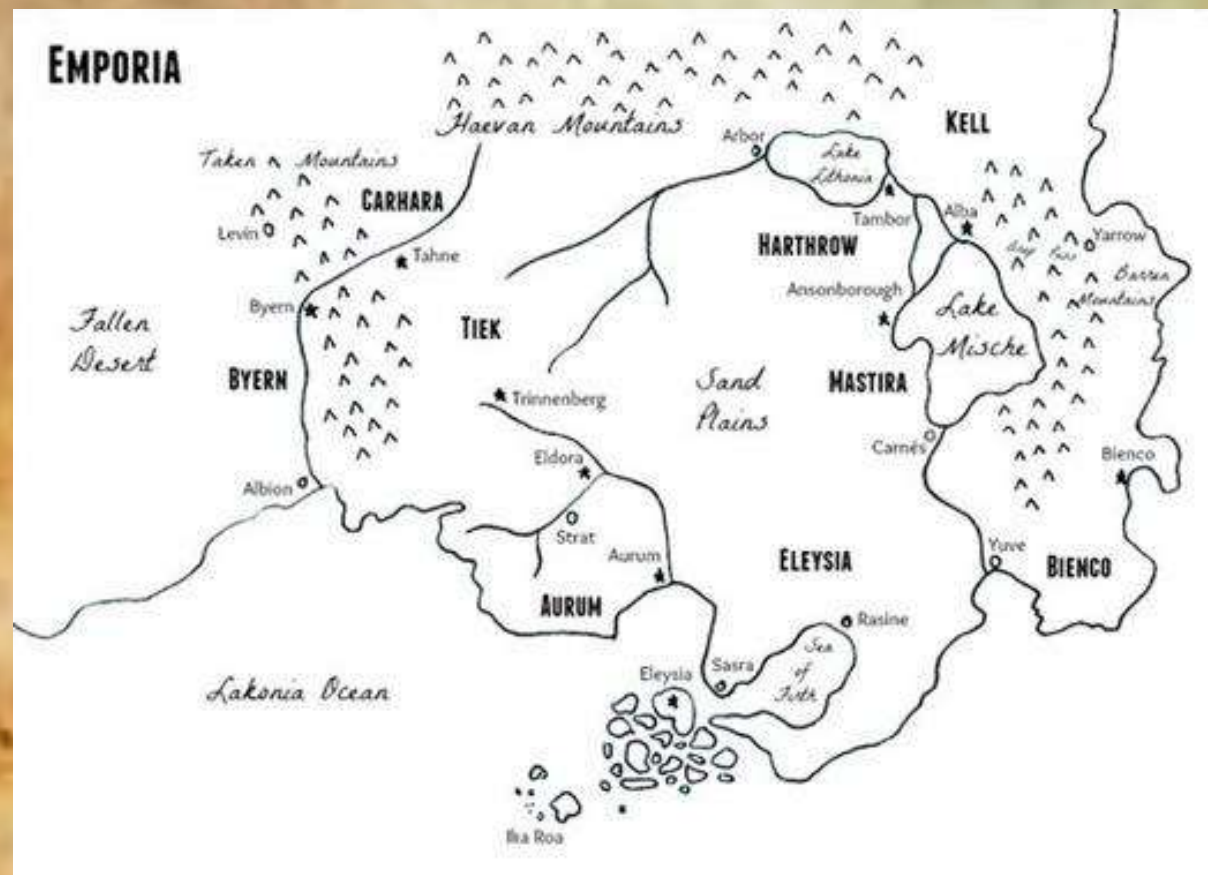
Cyrene deve decidir se o amor realmente vale o preço da liberdade. Descubra neste primeiro livro da nova série Ascension da autora best-seller do USA Today K. A. Linde.



CONTÉM

Beijos de Princesa

UTILIZE PARA
TRANSFORMAR SAPOS EM
PRÍNCIPES



GUIA DE PRONÚNCIA



Ahlvie gunn: al-vee gun
Aralyn strohm: air-uh-lin strahm
Basille selby: bah-seal sel-bee
Braj: brahj
Byern: by- urn
Caro barca: car-o bars-uh
Cyrene strohm: sah-reen strahm
Daufina birket(consorte): daw-feen-uh bur-ket
Edric dremylon (rei): edge-rick drem-lin
Elea strohm: el-ya strahm
Eleysia: el-a-see-uh
Emporia: em-por-ee-uh
Eren: air-en
Haille mardas: hayl mar-dus
Indres: in-dress
Jardana: jar-don-uh
Jestre farranay: jest-ray fair-uh-nay
Kael dremylon (príncipe): kayl drem-lin
Kaliana dremylon(rainha): kal-ee-ah-nuh drem-lin
Keylani river: key-lahn-ee

Krisana (castelo de albion): kris-on-uh

Leif: leef

Maelia dallmer: may-lee-uh dal-mer

Nit decus (castelo de byern): nit dake-us

Reeve strohm: reev strahm

Rhea gramm: ray gramm

Serafina (domina): ser-uh-feen-uh

Viktor dremylon: vick-ter drem-lin

PRÓLOGO



— Deixe-os entrar. — Rei Maltrier respirou fundo e então tossiu irregularmente por um minuto.

— Sua Majestade, você tem certeza? — perguntou seu criado de longa data. Ele tinha a mesma atitude implacável que sempre teve, mas ele parecia mais sincero do que nunca, como se pudesse decretar ao Rei que não morresse.

— Traga-os, Solmis. Agora.

Solmis cansadamente atravessou a sala escura. Ele abriu a porta envelhecida do quarto do Rei e falou com o par de guardas que estavam de vigia — Traga os meninos. O Rei deseja falar com eles.

Um guarda socou seu punho direito no lado esquerdo de seu peito em uma saudação formal Byern e em seguida entrou na câmara externa. Um momento depois, ele retornou com dois meninos com o mesmo cabelo escuro e olhos azul-acinzentados que os marcavam como herdeiros Dremylon.

— Por aqui, meninos — Solmis disse. Ele era uma das poucas pessoas que poderia se safar por chamar os Príncipes de meninos.

— Obrigado, Solmis — Edric, o príncipe herdeiro, disse com um sorriso e a confiança de alguém que nunca lhe faltou nada.

O segundo filho, Kael, empurrou os dois, imitando o passo de seu irmão. Sua expressão definidia em uma carranca. Algumas das suas exuberâncias juvenis já tinham ido embora e em seu lugar o cinismo por perder a mãe muito jovem e de ter um pai doente, mas principalmente, por ser o segundo.

—Pai — ele gritou.

—Venha aqui, Kael — disse o Rei. Ele deu um tapinha no lado da cama.

—Você também, Edric.

Edric caminhou para o lado dele e se sentou em uma cadeira enquanto Kael subiu na cama.

Com Edric tendo quinze e Kael treze anos, ambos eram muito jovens para este tipo de perda.

O Rei tinha visto sua filha mais nova, Jesalyn, mais cedo naquele dia. Ela tinha chorado o tempo todo, entendendo o que estava vindo e sabendo que ela não poderia fazer nada para detê-lo. Em lágrimas, ela tinha fugido do quarto e foi direto para os braços da consorte¹ Shamira. Ela tinha tudo, mas criou a criança depois que sua esposa, a Rainha Adelaida teve uma morte sem explicação.

Mas ele não podia desperdiçar pensamentos sobre isso agora. Ele estava cansado com cada momento que passava. Os meninos... Eles tinham que saber.

—Solmis — o Rei disse, recuperando um pinga de força.

Seu criado, seu velho amigo, saiu do quarto, dando-lhes a privacidade de que precisavam.

—Pai — Kael repetiu com impaciência.

—Estou morrendo—o Rei Maltrier disse.

Silêncio seguiu a declaração. Kael parecia horrorizado. Edric tentou esconder o choque do que ele sabia que viria a seguir.

—Edric vai me suceder.

—Eu sou muito jovem para ser rei — sussurrou Edric.

—Quinze anos não é muito jovem.— O Rei pensou que isso era questionável, mas ele não discutiria com o seu filho. Edric tinha que ser forte. Ele tinha que governar. — Você tem a Consorte e meus Conselheiros para ajudar e orientar você.

Edric engoliu e assentiu com a cabeça. —Sim, pai.

¹ Consorte real, ou simplesmente consorte, é o cônjuge do monarca.

—Confie em si mesmo, e tudo vai correr como planejado. Eu formei uma aliança com Aurum para Jesalyn ser rainha e outro com Tiek, que lhe ofereceu sua jovem Princesa Kaliana. Honre essas alianças para manter nosso povo protegido. Um rei forte é um com um herdeiro.

O rei se inclinou e tossiu em um lenço durante vários minutos. Sua garganta estava crua, e seus pulmões doíam. Ele não sabia quanto tempo mais ele podia aguentar, mas ele tinha que passar seu legado.

Mas ele poderia colocar esse peso sobre eles?

Ele tinha que decidir agora.

Não. Ele diria a apenas um. Ele o passaria para o garoto mais parecido com ele, que poderia lidar com o conhecimento, aquele destinado a reinar.

O Rei se virou para um de seus filhos e disse — Eu preciso falar com seu irmão sozinho por um momento.

Suas sobrancelhas se juntaram quando dor e confusão nublou suas feições. — Mas, pai...

— Vá — o Rei Maltrier ordenou.

Ele apertou a mandíbula, levantou e foi embora sem mais uma palavra.

Foi a última vez que o Rei viu seu filho.

A porta se fechou duramente atrás dele.

Rei Maltrier se virou para o seu outro filho. — Você conhece a história de nosso antepassado, Viktor Dremylon.

Ele assentiu, mas o Rei continuou mesmo assim.

— Viktor derrubou a maligna Corte Doma que subjugou o nosso povo. Em seguida, reivindicou o trono para si com o único propósito de reinar em um sistema justo e equitativo.

— Sim, pai.

— A história é contada pelos vencedores.

— O que você quer dizer? — Ele inclinou a cabeça e parecia preocupado.

Talvez ele pensasse que o Rei já tinha perdido a cabeça.

— Viktor destruiu a Corte Doma, e ele inaugurou uma nova era de regra de Dremylon que persistiu de dois mil anos até você, hoje. Mas o que

não está nas histórias é que a Corte Doma tinha governado porque tinha poderosas... Habilidades.

Seu filho riu como se seu pai estivesse contando um conto de fadas.

—Ouça!— estalou o Rei. Isso o mandou para outra crise, e seu filho o ajudou a se endireitar, para que ele pudesse tossir em seu lenço.

Quando o Rei Maltrier se recostou novamente, viu que sangue tinha coberto a seda branca.

—Pai, você deve descansar.

—Eu preciso lhe dizer — ele foi interrompido por outra tosse. — a verdade. Viktor venceu a Corte Doma e o líder mais poderoso que já tinham conhecido, Domina Serafina, roubando a magia, magia negra, uma magia que amaldiçoou Viktor e todos os seus ancestrais. Ele amaldiçoou eu... E você... Toda a linhagem Dremylon.

Seu filho permaneceu em silêncio e imóvel. O Rei tinha ganho a atenção dele.

—Agora, devo deixar você com isso, filho.— O Rei recuperou uma pesada chave de ouro do pescoço dele e a colocou nas mãos de seu filho. — Um cofre na parede no meu closet contém os escritos de Viktor Dremylon. Os recolha, e não conte a ninguém. Você deve continuar o nosso legado. Qualquer pessoa que tenha sangue de Doma e descobrir sua magia deve ser eliminado. Eles ameaçam o nosso poder, seu poder. Eles ameaçam o mundo em que vivemos.



A CARTA



—Uma tempestade está se formando.— Cyrene abriu a janela de vidro texturizada para avaliar melhor o céu cada vez mais escuro.

—Parece terrível lá fora,— a irmã dela, Elea disse.

Cyrene podia sentir o cheiro da umidade do ar pressionando contra seus poros. Ela tirou seus longos cabelos castanho escuro de seus ombros e se afastou da janela.

—Claro que choveria no dia da minha Apresentação. Não tem chovido durante um mês.

—Irá passar.

—Espero que sim.— Hoje era a cerimônia de Apresentação, e seria o dia mais importante de toda a sua vida. Ela engoliu em seco, como se ela tivesse ficado sem água por dias no meio do Deserto Fallen.

—Oh, Cyrene, você vai se sair bem hoje.— Elea agarrou a mão de Cyrene, entrelaçando seus dedos. —Aralyn foi selecionada como uma Afiliada, e tenho certeza que você será também.

Cyrene reorientou seus pensamentos, canalizando a autoconfiança que sempre vinha até ela, e colocou uma cara corajosa para Elea. —Claro que eu vou. Espero que Rhea esteja se sentindo tão confiante.

—Não se preocupe com Rhea. Ela vai ficar bem.— Elea recuperou uma fita pura de pérolas da cômoda e as amarrou no pescoço de Cyrene. —Pronto. Tudo perfeito.

—Obrigado, Elea— Cyrene disse. Ela puxou a irmã em um forte abraço.
—Vou sentir saudades quando eu me tornar uma Afiliada.

—Vou sentir saudades, também — Elea disse, rindo. —Você não sabe nem se vai ser selecionada para a Primeira Classe, mas você praticamente acredita que será a próxima consorte ao anoitecer.

—Eu serei, certo?— Cyrene perguntou sarcasticamente.

Uma das posições mais reverenciadas de toda Byern, a consorte era pessoalmente escolhida pelo rei e atuava como seu braço direito em todos os assuntos do estado.

Elea bufou. —Não conte seus frangos antes que eles tenham chocados.

—Agora você falou como a mãe!

—Alguém tem que — disse Elea, balançando a cabeça para Cyrene. — Vamos lá. Nós não podemos manter todos esperando.— Ela conduziu Cyrene para fora do quarto de dormir.

Cyrene e Elea desceram a escada em espiral para o grande vestíbulo aberto onde sua mãe, Herlana, as aguardava. Suas filhas eram espelhos dela, mas Herlana tinha elegância e graça que só poderiam terem sido adquiridas através da idade e de servir como Afiliada da rainha anterior.

—Meninas, vocês estão deslumbrantes. Porém, Elea, estou feliz que você ainda tem mais um ano. Você precisa superar essa estranheza desajeitada que você ainda possui para ter uma chance na Primeira Classe. Felizmente, Cyrene nunca passou por isso, senão eu estaria mais nervosa por ela — Herlana murmurou descaradamente.

As bochechas de Elea ficaram coloridas em constrangimento. Ela tinha crescido para uma altura surpreendente nos últimos dois anos e estava tendo dificuldade em se adaptar às mudanças que tinham acompanhado o surto de crescimento.

—Obrigada, mãe — Cyrene disse, redirecionando o peso total da atenção da sua mãe.

—Bem, você não está fora disso ainda.— Ela olhou para sua filha de cima a baixo. —Por que seu pai aprovou essa cor vermelho-prostituta em você, eu não tenho ideia. Você será a única a usar algo tão vulgar.

— Vou me destacar então.

— Como se você já não fosse se destacar em sua própria Apresentação — Herlana bufou.

— Acho que ela é uma visão em vermelho — Elea disse, defendendo a irmã.

— Obrigada, Elea.

— Sim, bem... Ela ficaria melhor no seu verde — Herlana disse. — Você lembra de tudo o que é exigido?

Cyrene engoliu seu momento de medo. — Sim, mãe. As palavras que preciso falar têm sido gravadas no meu cérebro desde a infância.

— Você precisará tomar cuidado com a sua boca. O Rei não tolera assuntos insolentes. Agora, onde está o meu marido?

— Eu estou aqui, Herlana — chamou Hamidon. Entrando no vestíbulo, ele folheou uma pequena pilha de cartas em sua mão.

Ele era um homem volumoso de estatura média, com um ar severo, e presunçoso sobre ele. Apesar de sua aparência aristocrática, ele amava suas quatro filhas e as adorava mesmo quando sua esposa o iria repreender sobre isso.

— Bom dia, minhas lindas filhas. — Hamidon beijou Elea e, em seguida, Cyrene. — A Guarda Real chegou — disse, se virando para a esposa. — Então os Gramm estão aqui ainda?

— Sim. Eles chegaram agora — Herlana disse. Ela fez um gesto para fora da porta onde um par de carruagens foram puxadas para o caminho circular.

— Perfeito — ele disse, com um sorriso pomposo. — Devemos partir?

A mãe e o pai de Cyrene desfilaram para fora de sua casa, e quando ela estava prestes a segui-los, Elea jogou os braços ao redor de sua irmã mais velha.

— Quem vai cuidar do jardim? — Elea resmungou.

— O quê? — Cyrene perguntou. Ela tentou se livrar do aperto de Elea.

— Estou certa que vou matar tudo sem você aqui.

— Lembre-se de aguar as plantas, e o jardim vai ficar bem. — Ela não

poderia ajudar a sua risada incrédula. —Realmente, Elea, você só vai sentir saudades de mim por causa do jardim?

Elea olhou para sua irmã e balançou a cabeça.

—Senhoras — gritou Herlana quando elas pararam no vestibulo.

As meninas saltaram com a voz de sua mãe e saíram correndo de casa. O Guarda Real os conduziu em direção a três magníficas carruagens atreladas a garanhões negros. Sua família se sentou em uma com um padrão intercalado de diamantes azuis e prateados, as cores da casa da família de Cyrene. Duas carruagens dos Gramm foram listradas em laranja, marrom e dourado.

Rhea estava modestamente sentada na segunda carruagem dos Gramm. Ela acenou para Cyrene quando esta se aproximou.

Cyrene e Rhea tinham nascido no mesmo dia, e portanto, elas eram uma rara exceção para uma Apresentação da Primeira Classe.

Membros da Primeira Classe teriam seus filhos apresentados individualmente em seu décimo sétimo aniversário. Todos os membros da Segunda e Terceira Classes, quem teve um filho fazendo 17 anos nesse ano celebraria sua Apresentação no mesmo dia do feriado do Eos. Em homenagem à emancipação de Byern, uma grande festa seria realizada na capital todos os anos, e todos seriam convidados a participar das festividades.

Cyrene subiu no banco da carruagem ao lado de Rhea. —Rhea, acredita que o dia finalmente chegou?— Ela estendeu a mão e agarrou a de Rhea.

—Não.— Os fios ondulados do cabelo vermelho escuro de Rhea roçaram suas costas enquanto sacudia a cabeça. Seu vestido verde-floresta era simples e leve, com mangas compridas fluidas e bordas de renda. Realmente realçava o verde nos olhos dela.

—Nem eu — Cyrene sussurrou. O olhar dela se deslocou para os arredores.

A carruagem os puxou para frente pelo centro da cidade. Mansões e pedras gigantescas se alinhavam nas ruas enquanto eles navegavam nos bairros da Primeira Classe e iam para o imenso Castelo Nit Decus esculpido no lado das Montanhas Taken.

As famílias da Segunda e Terceira Classe viviam mais perto de seus ofícios profissionais. Segundos eram propensas a envolvimento marcial, assim

como carreiras relacionadas com e assistência dos serviços de guarda. Terceiros são uma mistura de artesãos, comerciantes e fazendeiros que realizavam as funções essenciais para dar suporte ao Reino. Os Segundos e Terceiros viviam ao longo do segundo nível dos muros da cidade, mais adiante o sopés rochosos da capital. Além disso, Segundos ajudam com a proteção das fronteiras, e muitos Terceiros atravessam a área para fins mercantis ou vivem em aldeias remotas, auxiliando nas funções diárias da vida.

As estradas através do centro da cidade eram empedradas, e as duas meninas se empurraram levemente enquanto rolaram mais e mais alto até o castelo que aparecia no horizonte. Era uma fortaleza quase impenetrável, forjada a partir de calcário cinza e preto escavado da montanha. Mais da metade da estrutura colossal estava escondido no coração das Montanhas Taken. O que permaneceu visível foi um glorioso edifício com altas torres em pico, pontes arqueadas e alvenaria de pedra intrincada que tinham resistido a milhares de anos de desgaste.

A visão das torres nas alturas tinha sido uma fixação durante a vida inteira de Cyrene, ainda assim a grandiosa estrutura sempre conseguiu provocar suspiros de admiração dela. À medida que se aproximava, as meninas olharam para as portas barradas impossivelmente altas.

—Você acha que nós conseguiremos ir para a Primeira Classe?— Rhea sussurrou.

Cyrene olhou para Rhea cuja tez pálida sempre presente só tinha ficado cinzenta com medo. O toque de vermelho em suas bochechas não conseguia esconder sua aparência de cera. Na luz fraca da carruagem, suas mãos tremiam visivelmente, um problema que ela tinha desde a infância.

—Como poderíamos não ir?— Cyrene perguntou com uma falsa sensação de confiança.

—E se nós não conseguirmos?

—Nem pense nisso, Rhea. Estivemos juntas por tanto tempo...

Ela não podia imaginar sua vida sem Rhea. Cyrene sabia que as crianças da Primeira Classe eram raramente colocadas em uma classe inferior, mas isso já tinha acontecido. Somente no ano passado, uma menina do próprio bairro de Cyrene tinha sido selecionada para a Terceira Classe.

Cyrene estremeceu com o pensamento. Ela trabalhou e estudou muito para passar o resto da vida alcançando um lugar onde ela já pertencia.

As três carruagens passaram rapidamente pelos portões, entrando no exuberante jardim paradisíaco. Até onde o olho podia ver, os solos reais foram cobertos com árvores florescentes, flores de cores vivas, hectares de grama verde fresca e até mesmo um riacho escorrendo lentamente com uma ponte de pedra. Pássaros piavam acima enquanto as carruagens sacudiam para a frente através do extenso jardim. Em um habitat tão natural, o zumbido da vida urbana estava quase obscurecido.

Um lacaios desceu as escadas do castelo e abriu a porta da carruagem. Cyrene soltou a mão de Rhea e saiu primeiro. Ela soberanamente inclinou a cabeça para cima enquanto colocava seus caros sapatos Biancan dourados no solo real. Os cantos de seus lábios levantaram, e anos de treinamento de etiqueta assumiram.

Um cavalheiro a dirigiu para dentro, e Rhea seguindo atrás no braço de outro acompanhante. Suas famílias já tinham entrado no castelo e estavam sendo conduzidas para o Grand Hall.

Permitindo que seu acompanhante a levasse para longe de Rhea, Cyrene silenciosamente desejou ter dito a sua amiga boa sorte. Cada Afiliada recebeu sua própria câmara de Apresentação, assim Cyrene não veria Rhea até que tudo isto tivesse acabado.

O acompanhante de Cyrene a levou por vários corredores sinuosos até uma ampla porta de pedra. Com a antecipação, seu coração bateu descontroladamente no peito. Esta era a entrada para a sua câmara de Apresentação.

Cortinas e tapeçarias ricamente coloridas estavam penduradas nas paredes. O custo do grosso tapete Aurumian poderia fornecer um ano de refeições do Mercado Laelish. Um jarro de prata ornamentado e vários copos de cristal estavam em cima de uma mesa de mogno artisticamente construída contra a parede do fundo.

Cyrene se serviu de um copo de água e trouxe o copo aos lábios.

O quarto lhe lembrou sobre a antiga história do reinado da Corte Doma sob a temida Domina Serafina. Quase dois mil anos atrás, Byern havia sido governada por uma aristocracia que tomou tudo para si, devastou a terra e

deixou a população que julgavam ser inferior esfomeados. Então Viktor Dremylon se ergueu contra a corte, tomou Byern para as pessoas e libertou o Reino do governo opressivo. Todas as práticas horríveis do Doma foram revertidas, e a prosperidade dos últimos dois milênios tinham validado a vitória de Dremylon. Agora, apenas artefatos raros, lições de história e lendas foram deixadas daquele período.

Um farfalhar do tapete a tirou de seus pensamentos, e ela se virou rapidamente.

Gritando de surpresa, ela quase derrubou o copo. Ela correu pela sala e jogou os braços ao redor de sua irmã mais velha. — Aralyn!

Aralyn a segurou firmemente.

— É tão bom ver você — Cyrene disse.

— Eu senti saudades. — Aralyn examinou Cyrene de longe.

— Você está perfeitamente linda! E em vermelho! Pai aprovou essa cor?

— É claro.

— Não é uma cor da Corte.

Cyrene ignorou o menosprezo de sua irmã. — Esqueça a cor, Aralyn. Não te vejo faz um ano. Como é em Kell como uma Embaixadora dos Afiliados? Me diga tudo!

— Eu não vim para discutir minhas viagens com você. Eu vim para certificar de que você estava preparada. Eu tenho a sua carta de Apresentação.

Aralyn extraiu uma carta da faixa de seu vestido. Cyrene reverentemente pegou a carta na mão.

— Você não tem muito tempo antes que eles te chamem. Vim para ser sua Conselheira. — Um pequeno sorriso tocou suas feições. — Não podia perder a Apresentação da minha irmãzinha.

Perguntas borbulhavam dentro de Cyrene, mas ela segurou a língua.

— O que você ler dentro desse envelope não pode ser falado com ninguém, exceto os outros cidadãos da classe, bem como Rei Edric, Rainha Kaliana e Consorte Daufina, mas saiba que eles podem não ter quaisquer respostas, ou eles podem levar você a se desorientar. Você entende?

Não. Como eu poderia entender até ler a carta?

Ela rezou para a Criadora para que ela se tornasse uma Afiliada, assim ela poderia perguntar a Aralyn todas estas questões urgentes.

—Cyrene, entende? — Aralyn repetiu mais severamente.

—Sim — ela sussurrou.

—Muito bem. Depois de ler sua carta, prossiga para a porta distante e espere que um funcionário a abra para você. Quando você receber o sinal para a dispensar, retorne a esta sala para aguardar sua Seleção.

—Você estará aqui? — Cyrene deixou escapar.

—Não. Você deve aguardar sua Seleção sozinha.

Cyrene olhou para baixo para a carta dentro de suas mãos e de volta para Aralyn. —Você acha que eu vou para a Primeira Classe?

Aralyn produziu seu primeiro sorriso verdadeiro. —Não tenho dúvidas de que será selecionada para seu devido lugar — disse ela, puxando Cyrene em um abraço. —Você vai se sair bem. Agora, tenho que ir. Vejo você do outro lado.

Aralyn deu um beijinho de cada lado das bochechas de Cyrene e saiu da sala.

Um peso se formou na boca do estômado de Cyrene. Era o dia do julgamento final. O pequeno pedaço de papel nas mãos dela parecia como uma carga pesada.

Depois de virar o envelope creme, ela rasgou o selo real do pergaminho e retirou a carta. O brasão real, um Dremylon D verde envolto em chamas de ouro, foi estampado na frente do cartão.

Ela abriu o cartão.

O QUE VOCÊ PROCURA ENCONTRA-SE ONDE NÃO PODE PROCURAR.

O QUE VOCÊ ENCONTRAR NÃO PODE SER ENCONTRADO.

A COISA QUE VOCÊ DESEJA ACIMA DE TUDO PÔE EM RISCO TODO O RESTO.

A COISA PELA QUAL VOCÊ LUTA NÃO PODE SER VENCIDA.

QUANDO TUDO PARECE PERDIDO, O QUE FOI PERDIDO PODE SER ENCONTRADO.

QUANDO TODOS SE CURVAREM, VOCÊ NÃO PODE SER COMO VOCÊ ERA.

É bobagem! Apenas uma série de enigmas!

O que eu estou buscando? Uma posição como uma Afiliada, ao lado de minha irmã? No entanto, isso não faz sentido porque que essa posição está disponível para mim. É a mesma coisa que eu preciso encontrar? Se for, como posso encontrar algo que eu não consigo buscar e que não pode ser encontrado?

A segunda parte foi um pouco mais direta. *Mas o que desejo?* Ela não sabia como se tornar uma Afiliada arriscaria tudo em sua vida. Além disso, ela não está lutando contra ninguém. Byern não esteve em guerra durante duzentos anos!

A próxima linha fazia ainda menos sentido. Ela se sentia bem perdida agora, mas ela dificilmente achou que era isso o que a linha estava se referindo. *Vou perder alguma coisa... tudo?* Ela releu a linha final mais uma vez e tentou decifrar o significado oculto. *Quem está curvando-se? Se as pessoas estavam se curvando de alguma forma, como eu iria me perder?* Parecia ser a parte mais preocupante para ela. Ela não sabia como poderia ser algo que não era.

Ela não tinha tempo para descobrir isso agora. Ela tinha que completar sua Apresentação. Ela enfiou o cartão de volta no envelope, colocou-o em cima da mesa e caminhou até a parede distante. Assim que ela chegou à entrada, as portas começaram a ranger ao serem abertas.

Perante ela estava a Corte Real de Byern.

2

A APRESENTAÇÃO

A Corte de Byern se levantaram de suas cadeiras elegantemente trabalhadas, se viraram para o canto do salão e encararam Cyrene na porta aberta.

Cyrene segurou seu suspiro. O salão de baile era requintado com colunas de cerúleos², jade e madrepérola intercaladas e ouro delineando molduras ornamentais. Os olhos dela foram para cima para o teto pintado à mão com um grande relógio projetado na obra de arte. Através de uma dúzia de janelas que iam do chão ao teto, as nuvens cada vez mais escuras lá fora davam um brilho escuro na sala.

Música suave veio à vida das cordas do cravo³ do músico.

Foi a sua sugestão.

Empurrando os ombros para trás, Cyrene pisou um sapato dourado e depois o outro no chão de mármore do salão. Todos os traços de sua ansiedade anterior desapareceram de seu rosto com pó, e ela produziu um sorriso fácil para a multidão que estava aguardando. Ela caminhou graciosamente do fundo da sala por um longo corredor central. No final do caminho estava sentado o Rei Edric num trono de ouro de encosto alto. Com

² **Cerúleo** é uma cor azul como a do céu ou esverdeada como a do mar. Seu pigmento é muito caro por causa da sua tonalidade, permanência e opacidade.

³ **Cravo** é a designação dada a qualquer dos membros de uma família europeia de instrumentos musicais de tecla.

seu cabelo loiro amarrado em um coque apertado, a Rainha Kaliana estava à sua esquerda, e a Consorte Daufina de cabelos escuros estava à sua direita.

Os batimentos cardíacos de Cyrene pulsavam através de seus dedos e batiam contra o seu pescoço. Seu estômago parecia deixar o corpo dela, enquanto fazia contato visual com o Rei. A intensidade de seu olhar fez as bochechas dela ruborizarem. Ela esperava que o rouge escondesse seu nervosismo.

Com o queixo erguido, Cyrene prosseguiu. Ela passou por seus pais sentados na primeira fila ao lado de Aralyn, Elea e seu irmão mais velho Reeve. Do outro lado do corredor, estava sentada a família Gramm. Cyrene se perguntou se Rhea tinha sido apresentada primeiro. Cyrene não poderia julgar pelas expressões dos Gramm.

Depois de andar os metros restantes até a frente do estrado, ela subiu as escadas para ficar diante de seu Rei, e então, ela caiu para a reverência mais baixa o possível.

Ela segurou sua posição pelo que parecia ser uma eternidade antes que a voz do Rei Edric crescesse ao longo do salão de baile.

—Você pode se levantar.

Os joelhos dela tremeram quando se ergueu do chão.

O Rei Edric tinha mudado desde que ela o viu pela última vez na Apresentação de Aralyn. Seu pai, o Rei Maltrier, tinha morrido de causas desconhecidas quando Edric tinha apenas quinze anos de idade. Edric assumiu responsabilidade do Reino, bem como o bem-estar de sua irmã mais nova, Jesalyn — agora Rainha de Aurum — e seu irmão mais novo, Príncipe Kael. Cinco anos mais tarde, Rei Edric agora tinha vinte anos e tinha legitimamente subido em seu trono. Sua presença exalava uma confiança que ninguém além de um rei poderia controlar.

Lentamente, o Rei Edric se levantou de seu trono para a sua altura total. Em seus pensamentos, Cyrene não poderia nem mesmo capturar toda a extensão de sua altura. Ele era incrivelmente alto com um maxilar forte coberto por uma barba por fazer e penetrantes olhos azul-acinzentados que inquiriu a multidão atrás dela.

—Bem-vinda. Estamos aqui hoje para a Apresentação de uma filha da família Strohm, que nobremente serviu meu pai, o Rei Maltrier, filho de

Rei Herold, filho do Rei Viktor da linhagem real de Dremylon. A Criadora descansa as suas almas.

A multidão murmurou suavemente suas próprias bênçãos para os antigos reis.

—Veio hoje para ficar diante do trono e ao ser apresentada é um dos nossos — ele disse. —Ela foi criada em nossa terra, educada na nossa terra e será para sempre parte da nossa terra. Sua Apresentação hoje sinaliza a aceitação das tradições e valores de Byern. Tal passo representa seu desejo de ser parte da melhoria diária da nossa terra. A aceitação de sua Seleção requer responsabilidade e aderência aos princípios fundamentais de Byern.

A cabeça de Cyrene nadou. Ela estava concordando em ser apresentada e selecionada, não importando as consequências. Não importa se ela fosse colocada na Terceira Classe. Isto iria decidir seu futuro, e seu coração apertava dolorosamente enquanto as possibilidades inundaram seu consciente.

—Hoje, eu Apresento Cyrene Sera Strohm, filha de Hamidon e Herlana, irmã de nosso próprio dedicado membro do Conselho, Reeve e a nossa Afiliada de confiança, Aralyn. Vamos começar a Apresentação agora.

Rei Edric deu um passo em direção a ela, e seus olhos azuis encontraram os dele. Um choque elétrico a atravessou com a proximidade dele. Por um momento, enquanto seu olhar ficou fixo no olhar do Rei, tudo o que via era o aqui e agora. Não havia nem tempo nem distância entre eles. Foi apenas um puxão, como se eles estivessem amarrados juntos a partir deste ponto.

Rei Edric voltou um passo e balançou a cabeça, a tirando do transe em que tinha entrado. *O que acabou acontecer?*

O pomo de Adão dele sacudiu enquanto ele se recuperava. Então, ele falou suavemente apenas para seus ouvidos —Cyrene.

Ela silenciosamente amaldiçoou e deixou o seu olhar cair para o piso polido. *O que estou fazendo?* Ela nem sequer deveria olhar diretamente para ele ainda.

—Você pode olhar para mim.

Surpresa, Cyrene fez como ordenado. Ela não entendia o que tinha passado entre eles, mas olhar para ele fez algo dentro dela cair no lugar.

— Senhorita Stroh, estou aqui como seu Rei, disposto a selecionar você para uma posição apropriada na comunidade de Byern. Está preparada para cumprir seu dever?

Seus lábios se curvaram em um sorriso arrogante. — Sim, meu Rei.

O Rei Edric fez uma pausa, olhando sua boca. — Você sempre usa esse sorriso?

Ela tentou apagar a expressão de seu rosto, mas ela não parecia ser capaz disso. — Sim, meu Rei.

Os olhos azul-acinzentados dele se estreitaram, e o coração dela bateu. *Por que não consigo manter uma tampa na minha atitude hoje dentre todos os dias?*

— Cada classe executa as tarefas fundamentais para a melhoria de Byern. Você está ciente das três tarefas das Classes? — Ele voltou para o diálogo da Apresentação.

— Os Guardiões, Auxiliares e Essenciais — ela disse, dando os nomes formais para as três Classes — Executam tarefas vitais para melhorar Byern. Guardiões mantêm o sistema funcional. Auxiliares oferecem proteção. Os Essenciais atendem as necessidades diárias de muitos.

— E porque as Classes são necessárias?

Cyrene respondeu como se ela estivesse lendo direto de um roteiro, mas com mais convicção do que jamais sentiu antes — Para manter a paz e prosperidade. Depois que Viktor Dremylon libertou nosso povo do Senhor Doma, fundou o sistema de Classe para utilizar os benefícios de todos os seus cidadãos.

— Você tem alguma habilidade necessária para aceitação em uma dessas três Classes?

Cyrene sabia que era suposto admitir que e as habilidades que ela tinha aprendido seriam suficientes para qualquer Classe, que nenhum talento dominava uma classe em relação a outra, no entanto, as palavras estavam presas na sua língua como uma mentira. Ela tinha talentos que seriam mais úteis para a Primeira Classe, e ela não poderia estar diante de seu próprio Rei e lhe dizer que não tinha, não importando o quanto de treinamento tinha tido para dizer o contrário. Olhando para o rosto dele, ela se sentiu compelida a lhe oferecer a verdade, mesmo sabendo que não deveria.

—Sim, meu Rei.

Rei Edric inclinou a cabeça para o lado. O silêncio entre eles se esticou e se sentiu pesado com a sua indiscrição. Ela mordeu o lábio, e o stress da tarde a pressionou. *Eu acabei de arruinar minha chance na Primeira Classe?*

—Bem, quais são suas habilidades? — Rei Edric exigiu.

—Minha irmã diz que posso prever o tempo.

—Como pode a maioria das bruxas?

Cyrene olhou para ele sob seus cheios cílios pretos. —Eu não acredito que eu goste de sua acusação— ela murmurou em um quase sussurro — Meu Rei.

— Minhas desculpas.

O Rei de Byern tinha apenas se desculpado com ela.

Sua respiração era pesada enquanto ela se forçava a continuar.

— Claro, não é possível prever o tempo, mas acho que tenho mais determinação e vontade do que você pode encontrar em uma centena de pessoas. Vou lutar pelo meu reino até meu último suspiro.— Sua voz estava rouca com a emoção.

— Uma súdita leal.

— A súdita *mais* leal de Byern.

— E como súdita mais leal de Byern, usaria essa determinação e vontade conforme instruída?

— Sim, claro, Meu Rei.

— Você sempre usa esse tom de vermelho? Poucos usam uma cor tão ousada na minha corte.

Grande parte de sua família tinha dito o mesmo. Cores suaves estavam sempre na moda, mas Cyrene não era suave. Ela nunca tinha se importado sobre como pareceria se ela usasse vermelho até o momento em que estava em pé diante do Rei.

—Você gosta?— ela não pôde deixar de perguntar.

Depois de um momento, ele acenou com a cabeça. —Sim, minha senhora. Parece que não é só sua roupa que é ousada.— Ele não parecia

descontente. —Uma vez que você for selecionada, será anunciado a seu Receptor e colocada no comando dele ou dela para o treinamento adequado. Aceita as circunstâncias da sua Seleção?

—No entanto estou apta e eu sou capaz — ela respirou. Ela nunca quis dizer as palavras mais do que quando estava as falando ao Rei Edric. Ela sentiu um puxão elétrico quando ela disse as palavras.

Ele rapidamente se afastou, e ela se perguntou se ele também sentiu.

—Você pode prosseguir, Senhorita Strohm.

Cyrene enfrentou sua audiência com 1 milhão de pensamentos atravessando a sua mente. *Como essa conversa correu tanto para fora de curso? E por que eu daria tudo para falar com o Rei mais uma vez?*

Ela empurrou seus pensamentos para longe do Rei Edric e continuou com a cerimônia de Apresentação.

—Corte Real de Byern, fiz o Juramento de Aceitação, me amarrando à minha Seleção, ao meu Receptor e à terra. Confio na decisão da Corte para utilizar meus serviços com o melhor de suas habilidades para o povo de Byern. Eu, Cyrene Sera Strohm, filha de Hamidon e Herlana, me apresento por completo no dia do meu décimo sétimo aniversário para evitar a imaturidade da minha juventude e assumir a responsabilidade da minha vida adulta.

Cyrene mergulhou em outra reverência baixa.

—Senhorita Strohm, pode voltar a sua ante sala até você ser recebida para a Seleção — Rei Edric anunciou.

—Obrigada — ela disse antes de caminhar de volta pelo caminho que ela tinha vindo.

Sussurros suaves soaram ao redor dela, mas ela não podia ouvir nada o que foi dito. A cabeça dela estava alvoroçada com a conversa com o Rei e a atração que a fazia querer se virar e voltar.

Um membro da Guarda Real abriu a porta para a sua sala de espera. Ela se mergulhou para dentro e exalou um grande suspiro de alívio. Ela tinha sido apresentada com êxito para a Corte Real.

Tinha acabado, porém tinha apenas começado.

3

A SELEÇÃO

Cyrene tropeçou em direção a um divã coberto por uma montanha de almofadas e caiu em cima da pilha. Seu corpo afundou no assento acolchoado de pelúcia quando desmoronou de cansaço. Por tanto tempo, ela tinha antecipado sua Apresentação. Ela mal podia acreditar que estava tudo acabado. Seu destino estava fora de suas mãos agora.

Ela enterrou seu rosto nas almofadas. Seu corpo tremia do choque. *Acabei de falar com o Rei de Byern como se ele fosse um pretendente comum!* Ela não se importava com o quão bonito ele era. *E ele era muito bonito.* Não era apropriado flertar com o Rei e certamente não era adequado repreendê-lo por seu tom, ainda assim ela não tinha sido capaz de se conter.

Ela se sentiu atraída por ele de uma maneira inexplicável. E ela tinha quase certeza que tinha afetado a ele também. *Por que outra razão ele teria me respondido daquela forma?* Isso dificilmente se encaixa com sua visão do Rei de Byern.

Assim como sua frustração sobre a cerimônia de Apresentação estava prestes a se tornar insuportável, a porta distante foi aberta. Cyrene correu para a porta, esperando ser conduzida para fora da sala por um oficial do castelo. Em vez disso, entrou em uma figura alta.

—Reeve — ela disse horrorizada —O que está fazendo aqui? Aralyn disse que eu não deveria ter nenhum visitante.

—Eu sei, Cyrene. — O irmão dela cruzou os braços sobre o peito.

—Então, o que você está fazendo aqui? — Seu estômago deu um nó.

— Vim a pedido do Rei Edric informá-la que ele precisa de um período mais longo de deliberação antes da sua Seleção.

—O que? — ela quase gritou. — Por que ele precisaria de mais tempo?

—Seu tom, Cyrene.

—É só você. Não é como se ele pudesse me ouvir —ela resmungou.

—Se o Rei Edric quiser mais tempo, então ele está perfeitamente autorizado a isso mesmo que não seja nem um pouco convencional.

—Pouco convencional? Já viu isso acontecer?

Reeve suspirou e deixou cair os braços para os lados. —Não, não vi. Não sei o que o Rei poderia possivelmente estar considerando. Você sabe?

—Não. —Ela se moveu na pontados pés.

—Sobre o que você e o Rei Edric falaram quando você estava de pé diante dele? — Ele estreitou os olhos dele como se já soubesse que ela tinha feito algo errado.

—Nada. Passamos pelas perguntas e o Juramento de Aceitação. Isso é tudo —ela mentiu, desafiadoramente cruzando os braços.

—Demorou mais tempo do que deveria.

—O que ainda está fazendo aqui, Reeve? — Ela se afastou dele e caminhou até a mesa de mogno. — Já entregou a sua mensagem.

Reeve amaldiçoou sob sua respiração. —O que você fez, Cyrene? Você não sabe o quanto isso é sério? — Ele caminhou em direção a ela. —Sua vida está na balança.

Ela girou ao redor. —Não vou morrer por gracejar com o Rei.

Ele sibilou através de seus dentes. —Você gracejou com ele no meio de sua Apresentação?

Ela revirou os olhos para o teto. —Sim. Ele saiu do roteiro, e eu segui seus passos.

—Saiu do roteiro? Você acha que foi certo sair do roteiro para algo que você têm se preparado por toda a vida? Um roteiro que cada pessoa da sua idade recita?

A última coisa que Cyrene queria fazer era ceder a esta linha de raciocínio. Caso contrário, ela poderia legitimamente ter um colapso nervoso bem ali.

—Sim— ela finalmente o respondeu.

—E você acha que isso não tem nada a ver com sua deliberação prolongada?

—Poderia.

Reeve passeou pela sala mais uma vez antes de voltar a olhar para ela.
—O que vocês discutiram?

Cyrene encolheu os ombros. —Eu disse a ele, que eu era uma súdita leal de Byern, e ele comentou que gostou do meu vestido, mas que ninguém usava vermelho em sua corte.

—Ele comentou sobre seu vestido?— Ele levantou suas sobrancelhas.

—Sim.

Ele esfregou o queixo. —E isso foi tudo?

Ela assentiu com a cabeça.

—Isso não parece muito prejudicial — admitiu.

—Você já terminou?

—Cyrene — ele disse calmamente —você sabe que eu só estou preocupado com você.

—Bem, então não o faça. Você tem tanto controle sobre o que acontece quanto eu.— Por mais que ela queria que seu irmão a confortasse, ela não podia se permitir mostrar fraqueza. Ela ainda tinha que passar por sua Seleção inteira.

—Conselheiro Strohm — um oficial real chamou na sala —você é necessário em sua cadeira.

Reeve se moveu para dar um abraço em Cyrene, mas ela se afastou dele. O rosto de Reeve endureceu antes dele sair da sala, deixando ela sozinha mais uma vez. Seu se corpo se agitou. Ela odiava agir assim com Reeve, mas ela não queria que ele soubesse o quão aterrorizada ela estava.

Depois de mais trinta minutos, a porta finalmente se abriu mais uma

vez.

—Senhorita Strohm, o Rei chegou a uma decisão. Ele está pronto para você.

Cyrene saiu rapidamente da sala e atravessou o chão de mármore. O Rei tinha a feito esperar quase três vezes mais que qualquer outro indivíduo apresentado, e ela estava pronta para acabar com isso. Ela subiu os degraus da frente para a plataforma e quase se esqueceu de fazer sua reverência. No último segundo, ela educadamente se inclinou para baixo.

O Rei Edric fez um gesto para que ela se levantasse. —Cyrene Sera Strohm, você foi apresentada perante a Corte Real de Byern e fez o Juramento de Aceitação para cumprir seus deveres em sua terra. Sob deliberação com a Rainha Kaliana e a Consorte Daufina, tomei uma decisão sobre a sua Seleção.

Cyrene engoliu, torcendo nervosamente as mãos à sua frente. Ela olhou à esquerda nos olhos azuis pálidos da Rainha Kaliana, que não parecia muito satisfeita, e então, bem nos olhos encapuzados da Consorte Daufina, que estavam praticamente brilhando. Cyrene não entendeu nenhuma resposta.

—Foi decidido que você será selecionada para a Primeira Classe Guardiã.

O coração de Cyrene saltou de alegria. *Primeira Classe!*

O Rei se levantou de seu trono e caminhou para Cyrene. —O seu Receptor será a Rainha Kaliana.

A boca de Cyrene se abriu em choque total.

—E deste dia em diante, será conhecida como Afiliada da Rainha.

Os aplausos da corte eram ensurdecedores enquanto pessoas ficaram de pé animados por sua mais nova Afiliada. A honra era tão rara e a posição tão cobiçada que ninguém na corte tinha previsto isso. Em dois anos, apenas três meninas — incluindo a irmã de Cyrene — tinham sido colocadas na posição.

Como se a própria Criadora estivesse respondendo, relâmpagos brilharam além das janelas. Uma rachadura do trovão irrompeu acima. A tempestade que tinha ameaçado durante toda a manhã estava prestes a cair no topo da cerimônia.

Enquanto os olhares se deslocavam para a janela, o céu começou um aguaceiro torrencial, atingindo o castelo com força. Ela não se lembrava da última vez que uma tempestade com tanta força tinha atingido Byern. Talvez nunca tivesse.

Voltando para a realidade depois do que tinha acontecido, Cyrene voltou seu olhar ao Rei em reverência. Seus batimentos cardíacos dispararam.

Ele fez um gesto para a Consorte Daufina andar para frente. Ele estendeu a mão, e ela levemente colocou algo em sua palma. Ele voltou seu foco para Cyrene. —Dê-me sua mão.

Cyrene obedeceu, segurando a mão para ele.

—Na palma da sua mão coloco símbolo da Rainha, um pino circular das trepadeiras de Byern. Enquanto você tiver isso com você, você terá um pedaço de sua terra, nossa terra, e será conhecida em todo o mundo como um dos nossos.

Cyrene fechou os dedos ao redor do pequeno berloque circular que ela tinha esperado por toda a sua vida. —Obrigado, Meu Rei.

Ela olhou para o símbolo de Afiliada, e seu coração vibrou. O pino era uma incrível peça de artesanato. O pingente de filigrana⁴ era intrincadamente entrelaçado em um círculo de folhas de ouro, como se o artista tivesse arrancado trepadeiras de verdade direto do jardim, com um fecho que ela poderia anexar a qualquer uma de suas roupas.

Rei Edric se dirigiu à multidão que aguardava, que finalmente se acalmou —Obrigado há todos por terem comparecido a Apresentação da Afiliada Cyrene. Haverá um tradicional baile em sua homenagem esta noite para receber sua mais nova Afiliada.

No final da cerimônia, a multidão aplaudiu mais uma vez, e então cortesãos começaram a se dispersar.

—Afiliada Cyrene — disse Rei Edric, chamando sua atenção para longe do tumulto, —Precisamos falar com você antes que você possa deixar o castelo.

⁴ **Filigrana** é um trabalho ornamental feito de fios muito finos e pequeninas bolas de metal, soldadas de forma a compor um desenho. O metal é geralmente ouro ou prata.

Cyrene olhou de relance para seus pais. Radiantes, eles se dirigiram à linha dos nobres que os parabenizavam. Duas Afiliadas e um membro do Conselho em uma família. Era quase como criar cavalos bem treinados.

—Sim, Meu Rei, é claro.— Ela seguiu atrás da procissão real e entrou em uma pequena antecâmara distante da anterior.

Uma grande mesa ornamentada ocupava a maior parte do lado distante da parede, e várias cadeiras de encosto alto foram colocadas em torno dela.

—Sente-se.— Rei Edric fez um gesto para as cadeiras enquanto ele se sentava atrás da mesa.

Cyrene afundou no assento mais próximo. A Rainha e a Consorte se moveram com fluidez para assentos em ambos os lados da mesa, sem olhar para a outra.

—Depois de hoje, seus pertences serão movidos para os aposentos da Rainha — Rei Edric informou Cyrene. —Como seu Receptor, Rainha Kaliana fará com que tudo seja arranjado para sua nova posição como Afiliada. Você se apresentará para a Rainha amanhã de manhã para obter instruções sobre o processo de seu regime. Claro, você é igualmente responsável para a Consorte Daufina, que pode ter instruções adicionais. Você tem alguma pergunta?

A boca de Cyrene ficou seca. Ela tinha um milhão de perguntas, mas uma era mais urgente do que outras. —O que aconteceu com Rhea?

—Você pode falar com sua família em relação a outras cerimônias de Apresentação, mas agora não é hora. Tem mais alguma pergunta?

Ela queria saber mais sobre o que eles tinham discutido durante sua Apresentação e o que havia feito eles chegarem à conclusão de fazê-la uma Afiliada. *Se eles tiveram levado tanto tempo para decidir porque eu saí do roteiro, por que eles decidiram me tornar um Afiliada?* Olhando entre a Rainha Kaliana e a Consorte Daufina, ficou claro que elas discordavam uma das outras. A Consorte deve ter falado em favor dela e a Rainha contra ela. *A última coisa que quero é fazer inimigos poderosos.*

Nenhum destes pensamentos eram algo que ela podia vocalizar.

—Não, meu Rei — ela disse rapidamente.

—Muito bem. Sua família tem instruções sobre as festividades para a

noite —ele disse. Todos se levantaram. —Parabéns, Afiliada Cyrene.

—Obrigada, meu Rei.— Ela mergulhou uma reverência baixa e se lançou para fora da sala.

O salão de baile estava agora praticamente vazio, exceto por sua família e alguns retardatários. Ela desceu as escadas e se jogou em Reeve.

—Parabéns — todos aplaudiram.

Reeve a envolveu em um grande abraço, claramente tendo esquecido sua discussão anterior. Ela passou de irmã para irmã antes de chegar em seus pais.

—Estamos tão orgulhosos.— Herlana berrou com lágrimas em suas bochechas.

—Oh, Mãe — disse Cyrene.

—E um baile inteiro em sua homenagem — sua mãe murmurou como se isso não fosse o caso para cada membro do Conselho ou uma Afiliada. — Nós teremos que encontrar algo adequado para você usar.

A família de Cyrene se apressou ao redor dela para fora do salão de festas. Considerando o quão condenada ela se sentiu há pouco tempo, ela não poderia estar mais feliz. O Rei a tornou uma Afiliada!

Eles se aproximaram das portas do castelo que os levaria para fora para suas carruagens quando Cyrene parou abruptamente nos degraus respingados de chuva. —Onde está Rhea?

Sua família olhou para o chão, para o teto, lá fora para a chuva, em qualquer lugar, menos para o seu rosto.

As mãos de Cyrene começaram a tremer. —Mãe? Pai? Reeve, Aralyn, Elea... Por favor.

Todos eles propositadamente desviaram o olhar.

—Ela... ela foi para a Primeira Classe, certo? — Sua voz tremeu.

Elea finalmente deu um passo à frente e pegou a mão de Cyrene na dela.

As lágrimas que Cyrene tinha segurado o dia todo brotaram nos olhos dela. —Não, não, não, não, não.

—Ela foi selecionada para a Segunda Classe,— sussurrou Elea.

—Seu novo Receptor está em Albion.

—Albion? — Cyrene cuspiu. — Pela Criadora, é a mais de quatrocentos e oitenta e dois mil quilômetros daqui!

Ninguém falou. Todos já sabiam o que isso significava para Cyrene.

Ela tinha recebido tudo em um dia, mesmo assim, a pessoa mais preciosa em sua vida tinha sido arrancada dela.



A PROMESSA



Tão logo Cyrene voltou para sua casa, sua mãe a levou para o andar de cima para ajustar o seu novo vestido de baile. Ela não perguntou como a costureira, Lady Cauthorn, uma das mais procuradas da cidade, tinha sido adquirida para uma criação em casa no intervalo de uma tarde ou o preço que custou aos seus pais.

Ela simplesmente ficou rígida enquanto a costureira a cutucava e picava enquanto ela ouvia o murmúrio constante de sua família. Certamente pensaram que suas palavras a estavam consolando contra a dor pela perda de Rhea. Todos falaram sobre como ela tinha finalmente conseguido a posição que sempre quis, o quão importante seria seu trabalho futuro na corte, e como sua vida seria tão ocupada com todos seus novos deveres.

Então, ela não teria tempo para sentir falta de Rhea, embora nunca dissessem isso.

Quando pensaram que ela não estava prestando atenção, seus pais sussurraram sobre como ela iria superar isso e fazer novos amigos, como a dor ia passar, que era por isso que todos faziam o Juramento de Aceitação, e como a Seleção era o melhor processo, mesmo que não sentisse isso agora. Nenhuma dessas palavras eram de muito conforto.

Incapaz de conseguir conforta-la, eles a deixaram sozinha com a costureira.

Várias horas de intenso trabalho pela costureira e dois de seus assistentes produziram um vestido adequado para a própria Rainha.

—Tudo pronto — disse Lady Cauthorn. —Olhe.

Cyrene pisou rigidamente na caixa na frente do espelho triplo, e sua boca se abriu. A seda vermelha mais macia envolveu a sua pele clara da maneira mais lisonjeira. Alças finas nos seus ombros levavam a um acentuado decote em V entre seus seios. A parte de trás espelhava a frente, revelando os contornos suaves de suas costas. O vestido se ajustou em sua cintura fina com uma fita grossa amarrada na base da sua espinha. A partir daí, o material sedoso caiu em cascata como uma cachoeira sobre seus quadris estreitos antes de se acumular a seus pés no chão. Ela nunca tinha visto um design tão ousado.

Ela sabia de uma coisa com certeza. Ela iria chamar atenção no baile esta noite.

—Amei, Lady Cauthorn.— Cyrene se virou lentamente. —Eu gostaria de lhe pagar por isso.

Lady Cauthorn abanou a cabeça. Sua boca estava em um sorriso brilhante, e seus olhos brilhavam na sua criação. —Seus pais encomendaram o vestido. Eles vão pagar.

Cyrene lutou com sua nova posição. —Como uma Afiliada, vou fazer bastante para cobrir os custos.

—Seus pais vão pagar — ela insistiu.

—E se eu pagar você com o meu dote?

Lady Cauthorn levantou as sobrancelhas. —Por que insiste em pagar?

—Quero que isso pertença a mim e somente a mim.

A costureira parecia ver através dela. Ela inclinou a cabeça e continuou a examiná-la. Seus olhos ficaram longe e brilhantes por um momento, e então voltou à realidade. —Você está destinada a grandes coisas, criança.

—Obrigada — ela disse automaticamente. —Mas no caso do vestido...

—O vestido. — Lady Cauthorn se ocupou de limpar a bagunça que tinha feito. —É um presente.

—O que? Não. Lady Cauthorn, eu tenho o dinheiro!

—Não se preocupe, garota. — Ela estalou os dedos para seus assistentes atordoados, e eles começaram a se movimentar.

—Não posso aceitar isso — assegurou-lhe Cyrene. — É demais.

Lady Cauthorn olhou para ela mais uma vez e sorriu, mas não era um sorriso gentil. Parecia quase calculado. —Um presente é uma coisa preciosa. Talvez podemos negociar o preço do vestido por um favor.

—Um favor? É só isso?

—Sim. Só um favor vindo de você em um momento da minha escolha.

—Eu não entendo. Este vestido deve ter custado uma fortuna. Qual é o favor?

—Seja um de custo alto ou baixo, não será um que você vai pagar hoje.— Ela deu um sorriso cheio de dente para Cyrene. —O vestido por um favor. Estamos de acordo?

Cyrene assentiu para ela em um acordo desnorteado. —Sim, eu concordo.

—Perfeito.— Lady Cauthorn andou para a frente e anexou o pino de Afiliado de Cyrene em seu peito. —Eu vou informar seus pais que o vestido está pago.

—Quando você vai coletar seu favor?

—Provavelmente quando você desejar isso. Boa sorte na toca do leão.— Lady Cauthorn curvou sua cabeça e em seguida saiu da sala.

Cyrene não sabia o que fazer com aquela troca. Tudo o que ela sabia era que certamente estava em dívida com a Lady Cauthorn e não tinha certeza se isso foi uma coisa boa.

Cyrene escondeu sua carta de Apresentação em uma prega do vestido. Era a única coisa que estava trazendo com ela noite. Tocou a parede de seu quarto uma última vez antes de deixar o seu conforto para trás. Ela já não era mais uma menininha. No lugar dela era uma mulher que iria começar uma vida nova como uma nobre do palácio.

Inclinando o queixo dela, ela desceu a escada para o vestíbulo vazio. Os dedos dela arrastaram sobre o pino de trepadeira anexado no corpete do vestido, e um tremor de excitação correu através dela. Ela não podia acreditar que ela tinha sido nomeada uma Afiliada, especialmente considerando que Rhea não recebeu a mesma honra.

Tentando pôr de lado os pensamentos deprimentes, Cyrene abriu a porta da frente e olhou para a estrada de pedras arredondadas além de sua casa. Um leve fluxo de chuva ainda estava caindo do céu. Ela respirava o ar fresco e úmido. O cheiro reconfortante a lembrou tanto das estações chuvosas de sua infância, assim como o tempo em que ela beijou um garoto no pátio do estábulo para provar a Rhea que não tinha medo. Depois que ela foi pega, Rhea apareceu em seu quarto e levou o seu jantar. Elas tinham rido sobre isso até que ela teve que ir para casa.

Cyrene riu, mas havia um toque de tristeza e desespero no som de soluço. Elas nunca poderiam ser aquelas crianças novamente.

Naquele momento, Rhea saiu das sombras. —O que é tão engraçado?

Cyrene parou com o aparecimento repentino de sua amiga. —Rhea!— Ela correu do batente da porta para a varanda coberta.

Rhea se afastou dela. —Você vai arruinar seu vestido!— Ela se trocou para um vestido mais simples, com suas pesadas botas de chuva e uma capa para cobrir sua cabeça, mas ela ainda estava pingando com água da cabeça aos pés.

—Por que você está toda molhada?— Cyrene exigiu. —Você com certeza vai pegar um resfriado.

—Eu fugi—. Ela retirou seu casaco encharcado e o pendurou em um prego. Seu longo cabelo vermelho pendia em suas costas. As extremidades estavam úmidas, e as mechas ao redor de seu rosto formaram cachos.

—E o que? Você andou até aqui?

—Não é tão longe. Não podia arriscar ser pega, e não podia ir sem te ver.

—Eu iria vê-la, mas não me deixaram fora de suas vistas.

—Eu sei.— As botas de Rhea esmagaram a lama quando ela se mexeu nervosamente. —Mas nós prometemos compartilhar as cartas de Apresentação umas com as outras, e eu pensei que você teria alguma ideia sobre o que a minha significa.

Sorriso de Cyrene cresceu. Ela tinha pensado a mesma coisa sobre Rhea.

O único problema era que Aralyn disse a Cyrene para não contar para ninguém sobre a carta, salvo outras Afiliadas, membros do Conselho e realeza.

Cyrene mordeu o lábio em consternação. —Seu Orientador te disse para não falar sobre isso?

Rhea aolhou com apreensão espelhada em seu rosto e então deu de ombros. —Vamos começar a ouvir outras pessoas agora?

—Claro que não.— Cyrene tirou o papel de seu vestido e trocou com Rhea.

Cyrene leu a carta de Apresentação de Rhea, e suas sobrancelhas se juntaram. A carta de Rhea não fazia mais sentido do que sua própria carta com a conversa de ajudar aqueles que não podem ser ajudados, se submeter a uma causa perdida e manter a determinação na frente de seu maior medo.

O olhar em branco no rosto de Rhea foi o suficiente para convencer Cyrene que nenhuma delas sabia o que fazer com essas cartas.

—Como solucionamos essa bobagem?— Rhea devolveu a Cyrene sua carta, provavelmente tendo memorizado as linhas.

—Estudar, viajar...

—Não, Cyrene. Como podemos resolver isso uma sem a outra?— A voz dela tremeu. Ela lançou os olhos através do gramado.

—Não sei, Rhea.— O coração de Cyrene martelou em seu peito. —O que aconteceu? Quero dizer, na sua Apresentação?

As linhas suaves normais do rosto oval de Rhea endureceram. Ela apertou as mãos em punhos em seus lados. —Nada fora do comum. Passamos a cerimônia como planejado, como se tivéssemos ensaiado por horas a fio. Não sei como eu poderia ter feito melhor. Como foi a sua?

Cyrene suspirou com a questão. —Eu saí do roteiro e... Flertei com o rei.

—Você fez o quê?— Rhea perguntou incrédula.

—Eu sei. Pensei que iria para a Terceira Classe, Rhea. Não sei porque ele me escolheu — ela disse, estendendo as mãos na sua frente.

—Bem, eu sei — disse Rhea. —Você é brilhante e bonita e uma amiga leal. Você merece, Cyrene.

Ela ruborizou com o elogio. —O Rei te disse por que você estava se tornando uma Segunda... Sendo colocada na Segunda Classe?

—Não — ela disse, sua voz cortada. —Eles certamente não fizeram. Tentei perguntar a eles, mas continuaram com a conversa cerimonial sobre o Juramento de Aceitação e o processo de Seleção. De qualquer forma, no final da semana, eu estarei indo para Albion, trabalhando para meu novo Receptor Mestre Caro Barca.

—Por que esse nome soa familiar?

—Ele é um inventor, supostamente um gênio.— Ela acenou com desdém. —Ele estuda a estratégia e desenvolvimento militarista e está trabalhando em alguns novos planos de armamento. Ele parece ser um lunático delirante na escassa literatura que eu poderia adquirir sobre ele. No entanto, não consegui encontrar muito, e o Rei Edric mal falou algo.— Seus ombros caíram.

—Não lemos sobre o Mestre Barca?— Cyrene perguntou.

—Não me lembro o nome.

—Tem a certeza? Não foi ele que inventou Explosões?— Cyrene tinha certeza de que era de onde se lembrava dele. Um dos seus tutores tinha ficado fascinado que algo poderia produzir cores brilhantes no céu apenas acendendo um pavio. O inventor nunca tinha revelado seu segredo.

Os olhos de Rhea iluminaram na luz fraca. —Cyrene, você está certa! Como eu poderia ter esquecido? Não entendo de Explosões, mas estou certa de que o Mestre Barca foi o inventor.— Ela levantou as mãos em desdém e começou a resmungar para si mesma. Depois de um momento, ela se voltou para Cyrene, parecendo horrorizada. —Pela Criadora, vou me meter com magia!

Cyrene teve um surto de risadas com a declaração ultrajante de sua amiga. —Agora você está falando sobre fábulas, Rhea Analyse! Certamente, você ganhará muito conhecimento no seu trabalho com o Mestre Barca, mas magia? Magia não existe! Tenho certeza de que Explosões tem uma explicação perfeitamente lógica que você vai ter que me contar assim que eu tiver permissão para viajar para Albion.

—Assim que tiver permissão?

—Eu não vou esperar um dia. Você é minha melhor amiga Rhea.

Depois de um momento, Rhea roçou o pino circular no vestido de Cyrene. —Então, você é realmente uma Afiliada? Você tem a família mais sortuda da cidade.

Cyrene recebeu a réplica como um tapa na cara. Ela queria ser uma Afiliada mais do que qualquer outra coisa para que pudesse viajar e encontrar aventura, mas ela sempre imaginou isso com sua melhor amiga ao seu lado.

—Você vai superar todos eles, Cyrene — disse Rhea. Não havia maldade em sua voz.

Rhea sorriu fracamente e então começou a ditar um curso de ação em relação a suas cartas de Apresentação. Cyrene ouviu o plano de Rhea, desesperadamente querendo acreditar nele mesmo com suas incertezas.

—Me prometa que você vai encontrar tempo para fazer a pesquisa,— Rhea disse como se lendo os pensamentos pessimistas de Cyrene.

—Eu prometo.

—Bom. Também prometo. Aconteça o que acontecer.

Alguém chamou o nome de Cyrene de dentro da casa.

O olhar de Rhea correu nervosamente para a porta da frente aberta, e ela agarrou sua capa do gancho onde estava secando. —Eu tenho que ir.

—Eu te amo, Rhea.

—Eu também te amo.

—Vou ver você em breve — prometeu.

Rhea assentiu com a cabeça e então saiu da varanda da frente, virando a esquina e fora da linha de visão de Cyrene. A chuva finalmente parou com a partida de Rhea, mas Cyrene não se moveu. Mesmo quando ela estava de férias com seus pais no campo, ela nunca ficou sem Rhea por mais de algumas semanas. Na maioria das vezes, Rhea tinha ido com ela.

—Aí está você!— sua mãe arfou. —Eu não sabia por que esta porta estava entreaberta.

—Minhas desculpas.— Cyrene correu para dentro.

—Nós vamos sair em breve. Você está pronta?

—Sim, mãe. Deixe-me dizer adeus a Elea.

—Estou tão orgulhosa de você — disse sua mãe, brilhando positivamente com entusiasmo por sua filha. Ela plantou um beijo na bochecha de Cyrene.

Cyrene sorriu fracamente pra ela, quando ela saiu para recuperar o marido. Elea dobrava a esquina da cozinha, entrando no corredor.

—Me... Me desculpe.— Elea mordeu o lábio inferior. —Sobre Rhea. Todos nós lamentamos por ela.

Cyrene soltou uma respiração pesada. Embora soubesse que não era culpa deles e que sua família sentia muito pelo o que tinha acontecido, não eram eles que estava perdendo sua melhor amiga no período de uma tarde... Só uma filha e uma irmã.

—Eu sei.

—A mãe simplesmente quer o melhor para você.

—E eu não consegui? — Ela moveu o pino de ouro em seu peito.

Elea agarrou a mão da sua irmã. —Não negue que isso é o que você queria. Sempre houve uma chance de que uma de vocês não iria para a Primeira Classe, e era quase inevitável que as duas não se tornassem Afiliadas.

—Eu sei, e não posso mudar isso. Eu estou apenas...

—Com raiva e triste — Elea terminou por ela. Ela limpou uma lágrima solitária do olho de Cyrene. —Você e Rhea são minhas melhores amigas também e agora, vocês duas estão indo embora.

Cyrene lidou com os comentários de Elea. Ela não sabia como reagir. — Eu não quis dizer para você... Não iria querer, não consigo fazer nada certo, Elea.

—Você faria se pudesse.

Cyrene puxou Elea para um abraço.

—Cuida da mãe e do pai para mim? — Cyrene pediu.

—É claro. Embora eu gostaria de que poder ir ao baile — disse Elea. — Mas acho que não quero nem ficar na mesma sala que você quando você está usando isso. Ninguém mais olharia para mim.

Cyrene riu. —Você vai ser uma Afiliada no ano que vem, e eles vão dar uma baile inteiro em sua honra! Tenho certeza que ninguém vai me olhar duas vezes até então.

—Isso vai ser um dia —disse Elea incrédula. —De qualquer forma, tenho algo para você.

—Você não precisa me dar nada.

Elea retirou um pequeno livro de sua bolsa e o entregou a Cyrene. —É o seu aniversário. Eu comprei de um vendedor ambulante de Eleysian no Mercado Laelish quando fui com a mãe e o pai para escolher seus sapatos.

A mão de Cyrene deslizou pela espinha de couro rachada onde minúsculas letras pretas haviam sido artisticamente escritas numa língua que ela não reconhecia. Ela juntou as sobrancelhas quando tentou decifrar as palavras rabiscadas. —Isso está escrito em Vitali?— Seus olhos se abriram, ela olhou para cima para sua irmã.

—Você acertou no primeiro palpite. Grande surpresa.— Ela saltou nas pontas dos pés.

—Quem viaja com traduções de Vitali? Os livros Doma foram queimados por heresia depois da Primeira Guerra de Dremylon.— Cyrene virou o livro para a frente. A única coisa claramente legível era um símbolo com uma linha reta paralela com a encadernação e duas linhas adicionais, pintadas em um ângulo ascendente. Lembrava uma árvore com ramos faltando no lado esquerdo.

—Eu não sei, mas o homem era tão estranho. Ele ficava dizendo essas coisas estranhas, como este livro era para as Crianças da Aurora e o Herdeiro da Luz. Você sequer ouviu falar de tais coisas?

Cyrene balançou a cabeça ao traçar o símbolo. Parecia familiar, mas ela não tinha certeza de onde tinha visto. —É tão bonito. Eu não posso acreditar que ele vendeu isso.

Elea suspirou desesperadamente. —Quem me dera tivesse mais do que apenas a encadernação, mas todas as páginas estão em branco. Achei que valia a pena pela ligação com Doma pelo menos. Eu sei como você ama história.

—Eu amo.— Cyrene abriu o livro na primeira página e juntou as sobrancelhas. —Você disse que está em branco?

—Está. Vê?— Elea apontou o dedo para a página.

—Do que você está falando?— Cyrene virou para a próxima página e a próxima. Tinta brilhante iridescente cobria cada uma delas.

Os olhos de Elea se estreitaram em confusão. —Eu pensei que você ficaria contente mesmo que o livro estivesse vazio.

—Você não pode ver isso?— Ela espetou o dedo em uma das páginas.

—Cyrene, você está bem? Não tem nada aí.

Como Elea não podia ver as palavras? Eles estavam lá. Todos elas estavam lá, mudando de dourado, amarelo, laranja, vermelho, roxo, azul, verde e volta para o dourado. A caligrafia era soberbamente feroz com bordas afiadas e grandes redemoinhos. Cyrene nunca tinha visto nada parecido, mas se sentia como se devesse saber o que as palavras diziam.

—Cyrene?— Elea questionou, sua voz suave.

Seu pai enfiou a cabeça no corredor. —Querida, sua mãe está esperando na carruagem.

—Já irei pai,— Cyrene disse, acenando para ele sair.

Ele assentiu com a cabeça e saiu do corredor.

Cyrene fechou o livro bruscamente, de repente se sentindo possessiva em relação a coisa pequena. Ao mesmo tempo, ela estava assustada de seu significado. Se Elea não podia ver a escrita, então algo deve estar errado. Cyrene não tinha ideia do que fazer com ele. *Como posso ver as palavras e Elea não?*

—Você é a melhor irmã. Você pode se certificar de que isso seja enviado com o resto das minhas coisas?

—É claro que eu vou.— Elea hesitantemente pegou o livro de Cyrene e o colocou debaixo do braço.

Cyrene se abaixou e beijou as bochechas de Elea. —Vou te ver assim que puder.

—Boa sorte.

Cyrene saiu em um transe, seus pensamentos perdidos naquele livro estranho e sua dor. O melhor que ela poderia esperar era que seus deveres como uma Afiada a deixariam com pouco tempo para pensar sobre o

novo desenvolvimento e iria mascarar a tristeza de deixar todo mundo que amava para trás.

5

O BAILE

—Pela Criadora — sussurrou Cyrene.

Ela olhou através das enormes portas duplas que abriram para o salão de baile onde ocorreria sua ascensão como uma Afiliada. O salão tinha tetos curvos e janelas de vitrais em belos tons de azuis e verdes. Mármore preto, importado da base das Montanhas Barren, pavilhando o vasto chão. Uma lareira de dois metros de altura rugiu para a vida no extremo da sala. Vários candelabros de ferro forjado preto pendiam do teto, iluminando a sala com grandes velas de cera.

Um quarteto de cordas com seu ritmo rápido guiava casais através da pista de dança aberta. Dezenas de Afiliadas e Conselheiros estavam presentes, e pinos de ouro brilhavam nos vestidos de quase todas as mulheres que passavam.

Um arrepio correu por dela. Ela empurrou o pensamento de qual poderia ser a reação de Rhea. Isso não ajudaria Cyrene esta noite.

Ela respirou fundo e então entrou no salão. Ela tinha andado alguns passos antes que alguém bêbado esbarrasse nela. Ela gemeu com o impacto e tropeçou para a frente, procurando a pessoa mais próxima para evitar cair no chão. Um rasgo fraco soou quando agarrou a manga de um homem na frente dela.

Se virando, ele a pegou no meio do ar, a girou no lugar e a segurou em seus braços. As bochechas de Cyrene estavam coradas de horror.

—Você está bem? — ele perguntou, lentamente a colocando de volta em seus pés.

—Sim... Sim, estou bem. — Sua cabeça girou de um lado para o outro, tentando procurar a pessoa que colidiu com ela. Que tipo de mula idiota passa por alguém assim? Lá estava ele. Ela viu um homem desgrenhado, com cabelo escuro tropeçando embriagado pela multidão.

— Afiliada? — O cavalheiro procurou por sua mão.

—Sim. Sinto muito. — Ela olhou para o homem pela primeira vez.

Seu mundo inclinou quando os olhos dela encontraram olhos azul-acinzentadas brilhando com preocupação. Ele tinha o mesmo queixo forte, a mesma estatura de ombros largos, os mesmos olhos. Ela teria reconhecido as semelhanças entre o homem perante ela e o rei em qualquer dia.

—Uh... Quero dizer...

Um sorriso conhecedor cruzou o rosto dele. — Acredito que não fomos formalmente apresentados. — Ele pegou a mão dela e a beijou suavemente. — Eu sou o Príncipe Herdeiro Kael Dremylon.

Príncipe Herdeiro.

O título formal caiu como gelo ao longo de seus ossos. *Como pode ser tão estúpida quanto a rasgar a roupa do Príncipe?*

Ela caiu em uma reverência rápida. — Sua Alteza, minhas desculpas por rasgar a sua roupa. Eu sou Cyrene Strohm... Afiliada Cyrene Strohm.

— Ah, o mais novo membro da corte, eu vejo, — ele disse com um riso na voz de que ela não entendeu. — Você pode levantar, Afiliada Cyrene. O baile é em sua homenagem esta noite, não é?

— Sim, isso é, uh... Sua Alteza.

Príncipe Kael levantou seu queixo. Ela podia sentir seu inebriante cheiro almiscarado, e ela sentiu um pequeno choque de eletricidade passar entre eles. Ela engoliu com força mas não desviou o olhar.

Assim tão perto, ela conseguia ver as diferenças entre ele e o Rei Edric. O rei tinha a barba praticamente raspada, com maçãs do rosto altas e esculpidas, cabelos curtos e traços fortes e duros. Príncipe Kael era mais formoso do que bonito com uma suavidade que mostrava que ele era um

jovem de apenas dezoito anos. Mas foi o sorriso presunçoso na boca dele, a posição arrogante de seus ombros e o olhar ousado, quase descarado em seus olhos que verdadeiramente o diferenciava de seu irmão. Ele era muito mais parecido com sua mãe, a Rainha Adelaida — a Criadora abençoe a sua alma.

Havia uma desonestidade implícita pela qual sentia-se atraída.

—Kael será suficiente se não se importa.

—Claro, Sua Majes... Kael.— Ela não podia acreditar que estava se dirigindo a um membro da família real por seu nome. —Sinto muitíssimo sobre sua roupa. Me permita substituí-la.

—Absurdo. Tudo o que vou exigir de você, Afiliada Cyrene, é a primeira dança.— Ele formalmente se inclinou, lhe oferecendo a mão.

A cabeça de Cyrene nadou com o prazer. O Príncipe estava lhe pedindo a primeira dança da noite. A honra era geralmente reservada para uma rainha ou consorte. No mínimo a realeza concederia suas graças em homens e mulheres do seu próprio círculo social. Mas ele tinha escolhido ela!

Ela colocou levemente a mão na dele, e ele a girou em direção da pista de dança. A dança rápida terminou e fluiu para a melodia suave de Haenah de'Lorlah, uma de suas favoritas. Os movimentos lentos e deliberados, a dança íntima era para parecer como se o casal estivesse flutuando sem esforço acima da superfície.

Príncipe Kael foi de longe o melhor dançarino com quem ela já dançou. A conduzindo ao redor do salão com facilidade, ele fez com que os passos parecessem como se eles realmente estivessem flutuando. Isso não deveria a ter surpreendido, dado que ele era da realeza, mas nunca tinha experimentado um parceiro tão incrível, ela mal podia manter o choque e a exultação longe do seu rosto.

Ele a arrastou consigo, passando por um borrão de rostos que ela nem reconheceu e nem se importou naquele momento. Pensamentos sobre o exótico vestido drapeado em todo o seu corpo e o abraço firme do Príncipe Herdeiro de Byern se perderam enquanto ela acompanhava os passos de dança graciosos de Príncipe Kael.

Seus pés pararam na superfície de mármore preto no final da canção. Com um floreio, Príncipe Kael curvou-se profundamente, e Cyrene afundou

em uma reverência graciosa.

À medida que as emoções da dança tinham tomado conta, a respiração dela se tornou irregular. Enquanto os passos não tinham sido difíceis, ela sentiu como se de alguma forma tivesse derramado mais de si mesma nos movimentos. A sensação era cansativa, no entanto, emocionante. Ela estava em chamas, e ela precisava de água para apenas começar a apagar as chamas.

Cyrene saiu de seu devaneio com o fraco som de aplausos. Ela arrancou os olhos dos de Príncipe Kael e percebeu que os convidados estavam abertamente encarando eles.

—Cyrene, você é uma dançarina exuberante. — Príncipe Kael a afastou da multidão.

—Obrigada — ela respirou instavelmente. —Você é muito bom.— Ela escondeu o verdadeiro peso de seu depoimento atrás de um olhar e um sorriso tímido.

—Permita-me que eu pegue um bebida para você.

Ele pegou duas taças de vinho e ela graciosamente pegou a taça de sua mão e tomou um gole. Ela não bebia com frequência, mas o vinho era de extrema qualidade, e quase não pode resistir.

Cyrene notou quando a atenção do Príncipe Kael foi desviada. Seguindo seu olhar, ela saltou ligeiramente em surpresa, quase derramando o vinho para fora de sua taça.

Rei Edric.

Cyrene caiu em uma profunda reverência. —Sua Majestade.

—Afiliada Cyrene.— Rei Edric inclinou a cabeça quando ela se levantou. —Kael — bruscamente reconheceu seu irmão, agarrando seu antebraço. —Você parece ter capturado toda a atenção de Cyrene em seu próprio baile.

Se Cyrene não tivesse visto o olhar de desprezo passar pelo rosto de Príncipe Kael, ela nunca teria acreditado que estivesse lá quando ele se dirigiu ao Rei Edric.

O comportamento do Príncipe Kael mudou perfeitamente para uma fachada indiferente com um sorriso zombeteiro. —Como eu poderia não

roubar a atenção de uma mulher tão bonita?

—Eu certamente não posso culpar você.

Ela rapidamente tomou um gole de vinho para evitar os olhares aquecidos dos homens olhando para baixo para ela. Seu coração ainda estava batendo forte por causa da dança, e a atração magnética que ela sentiu vindo dos dois a deixava ainda mais fora de equilíbrio. *Como eu acabei entre os dois homens mais poderosos do Reino?*

—Você é muito boa dançarina, Cyrene — Rei Edric disse com um brilho malicioso em seus olhos.

—Você me lisonjeia. Minhas habilidades de dança são perfeitamente adequadas.

—Pelo contrário, você e meu irmão inflamaram o chão.— Seu olhar mudou dela para Príncipe Kael, que escondia um brilho de aço atrás de seus próprios olhos azul-acinzentados.

—Agradeço-lhe muito. No entanto, eu devo dar o crédito onde o crédito é devido.— Ela levemente colocou a mão sobre manga da camisa do Príncipe Kael e sorriu para os dois homens.

—Então, talvez você me permita mostrar os passos de um rei.— Rei Edric estendeu a mão para ela.

Cyrene lentamente retirou a mão do Príncipe Kael a colocou na do Rei Edric. Sua garganta apertou. Ela estava prestes a dançar com o Rei de Byern. Ela não podia acreditar.

Afiados associados com a rainha e consorte com frequência. *Mas o rei?*

O Rei Edric voltou sua atenção para seu irmão. —Kael, espero que você dê a Rainha Kaliana a mesma honra que você concedeu a Afiada Cyrene e nos entretenha com a próxima dança.

Príncipe Kael assentiu, sua mandíbula travada. —Claro,— ele disse com uma reverência dura. Ele caminhou pelo salão para onde estava a Rainha, rodeada por um aglomerado de Afiadas puxa-saco.

—Depois de você — disse o Rei Edric.

Duas colunas de bailarinos se formaram no centro da pista de dança, homens de um lado e mulheres do outro. Rei Edric tomou a ponta de uma, e

Cyrene se encaixou em frente a ele. Rainha Kaliana se colocou em frente ao Príncipe Kael na outra extremidade. Cyrene afastou o olhar longe dos outros dançarinos e colocou os olhos sobre o homem — o *Rei*— que estava de pé diante dela.

Rei Edric estalou os dedos para o quarteto de cordas, e eles imediatamente se endireitaram, tirando seus arcos.

Os violinistas sedutoramente tocaram os acordes iniciais de Cat's Cradle, e os homens se curvaram quando as mulheres fizeram uma reverência modesta. A dança era intrincada com elaborados padrões de entrelaçamento, abertura e fechamento de círculos e troca de parceiros em momentos específicos.

O Rei parecia muito à vontade com os passos enquanto ele a conduzia com perfeição através da primeira parte da dança.

— Está usando essa cor novamente — disse Rei Edric.

— Pensei que você gostasse bastante.

— Seus olhos falharam hoje à noite? — Ele a girou em torno de outro casal.

— O que você poderia querer dizer?

— Eu já te disse uma vez antes que ninguém usa essa cor na minha corte. — Ele olhou o corte do vestido de forma bastante deliberada.

— Acho que vou ter que devolver a encomenda que pedi hoje.

Ela sabia que tinha que agir rapidamente, já que o tempo na dança onde ela iria ser levada de pessoa para pessoa estava se aproximando, e então acabaria. — Informe-me minha costureira de sua afeição pela cor, e ela refez todo o meu guarda-roupa nos tons brilhantes, Meu Rei. — Ou pelo menos, ela faria isso quando fosse embora.

O Rei Edric olhou para baixo em seu rosto, sua expressão mais perto de choque do que Cyrene já tinha visto nele. Ele se recuperou rapidamente, claramente determinado a dizer diretamente sua opinião sobre seu vestuário, mas naquele momento, ela foi empurrada para os braços de um membro do Conselho. Como ela foi carregada de pessoa para pessoa ao longoda dança, dificilmente lembrava seus nomes. Alguns dos homens foram simplesmente adequados, e outros a giraram em círculos que fez seu pescoço doer enquanto

mais um ou dois estavam quase ao nível do Rei Edric e Príncipe Kael, embora certamente ninguém iria sugerir isso.

Um momento depois, ela foi empurrada de volta para os braços do Rei, e ela sorriu para ele.

—Você realmente usa esse sorriso o tempo todo, não é?

—Eu disse que sim na minha Apresentação. Você está insinuando que eu mentiria à Vossa Majestade?

—Não mais do que sua insinuação de ter uma afinidade com o futuro — ele combateu.

Cyrene quase riu. Claro que ela tinha brincado quando disse ao rei que Elea pensava que Cyrene poderia prever o futuro.

À medida que a música mudou, eles voltaram para as duas linhas em que os casais inicialmente tinham ficado. Ela se deixou cair em uma reverência para o lado masculino, e o rei assentiu em reconhecimento. Os dançarinos partiram e voltaram para o círculo de amigos que tinham deixado para trás.

O Rei Edric se aproximou dela mais uma vez com um sorriso para os cortesãos que assistiam. —Uma bela dança, Afiliada Cyrene — Ele elogiou abertamente.

—Você me fez uma grande honra.— Ela inclinou a cabeça em aceitação de seu elogio.

—Desejo-lhe boa sorte no seu treinamento amanhã.

—Com sua benção, estou certa de que farei tudo que puder para Byern — ela murmurou.

Ele olhou para ela pensativamente por um segundo antes de se virar e caminhar para a sua Consorte. Cyrene não sabia como ela tinha atraído tanta atenção ou o que aquilo significava.

6

O CORTESÃO

Com os olhos em brasa da multidão em seu rosto, Cyrene prontamente saiu da pista de dança. Recuperando um copo de vinho de um garçom que passava, ela procurou a família que ela tinha esquecido depois do pedido do Príncipe Kael para dançar. Ela podia achar a figura imponente de Reeve em qualquer multidão, e ela perfeitamente manobrou ao redor do salão de baile até ele.

—Cyrene — Reeve se vangloriou, lançando um braço ao redor dela.

Ele cambaleou para a frente contra ela, e ele cheirava a álcool. Ela nunca tinha visto seu irmão assim antes.

—Olá, Reeve.

—Parabéns novamente, irmãzinha.

—Obrigada.

Ela olhou ao redor para o grupo de homens em pé diante dele. Todos eles usavam o brasão Dremylon em seus peitos.

—Deixe-me amavelmente te apresentar aos meus bons homens do Conselho, Brayan, Surien, Rhys e Clovis.— Ele apontou para cada homem, enquanto chamava cada um pelo nome. —Cavalheiros, conheçam minha irmã e agora Afiliada Cyrene.

O nível de intoxicação no grupo estava em um nível que ela nem mesmo considerava digno de uma reverência.

—O prazer é nosso Afiliada.— Rhys ligeiramente mergulhou na cintura.

—Obrigada — ela disse, tentando se lembrar de suas maneiras e não de seus olhares exigentes.

—Algun de vocês ouviu falar de Zorian?— Clovis perguntou. —Ele deveria ter voltado para a Apresentação da sua irmã.

—Não ouvi dele.— Brayan tomou um gole de sua caneca.

—Tenho certeza de que ele vai aparecer,— disse Reeve.

—Sim, ele me disse que viria de Carhara — Surien confirmou.

—Deve acabar com uma dessas mulheres Carharan. Ouvi dizer que aqueles na capital trabalham com você. —Rhys começou.

Reeve bateu no peito de Rhys e jogou a cabeça em direção de Cyrene. O peso dos olhares dos homens pousaram nela, e ela tentou não se sentir vulnerável no meio deles. Algo em sua natureza a fez lembrar de uma matilha de lobos perseguindo sua presa.

Cyrene procurou uma maneira de sair da conversa. Ela não conhecia esse Zorian, e ela nem tinha qualquer interesse em ouvir sobre suas aventuras com mulheres Carharan.

—Você viu Aralyn?— ela perguntou a Reeve.

—Aralyn?— Reeve perguntou em descrença

Os amigos de Reeve riram da sugestão.

—O que alguém iria querer com aquela puritana?— Clovis perguntou.

Rhys riu bêbado ao lado dele. —Poderia pensar em algumas coisas.

Reeve balançou a cabeça, mas estava rindo da indecência de seus amigos. —Eu não sei, Cyrene. A rainha de gelo gruda em seu castelo de neve diplomático em Kell. Ela provavelmente está com o nariz em um livro em algum lugar.

Reeve podia também ter socado Cyrene no estômago. *Como ele poderia falar de tal maneira sobre sua irmã e deixar seus amigos rirem dela?* Eles sempre tiveram suas diferenças desde que Reeve era mais velho, mais barulhento e mais extrovertido enquanto Aralyn era austera, estudiosa e bastante particular

sobre tudo à sua volta.

Aparentemente, Cyrene tinha algumas coisas para aprender sobre a vida na corte. Se fosse do jeito dela, ela certamente iria desaprender essa lição de Reeve.

— Bem, eu vou encontrá-la — ela disse. Ela serpentou para fora de seu abraço e tropeçou para longe de seu círculo. Ela tentou bloquear suas risadinhas quando saiu.

Eventualmente, ela localizou Aralyn sentada com uma outra mulher. Elas foram apenas removidas da entrada para o grande salão.

— Aralyn, estava procurando por você.

— Olá, Cyrene — disse Aralyn com um pequeno sorriso. Seu cabelo castanho claro ondulado estava sem vida nas extremidades, e ela tinha círculos sob os olhos. Os ombros dela pareciam muito apertados com a tensão. As viagens que a Rainha solicitava de Aralyn obviamente cobraram seu preço nela.

— Você parece estar com um humor melhor do que quando eu te deixei. Poderia ser porque o Príncipe Kael e o Rei Edric te chamaram para dançar? — Aralyn sugestivamente arqueou uma sobrancelha.

— Isso poderia ter algo a ver com isso.

— Oh, me perdoe — Aralyn disse. — Esta é a Afiliada Leslin. Ela trabalha para a divisão da biblioteca da Rainha.

— Prazer em conhecê-la — disse Cyrene.

Uma confusão na entrada interrompeu a conversa. Todos os olhos no salão se viraram para as grandes portas duplas quando dois homens do Conselho levantaram um homem do chão e o empurraram para a frente. O homem atirou palavrões com tal indignação que Cyrene só entendeu metade do que ele estava dizendo.

Quando eles se aproximaram de onde ela estava, ela reconheceu esse homem. De todas as pessoas que conheceu esta noite, ela poderia se lembrar perfeitamente desta pessoa, mesmo que ela não tivesse ideia de seu nome. Ele era o homem que trombou quando ela entrou pela primeira vez no salão.

Eles violentamente jogaram o homem para fora das portas, e ele caiu

pesadamente em seu traseiro e rolou com rapidez antes de se deitar.

—Você vai ficar aí fora, Ahlvie — um dos homens gritou.

—Nós já tivemos o suficiente de você esta noite — um segundo falou.

Cyrene estremeceu, uma pontada de piedade a atingiu.

Várias mulheres engasgaram em ultraje com o tratamento, mas Ahlvie se endireitou lentamente. Ele olhou para os dois membros do Conselho e atirou mais alguns palavrões de sua escolha na direção deles.

—Te-tenho que sa-sair daqui.— Ele cambaleou para seus pés. —Muitas malditas re-regras neste lu-lugar abandonado!— Ahlvie cambaleou para longe do corredor, enquanto resmungava para si mesmo.

—Ele é insuportável.— Leslin estremeceu.

—Um pouco de problema com bebida?— Cyrene perguntou. Ela sabia muito bem que ele tinha estado além de bêbado, quando ele trombou nela mais cedo.

—Um pouco? Se esse... Esse homem entrar em minha biblioteca novamente com uma gota de álcool em seu sistema, vou matá-lo eu mesma. Não me importo se ele é um gênio. Seu comportamento é desnecessário.

—Decididamente desnecessário— concordou Príncipe Kael, entrando conversa, sem aviso prévio.

Cyrene estava de costas, e ela pulou ao som de sua voz.

—Talvez eu tenha uma palavra com ele.

Aralyn e Leslin olharam para Príncipe Kael como se ele fosse um grande Indres míticos com garras enormes e um corpo do dobro do tamanho de um lobo.

Príncipe Kael agiu alheio de suas expressões de olhos esbugalhados. — Eu esperava outra dança, Afiliada Cyrene. Me concede essa honra?

—Claro que ela vai — Aralyn disse sem pensar uma vez. —Estávamos saindo. Não estávamos, Leslin?

—O que?— a mulher mais velha gritou. —Oh, sim. Sim, nós estávamos apenas...— Ela limpou sua garganta — indo embora.

Cyrene não sabia se devia estar grata ou humilhada com sua partida

precipitada. Príncipe Kael ficou diante dela, com um olhar bem humorado no rosto.

Ela ligou os braços com Príncipe Kael, e ele a acompanhou de volta para a pista de dança.

Príncipe Kael se moveu com a batida da música e a puxou para o passeio. Ele dançaria com ela uma vez ou então duas vezes seguidas, e então ele iria entregá-la para outro cavalheiro. Quando completaram seu circuito, o homem prontamente ia devolvê-la aos braços do Príncipe Kael. Em algumas danças, eles fariam nada, satisfeitos em deixar a música levá-los. Em outras danças, eles conversariam sobre uma variedade de assuntos que fez Cyrene começar a se perguntar se seria testada mais tarde.

No final de outra dança, Cyrene sentou em uma cadeira próxima e se abanou com a mão, tonta da energia da noite. A exaustão do dia foi se instalando. Após horas e horas de dança, seus pobres pés estavam doloridos. Era tão tarde agora que o salão tinha se esvaziado de todas as pessoas.

Chegando ao lado dela, sempre alegre, Príncipe Kael ofereceu sua mão para ela mais uma vez. —Você parece drenada. Eu odiaria evitar que você tenha seu sono de beleza. Permita-me levá-la de volta para o seu quarto.

Cyrene parou com seu auxílio. —Eu não tenho certeza de onde fica.

—Então você tem sorte que me tem aqui para guiá-la.

Príncipe Kael a dirigiu para fora das portas duplas. Cyrene nem ligava como podia parecer para os convidados restantes. Ela só queria encontrar seus novos aposentos e afundar em sua cama.

—Como você sabe onde fica o meu quarto?— Mesmo em seu estado, ela achou isso estranho.

—Há um diretório — ele disse indiferente. —Vamos cruzar por ele antes de alcançarmos as Videiras.

—Oh.—*Por que ninguém me falou sobre o diretório?*

Príncipe Kael parou em uma esquina onde um dos maiores livros que Cyrene já tinha visto ficava em um palanque. Ele facilmente o abriu e encontrou o nome dela dentro do conteúdo.

—Por aqui.— Ele a conduziu por um corredor, deu algumas voltas e depois parou na frente de um arco com trepadeiras que espelhavam o

broche de Afiliada de Cyrene. Eles tinham encontrado os aposentos da Rainha, as Videiras.

Ela ficou maravilhada com a entrada por um minuto e depois seguiu o Príncipe Kael pelos corredores. Após mais algumas voltas, ele parou em frente a uma porta onde seu nome foi escrito em uma escrita verde com floreios.

Afiliada Strohm

—Muito obrigada. Eu nunca teria encontrado sem você.

—É um prazer. — Ele segurou a porta aberta para ela entrar.

—Não consigo ver nada.

Príncipe Kael deixou a porta fechar atrás dele. Ele acendeu um fósforo e acendeu um lampião que estava em uma mesa de madeira. O brilho fraco lançou luz através do espaço, revelando uma linda sala de estar completa com um sofá de seda brocada e poltronas de tons creme e rosa claro. Tapeçarias em cores complementares revestiam as paredes, e um lindo tapete trançado tomava uma grande parte do piso.

Príncipe Kael apoiou uma mão contra a mesa, olhando para ela.

—É lindo. — Seus aposentos eram incríveis.

Ela não podia esperar para ver como o quarto parecia!

Ela se virou para olhar para o Príncipe Kael, calor subindo para suas bochechas. Aqueles intensos olhos azul-acinzentados olharam para ela como se ele soubesse exatamente o que ela estava pensando.

Ele andou em sua direção. —Você está corando, Afiliada.

Cyrene engoliu mas não respondeu. A mesma corrente, uma conexão inexplicável, chocou entre eles, tal como anteriormente.

Então, sem aviso, os lábios do Príncipe Kael estavam nos dela. Seus braços fortes circularam sua cintura, e ele apertou seu peito contra o dela. Ela podia sentir cada polegada sólida do abdômen dele quando seus dedos cavaram o material de seda do vestido.

Ele a empurrou para trás contra a parede, pressionou seu corpo entre ele e a superfície dura. O coração dela foi tomado pelo pânico quando ela percebeu que não havia nenhuma fuga. Ela estava à sua mercê, e ele usou isso para sua vantagem para colocar uma mão em seu cabelo.

Ele tentou fazê-la aceitar quando sua outra mão se moveu mais e mais para baixo da cintura dela, agarrando-a através do material fino. Neste momento, o choque total do momento desapareceu e Cyrene arrancou sua cabeça para longe de dele, ofegante de horror.

—O que está fazendo?— Ela empurrou bruscamente contra o peito dele.

Ele só agarrou o cabelo dela com mais força e puxou seus lábios contra os dele. Ela murmurou alguns insultos que ele engoliu através de seus beijos. Ignorando seus protestos, ele beijou seu pescoço, em toda a sua orelha e ao longo de sua clavícula exposta. Ela respirava rapidamente, tanto pela sensação de sua boca na dela quanto pelo espanto de estar em tal posição.

Ele não tinha o direito de me beijar dessa forma sem minha permissão!

O joelho dele subiu entre as pernas dela e as separou. Cyrene redobrou seus esforços, sem se importar de que seu cabelo estava sendo arrancado das raízes.

—Kael!— ela gritou. —O que está fazendo? Tire suas mãos de mim!— O grito lhe deu uma polegada de manobra, e ela tropeçou para os lados, longe dele.

Respirando pesadamente, Kael estreitou os olhos.

Todo o seu corpo tremeu. Ela engoliu com força para tentar esconder o terror da melhor maneira que pôde. —Como ousa me tocar!

—Como me atrevo... — ele rompeu com um grunhido. —Depois que eu dancei com você a noite toda e te acompanhei para seu quarto, você me deixa de lado?

Olhos de Cyrene eram nuvens de tempestade, sua mandíbula dura. —Deixá-lo de lado? Você diz isso como se fosse um pretendente.— Ela não podia acreditar que ele podia ser tão arrogante depois que tinha se forçado em cima dela. —Certamente não sabe nada de ser um pretendente.

Os olhos de Kael perderam a cor azul pálida que acentuava suas características e virou uma formidável chapa cinza. —Eu não sei nada de ser um pretendente? Tenho percorrido as paredes desse castelo toda a minha vida. Eu vi mais cortesãos ir e vir do que você poderia imaginar em sua vida.

—Então, você deve sair dessas paredes com mais frequência!— A fúria

do incidente ainda queimava através de suas veias. — Você parece ter perdido a noção da realidade, se você acredita que me acompanhando de volta aos meus aposentos seria suficiente.

Raiva reacendeu no rosto de Kael, mas Cyrene não se arrependia de suas palavras. Ela podia estar cometendo um grave erro por estar irritando o Príncipe, mas ela sabia muito bem que não ia ser tratada como uma prostituta. Ela não se importava quem era o homem. Isto não era um comportamento aceitável!

— Por toda a educação que dão para as mulheres, achei que teriam te ensinado algo sobre a sociedade, fora das quatro paredes de seus pais — ele zombou.

— E por toda a sua educação, você parece ter esquecido o comportamento apropriado entre um homem e uma mulher.

Seu riso zombeteiro a enervou. — Você é uma mulher bonita, Cyrene — ele disse, o tom sedutor de sua voz retornando. — Não serei o único homem competindo por suas boas graças. Você vai aprender logo que eu te tratei com muita honra por estar aqui esta noite.

Ele adiantou-se novamente e acariciou sua bochecha com a mão.

— Eu não fui clara? — Ela bateu a mão dele longe dela. — Eu te mostrei um pedaço de interesse desde que deixou claro *suas* intenções? Acho que não.

— Dificilmente foram suas palavras que me atraíram. É o suave rubor contra sua pele, de suas bochechas para os seus ouvidos e até seus seios — ele murmurou suavemente a última palavra enquanto olhava para baixo para suas curvas macias espreitando por cima do vestido. — O peso crescente de sua respiração enquanto conversamos e posso? — Ele colocou os dedos no pescoço dela, e ela se afastou de seu toque como se ele fosse uma víbora pronta para atacar. — A rapidez do seu batimento cardíaco enquanto nós estamos tão próximos.

— Saia, Príncipe Kael. — Ela acrescentou a formalidade para colocar uma barreira entre eles.

Kael era bonito e a tentava, mas a maneira em que ele se aproximou dela e o tom afiado de sua voz com sua recusa forçou a mão dela. Sua presença no quarto dela foi nada menos do que humilhante para ela, sua

família e seu bom nome.

—Cyrene...

—Afiliada Cyrene, — ela o lembrou.

Ele rangeu os dentes com a correção.

—Não espere receber um convite novamente — ela disse. —Agora eu sei o que implica um convite. Agradeço gentilmente por me instruir em minha primeira lição na sociedade. — Seus olhos estreitos lhe disseram que se ele fizesse mais um movimento, ela não seria tão atenciosa por sua posição como ela tinha sido até agora.

—Espero que você seja tão amável com seus outros pretendentes,— Príncipe Kael ronronou. —Que suas noites sejam tão quentes quanto aquela antes de você.

Ele se curvou em excessivo floreio e com isso, trovejou fora da sala de estar. A porta bateu atrás dele.

O coração de Cyrene bateu descontroladamente, mas não foi de medo. Foi de pura raiva. Se ele não fosse o Príncipe legítimo de Byern, ela teria ido direto para o membro mais próximo da Guarda Real e o teria preso por indecência.

Ela entrou em colapso em seu sofá novo, ergueu o pé para abraçar os joelhos no peito e deixou uma solitária lágrima cair em sua bochecha. Para o que pareceu a centésima vez naquele dia, ela desejou que Rhea estivesse aqui com ela.



AS MÁSCARAS



Mãos caíram pesadas sobre os ombros de Cyrene, arrancando-a do sono. Os olhos dela se abriram com o terror. Um forte grito escapou de seus pulmões. Adrenalina correu através de seu corpo, e ela soltou outro grito de devastar o ouvido.

Uma mão se manteve sobre sua boca, sufocando os gritos dela. Cyrene lutou contra o agressor na sala escura. Outro par de mãos a puxou de sua cama, mas Cyrene agarrou as mãos e chutou. O pé dela se conectou com algo duro, e uma pessoa gritou. A mão cobrindo a boca dela vacilou e Cyrene tomou a liberdade de morder com força.

Seu captor gritou e retirou a mão da sua boca. Cyrene pulou da cama e fugiu para a porta. Antes ela pudesse sair de seus aposentos, mãos a prenderam em ambos os lados. Outro grito foi cortado no meio quando uma mão lhe uma bofetada no rosto forte o suficiente para virar a cabeça.

Cyrene ofegou em estado de choque quando sua visão ficou turva. Ela nunca, nunca fora atingida antes, e ela estava feliz por isso, porque todo o lado de seu rosto doeu como nada que ela tenha experimentado antes.

—Se mova — alguém disse ríspidamente, a empurrando através da porta.

Cyrene foi empurrada para fora do quarto. Seus pés estavam descalços, e ela estava vestindo apenas sua fina camisola branca. As mãos em punhos no material. Ela odiava que qualquer um pudesse vê-la tão exposta.

Ela foi empurrada para a frente para o corredor das Videiras, e ela recebeu sua primeira visão dos captores. Eles usavam grandes máscaras na forma de animais grotescos e criaturas mitológicas. Era como se ela estivesse em uma recriação perturbadora de um baile de máscaras. Ela tinha ido em um desde que era uma menina, mas mesmo assim, as pessoas usaram máscaras maravilhosamente construídas para moldar seus rostos com brilho, penas e desenhos pintados. As máscaras dos captores não eram nada do tipo.

O rosto de uma gigante hiena-malhada apareceu ao lado dela. O usuário a empurrou pelo corredor, e ela colidiu em outra pessoa, que se virou e pegou as mãos dela. Olhando para ela era um falso Indres de outro mundo rosnando como um lobo com grandes caninos salientes ao longo da sua boca.

—Veja para onde você está indo!— gritou o Indres.

—O que está fazendo comigo?— Cyrene exigiu, histeria dominando.

—Você vai falar quando falarem contigo — rosnou outra voz. Pertencia a uma figura mascarada de Leif, quase da mesma altura que Cyrene. Madeixas loiro-arruivadas caíram de um dos lados da máscara que era uma pele lisa toda brilhante com orelhas pontudas. O Leif era uma criatura enganosamente linda propensa a roubar crianças no meio da noite.

—Não! Você vai me responder imediatamente! Eu sou uma Afiliada da Rainha,—ela disse, brandindo o título como uma arma. —Você vai parar com isso imediatamente.

Riso preencheu o corredor.

—Fique quieta, garotinha.

Algo afiado a espetou nas costas. Os pés dela pararam quando a faca perfurou sua pele. Ela sugou uma respiração dura com a dor disparando através de seu corpo.

—Mantenha seus pés se movendo, ou vou usar isso na sua garganta.— A hiena falou no ouvido dela.

Aterrorizada, Cyrene apertou a boca fechada e seguiu a estranha trupe mascarada. As tochas ao longo do corredor tinham sido apagadas, e Cyrene não conseguiu identificar a rota que eles pegaram através das Videiras.

De repente, a Leif fez uma parada abrupta, e Cyrene mal conseguiu não trombar com a pessoa. A Leif se pressionou contra uma porta quase invisível

no corredor escuro, e esta se abriu. Cyrene mordeu o lábio, tentando controlar o medo ameaçando irromper dela.

Seus captores a empurraram pela entrada escura. Cyrene, impotente, tropeçou para a frente e caiu alguns degraus. No último segundo, ela se agarrou em um corrimão e salvou seu corpo de se esmagar sobre os degraus de pedra dura.

O grupo se amontoou e desceu o lance íngreme de escadas úmidas. Eles pareciam descer cada vez mais para baixo do castelo, sem parar em uma espiral, e ela ficou tonta com a descida.

Um brilho assustador apareceu ao redor da próxima curva. As pernas de Cyrene tremeu com o esforço, e ela estava grata de finalmente deixar as escadas para trás, mesmo que isso significasse que eles que estavam muito mais próximos de onde quer que seus sequestradores a estavam levando.

Uma vez que eles chegaram ao último degrau, alguém a cutucou para continuar andando. Através de seu terror, ela colocou um pé na frente do outro. Eles viajaram através de um labirinto de corredores antes de entrarem em uma sala.

Após um exame mais aprofundado, Cyrene percebeu que era na verdade uma monstruosa caverna com estalactites de vermelho-rubi perigosamente pingando do teto e estalagmites cristalizados precipitadamente disparando do chão. Da sua localização em uma plataforma elevada de pedra, um lago preto e plano esticou-se diante dela do outro lado da caverna. Quando os olhos de Cyrene se ajustaram à escuridão, ela notou vários barcos frandes ancorados a uma distância, e alguns pequenos esquifes⁵ foram amarradas perto dela. O lago deve esvaziar fora do castelo no Rio Keylani, que corria ao longo do perímetro da cidade.

Ela se afastou do lago para o assunto em questão e se preparou para o que quer que estava por vir.

Duas filas de rostos ferozmente mascarados sentados em cadeiras pretas de encosto alto estavam diante dela. Eles estavam absolutamente imóveis, olhando para ela e silenciosamente esperando.

⁵ **Esquife** é uma embarcação a vela ou remo muito utilizada antigamente nas Grandes Navegações. Caracateriza-se como um pequeno barco auxiliar que levava os navegantes até a praia.

Mas para quê?

De repente, água gelada caiu na cabeça dela. A água encharcou o cabelo dela, acertando o seu rosto e encharcando sua camisola fina. Quando a água gelada atingiu sua pele, Cyrene gritou em choque. Ela passou as mãos sobre os olhos para dissipar a água. Quase ao mesmo tempo, outro ataque caiu em cima dela, a encharcando até o osso. Ela só teve tempo o suficiente para fechar seus olhos e boca, antes de mais água cair.

—O que em nome da Criadora está acontecendo?— ela gritou através de seus dentes que estavam batendo.

Alguém a espetou nas costelas com a lâmina de uma faca, e Cyrene se encolheu com o toque.

—Você vai falar quando eu mandar,— disse a pessoa, repetindo o mantra de Leif.

—Como se atreve!— Ela segurou os braços ao redor de seu corpo para tentar manter uma aparência de modéstia.

Uma quarta torrente de água derramou em cima da cabeça dela, e ela se dobrou em um esforço para se proteger da água gelada. Seu corpo inteiro tremia, e seus dedos das mãos e dos pés enrolaram em si mesmos. Sua camisola branca não fez nada para cobrir seu corpo, mas o frio era tão abrangente que ela quase não se importava.

Cyrene esperou que mais água caísse, e quando não veio imediatamente, ela tirou um momento para escovar o cabelo de volta. Ela ficou tão soberanamente quanto poderia. Encarando seus captores, ela desafiadoramente inclinou seu queixo para cima. Ela não sabia quem eram estas pessoas, ou o que estava acontecendo, mas ela não seria quebrada.

—Faça o que quiser.

—Garotinha, você vai aprender suas boas maneiras—, disse uma pessoa por trás dela.

Uma mão enluvada subiu no ar, afastando a próxima onda de água.

—Isso é o bastante.— O homem estava usando uma representação aterrorizante de um Dragão, os temíveis guerreiros da Era do Doma. —Você se acha digna de usar o pino de trepadeira de uma Afiliada?

Lá. Ela tinha permissão para falar.

—Claro!

—Então você deve provar,— disse um indivíduo agachado, curto com uma máscara de anão bastante apropriada.

—Não tenho que provar meu valor a ninguém. Eu sou uma Afiliada. Eu fui selecionada em concordata para a Rainha Kaliana. Não haverá volta.

—Há se você estiver morta,— um indivíduo mascarado de pavão disse.

Cyrene empalideceu. Eles estavam aqui para matá-la? Eles a arrastaram para este lugar para enviar seus restos pelo Rio Keylani abaixo?

—Basta — o Dragão disse.

Cyrene estremeceu. Ela sempre temeu os contos e fábulas que incluía a criatura cuspidora de fogo que poderia arrasar uma cidade com um abanar de sua cauda.

Após uma breve pausa, um indivíduo terrivelmente magro vestindo uma máscara assustadora de Braj falou.

Braj eram ainda mais horripilantes para ela do que dragões. Eles eram assassinos cruéis, que eram quase invisíveis nas sombras. Foi dito que se uma pessoa visse o verdadeiro rosto de um Braj, esta seria a última coisa que eles veriam. Os monstros iam extrair os rostos de suas vítimas e as usariam como um prêmio.

—Sabia que Afiliados e Conselheiros eram guerreiros?— perguntou a voz aguda.

—Guerreiros?— ela perguntou. Ela não tinha ouvido falar de tal coisa antes.

—Oh sim.

—Isso não está certo. Depois que Viktor Dremylon destruiu a Doma, ele criou Afiliados e Conselheiros para a restauração de Byern. Ele queria que o país florescesse, e usou o sistema de Classe com seus novos Afiliados e Conselheiros ao seu comando para trazer a paz que os cidadãos ansiavam desesperadamente — Cyrene disse a eles.

—Mas o que exatamente eles estavam restaurando?— um homem com uma máscara de leão feroz perguntou.

—Eles estavam restaurando as terras para a prosperidade de Byern,— ela disse timidamente. —Eles restauravam educação e conhecimento para as pessoas. Eles estavam restaurando a ordem no mundo que governavam agora.

O que mais eles estariam restaurando? A Doma tinha governado por muito tempo. Não tinha visto a situação das pessoas comuns. Viktor Dremylon salvou Byern.

—E de que forma você melhor restaura a ordem?— perguntou a mulher mascarada de Braj.

Cyrene olhou fixamente para a frente. Ela levou um segundo para juntar o que a Braj quis dizer. Depois que Viktor expulsou a Doma para fora de Byern, ele teve de restaurar a ordem e implementar seu sistema de Classe. Ela nunca tinha pensado em questionar como ele tinha feito isso. E agora que ela o fez, se deu conta.

Ah Criadora! Ela tinha sido encurralada em um canto.

A melhor maneira de restaurar a ordem após a rebelião foi certamente através da... Força.

—Ele usou seus guerreiros para restaurar a ordem,— disse ela, compreendendo pela primeira vez. —A primeira geração de Conselheiros e Afiliados eram pessoas que ele podia confiar por completo. Eles eram... Guerreiros de Viktor Dremylon.

O Dragão riu. —Sim, é verdade, e agora, você sabe disso. A resposta que nós precisamos saber é se *você* é uma guerreira.

—Você quer saber se *eu* sou uma guerreira.

—Sim, e você deve provar para nós agora — o anão guinchou, —já que não acreditamos que você pertença a nós.

—Como posso...

—Você vai provar isso!— gritou o Dragão. —Você provará que você é digna de tal título.

—Iremos sair em um instante e trancar a porta atrás de nós,— o pavão interrompeu. —Você deve encontrar uma maneira de sair desta caverna e retornar a seus aposentos. Se você o fizer, não comente isso com ninguém. Se você conseguir, então você pode se considerar uma guerreira, uma Afiliada de

verdade.

—Esteja avisada. Não é a única *coisa* no quarto.— A Braj deu uma risadinha.

Cyrene os encarou em choque total. Ela deveria escapar desta caverna, usando apenas a sua camisola, na calada da noite com outra coisa aqui. *Eles estão completamente loucos?*

—E se eu escolher por não fazer?

—Então, você *vai* morrer,— disse o pavão com sede de sangue na sua VOZ.



A FUGA



Lentamente, as duas fileiras de pessoas se levantaram e cruzaram a sala até a porta. Um bloqueio se fechou no lugar, e o súbito e consumidor sentimento de estar sozinha se torceu sobre o coração dela. Pânico tomou sua consciência, e ela se obrigou a inspirar pelo nariz e expirar pela boca. Ela precisava manter o seu juízo e pensar.

Uma tocha brilhava em um buraco metálico ao lado da porta, e ela a empurrou de onde pendia. A chama passou ao longo do lago enquanto ela procurava algo, algo que pudesse ajudá-la. Ela andou metade do comprimento do piso da caverna e não encontrou nada além de água através de toda a sala. Empurrando a tocha na frente dela, ela olhou para as profundezas reveladas por sua luz. As chamas não mostraram mais do que alguns metros adicionais na frente dela. Ela rangia os dentes em frustração.

Como em nome da Criadora eu saio daqui?

Ainda tremendo em sua camisola encharcada, ela voltou para o centro da sala. *O que eu vi quando entrei antes deles me humilharem, me lançarem na escuridão e me deixarem para morrer? Estalactites vermelhos, o lago, o rio, os barcos.*

Os barcos!

Cyrene correu de volta na direção da entrada e olhou através do lago plano. Ela sem dúvida seria incapaz de dirigir os enormes barcos sozinha, e ela não achava que tinha as habilidades para fazer isso. Os esquifes estavam mais perto e eram menores. Se ela pudesse encontrar um remo entre eles, então poderia remar para sair desse úmido buraco do inferno,

independentemente de qual a corrente do rio possa ser fora da caverna.

Infelizmente, os esquifes foram amarrados um pouco mais longe do que ela tinha pensado originalmente. *Não é longe demais para nadar de qualquer forma, mas posso mesmo entrar na água? O que é a coisa que a Braj tinha me avisado sobre?*

Além das profundezas do Rio Keylani, Cyrene nunca tinha visto tanta água. Com o Deserto Fallen rastejando mais e mais perto do outro lado do rio, a escassa água sobreviveu uma temporada de verão. Ela sabia o que poderia estar nas profundezas, pois tinha estudado a vida aquática, mas a verdadeira questão era se algo poderia sobreviver em um lago tão infinitamente escuro sob as Montanhas Taken.

Correndo a tocha ao longo da borda onde a montanha encontrava o lago, Cyrene procurou por pontos de apoio ou um parapeito que poderia ajudá-la a atravessar. Um cume do lado oposto levou a uma doca, mas ela não sabia o quão profunda a água era, e ela certamente não conseguiria saltar tão longe.

Ela amaldiçoou sob sua respiração, esmagou a tocha de volta em seu suporte e andou em círculos. Ela não queria acreditar que as figuras mascaradas a teriam colocado aqui em uma situação impossível. Tinha que haver uma saída, e ela iria encontrá-la.

Se apenas o estúpido lago simplesmente diminuísse!

Uma faísca acendeu em seu peito com o pensamento. Ela sentiu um puxão de volta para a linha d'água. Olhando para a borda do outro lado, metros de onde ela estava, ela se resignou para o fato de que não havia nenhuma outra maneira de sair da caverna do que chegar nesses barcos.

Cyrene pegou a tocha mais uma vez e retornou à borda. Ela engoliu em seco antes de colocar o dedo do pé na água. Surpreendentemente, estava morna, quase a temperatura da água do banho. Ela afundou o pé mais fundo nas profundezas, orando silenciosamente para que ela pudesse atingir o fundo, ou pelo menos algo que iria ajudá-la a ir para o outro lado.

Quando ela estava com os joelhos na água, seu pé esbarrou bruscamente contra uma pedra denteada. Ela gritou. Rodando para trás, ela puxou a perna para fora da água. O corte em sua planta do pé era superficial, mas estava sangrando mais do que ela teria gostado.

Rangendo os dentes, ela enfiou o pé de volta na água e encontrou a pedra novamente. Ela testou seu peso sobre ela, e não se moveu. Ela suspirou alegremente e colocou outra perna na água. Ela cuidadosamente chutou a perna na sua frente, e para seu alívio, ela encontrou outra pedra. Ignorando a dor no pé, ela quase riu quando ela localizou outra e mais outra.

Uma onda pulsou na água.

Cyrene congelou rigidamente. Lá estava — outra ondulação. O coração dela martelou contra o peito.

O que está ali?

Ela estava tão perto da borda como quando tinha começado. Ela tinha que correr o risco. Uma ondulação mais perto do que o último a encorajou, e ela correu através de outro grupo de pedras tão rápido quanto seus pés iriam levá-la através da água preta. Ela nem ousou olhar o lago enquanto ela procurava desesperadamente uma base segura.

A borda estava à frente, e tudo que podia ouvir atrás dela eram mandíbulas estalando. Sua respiração saiu irregular quando os sons se aproximavam cada vez mais rápido, ganhando terreno. Sem um segundo pensamento, Cyrene mergulhou para a borda. Quase não conseguindo, ela caiu com força no seu lado direito, derrapando contra a pedra áspera. Quando rolou para longe do lago, ela perdeu sua tocha no processo.

O seu rosto se afastou de sua posição a tempo de ver um cardume de peixes selvagens com escamas vermelhas e dentes afiados saltando ansiosamente para fora da água em sua direção. Ela gritou e se afastou ainda mais da borda. Vários bateram contra a borda, ferozmente estalando suas mandíbulas antes de voltarem para as profundezas.

Erguendo-se com dificuldade em suas pernas bambas, Cyrene forçou a imagem de morrer por peixes carnívoros para fora do cérebro.

Ela tinha rasgado sua camisola em vários lugares, e hematomas maciços floresceram no seu quadril, joelho e ombro. Além de arranhões na sua perna e ombro, um rastro de sangue desceu pela sua perna direita do joelho dela. Ela arrancou um pedaço de sua camisola, amarrou em torno da lesão da melhor maneira que pôde. Ela iria lidar com isso quando saísse daqui.

Se esforçando para não colocar pressão em seu lado direito, Cyrene oscilou sobre a borda da parede e pegou outra tocha, estava escura e

quase não brilhava. Soprar sobre ela trouxe a chama de volta a vida. Ela tentou abrir a única porta visível, mas estava trancada, então ela voltou para as docas.

Ela puxou um remo para fora do menor barco, o único que ela seria capaz de remar sozinha e a desamarrou da extremidade do cais. Depois de se sentar, ela empurrou e se permitiu flutuar para águas abertas.

Timidamente, ela mergulhou o remo na água e esperou os monstros voltarem.

Nada se moveu no lago cavernoso.

Suspirando de alívio, Cyrene meticulosamente remou em direção da grande saída em arco. Ela não perdeu seu tempo com as outras portas, supondo que elas também iriam estar trancadas.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, Cyrene se aproximou da enorme porta esculpida, moldada com pedras cinzas e pretas que era semelhante ao interior do castelo. Ela remou sob o arco, e o barco colidiu com algo, emitindo um alto som de gongo. Ela estatelou para trás sobre as tábuas do barco. Seu pequeno barco balançava com a força do impacto, e ela esperou até que parasse.

Cyrene se endireitou e deixou seus dedos rossarem na superfície metálica lisa. Não é de se admirar que o interior da caverna fosse negro como a noite. Ela era fechada do mundo exterior. Seu olhar vasculhou o arco e encontrou uma grande e gasta corrente de ferro. Ela agarrou a corrente e deu um puxão hesitante. Um rangido levantou os pelos na parte de trás de seu pescoço, e a água ondulou em torno da porta onde se moveu ligeiramente para longe da parede.

A corrente de metal pesado retesou seus ombros quando ela a puxou, mão sobre mão. Vozes soaram sobre o barulho da porta de metal gritando contra o arco de pedra, e Cyrene descansou suas mãos rachadas enquanto esticava o pescoço e ouvia. Ela pensava que mais ninguém pudesse acessar a caverna.

As vozes apareceram novamente, mas Cyrene não conseguia decifrar o que estavam dizendo. Ela não podia ver ninguém, no entanto, as vozes estavam ficando mais nítidas. Então, seu olhar pousou sobre algo na água. Seu estômago afundou em seu corpo, e ela segurou a náusea que a ameaçou.

Uma cobra Skrivner.

Mesmo que ela não conseguisse ver o contorno inteiro do corpo da cobra, ela tinha certeza disso, e ela não ia esperar que chegasse mais perto. Uma Skrivner era a cobra d'água mais mortal. Suas presas de quase oito centímetros de extensão causavam alucinações enquanto a serpente se banqueteara com o sangue da vítima. Além disso podia imitar sons humanos, e se ela estivesse certa, era de onde as vozes estavam vindo.

Ignorando as dores agudas em suas mãos e o sangue que deixou para trás na corrente, Cyrene a arrancou com todas as forças que tinha em seus músculos doloridos. A porta de metal parecia se mover ainda mais lentamente que antes, como se seus esforços se tornassem mais inúteis. Ela murmurou cada maldição que o seu pai alguma vez usou quando ela levantou a corrente, colocando seus ombros, costas e pernas no movimento de puxar a corrente insuportável.

Ela olhou por cima do ombro só uma vez. A Skrivner se aproximou rapidamente, seus olhos carmesim brilhantes com sede de sangue.

Finalmente, a porta se abriu o suficiente para ela ser capaz de manobrar o barco. Ela rapidamente amarrou a corrente, se abaixou, pegou o remo e remou como se o prêmio de se tornar consorte a esperava do outro lado.

Esta noite não era a sua noite para morrer. Ela tinha muita coisa a realizar. Ela ainda tinha que ver o mundo!

Com um empurrão final, ela deslizou para a frente através do arco, e uma corrente de alta velocidade encontrou o barco dela. Ela girou em seu lugar para ver a Skrivner a atacar, mas estava fora de alcance, então deslizou para dentro do lago negro.

—Pela Criadora!

Lágrimas escorreram pelo seu rosto enquanto o sangue ferveu sob a superfície da sua pele. Ela nunca se sentiu tão feliz por estar viva.

Na primeira curva, ela remou para fora da corrente. O rio fluíu mais suave por este caminho. Sua cabeça inchou com curiosidade quando por várias outras curvas. *Para onde todos eles levavam?*

Sua mente focou nas partes em que ela sabia das passagens subterrâneas dentro do castelo. Portas escondidas acabavam nos quartos

acima e alguns até mesmo levaram ao próprio terreno. Encontrar uma que podia estar aberta era a sua única chance.

Ela atravessou os caminhos, passando por portas com fechaduras de ferro gigantes do lado de fora. Alguém esteve aqui há muito tempo para evitar que intrusos se infiltrassem no castelo. Cyrene entrou em pânico só de pensar. *Se todos eles estão trancados, então como posso descobrir uma saída?*

Uma faísca acendeu em seu peito, e fora dele, um pensamento piscou à superfície. *Acredite naqueles cuja honra brilhar.*

Onde eu li isso? Cyrene não fazia ideia, mas de alguma forma, pareceu certo. Simplesmente sentiu certo.

O coração dela bateu em suas têmporas, seus dedos sujos de sangue e seus pés lascados enquanto ela procurou as inscrições nas portas em sua frente. Ela não queria pensar em quantas portas estavam dentro destas paredes, ou sobre a possibilidade de que nenhuma delas iriam tirá-la daqui ou o que aconteceria se ela encontrasse outra Skrivner, peixes selvagens ou a boca do Keylani.

Então, como se ela tivesse conjurado do nada, uma porta sem um cadeado apareceu com palavras brilhando na superfície. Ela só podia distinguir as palavras *brilhar* e a *honra*. Ela não tinha outra opção. Tinha que ser esta.

Gemendo em um alívio cansado, ela remou em direção a borda. Ela mal conseguiu quando seus braços latejantes trabalharam contra a corrente. Depois de amarrar o barco em um pino preso no chão, Cyrene saiu do barco, alcançando em sua frente a porta e recitou as palavras que ela sentiu que era a sua salvação — *Acredito naqueles cuja honra brilha.*

A porta se abriu facilmente com o toque de seus dedos, e ela entrou em um quarto pequeno e empoeirado, vazio de todos os pertences. Esta entrada certamente não tinha sido usada há anos.

Suas pernas pareciam chumbo quando ela seguia uma subida plana e sinuosa, pelo o que parecia uma eternidade. Finalmente ela chegou a uma porta grande de celeiro que bloqueava a passagem a sua frente. Ela a abriu com o ombro. Feno explodiu ao seu redor, grudando na sua pele que estava escorregadia com água, sangue e suor. Cyrene tossiu com o ataque repentino e protegeu os olhos com o braço contra a claridade. Luz foi filtrada através das

tábuas do estábulo, mas felizmente, Cyrene não viu mais ninguém.

Após atravessar a porta do celeiro, ela a fechou e cobriu a área com feno novamente. Já que a porta claramente tinha deixada de ser usada, a última coisa que ela queria era pessoas notando isso.

Quando ela começou cautelosamente a se afastar da porta, ela bateu em algo resistente e trombou para a frente. Ofegando, ela caiu com força em um corpo sólido. Seus olhos esbugalharam, e ela lutou para ficar longe do homem debaixo dela. Quando ele não se mexeu, ela o cutucou levemente com seu pé ileso. Depois de tudo o que tinha acontecido com ela essa noite, orou à Criadora para que ele não estivesse morto.

Um ruído de gargarejo veio do homem, e ela soltou uma respiração.

Enquanto ele se sentava e a olhava através de olhos vermelhos e turvos, ela se levantou. Ele não parecia muito mais velho que ela, mas ele já tinha o corpo de um caçador robusto. Ele tinha cabelo castanho escuro desordenadamente despenteado entrelaçado com feno. Sangue e sujeira endureceram em um lado do rosto em que ele tinha estado deitado. Suas roupas não estavam em melhor estado. Uma manga pendia quase completamente arrancada, e ele tinha um corte no estômago da sua camisa. Parecia que tinha sido cortado com uma faca, mas ela não viu nenhum sangue. Suas calças estavam desgastadas nas extremidades, e de alguma forma tinha conseguido perder só uma bota.

—O que você quer?— ele resmungou, fechando os olhos e apertando a mão em sua cabeça.

—Que você tire seu fedor podre de perto de mim — ela disse com nenhuma tolerância para ninguém após os acontecimentos desta noite.

Cyrene ficou surpresa ao encontrar sua voz inalterada. Depois de correr, remar, puxar e escalar para longe da sua própria morte, ela achou que teria mudado de alguma forma, no entanto, ela ainda parecia forte, talvez ainda mais forte.

Ele deu uma gargalhada e em seguida, cobriu a boca enquanto se inclinava para longe dela. Ele segurou sua lateral e tossiu em sua mão. Depois de um minuto, ele voltou a olhar Cyrene e parecia mesmo olhar para ela. Seus olhos esbugalharam e ele assobiou baixinho. —O que em nome da Criadora aconteceu com você?

Cyrene corou ao pensar em si mesma. Ela nem queria saber como parecia em sua camisola branca rasgada. Nesse momento seu corpo estava relativamente dormente, mas ela sabia a extensão dos seus ferimentos — abriu o pé, machucou tudo, braços e ombros doloridos e com cãimbras, dedos e mãos ensanguentados, pernas rígidas, mas era melhor do que ser morta.

—O que aconteceu com você?— ela rebateu.

Ele parecia quase tão mal quando ela.

Um sorriso triste cruzou suas feições bronzeadas. Seus olhos travessos eram de um profundo castanho escuro com anéis de ouro em torno das pupilas.

—Muita diversão — ele disse com um encolher de ombros.

—Entendo. Me lembre de nunca me divertir com você.

Ele riu de novo, mais forte do que antes. Desta vez, ele se virou e vomitou o conteúdo do seu estômago. O estômago de Cyrene embrulhou com o som e cheiro e ela mesma quase vomitou.

—Desculpe — Ele gemeu. Ele limpou a boca com a manga.

—Eu tenho que voltar ao meu quarto.

—Espere, você nunca disse o que aconteceu com você.

—Muita diversão — ela disse amargamente.

Ela girou em seu calcanhar para andar para longe dele.

—Você é Cyrene, certo?

Ela parou em seu caminho. —Sim, eu sou.— Ela ficou surpresa que ele sabia quem ela era.

Ele levantou e se inclinou contra uma viga de madeira que tinha sido enfiada no chão. —Eu sou Ahlvie. Ahlvie Gunn, ao seu serviço.

—Ah, o bêbado — ela murmurou, lembrando como ele tinha trombado com ela seu baile de Apresentação.

Pela Criadora, isso foi apenas ontem?

—Se a carapuça serviu.

Ela assentiu para ele e cambaleou para a frente para sair.

—Posso ser de ajuda? Eu sou muito bom em atravessar o castelo sem ser visto. E se eu fosse você, não iria querer ser visto *assim*.

Cyrene olhou para sua camisola rasgada que estava enrugada e salpicada com o seu sangue. Ele tinha razão, claro. Ela não podia ser vista assim.

E se o rei me visse? Ou pior ainda, a Rainha? Cyrene não podia suportar isso.

—Por favor.

Ahlvie sorriu torto pra ela. —Por aqui.

Ela o seguiu através de uma passagem traseira que cortava todo o castelo. Tão logo Ahlvie a levou para as Videiras, sem serem vistos, ela lhe agradeceu, e então ela correu para seu quarto e bateu a porta com força.

Cyrene jogou sua camisola arruinada em um amontoado no chão e se enterrou nua sob o edredon de ganso. Um farfalhar de alguém passando por sua porta a fez levantar para investigar para se certificar de que ela trancou a porta. Ela não queria ser incomodada novamente.

Quando chegou na porta da câmara, um pedaço de papel carimbado com o selo real deslizou por baixo. Ela cerrou os dentes enquanto o pegou do chão e o abriu.

BEM-VINDA AO POSTO, GUERREIRA.

Ela não sabia quem a submeteu a esta tortura e deixou este bilhete, mas ela o odiou. Ela sempre iria odiá-los. Ela os odiaria com cada fibra do seu ser por fazê-la sofrer através daquilo, por fazê-la arriscar a sua vida por alguma causa doente. Ela não era uma guerreira, nem jamais se consideraria uma.

Mas se eles queriam acreditar que tinham ganhado a batalha, ela iria mostrar a eles que poderia ganhar a guerra.



O BÊBADO



Ahlvie assistiu Cyrene desaparecer pelo corredor para seus aposentos antes de se aconchegar de volta no corredor secreto. Ele não sabia o que o tinha possuído para ajudá-la. Ele não era particularmente susceptível a donzelas em perigo ou algo assim, mas algo nos olhos dela tinha falado de determinação. Ele realmente acreditava que ela iria passear ao redor do castelo parecendo um rato afogado caindo aos pedaços.

Ela o lembrou um pouco de si mesmo, quando ele tinha acabado de chegar neste castelo abandonado pela Criadora. Ele esperava que ela pudesse manter a natureza rebelde, mas ele duvidava. Este lugar poderia sugar a vida de uma pessoa.

Afastando a garota nova para fora de sua mente, ele contemplou ao voltar aos seus aposentos para se trocar antes de desaparecer nos terrenos do castelo mais uma vez. Ele arracou a manga de sua camisa. Se ele tivesse conseguido manter ambas as botas ontem à noite, então não teria que retornar para os alojamentos do Conselho. Entretanto ele seria rápido.

Ele navegou pelos corredores vazios da manhã com facilidade e em seguida caiu em seu quarto quase não utilizado. Ele abriu seu guarda-roupa e viu que alguém tinha lavado a sua roupa. Esperançosamente, a pessoa não tinha tirado todas as manchas de sangue de suas roupas de casa. Todos os outros artigos de vestuário tinham o logotipo do Conselho anexado a eles.

Como alguém esperava que eu me deslocasse facilmente na cidade com um Dremylon D estampado em toda a minha roupa? Nenhuma pessoa no mercado

Low iria falar com um Conselheiro. Metade das pessoas em Laelish também não.

Depois de puxar botas novas e uma camiseta azul escura um pouco menos destruída, ele deixou o quarto com pressa. Ele derrapou ao virar a esquina e desacelerou os pés quando viu que o corredor estava ocupado.

—Criadora — ele resmungou.

—Ahlvie — Reeve chamou no corredor.

Reeve era o mais legal do Conselho em torno da idade de Ahlvie, mas ele andava com os idiotas cabeçudos — Rhys, Clovis e Surien. Ahlvie pouco se importava com outras pessoas na corte em geral, mas esses caras eram os piores.

—Você viu Zorian esta manhã?— Reeve perguntou quando se aproximou.

—Ele está de volta de Carhara? Tahne é uma cidade do tipo difícil,— disse Ahlvie sobre a capital de Carhara.

—Voltou ontem à noite.

Ele contornou Reeve. —Talvez ele ainda esteja tão intoxicado quanto eu.

Reeve estreitou os olhos. —Você não parece muito mal.

—Você quer dizer que me viu pior.

—Isso não foi o que quis dizer — Reeve disse, exasperado. —Se você ver Zorian, o mande até mim? Temos um jogo de dados pendente.

—Dados?— Os olhos do Ahlvie se iluminaram. —Deixe-me saber quando você joga.

—Eu faria se eu quisesse perder.

Ahlvie sorriu para ele. —Eu vou dizer a Zorian sobre o jogo de dados se eu vê-lo, e vamos encontrar um tempo para jogar.

Reeve balançou a cabeça, mas Ahlvie sabia que Reeve jogaria com ele mais tarde. Os dedos de Ahlvie coçavam para seus próprios dados para jogar. Ele os sentiu em seus bolsos e ignorou a tendência.

Ele rodou para a entrada dos fundos para os alojamentos do Conselho,

que os caras chamavam de Chamas. Guardas estavam parados na saída. A maioria deles o conhecia de vista. Assim, ele podia se esgueirar por eles durante a noite. Tendo em conta a segurança do castelo, poderia ser feito um pouco fácil demais, mas era conveniente para ele.

Ahlvie deixou o terreno em um caminho que terminou em uma descida íngreme desagradável para a capital. Ele não sabia como tinha voltado por aqui na noite passada enquanto estava completamente apagado. Quando ele derrapou ladeira abaixo, viu um grande corpo que desmaiou no meio do caminho.

Ahlvie riu alto e correu para o homem. Aparentemente, ele não tinha sido a única pessoa a entrar e sair do castelo enquanto embriagado.

—Ei!— Gritou Ahlvie. —Teve um pouco demais de bebida, meu amigo?

Rolando o homem sobre suas costas, Ahlvie olhou claramente para o homem e então tropeçou para trás alguns passos horrorizado. Ele caiu sobre as pedras e vomitou tudo o que restava em seu estômago.

A maior parte do rosto do homem estava... Faltando.



O REGIME



Cyrene acordou na manhã seguinte, dolorida por toda parte. Ela tinha tratado suas feridas ontem à noite, e ficou surpresa ao ver que seus ferimentos estavam se curando muito rápido. Ela ainda estava rígida e dolorida, mas depois de alguns passos, ela conseguiu andar sem vacilar.

Duas servas em vestidos brancos de manga longa chegaram para ajudá-la a se vestir em um vestido azul com mangas de renda creme. Elas colocaram um prato de pão torrado, frutas e um ovo cozido na mesa junto com um bule de chá fresco. Ela graciosamente as agradeceu antes de partirem.

Depois de tomar o último gole de seu chá, Cyrene colocou a xícara de porcelana sobre o pires correspondente e se levantou do sofá na sua sala de estar. Ela levou seus dedos danificados para sua trança e tentou soltar algumas das mechas. Ela acordou com uma dor de cabeça naquela manhã com a memória ainda fresca do que tinha acontecido na noite anterior. Ela estremeceu com o pensamento de Kael e a cerimônia do guerreiro e esperava que ninguém descobrisse sobre qualquer incidente.

Tentando afastar isso da sua mente, se concentrou na sua reunião com Rainha Kaliana que se aproximava rapidamente. Cyrene receberia seus deveres oficiais como uma Afiliada hoje.

Cyrene não tinha certeza de onde deveria encontrar a Rainha. Apesar de seus medos, abriu a porta de seus aposentos e olhou para fora no corredor vazio.

Seu coração afundou. Não havia ninguém para lhe orientar, mas pelo

menos não havia figuras mascaradas. Ela desejava que tivesse perguntado às servas. A próxima melhor coisa seria caçar o diretório de ontem à noite.

Como ela estava prestes a começar a vagar pelos corredores, a porta ao lado de seu quarto se abriu e uma garota pequena não mais velha que Cyrene com o cabelo loiro e liso saiu em um vestido amarelo pálido, seu nariz enterrado em um livro.

—Hum... Desculpe-me,— disse Cyrene.

A garota parou abruptamente e olhou por cima de seu livro em confusão. —Sim?

—Desculpe incomodá-la, hum... Afiliada. Eu deveria ter um encontro com a Rainha Kaliana. Você acha que poderia me orientar para o quarto dela?

—Oh. Sim, claro, eu posso,—ela disse com um sorriso brilhante. Ela fechou o livro e o segurou contra o peito. —Se você quiser me seguir, posso levá-la eu mesma.

—Isso seria muito útil. Obrigada.

Cyrene andou ao lado da garota. Ela tinha olhos que eram um pouco grandes demais para seu rosto e um pouco de sardas na ponte de seu nariz. Ao mesmo tempo, sua aparência estava longe de ser distinta e Cyrene tinha certeza de que seus olhos teriam deslizado facilmente sobre a garota em uma multidão.

—Eu sou a Afiliada Cyrene, a propósito.

—Eu sei. Eu estava na sua Apresentação ontem.— A garota definiu um ritmo apressado enquanto caminhavam pelo corredor.

—Eu sou Afiliada Maelia Dallmer.

—Um prazer te conhecer — Cyrene disse.

—Que tipo de direção você espera para seus deveres de Afiliada?— Maelia agarrou o livro mais apertado.

—Eu estou certa do que está disponível — ela começou com cuidado, —mas eu prefiro ser colocada em algum lugar onde possa ser capaz de viajar. Minha irmã é a Embaixadora em Kell para a Rainha e tem sorte de poder viajar pelo mundo. Você conhece Aralyn?

Ela sorriu humildemente e abanou a cabeça. —Receio que não. Estou

aqui a menos de seis meses.

—Oh. Então, você não é muito mais velha que eu —Cyrene murmurou em alívio.

Ela sabia que iriam ter garotas da idade dela, mas não tinha pensado que seria sortuda de encontrar alguém em seu primeiro dia. O suave comportamento da garota lembrou Cyrene de Rhea. Talvez uma vez que Maelia saísse de sua concha, ela também se tornaria alguém que Cyrene podia ser amiga.

—Você é da capital? Peço desculpas por não lembrar de vê-la em qualquer lugar.

—Não, esta cidade é ainda estranha para mim. Fui criada em Levin. Minha família é Segunda. — Ela usou a gíria sem um traço de emoção sobre ter sido tirada da sua família na cidade montanhosa no norte de Byern para entrar na Primeira Classe.

As relações de Cyrene com a Segunda e Terceira Classes foram tudo, mas limitado ao Mercado Laelish. Ela tinha estado assustada o suficiente sobre se mover para o castelo sem ser transplantada para uma cidade completamente diferente. Além de tudo isso, Maelia teve que aprender a se ajustar não somente ao estilo de vida de Afiliada, mas também da Primeira Classe.

—Bem, talvez eu possa mostrar te mostrar os arredores, se conseguirmos encontrar tempo — Cyrene ofereceu.

—Eu gostaria disso. — Um sorriso genuíno cruzou o rosto de Maelia.

Ela as levou para mais um corredor com mais decoração do que o anterior. Pinturas a óleo penduradas na parede. A primeiro mostrou uma bela paisagem com colinas e belos carvalhos. Outra revelou o que parecia ser o sopé das próprias Montanhas Taken e o Rio Keylani atravessando o desfiladeiro da montanha. A próxima exibiu uma cena oceânica com ondas, areia branca e palmeiras balançando na brisa.

Enquanto olhava para a cena da praia, ela quase podia ouvir as ondas batendo na margem, sentir a suave brisa do mar e cheirar o ar salgado cheio de maresia, mesmo que ela nunca tenha visto o Oceano Lakonia. Ela levemente balançou a cabeça, tentando se livrar das emoções estranhas

rolando através de seu corpo. Ela deve ter lido sobre as pinturas em um livro antes deste momento.

Com dificuldade, Cyrene afastou seu olhar dos desenhos incrivelmente detalhados afixados nas paredes, e ela continuou a conversa com Maelia.

—Vamos marcar um encontro depois que eu receber ordens da Rainha.

Maelia se inquietou com seu livro enquanto aproximavamda enorme porta de madeira no final do corredor. —Espero que ela te deixe sair facilmente. Eu adoraria ver a cidade.

—Ela é particularmente severa?

Severa não é a palavra adequada.— A voz de Maelia caiu para um sussurro. —A Rainha é sedenta por poder em um dia bom, e hoje pode ser ainda pior. Talvez eu não devesse dizer isso.— Seus olhos cor de avelã olharam ansiosamente para a porta fechada como se alguém fosse ouvi-la a criticar a Rainha.

—Por que ela é mais hoje? — Cyrene imitou o tom suave de Maelia.

—Eu ouvi — murmurou Maelia, aproximando-se de Cyrene —que a Rainha está grávida, e ela anunciou tais circunstâncias para Sua Majestade.

—Por que, isso é uma notícia maravilhosa! — Cyrene explodiu. O olhar hesitante de Maelia para as portas fez Cyrene abaixar a voz. —Não é uma notícia maravilhosa?

—É difícil dizer. A última terminou em um aborto.

A boca de Cyrene se abriu em estado de choque. —Ela perdeu o bebê?

Maelia assentiu solenemente. —Então, você pode ver por que hoje pode ser pior. O bebê é uma boa notícia, mas só se ela conseguir manter. Acho que ela teme que não possa.

—Que terrível. Muito obrigada por me dizer. Eu odiaria ter ido lá sem saber.

—Boa sorte. Tenho certeza que meus avisos foram injustificados.— Maelia colocou a mão no ombro de Cyrene. —Você se sairá bem. Rei Edric e o Príncipe Kael parecem gostar de você afinal de contas.

Cyrene corou. *Eles tinham sido tão óbvios?* —Tenho certeza de que ambos estavam realizando suas funções ao me receberem como a mais nova Afiliada.

O sorriso tímido nos lábios de Maelia disse a Cyrene que não tinha sido o caso. — Com certeza.

— Eu vou encontrar você depois. Você estará em seus aposentos? — ela perguntou para desviar o assunto.

— Provavelmente. Foi muito bom conhecer você, Cyrene. Mal posso esperar para a nossa aventura.

— Eu também. Foi um prazer conhecê-la também, Maelia.

A menina correu pelo corredor e virou a esquina.

Cyrene não sabia o que era, mas já gostava de Maelia. Sem Rhea, Cyrene tinha tido medo de que demoraria um tempo até ela fazer amigos. Ela tinha ouvido histórias de todas as Afiliadas serem próximas, outras com tantos contos quanto delas odiarem umas as outras e batalharem por posições favorecidas.

Cyrene abriu a pesada porta de madeira e entrou nos aposentos da Rainha. Por toda inatividade nos corredores, as pessoas estavam movimentadas na câmara da Rainha. Afiliadas e criados iguais se moviam lá dentro, alguns falando entre si rapidamente, outros com seus narizes enterrados nos livros e mais alguns escrevendo furiosamente em folhas soltas de pergaminho. A sala a lembrava de uma colmeia com uma grande sala central redonda e outras salas se ramificando em várias direções. Um mural de vitral acima representava uma terra lendária com indivíduos anormalmente lindos com asas brotando de suas costas.

Uma mulher atlética com um rosto coberto de sardas graciosamente fluiu em direção de Cyrene. — Olá, Afiliada Cyrene — ela disse com um sorriso brilhante. Seu vestido verde pálido, trouxe a qualidade gritante do seu ardente e desgastado cabelo vermelho, que pendia solto à sua cintura. — É um prazer finalmente conhecer você. Eu sou a Afiliada Catalin, Diretora de Assuntos Internos de Sua Majestade, Rainha Kaliana.

Cyrene mergulhou em uma pequena reverência à mulher. — Bom dia para você, Afiliada Catalin.

Ela ouviu sua mãe se queixar frequentemente sobre a mulher que tinha sido a DIA⁶ da Rainha Adelaida para o Rei Maltrier. DIAs esperavam quase tanto respeito quanto a rainha e a consorte, mas frequentemente abusavam da autoridade que lhes foram atribuídas.

—Rainha Kaliana se encontra com sua Alteza Real, Príncipe Kael, neste momento.

Cyrene tentou manter a tensão de sua boca com a menção do nome dele.

—Então vou começar com seu treinamento até que ela esteja pronta para sua tarefa. Siga-me, por favor.— Ela vivamente atravessou o piso de mármore.

Depois de atravessar o vestíbulo ocupado, Cyrene entrou em uma imaculada e pequena sala quadrada na extremidade da câmara. Livros alinhados nas prateleiras embutidas em uma parede, em ordem de altura decrescente. Fardos de papel foram empilhados cuidadosamente em pilha arrumadas, e penas verde-esmeralda estavam perfeitamente alinhadas. Uma mesa de madeira prática estava encostada contra a parede mais afastada e duas cadeiras de madeira correspondentes estavam na frente.

Catalin se sentou atrás da mesa e suavemente cruzou as mãos sobre a mesa. —Por favor, sente-se — ela ofereceu graciosamente.

—Muito obrigada.

—Nós vamos direto ao assunto, sim? Tenho certeza de que você está ciente de muito do que estou prestes a te dizer, com o impecável antecedente da Primeira Classe da sua família, mas procedimentos devem ser seguidos.

—É claro.

—Vou começar do início. — Ela limpou sua voz. —Parabéns por ser selecionada na Primeira Classe e ter o luxo de ser nomeada por Sua Alteza Real, Rainha Kaliana, como Afiliada da Rainha.

Com um franzir de sua boca, Catalin disse —Como você sabe, Viktor Dremylon definiu um novo governo com três Classes para permitir para as pessoas a chance de ter uma vida melhor. Com o novo sistema, Viktor

⁶ DIA se refere ao cargo que a Afiliada Catalin ocupa que no original é Director of Internal Affairs, por isso essa sigla.

Dremylon criou os programas do Conselho e das Afiliadas para juntar os melhores e mais brilhantes. Você foi admitida para este papel de prestígio.

Catalin continuou — Esperamos que você comece seu regime educacional no seu primeiro dia. Você responde a Rainha Kaliana e oferece assistência para quaisquer solicitações que ela possa ter. Sua aceitação sem hesitação é necessária. Sua Majestade tem sempre uma imagem maior na mente do que você possa ter. Você tem alguma pergunta?

Cyrene hesitou. — Sim, Afiliada Catalin. E a Consorte Daufina? Eu percebo que você não a mencionou.

Ela não podia pensar que foi um acidente que Catalin tenha deixado fora informações sobre a Consorte. Cyrene sabia de suas lições que era esperado para as Afiliadas terem a mesma deferência para a consorte quanto para a rainha. Em quase todos os direitos, exceto por sangue, a consorte era realza.

O desprezo de Catalin confirmou as opiniões de Cyrene. — Você não é vinculada a Consorte. Você fará bem em se lembrar de que você trabalha para a Rainha, antes de mais nada. Mediante solicitação, a Consorte pode trabalhar com você se você ainda não estiver ocupada com as ordens da Rainha.

Simplesmente não funcionava dessa forma. Cyrene sabia disso, e essa mulher sabia.

De qualquer forma, Cyrene sorriu docemente como se ela não soubesse que Catalin mentiu descaradamente sobre a mecânica do negócio.

— Como eu estava dizendo, você tem obrigações como Afiliada, além da sua educação. O Rei tem planos para viajar em procissão para Albion, e você provavelmente será convidada a acompanhar a corte na expedição. Deveres adicionais talvez possam surgir durante todo o seu tempo como uma Afiliada, e como sempre, espera-se que você aceite essas responsabilidades com graça e boa vontade. Há mais alguma pergunta?

Cyrene abriu a boca para dizer a Catalin que compreendia as suas responsabilidades quando uma figura entrou na sala.

— Afiliada Catalin!

— Jardana! — Catalin ficou de pé rapidamente e olhou para a garota.

Cyrene esticou o pescoço ao redor para dar uma olhada. A garota era

terrivelmente magra com cabelo loiro-mel puxado para longe de seu rosto, semelhante à moda da Rainha.

— Houve um ataque! — Jardana gritou dramaticamente.

— Um ataque?

— Rei Edric me enviou diretamente para o Príncipe Kael.

— Calma, criança. O que aconteceu?

Jardana se arrepiou com o uso da palavra *criança*. — Conselheiro Zorian foi encontrado morto esta manhã. Seu rosto... — Ela engoliu seco. — Seu rosto foi roubado.

Cyrene empalideceu. *A morte de um membro do Conselho tinha ocorrido no castelo? Isso era inédito. E por que esse nome soa familiar?*

— Não Zorian — Catalin disse, apertando a mesa. — Ele acabou de voltar de Carhara.

Pela Criadora!

Esse era o homem que Reeve queria apresentá-la ontem na sua Apresentação. Seus amigos tinham brincado sobre Zorian se envolver com mulheres de Carharan, mas ele tinha sido... Morto.

— Siga-me. Devo dizer à Rainha imediatamente — disse Catalin.

O grupo saiu do escritório de Catalin e voltou para a sala comum redonda que ainda estava repleta de Afiliadas. Elas pararam em frente a um par de portas duplas trabalhadaa com as intrincadas trepadeiras da Rainha. Catalin entrou sem esperar por permissão. Cyrene e Jardana entraram logo atrás dela.

Ainda em decoro para o DIA ao abordar a Rainha, Catalin caiu em uma profunda reverência. Os olhos azuis de Cyrene varreram a sala, quando ela também fez uma reverência na frente da Rainha Kaliana, ao lado de Jardana. Quando Cyrene encontrou o olhar presunçoso do Príncipe Kael de sua posição sentado perante a Rainha, ela olhou de volta com frieza.

— O que em nome da Criadora pensa que está fazendo, me interrompendo dessa forma, Catalin? — exigiu a Rainha.

— Minhas desculpas, Sua Majestade — Catalin disse, apressando-se a ficar de pé.

—Bem, explique-se!

—Sua Majestade, Afiliada Jardana chegou com a notícia mais preocupante esta manhã,— Catalin começou.

—Podemos falar sobre isso depois do meu novo compromisso com a Afiliada, Catalin?— Rainha Kaliana falou. Ela se recostou novamente em sua cadeira incrustada com ouro e apertou seus longos e estreitos dedos em seu colo. Ela estava envolta na melhor seda dourada, seu vestido de mangas compridas ajustado firmemente em seu peito e amarrado em volta do pescoço estava uma fita com um laço levemente cintilante dourada.

—Mas vem diretamente do Rei Edric — Jardana cortou.

Rainha Kaliana colocou seus olhos azuis frios e calculistas em Jardana, que manteve suas costas bem retas. O cabelo loiro da Rainha foi puxado fortemente para fora de seu rosto, que apenas lhe deu uma aparência mais severa. Aquela não era uma mulher que se deve subestimar.

—Por favor se lembre de com quem você está falando, Afiliada.

Jardana acenou com a cabeça. —Sua Majestade.

—Agora, seja rápido com este assunto, Catalin. Tenho negócios a tratar, e estou sem humor esta manhã.

—Conselheiro Zorian foi encontrado morto esta manhã, Vossa Majestade.

A Rainha Kaliana respirou bruscamente. Cyrene viu os lábios do Príncipe Kael finos, e então rapidamente desviou sua atenção.

—A Afiliada Jardana foi enviada pelo Rei Edric para seu irmão, Príncipe Kael — acrescentou Catalin.

—Ela foi enviada aqui para o Príncipe?— a Rainha perguntou, suas palavras tão afiadas quando uma navalha.

—Sim, Sua Majestade — Jardana sussurrou.

—Muito bem. Ele vai deixar a meu critério. Enquanto isso, Catalin, vá depressa até o meu Edric e o deixe saber que estarei lá para lidar com isso assim que eu terminar com minha nova Afiliada.

—Sim, Sua Majestade.— Catalin fez uma reverência e então correu da sala.

—Quanto a você, Jardana — a Rainha começou — Espere lá fora pelo Príncipe Kael.

—Não há nenhuma necessidade para Jardana esperar enquanto fala com a nova Afiliada. Eu posso achar a saída —disse o Príncipe Kael.

A mandíbula de Jardana se fechou com a expulsão. —Claro, Vossas Majestades.

Ela saiu da sala como uma nuvem de tempestade, e a porta fechou atrás dela. Cyrene tinha ficado parada, os observando durante todo o encontro. Ela ficou surpresa ao descobrir que nem o Príncipe Kael ou a Rainha Kaliana pareciam estar com pressa para saber mais sobre o homem morto. Na verdade, parecia que a Rainha Kaliana parecia estar impedindo propositadamente o Príncipe de partir.

—Afiliada Cyrene — disse a Rainha Kaliana.

—Bom dia, Sua Majestade,— ela murmurou com um sorriso desconfortável.

—De fato.— A Rainha Kaliana contemplativamente dirigiu sua atenção para o Príncipe Kael.

—Você dormiu bem, espero — disse o Príncipe Kael. Um sorriso dissimulado tocou seus lábios.

—Muito bem na verdade. Agradável e quente.— Ela apertou suas mãos feridas em seus lados. —Obrigada por perguntar.

O sorriso do príncipe Kael aumentou.

A Rainha Kaliana suspeitosamente os olhou. —Príncipe Kael estava me contando o quão gentil ele foi ao te acompanhar de volta para seus aposentos, ontem à noite. Não tenho certeza de como você perdeu a informação para chegar lá por conta própria, mas você está aqui agora, então deve ter recebido as instruções que enviei para os seus aposentos esta manhã.

Cyrene manteve a calma no exterior, mas o tempo todo, ela estava fervendo por dentro. A mulher não tinha enviado as tais instruções ontem à noite, e ela não tinha feito isso esta manhã também. Ela se perguntava se a Rainha Kaliana foi a razão para a vil cerimônia do guerreiro em primeiro lugar.

Mas Cyrene precisava jogar junto. Certamente havia uma razão para tudo isso.

— Sim, elas foram muito úteis, minha Rainha.

Cyrene teria que encontrar direções corretas por conta própria. Ela não seria pega de surpresa novamente.

— Estamos muito contentes que você chegou a tempo — disse o Príncipe Kael.

— Kael — retrucou a Rainha. — Acredito que você tenha outros assuntos a tratar. Não recebemos notícias de que um Conselheiro foi morto?

Príncipe Kael lentamente arrastou seu olhar para longe de Cyrene. — Claro, Sua Majestade Real. Estava esperando por sua licença.

— Você a tem. Diga ao meu marido que estarei lá para ajudar no que puder.

— Como quiser. Espero que você me conceda o prazer de sua agradável companhia outra vez.

O olhar da Rainha nunca vacilou, mesmo que seu tom a zombasse abertamente na frente de uma nova Afiliada, uma das suas. Cyrene podia dizer que ela o teria espacado vivo se ele não fosse alguém da realeza.

— Obrigada, Kael. Você pode ir.

Príncipe Kael suavemente se levantou da cadeira, esticando seu corpo magro e musculoso. Ele deu à Rainha uma profunda reverência, e então ele fez uma só um pouco menos real para Cyrene, mas com um sorriso ainda maior.

Cortesão de fato! Ela desejou que ele tivesse se curvado tão baixo, mesmo que o gesto a honrasse.

A Rainha certamente veria isso como desprezo contra ela vindo do Príncipe Kael.

Quando ele caminhou em direção a saída, ele parou na frente de Cyrene e a olhou diretamente nos olhos. — Eu teria cuidado em deixar os terrenos, Afiliada. Não sabemos o que está lá fora. Você deve se manter segura.

As sobrancelhas de Cyrene levantaram. *O Príncipe está preocupado comigo?* Ela teve dificuldade em conciliar isso com o homem que estava no

quarto dela ontem à noite.

Ele sorriu mais uma vez, e os olhos dela o seguiram quando ele irrompeu para fora da sala, deixando a porta bater atrás dele. Cyrene não sabia o que fazer com ele. Ele era um pouco enigmático.

—Que animal — Rainha Kaliana murmurou. — Sempre resmungando e batendo portas. Você nunca adivinharia que era parente do meu Edric.

Cyrene não sabia o que dizer, então se concentrou na sala. Era quase duas vezes maior que o vestibulo do lado de fora da câmara e da mesma forma redonda com duas portas escondidas em ambos os lados da sala. Diversas tapeçarias com uma centena de anos estavam penduradas sem um dia de desbotamento ou desgaste. Um mostrou dança, outro revelou um círculo de cogumelos coloridos e alguns pareciam representar o habitat de uma floresta encantada acesa com atividade. Grandes esferas de vidro colorido pendiam do teto e lançavam um arco-íris através da sala que era bem iluminada por um teto solar. O efeito era deslumbrante.

—Bem, vamos fazer isso rápido. Como você pode ver, meu dia está cheio de assuntos importantes.— A Rainha Kaliana tirou reflexivamente um pedaço de cabelo do rosto. —Sente-se, Cyrene. Precisamos tomar uma decisão.

Cyrene graciosamente sentou na cadeira que o Príncipe Kael desocupou.

—Estive revendo seu arquivo para tomar uma decisão sobre seu regime educacional. Parece que se destacou em quase todas as suas matérias, e recebeu notas positivas de seu tutor. Mas onde colocá-la?— Ela bateu na mesa com suas mãos, espalhando seus dedos, e então se levantou antes de se posicionar na frente de sua mesa.

Depois de alguns minutos de silêncio, a Rainha disse —Como você sabe, o regime educacional de uma Afiliada é o aspecto mais importante de sua vida na Primeira Classe. Você se tornará uma especialista no que for decidido, e você fará uma grande contribuição para Byern. Como sua Receptora, é meu trabalho encontrar um posicionamento adequado para sua carreira... Em algum lugar onde você florescerá. — Ela deu um sorriso irônico. —Para sua sorte, meu marido falou comigo sobre você esta manhã.

—Ele fez?— Cyrene falou. Sua boca se abriu, e seus olhos azuis alargaram. *Por que o Rei falaria em meu benefício?*

—De fato ele fez — disse a Rainha Kaliana. — Você age surpresa.

—Peço desculpas, Rainha Kaliana mas não é um ato. Não faço ideia por que o Rei Edric teria falado de mim ou sobre mim.

—Embora eu tenha certeza de que isso é verdade — a Rainha disse como se não acreditasse nisso — ele ainda me falou sua opinião a respeito de seus deveres de Afiliada. Ele mencionou que você tem uma grande afinidade com o tempo, até mesmo sugerindo coisas heréticas como a previsão.

O rosto de Cyrene embranqueceu. *Oh não!*

—Não nega isso?

—Não, Sua Majestade — Cyrene começou com cuidado. — Eu mencionei isso para o Rei, mas foi em tom de brincadeira.

—Isso seria uma qualidade útil.

Só se eu quiseser ser queimada por bruxaria ou expulsa por loucura...

A Rainha se dirigiu para um lindo gabinete em pé. A metade superior foi forrada com prateleiras e coberta por vidro para proteger os inestimáveis artefatos que estavam dentro. A metade inferior estava coberta com portas de madeira maciça e salientes maçanetas redondas em cada uma.

A Rainha Kaliana abriu uma porta para revelar uma pilha de papéis com mais trinta centímetros. Ela tirou os papéis soltos para fora do gabinete e os carregou pela sala. Ela estremeceu sob o peso dos documentos.

Cyrene saltou para seus pés. — Você precisa de ajuda, Minha Rainha?

—Sente-se — ela ladrou.

Cyrene quase caiu para trás na cadeira. A Rainha largou os papéis em um espaço vazio em sua mesa com um suspiro de alívio. Os papéis eram negros em algumas as bordas, e outras peças pareciam pedaços.

A Rainha Kaliana olhou nos olhos azuis de Cyrene, pesquisando.

Pelo quê, Cyrene não fazia ideia. Ela desejou que Rhea estivesse aqui por força ou para ajudá-la a determinar o que estava prestes a acontecer.

—Tomei os desejos do meu marido em consideração — ela começou.

Cyrene sentiu vontade de se afundar no assento.

—Além disso, depois de olhar para as diferentes posições que

recentemente abriram, vim a uma decisão.

O peso do Juramento de Aceitação que Cyrene tinha feito somente ontem de manhã já estava pesando em seus ombros.

—Uma das mais confiáveis e mais antigas Afiliadas entre nós, Afiliada Lorne infelizmente faleceu. Ela trabalhava em seu campo por mais de setenta anos. Infelizmente, a casa de Lorne foi queimada inteira antes que se pudesse recuperar o trabalho de sua vida em sua residência. Esta pilha aqui... — Rainha Kaliana colocou a mão sobre a enorme pilha de papéis. — é uma das quatro que fomos capazes de recuperar antes que o fogo consumisse tudo. Você irá ler tudo que a Afilida Lorne deixou para trás e escreverá um relatório detalhado sobre as descobertas dela... Se for o caso.

—Qual foi o seu trabalho em vida? — Cyrene perguntou com cautela.

A Rainha Kaliana sorriu. —Agricultura estrangeira.

O coração de Cyrene afundou. Se ela estava presa na agricultura por toda a sua vida, então ela nunca poderia ir embora. Ela nunca veria o mundo. Todos os seus sonhos de viajar foram quebrados diante de seus olhos. Isto não podia estar acontecendo. Ela deveria ser uma Embaixadora.

—Minha Rainha, tem certeza que a *agricultura* é o melhor uso de minhas habilidades? — Cyrene perguntou, tentando soar confiante. —Você não acha que eu seria melhor servida em algum outro campo?

A Rainha bateu a mão na pilha, amassando o papel que estava no topo. O rosto dela se tornou uma carranca severa, sua boca amontoando e os olhos fervendo. —Você ousa contradizer o que eu decidi?

—Não. Claro não, Sua Majestade.

—Eu pensei que não.— Ela soltou o papel de sua mão. —Suas *habilidades* serão melhor utilizadas no campo que eu escolhi para você, e você não receberá um treinamento complementar até completar a tarefa que estabeleci para você. Você entende?

—Sim, Minha Rainha, — Cyrene disse, encontrando o olhar da Rainha. —Compreendo perfeitamente.

Ela entendeu que a rainha por alguma razão se sentiu ameaçada por ela. Ela entendeu que a Rainha não gostava que seu marido falasse em favor de alguém, e ela claramente pensou que isto era algum tipo de punição por ele

fazê-lo. Ela entendeu perfeitamente que isto era um meio para tirá-la do caminho.

Mas Cyrene não seria colocada de lado tão facilmente.

Ela deveria ver o mundo, e iria encontrar uma maneira de fazer isso, de uma maneira ou de outra.



A MORTE



As mãos de Cyrene estavam sangrando de novo quando ela conseguiu voltar para seus aposentos.

A Rainha a tinha feito cambalear para lá sob o peso da enorme pilha de papéis. Ela tinha quase caído de cabeça em dez pessoas diferentes somente dentro da sala da rainha, para não mencionar, o número de pessoas que finalmente tinham acordado e estavam passeando pelo castelo.

Nos próximos dias, o castelo estava ocupado com a morte do Conselheiro Zorian e os preparativos para o seu funeral, que todos do castelo foram obrigados a comparecer. Cyrene passou o tempo anterior a isso para tentar recolher qualquer coisa de valor dos destroços do trabalho de vida da Afiliada Lorne e aprender o seu caminho ao redor do Castelo Nit Decus. Em algum momento, ela voltou para o seu quarto para encontrar três pilhas de papelada restantes lá que servos trouxeram, e ela se desesperou sobre nunca conseguir terminar.

Um dia, em seu caminho de volta para seu quarto, Cyrene encontrou Maelia esperando por ela no corredor. Cyrene tinha estado tão ocupada com seus estudos que ela tinha esquecido da sua promessa para a garota, a única amiga que ela tinha feito no castelo.

—Cyrene,— Maelia disse em saudação. —Eu tenho procurado você.

—Olá, Maelia. Não te vejo em dias.

Maelia assentiu —Eu estive... Presa. Vou lhe contar tudo sobre isso.

Cyrene andou ao lado de Maelia o restante do caminho para seus aposentos. Cyrene abriu a porta e descobriu que suas coisas finalmente havia chegado de casa. Livros alinhados na estante uma vez vazia, jóias penduradas uma caixa aberta e uma infinidade de roupas explodindo de seu guarda-roupa.

—Vejo que você recebeu todas as suas ordens.— Maelia olhou as centenas de pedaços de papel devidamente arrumados sobre a mesa da sala de estar. —O que foi decidido?

—Divisão de agricultura estrangeira.— A última coisa que Cyrene queria discutir era sua pesquisa maçante. Ela andou até a estante e passou pelos títulos.

—Oh.

—É tão ruim quanto parece.— O dedo dela pousou no livro que estava procurando, e ela o tirou da prateleira. Ela olhou para o símbolo engraçado que era uma árvore com ramos faltando de um lado.

—Vai ficar melhor. A primeira semana é a mais difícil.

Cyrene abriu o volume misterioso e viu que Elea tinha acrescentado uma nota no interior.

PERGUNTE POR BASILLE SELBY NO LAELISH.

Interessante. Bem, pelo menos ela tinha algum tipo de ponto de partida.

—Então, o que te levou embora?— Cyrene fechou o livro e o substituiu na prateleira. O livro com suas palavras estranhas a deixou nervosa de novo. Ela tinha um estranho desejo de escondê-lo sob o chão quando Maelia saísse.

Ela se virou de volta para Maelia e a encontrou mastigando o lábio inferior, os olhos lacrimejantes.

—Você está bem?

—Sim. Desculpa. Sinto-me tão dividida... — ela olhou para a porta fechada— entre a Rainha e a Consorte. Não devia dizer nada, mas não sabia com quem falar.

—O que aconteceu?—

—Não é óbvio? A Rainha é minha Receptora. Eu deveria querer fazer o

que ela ordena, mas a Consorte me procurou para trabalhar com ervas medicinais. Eu me encontro... Inclinada para a Consorte e as tarefas solícitas para mim. Você já se sentiu de tal maneira? — Os olhos cor de avelã de Maelia alargaram.

— Sim, eu sei perfeitamente o que você está descrevendo. Sente-se, e eu vou servir um pouco de chá.

Uma pontada de ciúmes acertou Cyrene com o pensamento de Maelia trabalhando para a Consorte, mas rapidamente passou. Ela deve merecer se estava recebendo o privilégio.

Poucos minutos depois, uma serva correu para o quarto com uma bandeja de prata, um bule de chá ainda fulmegantes e um par de xícaras com pires combinando. Cyrene agradeceu a mulher e serviu a sua amiga um pouco de chá da chaleira.

Maelia agradeceu a ela, e depois de deixar a bebida esfriar, bebeu calorosamente da xícara. Uma vez que ela parecia confortável outra vez, começou a falar — Fui criada em um lar militarista. Ambos os meus pais estavam na Guarda Real. Um Receptor é seu comandante. Você segue as ordens perfeitamente e sem questionar. Uma ordem não é diferente da outra.

Cyrene não podia imaginar tal vida — nunca questionar, nunca sentir a liberdade da sua vida desde que esta é constantemente moldada para você.

— Este mundo aqui é muito diferente. A Corte não é o que eu esperava. A Rainha espera que eu trabalhe como assistente do Tesouro, como se eu tivesse mais do que algumas moedas de cobre em meu nome na minha vida.

— Talvez seja por isso que ela confiou em você com isso, — Cyrene ofereceu.

Maelia suavemente abanou a cabeça, os tufos de cabelo loiro quase branco roçando contra seu rosto jovem e arredondado. — Não pretendo entender a mente da Rainha Kaliana. E se esse fosse o rumo correto, então por que me encontro apreciando meu treinamento medicinal sob a orientação da Consorte Daufina mais do que jamais apreciei no tesouro?

— Bem, eu quis viajar pelo mundo por toda a minha vida, e agora, estou presa com isso. — Cyrene espalhou suas mãos para Maelia ver as pilhas e pilhas de papéis, que tinha que atravessar. — Não tenho certeza de que nós somos atribuídos a um programa que nos convém completamente.

Acho que estamos destinados a nos adaptar, assim como você está se adaptando. Não há nada de errado com isso.

Maelia parecia pesar as palavras de Cyrene enquanto bebia mais do chá. Ela mastigou um pouco seu lábio inferior de um jeito que fez Cyrene pensar em Elea.

—Você não tem que aceitar isso de repente — disse Cyrene. Ela sabia que levaria muito tempo para aceitar ser rebaixada para a divisão agrícola. Na verdade, ela não tinha certeza de que estaria bem com isso. —Que tal nós agendarmos um horário para ir ver a cidade para tirar sua mente disso?

Maelia assentiu com a cabeça. —Eu gostaria disso.

Todos no castelo receberam dois dias de folga antes do funeral do Conselheiro Zorian. Cyrene teria preferido continuar a trabalhar em sua tarefa, mas ela e Maelia tinham concordado em irem para a cidade.

Enquanto esperava no quarto por Maelia antes delas saírem, Cyrene tirou o livro com a capa de couro do seu novo esconderijo sob o chão do quarto dela. Ela se sentia inquieta sobre o ter nas mãos, mas ela esperava obter respostas do vendedor ambulante de quem Elea tinha dito que comprou o livro.

Por que sou capaz de ver as palavras quando Elea não conseguiu? Talvez se ela tentasse lê-lo, saberia o que dizia, e então poderia partir daí.

Tomando um assento no sofá em seus aposentos, ela abriu o livro em seu colo. Ela inalou profundamente e olhou para baixo para as páginas bonitas. Cyrene nunca tinha visto nada igual. Algo exigente puxava na parte de trás de sua mente, mas por sua vida, ela não sabia o que naquele texto era familiar. Seus medos estavam rastejando em seu redor. Desde que Elea não tinha sido capaz de ver as palavras, Cyrene acreditava que havia algo de... Errado com ela. *O que isso poderia significar?*

Seus olhos percorreram a página, se perguntando o que a linguagem secreta desbloquearia. Suspirando, ela ponderou quanto tempo tinha antes de Maelia aparecer. Provavelmente ainda tinha vinte minutos. Cyrene deu de

ombros e focou em tentar decifrar a primeira frase.

Um segundo depois, Maelia correu para a sala, quebrando a concentração de Cyrene. Cyrene fechou o livro, não querendo correr o risco de Maelia vê-lo.

—Desculpe, me atrasei,— ela disse com um bufo. —Fiquei presa no corredor. Você está pronta?

Atrasada?

Hã. Cyrene pensou que tinha vinte minutos. *Estranho.*

Ah bem.

—Sim, vamos sair.— Ela apressadamente colocou o livro em sua bolsa e seguiu Maelia pela porta.

Elas percorreram seu caminho para fora das Videiras e através dos corredores principais, seguindo em direção do pátio do estábulo. Enquanto se aproximavam cada vez mais da entrada, notaram que as Afiliadas estavam agrupadas. Cyrene reconheceu um das garotas como Jardana, mas ela não conhecia suas três amigas. Maelia e Cyrene compartilharam um olhar confuso e se moveram para mais perto do grupo para ouvir.

—É isso mesmo. A morte do Conselheiro Zorian não foi um acidente. Foi assassinato!— Jardana exclamou.

—Mas quem eles acham que fez isso?— perguntou outra Afiliada.

—A Rainha quer que todos saibam que estamos perfeitamente seguros e eles arrumarão toda esta bagunça, mas sei que levaram o Conselheiro Ahlvie para interrogatório. Foi ele quem encontrou o corpo.

Ahlvie? Não, isso não faz sentido. Ele a ajudou quando ela saiu da cerimônia do guerreiro. Então, novamente, ele tinha sangue respingado nele, e suas roupas estavam cortadas.

Ela ficou pálida com o pensamento.

Cyrene puxou Maelia para longe das outras Afiliadas.

—O que você acha sobre o assassinato do Conselheiro Zorian?— Maelia perguntou.

—Eu não sei. Eu estava com Ahlvie naquela noite —admitiu Cyrene.

—O que? Você estava?

—Sim. Ele me mostrou como chegar aos meus aposentos. Eu nunca suspeitei...

—Você tem que contar a alguém, Cyrene!

Cyrene suspirou. —Você acha? Eu não queria me envolver.

—Mas e se ele trazer à tona?

—Então, se eu for levada para responder perguntas sobre isso, vou responder honestamente, claro. Espero que tenha sido tudo um acidente — Cyrene disse quando chegaram no pátio do estábulo.

—Eu também. A Guarda Real sempre disse que a morte era uma infeliz necessidade que nunca deve ser levada levemente. Eu rezo para que a Criadora carregue a alma do Zorian pacificamente de sua vida.— As bochechas da sua amiga coraram.

Cyrene assentiu. —Como Ela sempre faz.

Ainda assim, ela se perguntou o que estava acontecendo com Ahlvie se ele estava sendo acusado de assassinar Zorian. Uma intuição lhe disse que ele não tinha feito isso, e ela sempre confiou nessa intuição. *Mas o que realmente sei sobre Ahlvie de qualquer forma?*

O sol bateu em cima delas quando tiraram os cavalos de Cyrene do pátio do estábulo do castelo indo para a cidade. Maelia pegou emprestado seu cavalo marrom, Astral, enquanto Cyrene pegou o seu malhado, Ceffy. O par trotou prazerosamente para fora dos portões do castelo e para o caminho de pedras que levava para o centro da cidade.

Cyrene as levou para o caminho principal, passando pelas casas de pedra da Primeira Classe ao longo do caminho. Ela apontou algumas das grandes casas de pedras, como a de seus pais, que abrigavam os cidadãos mais ricos nelas. As casas tornaram-se menores e mais próximas uma das outras enquanto se aproximavam do segundo nível da cidade. A multidão cresceu, empurrando Maelia para mais perto de Cyrene. Então, elas entraram na estrada principal, e o caminho aumentou consideravelmente.

—Esta é a Broad Street, nossa maior avenida para o Mercado Laelish — Cyrene disse.

Guardas passaram por elas. Seus peitorais de couro estavam em honra com as chamas douradas de Dremylon, um D escrito atravessando seus corações e lâminas de aço com um emblema correspondente penduradas em seus lados. Mulheres e homens chamando uns aos outros de passagem, arrastando seus filhos atrás deles enquanto os impediam de mergulhar as mãos nos estandes de doces. As placas gigantes anunciavam pousadas e tavernas.

Cyrene guiou seus cavalos atrás da bem estabelecida Pousada Winespring, um edifício de pedra resistente com uma cachoeira de vinho exibida na placa pendurada na frente. Ela jogou ao cavaleiro algumas moedas de cobre para cuidar de seus cavalos.

Uma vez que o rapaz segurou as rédeas de Astral e Ceffy, as meninas deixaram o estábulo e andaram para a Broad Street. Seu primeiro destino foi uma casa de dois andares simples fora o trecho principal. Nenhum sinal decorativo pendurado na porta. Nenhum anfitrião acolhedor explodiu da entrada após a sua chegada.

Cyrene subiu a pequena escadaria da porta principal do edifício e bateu duas vezes. Não mais do que um minuto depois, uma mulher apareceu na porta e franziu a testa quando viu Cyrene.

—O que você está fazendo aqui, menina? — Lady Cauthorn perguntou.

—Eu vim para uma encomenda, claro — Cyrene disse. —Lady Cauthorn, essa é a Afiliada Maelia. Maelia, esta é minha costureira, Lady Cauthorn.

—Como é que você está? — Maelia disse.

—Sim. Sim. Tudo bem. Entre então.

As meninas seguiram Lady Cauthorn para uma sala de estar. Um assistente se apressou com um bule de chá e algumas tortas da cozinha.

—Me fale sobre essa encomenda.

—Fiz uma lista — Cyrene disse.

Ela tirou uma folha de pergaminho da bolsa e a entregou para a costureira, que leu os itens listados.

Cyrene queria oito vestidos novos, um vestido de baile no mesmo design do seu traje de Apresentação, três vestidos de seda do dia-a-dia

com bordado, dois vestidos em um algodão resistente, e duas roupas de equitação com saias-calças. Ela disse ao Rei que encomendaria um novo guarda-roupa, e ele veria que seria feito.

—Tudo bem — Lady Cauthorn disse depois de um momento. —Exijo metade do pagamento adiantado. Eu vou ter tudo terminado em quatro meses.

—Você não consegue fazer mais rápido?

—Oito vestidos novos e quatro são em seda com bordado completo. — Lady Cauthorn foi assinalando em seus dedos. —Você vai ter sorte se for feito em três.

A boca de Maelia se abriu. —Para que você precisa de tudo isso, Cyrene?

Cyrene não queria contar a Maelia seu raciocínio ainda, que ela estava fazendo em parte por causa do Rei e em parte porque ela queria roupas de equitação práticas no caso dela ser capaz de viajar. Também não era uma coisa para compartilhar com alguém que ela tinha conhecido recentemente.

—Eu sei que você pode fazer isso mais rápido. Quero-os para a corte. Preciso fazer uma boa impressão —disse Cyrene. —Seis semanas.

—Cyrene — Maelia sibilou.

Lady Cauthorn abanou a cabeça. —Só para você, garota. Não se esqueça daquele favor.

Cyrene engoliu e assentiu com a cabeça. Ela não tinha esquecido, mas o olhar no rosto da Lady Cauthorn a fez pausar. *O quanto vou me arrepender da promessa destes favores?*

—Não me esqueci.

—Bom. Então, seis semanas será viável para todos, exceto para o vestido de baile. Terá que ser suficiente para esse vir depois.

—Eu entendo. Obrigada.

Ela ouviu a Lady Cauthorn murmurar alguns comentários desagradáveis quando ela e Maelia saíram da casa, mas Cyrene os ignorou. Ela tinha conseguido o que queria, afinal.

Cyrene e Maelia voltaram para a Broad Street e então se aproximaram

da entrada para o Mercado Laelish. Um círculo interior e exterior das barracas multicoloridas foram colocadas coladas uma nas outras e os clientes se ocupavam na localidade densamente povoada. Objetos de vários tamanhos, formas e funções repousavam sobre mesas, colocados em carroças e pendurados em saliências que bloqueavam o sol. O estandarte real pendurava de um mastro alto no centro do mercado. O cheiro de peixe fresco atingiu suas narinas juntamente com o suor da multidão em torno delas. Verão já estava escaldante, e o calor irradiando para fora do Deserto Fallen atravessava a cidade.

Elas escolheram o seu caminho através da multidão, parando em quase todas as lojas ao longo do caminho. Enquanto isso, Cyrene procurava Basille Selby, o comerciante que Elea alegou ter vendido o livro misterioso.

Cyrene caminhou por um casal discutindo os méritos de vários tipos de folhas de chá quando alguém roçou no ombro dela. Ela se virou rapidamente para certificar-se de que ninguém havia tentado roubá-la, mas ela não viu ninguém suspeito. Ela checou a sua bolsa, e tudo ainda estava lá. Quando ela começou a andar novamente, alguém sussurrou algo para ela, mas ela não conseguiu decifrar. Ela rodou mas não encontrou ninguém perto o suficiente dela.

O que em nome da Criadora?

Passando por um grupo de comerciantes de Carharan balançando jóias em sua direção, ela ouviu o sussurro mais uma vez. Como uma idiota, ela fez um círculo completo no meio do mercado.

Nada.

Algo sobre este isso parecia... Errado. Fez os pêlos na parte de trás do seu pescoço se levantarem, e seu pulso acelerou, ela de repente não se sentia segura de estar no mercado com Maelia enquanto um assassino estava à solta. Talvez não fosse seguro fora da corte, afinal.

—Maelia... — Cyrene pegou o braço dela quando ela saiu da tenda ao lado — Sinto que... Alguém está me seguindo.

Os olhos do Maelia se alargaram como pires. — Você quer ir embora?

Cyrene olhou ao redor para a multidão mais uma vez, mas ainda não viu ninguém. — Só preciso ver mais uma tenda.

—Tudo bem. Eu vou esperar por você nesta então.

Cyrene assentiu com a cabeça e em seguida checkou uma das últimas tendas com pressa.

—Com licença, — ela gritou ansiosamente.

Um homem bastante volumoso com cicatrizes nas suas mãos e braços bronzeados parecendo couro estava sentado em uma cadeira. Ele tinha mechas cinzas tocando suas têmporas, mas seus olhos estavam sempre vigilantes.

—Olá. Desculpe incomodar, mas eu estava procurando Basille Selby. Você o conhece?

—Foi para você? — ele falou no seu forte sotaque Eleysian.

—Mestre Selby recentemente me vendeu um livro, e eu tinha algumas perguntas sobre isso.

—Ele não aceita devoluções se é atrás disso que você está.

—Não, não, não quero devolver o livro. Desejo falar com ele.

—Ele não está aqui. Ele foi para Levin. Disse que a colheita está boa — disse o homem.

—Sabe quando ele vai volta?

Ele encolheu os ombros. —Algumas semanas. Ele diz estar de volta quando ele voltar.

—Maravilhoso — Cyrene murmurou secamente. —Obrigada por sua ajuda.

Quando ela saiu, tentou estar aliviada por não voltar de mãos vazias. Ela estava determinada a retomar para encontrar Basille Selby assim que pudesse, e com sorte, ela receberia algumas respostas sobre este maldito livro.

—Encontrou alguma coisa?— Maelia perguntou quando Cyrene reapareceu.

—Nada. Pronta para ir?

Com olhos animados, Maelia olhou ao redor do mercado mais uma vez, o absorvendo, e então ela assentiu com a cabeça.

As meninas pegaram seus cavalos e então trotaram de volta para o

terreno do castelo.

Tão logo Cyrene entregou as rédeas na mão de um cavaleiro, um guarda apareceu diante delas.

— Afiliada Cyrene?

— Sim, — ela disse, dando um passo à frente.

— Rei Edric pede para falar com você.

— Qual é o assunto? — ela perguntou. Ansiedade lhe acertou no estômago.

— Assassinato do Conselheiro Zorian, — ele disse. — Por favor, siga-me.

Cyrene viu que o rosto chocado de Maelia refletia o dela. O guarda tinha confirmado o que tinham ouvido falar mais cedo.

Assassinato.



A ACUSAÇÃO



—Honestamente, Vossa Majestade, acha que sou idiota?— Ahlvie perguntou em exasperação.

O Rei Edric suspirou e virou a cabeça para longe de Ahlvie. Com impaciência, ele bateu o pé. Frustração estava escrita em cada linha do seu rosto.

Príncipe Kael simplesmente parecia pronto para socar Ahlvie. Isso, pelo menos, Ahlvie poderia lidar. Ele tinha estado em brigas antes.

No entanto, esta acusação absurda sobre Zorian... Bem, Ahlvie não sabia ao certo o que fazer, exceto continuar a rejeitá-los.

—Sim. Sim, nós achamos — Príncipe Kael resmungou.

Ele atravessou a sala e bateu as mãos nas laterais da cadeira de Ahlvie. Seus olhos azul-acinzentados eram ameaçadores, mas Ahlvie riu na cara dele.

—Achou algo engraçado?

—Toda esta situação na verdade.

—Zorian era um bom homem, e agora, ele está morto por sua causa.

—Kael — Rei Edric disse bruscamente —é o suficiente. Precisamos de provas antes de nós podermos incriminar o Conselheiro Ahlvie.

Príncipe Kael se afastou de Ahlvie. —Ele trouxe Zorian. Ele não tem um álibi, e um servo encontrou suas roupas rasgadas e sangrentas. Quanto mais provas precisamos, Edric?

Ahlvie levantou um dedo para interromper. — Eu tenho um álibi.

Rei Edric arrastou a mão pelo rosto. — Vamos começar do início, Ahlvie. Onde você estava ontem à noite? Quem estava com você? O que você fazia?

— Como eu disse antes, eu saí para a cidade, como eu faço na maioria das outras noites. Saí pela saída lateral dos aposentos dos Conselheiros em torno da meia-noite. Dois guardas me viram sair, Maurus e Brenner. Eu estava no Howling Raven, jogando dados e encontrando uma dama que eu gosto. Pode falar com as pessoas lá para confirmar isso.

— Sim, enviaremos alguém para lá — disse o Rei Edric.

— Enfim, um homem me acusou de trapaça.

— Você estava? — Príncipe Kael interrompeu.

Ahlvie atirou-lhes um sorriso cheio de dentes. — Nunca o faria.

Príncipe Kael soltou sua respiração. — Certo.

— Continue — disse o Rei Edric.

— Tudo bem. Entramos em uma briga. Ele me apontou uma faca, o que explica a condição de minhas roupas. Voltei tarde através do portão, e eu desmaiei no estábulo.

— Alguém pode atestar onde você estava, desde que deixou o Howling Raven até que você relatar encontrar Zorian? — O Rei Edric perguntou.

Ahlvie suspirou e afundou-se ainda mais em seu lugar. — Tudo isto é uma loucura. Estive na corte por mais de um ano. Por que de repente começaria agora a matar pessoas?

— Isso é o que estamos tentando descobrir — disse o Príncipe Kael. Ele cruzou os braços e olhou para baixo de seu nariz para Ahlvie.

— Se eu matei um cara, acha que seria estúpido o suficiente para apresentar as provas? Estou na Primeira Classe porque eu sou um gênio. — Ele deu um sorriso presunçoso. — Eu não iria escorregar de repente e fazer algo tão estúpido. Quem matou Zorian era desleixado ou queria ser encontrado.

— Exatamente o que o assassino diria — disse o Príncipe Kael.

— Você está perdendo seu tempo! — Ahlvie gritou.

Ele inclinou-se na cadeira e descansou os cotovelos sobre os joelhos. Ele não se importava quanto tempo o mantiveram aqui. Ele não ia de repente confessar um crime que não cometeu. Não pensava que o Rei sequer acreditava que ele tenha feito isso. Eles só precisavam de alguém para culpar.

—Pode ser — O Rei Edric admitiu. —Mas primeiro, responda a pergunta. Você viu mais alguém depois que supostamente saiu para os estábulos?

—Okay. Tudo bem. Sim, eu vi a nova Afiliada. Qual é o nome dela?

—Cyrene?— Rei Edric e Príncipe Kael perguntaram quase ao mesmo tempo.

—É essa.

Seus olhos se encontraram, e algo se passou entre eles. Se Ahlvie não soubesse melhor, diria que era quase... Ciúme. Mas enquanto o Príncipe dormiu com quase todas as Afiliadas que entraram, o Rei normalmente as evitava. Ahlvie queria saber se eles estariam olhando uns aos outros assim agora se tivessem visto o rato afogado vagando em torno do pátio do estábulo antes que ele a tivesse ajudado.

—O que ela estava fazendo fora na noite de sua Apresentação?— O Rei Edric perguntou. Suas mãos formaram punhos em seus lados, e ele ignorou descaradamente o olhar duro de seu irmão.

Ahlvie deu de ombros e analisou os dois com interesse. —Não faço ideia. Eu não fiz perguntas. Só a ajudei a voltar para seus aposentos, mudei minhas roupas, conversei com Reeve por um minuto e depois saí.

—Conselheiro Reeve? Irmão de Cyrene?— O Rei Edric perguntou.

—Sim, claro.

O Rei suspirou pesadamente. —Nós teremos que trazer os dois para confirmar isto. Kael faça um guarda trazê-los e mande alguém até o Howling Raven para inquirir sobre o jogo de dados de Ahlvie.

O Príncipe olhou ao comando do seu irmão, mas ele saiu do quarto sem dizer uma palavra.

—Esperemos que tudo isso se mantenha — Rei Edric disse para Ahlvie com franqueza.

—Que serviria para mim mentir?

—*Isso é uma excelente pergunta e pretendo obter uma resposta para ela.*



O QUESTIONAMENTO



Cyrene se arrastava atrás do guarda. Assim que ela tinha ouvido Jardana falando sobre como Ahlvie de alguma forma estava envolvido na morte do Conselheiro Zorian, Cyrene sabia que seria convocada.

Foi um acaso completo ela ter encontrado Ahlvie nos estábulos naquela manhã. Ela tinha estado tão feliz quando ele se ofereceu para ajudá-la a voltar para seus aposentos após a cerimônia do guerreiro. Era difícil acreditar que o homem que tinha vomitado ao seus pés de intoxicação teria tido suficiente coerência ou premeditação para assassinar alguém. Ele parecia um candidato pouco provável, mas ela esperaria para julgar depois de ouvir o que ele contou o rei.

O guarda finalmente parou em frente de uma porta de madeira lisa onde mais dois guardas estavam em posição. —Aqui está, Afiliada.— Ele abriu a porta e se inclinou para dentro. —Afiliada Cyrene chegou.

—Deixe-a entrar — Rei Edric falou.

Abriu o restante da porta e a permitiu passar. Cyrene entrou em uma sala retangular sem decoração, exceto por algumas cadeiras de madeira dura e uma pequena janela quadrada.

O Rei se sentou regamente, de frente para cadeira solitária. Príncipe Kael ficou contra a parede. Ele seguiu todos os seus passos enquanto ela deslizava para dentro e fazia uma reverência.

—Suas Majestades.

— Afiliada Cyrene — o Rei Edric disse com um largo sorriso.

Seus olhos azul-acinzentados descansaram no rosto dela, e seu coração balançou. *Como posso estar tão nervosa sobre a investigação e ainda ter essa onda de eletricidade me atravessando com sua proximidade?*

— Cyrene — Príncipe Kael disse.

Ela se assustou com o tom familiar, e seu olhar se dirigiu para o rosto dele. Seus lábios estavam pressionados em uma linha firme, mas ele leu atentamente o rosto dela com uma intimidade que era perturbador.

Ela voltou sua atenção para o Rei Edric.

Ele fez um gesto na sua frente. — Por favor, sente-se. Isso não deve demorar muito.

Cyrene cruzou a sala e afundou-se no banco de frente para o rei. Ela cruzou os pés no tornozelos e levemente descansou as mãos no colo. Ela queria parecer relaxada, não tão estressada como se sentia.

O Rei Edric começou falando — Queremos aliviar sua mente sobre as circunstâncias. Nós só vamos fazer algumas perguntas sobre seu paradeiro desde que se tornou uma Afiliada.

— Tudo bem — ela disse incerta.

— Se importa de nos dizer onde estava a noite e na manhã depois de seu baile de Apresentação? — O Rei Edric perguntou.

Ela espiou para o Príncipe Kael e então para baixo para suas mãos entrelaçadas. Suas bochechas esquentaram. Ela tentou desesperadamente não pensar sobre o Príncipe a acompanhando de volta para o seu quarto e pressioná-la contra a parede com seus lábios e mãos sobre ela, mas isso só a fazia pensar mais nisso.

Os olhos do Rei Edric se moveram de Cyrene para Príncipe Kael e depois de volta para ela. Ela engoliu e ignorou o sorriso do Príncipe.

A porta se abriu naquele momento, salvando-a de responder.

— Edric! — Rainha Kaliana gritou.

— Kaliana? — o Rei disse, sua voz segurando um pouco de confusão.

Todos os traços de que a Rainha tinha corrido até aqui de repente foram retirados do seu rosto enquanto ela fluía pela sala. — Estou aqui

para o interrogatório da Afiliada, pois tenho certeza que você não ia fazê-lo sem seu Receptor presente — disse a Rainha Kaliana.

Afundou-se sem esforço no assento ao lado do Rei Edric, que olhou perplexo para sua aparência.

— Edric nunca faria nada sem falar com você primeiro — Príncipe Kael disse com sarcasmo o bastante para fazer a Rainha Kaliana estreitar os olhos para ele.

O Rei Edric cortou — Tínhamos simplesmente perguntado para a Afiliada Cyrene sobre o seu paradeiro na noite e a manhã depois de sua Apresentação.

— Sim, Afiliada, diga-nos onde você estava — Príncipe Kael estimulou.

Cyrene queria olhar o Príncipe Kael, mas ela manteve a compostura. Ela não podia parecer esgotada. Era ainda mais urgente agora que a Rainha estava lá.

— Depois do meu baile de Apresentação, voltei ao meu quarto para dormir. Eu fui acordada no meio da noite e passei pela cerimônia do guerreiro.

A realza na frente dela ficou rígida.

— A cerimônia do guerreiro? — O Rei Edric perguntou cautelosamente.

— Hum... Sim — ela disse. — Fui deixada em uma plataforma no lago subterrâneo e tive que encontrar uma maneira de escapar.

— Kaliana — o Rei estalou. Ele olhou para ela com desprezo aberto. — Você disse que tinham parado.

— Eu vou cuidar disso — ela sussurrou.

— Não terei mais essas brincadeiras ocorrendo — ele disse a ela.

— Eu disse que cuidaria disso.

— Bom — ele disse com desdém.

Cyrene tentou permanecer com a aparência calma durante tudo o que tinha acabado de ocorrer. *Mas eles sinceramente disseram que o que eu tinha passado era nada mais do que uma brincadeira?*

— Uma brincadeira? — ela perguntou em descrença.

—É sabido que Conselheiros e Afiliadas pregam peças uns aos outros na noite de sua Apresentação. É quase uma iniciação em suas fileiras — explicou o Rei.

Eu poderia ter morrido naquela noite! Tudo por uma brincadeira estúpida. Só de pensar sobre fez seu sangue ferver.

—Entendo.

—Minhas desculpas, Afiliada. Por favor, continue com a sua história — disse o Rei Edric.

—É claro — disse Cyrene, encobrindo sua frustração. Então, ela recontou a história de como tinha encontrado Ahlvie no pátio do estábulo, o estado do seu traje, e de como ele a ajudou.

—Sim, mas por que ele fez isso?— Rainha Kaliana perguntou. —Ele poderia ter ajudado você com a esperança de que ele teria alguém para atuar como um álibi, depois que ele já tinha cometido o homicídio.

—Perdão, Sua Majestade, mas se tivesse visto o estado de sua embriaguez, então não acharia que ele teria a premeditação de me usar para isso. Sem mencionar que eu tinha estado lá totalmente por acaso.

—Mas — Rainha Kaliana disse, enfrentando o Rei, —Ela confirmou o estado de sua roupa, incluindo o sangue nele, e que ela não estava lá o tempo todo. Ele poderia ter matado Zorian na noite anterior e então fingido encontrá-lo na manhã seguinte.

O Rei Edric escutou sua Rainha sem dizer uma palavra e então se voltou para Cyrene. —O que você acha, Afiliada?— ele perguntou.

Cyrene engoliu. O Rei Edric estava pedindo por sua opinião sobre o assunto. Rainha Kaliana olhou para ela de uma forma que disse a Cyrene que era melhor concordar com ela, e Príncipe Kael a olhou como se ela fosse um quebra-cabeça que ele estava tentando descobrir como montar.

—Para ser honesta, não vejo como Ahlvie tinha algo a ver com isso. Na melhor das hipóteses, a evidência é circunstancial. Ahlvie e eu só nos conhecemos recentemente, mas não acho que o assassino teria mostrado o corpo.

A Rainha Kaliana levantou o nariz em desacordo, mas o Rei só acenou com a cabeça.

—Sem mais provas, eu vou ter que concordar com você. Obrigado pelo seu tempo, Afiliada. Espero que este caso esteja fechado antes do funeral do Conselheiro Zorian.

Cyrene tomou aquilo como sua sugestão para ir, e saiu da sala. Ela só tinha dado poucos passos, antes de ouvir alguém a segui-la. Ela se virou e quase saltou para fora de sua pele.

—Por que está me seguindo?— ela estalou antes de poder pensar melhor em segurar seu temperamento.

—Simplesmente vim me certificar que estava tudo bem,— Príncipe Kael disse com aquele sorriso diabólico. —Não é todo dia que se está envolvida em uma investigação de assassinato.

Ela estremeceu. —Estou bem. Obrigada.

Ele deu um passo mais perto, até que ele estava falando apenas para seus ouvidos, apesar do fato de que eles estavam quase sozinhos no corredor, —Por que não deu atenção ao meu conselho?

—Seu conselho?— Ela arqueou uma sobrancelha em questão.

—Você deixou os terrenos. Você foi para a cidade quando sabia que não era seguro.

Cyrene deu um passo para trás. —Como você sabe isso?

—Estou bem informado sobre o que se passa dentro e fora do castelo.

—Você me fez ser seguida?— Ela exigiu. *Me assustei no Mercado Laelish por nada?*

Ele sorriu, mas ignorou a pergunta. —Apenas fique na corte como uma Afiliada boazinha — disse ele, acariciando o ombro dela.

Ela deu um tapa para afastar sua mão dela, mas ele só riu.

Essa foi a resposta suficiente. Ele teve alguém a segui-la no mercado. Ela não podia acreditar. Não é à toa que ela se sentia como se alguém estivesse a observando. *Alguém tinha me observado!*

Antes que pudesse dizer alguma coisa, ele voltou para a sala de investigação, onde o Rei e a Rainha ainda permaneciam. Cyrene abanou a cabeça em descrença pela sua tarde. Ela só esperava que, depois de hoje, ela poderia colocar esse negócio todo bagunçado para atrás.

Chuva caiu em camadas sobre os Conselheiros e Afiliadas reunidos em frente ao cemitério fora dos terrenos do castelo. Cyrene tinha o capuz de sua capa erguido quando ela estremeceu no aguaceiro. Maelia ficou ao seu lado na multidão. Ela estava ainda mais pálida do que o normal e se manteve agarrada na sua capa.

O Rei Edric tinha anunciado na noite anterior ao funeral que o assassino não tinha sido localizado e qualquer um com notícias sobre a morte de Zorian deveria ser informada. Ela se perguntava o que foi feito do Ahlvie, se eles ainda o estavam prendendo, ou se ele tinha sido solto.

Enquanto um oficial sagrado entoava a linguagem sagrada sobre o corpo do Zorian, a mente dela continuou a escorregar de volta para a noite de sua cerimônia do guerreiro. Ela odiava duvidar de si mesma. Ahlvie tinha estado em mau estado, mas ela não queria pensar que alguém em que tinha confiado poderia ter feito isso.

Um leve toque no seu cotovelo a fez saltar, a tirando de seus pensamentos. Ela se virou para descobrir que ninguém ocupou o espaço vazio, e ela estreitou os olhos em confusão.

Cyrene deu um passo mais perto de Maelia e tentou sintonizar de volta para a cerimônia.

—A Criadora brilhe sobre...

Outro leve toque fez o seu coração gaguejar. Ninguém estava se movendo ao seu redor. Era como se a pessoa fluísse através das sombras da água.

—*Não lute.*

Ela estremeceu e inclinou a cabeça para a esquerda onde a voz tinha vindo. Tinha sido apenas um sussurro fraco, mas a voz a sua pele arrepiar. Tomando uma respiração profunda, ela esperou um batimento cardíaco antes de olhar para ver se havia alguém por perto. Nada se moveu, mas parecia que podia sentir os olhos nela de longe.

Ela balançou a cabeça, percebendo que só estava perseguindo fantasmas. Com toda a conversa de morte rodando em torno da morte prematura do Zorian, ela simplesmente estava se assustando. Provavelmente foi a pessoa que Kael tinha enviado para segui-la no Mercado Laelish. Essa foi a razão pela qual achou que estava sendo vigiada, e o sussurro tinha sido uma invenção da sua imaginação.

Como eu poderia possivelmente ouvir um sussurro sobre o som da chuva batendo em mim?

Ela deu mais um passo para a sua direita até que sua capa estava roçando Maelia, para que pudesse sentir a segurança de outro corpo perto dela.

Cyrene passou o resto da cerimônia com a cabeça inclinada, falando com A Criadora para levar paz para Zorian e ignorando a sensação de formigamento na parte de trás do pescoço.

No final do funeral, a multidão dispersou pelo caminho ao longo da encosta, indo em direção ao castelo.

Alguém agarrou sua capa, e ela quase pulou para fora de sua pele.

— Calma, Afiliada, — uma voz disse suavemente. — Um pouco tensa?

Ela respirava aliviada por não ter inventado uma pessoa tocando nela. — Ahlvie.

— Ao seu serviço.

— Estou um pouco nervosa. Acabei de sair de um funeral.

Seu capuz estava cobrindo a maior parte do rosto, mas ela podia vê-lo acenando com a cabeça em compreensão. — Obrigado.

— Pelo quê?

— Eu sei que você disse a eles que não acha que eu fiz isso.

— Eu simplesmente disse-lhes o que acreditava ser a verdade.

— Não há muitos outros que teriam feito isso. Então... Obrigado.

Ele foi embora, e ela foi deixada para se perguntar sobre ele. *Acabei de fazer um outro amigo? Ele é um amigo que vou me arrepender de ter?*



A PESQUISA



Com toda a confusão em torno da morte do Conselheiro Zorian, Cyrene tinha tido pouco tempo para trabalhar em seus estudos de Afiliada. Então, ela caiu de cabeça nos papéis da Afiliada Lorne enquanto ainda frequentava os deveres da corte, dias festivos e compromissos com a Rainha. Após uma semana de escravidão sobre materiais agrícolas, Cyrene empurrou os papéis para longe em frustração. Ainda havia tanta coisa para fazer, mas o seu cérebro estava virando mingau.

Caminhando para o seu quarto, ela soltou o assoalho que escondia a sua carta de apresentação e o livro que Elea tinha dado a ela em seu aniversário. Ela agarrou o papel e releu a mensagem. Aralyn tinha dito que Cyrene podia falar com as outras Afiliadas sobre a carta, se necessário. Talvez fosse hora de visitá-la.

Cyrene saiu do seu quarto e depois navegou pelas Videiras, até que encontrou o quarto da sua irmã. Ela bateu na porta duas vezes... E esperou. Após vários minutos, Aralyn abriu a porta. Seu cabelo castanho caiu para a frente em seu rosto quando ela olhou para um livro.

—Posso ajudá-la?— ela murmurou.

—Aralyn, é Cyrene,— ela disse, tentando atrair a atenção da irmã.

—Oh, sim, Cyrene. Pode entrar. Eu estava esperando você? — Sem nem sequer olhar para Cyrene, Aralyn só deixou a porta aberta e recuou para dentro.

—Tudo bem,— resmungou Cyrene, seguindo ela, —você não estava me esperando, mas eu queria te fazer uma visita.

—Adorável.

—Aralyn... — Cyrene acenou com a mão no ar —posso ter cinco minutos aqui?

Aralyn suspirou e então olhou de relance para Cyrene. —Claro. O que é?

Cyrene retirou o papel de Apresentação e o entregou para sua irmã. — Eu estava pensando se você poderia me ajudar com isso. É minha carta de Apresentação.

—Deixe-me dar uma olhada.— Aralyn abriu a carta e leu o conteúdo. Ela deu uma gargalhada dura. —Isto é bobagem, Cyrene. Não perca seu tempo com isso.

—O quê?— Cyrene engasgou. —Foi você que me disse que era importante.

Aralyn devolveu o papel. —Fazia parte de um roteiro que me foi dado. Eu não encontrei nada de útil na minha carta. Você deve se concentrar em seus deveres de Afiliada.

—Então, não vai ajudar?

—Não há nada para ajudar, Cyrene. Se você quer investigar isto, vá cavar na biblioteca, mas você está perdendo seu tempo.

—Tudo bem,— Cyrene surtou.

Ela enfiou o papel volta na bolsa e saiu do quarto. Ela não podia acreditar que Aralyn tinha apenas rido dela depois de lhe dizer como era importante em sua Apresentação. Cyrene sabia que havia algo nestas cartas.

Cyrene deixou as Videiras em busca da biblioteca. Ela tinha estado dentro dos arquivos no centro do castelo várias vezes, mas ela só olhou para os volumes agrícolas.

A cabeça dela nadou com ideias quando entrou através da enorme batente da porta circular. Enchendo a sala, centenas de fileiras de vários andares de altura estavam cheias de livros empilhados até onde os olhos podiam ver. Cheirava a couro velho, papel mofado e tinta envelhecida. Ela

respirou o aroma e então decidiu começar a olhar os materiais de Apresentação.

Após uma hora de tempo perdido, ela ficou mais criativa e olhou para enigmas e suas interpretações, decifrando o significado do texto. O tempo todo, ela se perguntava se Rhea tinha descriptografado algo sobre a sua carta de Apresentação enquanto estava em Albion. Cyrene não tinha recebido nenhuma palavra de sua amiga, mas também não tinha enviado nenhuma palavra.

Pelo menos o Rei estava se preparando para a viagem da procissão para Albion, o que significava que ela iria conseguir ver sua melhor amiga novamente em breve. *Com sorte, encontrarei algumas respostas até lá.*

—Não os encontrando agora — ela resmungou para si mesma como bateu outro volume enorme de volta para a prateleira.

Com um suspiro, ela deixou as pilhas e foi em busca de uma Afiliada. Talvez alguém poderia apontá-la na direção certa.

Ela caminhou até a primeira mulher que encontrou e sorriu para o rosto familiar. —Afiliada Leslin,— ela disse em saudação para a mulher atrás da mesa maciça.

Leslin tinha estado com Aralyn na noite do baile de Apresentação de Cyrene.

—Ah, Cyrene.— Leslin sorriu acima do seu trabalho. O cabelo dela estava desgastado, e ela tinha uma mancha de tinta na ponte de seu nariz e outra no seu vestido. —Olá. Como posso ajudá-la?

—Estou fazendo algumas pesquisas sobre as cartas de Apresentação e suas interpretações. Por acaso você sabe por onde eu poderia começar? Ou talvez, você sabe quem as escreve, então posso falar com ele ou ela?

Leslin sorriu agradavelmente. —Todas as informações da carta de Apresentação que temos estão no corredor setenta e seis, seção três mil e quarenta. Sempre temos novos Afiliadas e Conselheiros entrando e fazendo perguntas sobre elas. Quanto quem as escreve, é um ancião da Primeira Classe, que já foi um Conselheiro ou Afiliada. No entanto, nenhuma reunião é permitida com o Ancião. Gostaria que eu examine a sua carta para ajudá-la?

A carta na sua bolsa era como um tijolo que a pesava. Ela não se sentia

bem a mostrando a Leslin depois de Aralyn ter rido dela.

—Não, obrigada. Eu vou continuar procurando.

—Deixe-me saber se você mudar de ideia. Eu vou estar de férias por um curto tempo para visitar minha filha no campo, então não estarei no castelo por algum tempo.

Os olhos de Leslin estreitaram consideravelmente e seu rosto uma vez agradável se tornou azedo. —Preciso desesperadamente de umas férias, com um assassino andando entre nós.

Cyrene se virou para ver sobre o que que ela estava falando e viu Ahlvie caminhando para a biblioteca. Ela mordeu os lábios com a reação de Leslin. Ahlvie não tinha sido condenado por nada. O Rei Edric tinha o deixado ir, mas Leslin estava julgando Ahlvie baseada em uma acusação.

Ele acenou com a cabeça para Cyrene quando a notou e então olhou para Leslin. Seu sorriso virou travesso, e sua juventude apareceu. Ele poderia mesmo ter sido bonito, se não parecesse que fosse causar problemas.

—Olá, Leslie!

—É Afiliada Leslin, Conselheiro Ahlvie. Há um *n* acoplado, como disse a você na última centena de vezes que pôs os pés na minha biblioteca. O que você quer?

—Ah, Leslin. Certo,— ele disse como se não soubesse. —Só passando por aqui para conseguir mais alguns livros.

—O que você fez com os outros que pegou emprestado? — Ela exigiu.

—Eu os li,— disse ele, dando-lhe um olhar vazio.

Cyrene sufocou uma risada atrás de sua mão. Ahlvie deu a Leslin outro sorriso, mas Leslin só lhe fez uma careta. Cyrene viu isso indo mal.

—Vai trazê-los de volta? — Leslin perguntou.

—Creio que sim, pelo menos os que eu não perdi.— Ele encolheu os ombros indiferente.

—Perdeu? — ela gritou. —Esses livros são de valor inestimável. Você... Você... Homem! Não é o suficiente agir como um tolo bêbado na minha biblioteca e depois matar um Conselheiro. Agora, você *perdeu* livros?

Ahlvie juntou as sobrancelhas. Ele parecia perplexo, mas houve também um toque de raiva com a acusação da qual ele tinha sido inocentado. —Eu nunca matei ninguém. Foi só um investigação,— lembrou a ela. —E, ei, não estou bêbado agora!

Leslin apontou o dedo para a porta. —Saia da minha biblioteca.

—O que? Não *pertence* a você. Estou aqui a negócios do Conselho.

—Fora!— Ela levantou e bateu a mão sobre a mesa. —E não volte até você trazer de volta os livros que perdeu, ou então não retorne.

Os olhos de Cyrene alargaram com a explosão de Leslin.

Ahlvie correu a mão pelo cabelo. —Isso é porque eu te chamei de Leslie?— Seus olhos cintilaram.

—Fora!

Ahlvie deu de ombros e começou a andar para trás. —Ótimo. Estou saindo daqui. Velha lunática.

Leslin se afundou em sua cadeira mais uma vez e cobriu a cabeça com as mãos.

—Você está bem?— Cyrene perguntou.

Ela pensou que Leslin tinha sido dura com Ahlvie, mas talvez ela estava na borda do assassinato. Ahlvie não ajudou nada por implicar com ela.

—Sim. Eu simplesmente preciso dessas férias,—ela disse.

Cyrene assentiu com a cabeça para Leslin como se ela entendesse, mas seus olhos estavam fixos em Ahlvie se retirando. Pela primeira vez, ela sentiu uma pontada de pena pelo o homem que todo mundo descartou como um bêbado.



O JARDIM DE ROSAS



—Dias festivos são muito menos impressionantes do que um baile de Apresentação,— disse Cyrene.

Poucas horas depois de seu encontro com Ahlvie e Leslin na biblioteca, a mão de Cyrene estava em torno de um cálice cheio de vinho. O Salão de baile de mármore preto foi iluminado com mil velas flutuando em candelabros acima do salão. Afiliadas e Conselheiros estavam dançando ao som do quarteto de cordas enquanto Cyrene e Maelia ficaram longe do grupo perto da lareira enorme.

—Não dancei com ninguém em todo o meu baile de Apresentação,— Maelia lhe disse com um riso amargo.

—Você ainda não dança com ninguém — lembrou Cyrene.

—Você não é muito melhor. Nos últimos três bailes, você já dançou não com um, mas alguns pretendentes e o próprio Rei. Quão terrível é estar na sua posição. — Maelia pressionou a mão na testa, como se ela fosse desmaiar.

Cyrene queria dizer a ela que era só porque tinha evitado o Príncipe Kael em cada turno, mas ainda tinha que dizer a Maelia os eventos que ocorreram. Cyrene não sabia quanto tempo mais poderia evitá-lo.

O Rei era outro assunto. Raramente ele dançava mais de uma ou duas vezes com alguém, salvo sua Rainha e Consorte, das quais ele dividiu seu tempo igualmente. Maelia parecia pensar que ele sempre escolheu Cyrene para as danças mais longas pois ele a favoreceu, mas ela não sabia se

acreditava nisso. Ela não sabia se queria acreditar nisso.

—Não tenho ideia do que você está falando. Eu não tenho pretendentes, e não recebi nenhuma atenção extra do Rei.

Maelia riu e então apontou para a pista de dança. —Como se fosse arrancado dos céus a seu pedido. Quem diria que você teria sorte o suficiente para receber uma terceira dança esta noite?

Cyrene seguiu o olhar de Maelia ao Rei obedientemente caminhando na direção delas. Sua figura estava vestida na melhor camisa de veludo. Suas botas de equitação cobriu suas calças preta ajustada até os joelhos. Um manto verde-floresta caiu de um ombro e chegou quase ao chão. Estava preso no lugar ao redor do pescoço por uma pesada corrente de ouro com elos quadrados com o selo real artisticamente concebido em cada pedaço.

Ele era bonito, frustrante, desejoso, teimoso e acima de tudo, perigoso. A sua presença a colocou no limite. Em um momento, ela sentiria uma atração elétrica em direção a ele, esquecendo completamente a sua posição e trataria o Rei assim como qualquer outro. No próximo, ela perceberia seus erros, lembraria que ele era o Rei e teria que dominar sua língua mordaz. Era uma batalha sem fim para agradar.

—Afiliada Cyrene — o Rei Edric disse com um sorriso encantador, — Espero que o dia festivo seja de seu agrado.

—Meu Rei — ela murmurou, balançando em uma reverência. —É o mais agradável como sempre. Lembra-se de minha boa amiga Afiliada Maelia, sim?

—Sim, claro — Edric disse, fazendo um show pobre ao agir como se ele se lembrasse de Maelia.

Ele tinha sido apresentado a ela mais do que um punhado de vezes, e ainda, ele não conseguia se lembrar dela. Algo nela fazia que todo mundo passassem por ela e não se lembrassem.

Para seu crédito, Maelia mergulhou em uma reverência, honrando a posição do Rei, assim como ela fingiu que não se importava que o Rei nunca reparava nela. —Sua Majestade.

Cyrene se preparou para o convite que se aproximava para dançar. Ela já tinha dançado com o Rei duas vezes esta noite, e tinha certeza de que isso

atrairia mais atenção da Rainha Kaliana.

—Você me faria a honra de caminhar comigo? — o Rei Edric perguntou.

A boca de Cyrene abriu um pouco. *Uma caminhada?* Isso era muito mais íntimo do que uma dança já que eles estariam longe do resto da corte. Ela sentiu o olhar do Rei nela enquanto esperava por sua resposta, como se ela pudesse razoavelmente rejeitá-lo, como se quisesse.

—Seria um prazer, Sua Majestade.

Ele estendeu o braço, e ela colocou a mão no interior da manga. O coração de Cyrene vibrou, e ela estava tendo dificuldade em se manter respirando. Um pedido para caminhar e ter uma audiência privada com o Rei, desimpedido pela dança, a música e outros olhos e ouvidos curiosos tornava vertiginoso. Talvez Maelia estava certa. Talvez o Rei favoreceu Cyrene afinal.

O Rei lentamente os manobrou para fora do chão de mármore para a varanda de pedra cinza e preto, com vista para o pátio interior. As trepadeiras de Byern cresceram em torno de colunas de pedra e chegaram no corrimão da escada em espiral. Fileiras de árvores de maçã totalmente crescidas alinhavam o exterior do castelo. Arbustos repletos de rosas — brancas, amarelas, laranjas, vermelhas, roxas, azuis e até mesmo um verde menta que quase as misturou com as folhas seguiam o caminho de cascalho. No grande pátio circular, uma fonte gigante esculpida ficou como a peça central, sua água fluindo livremente da boca de uma ninfa do mar deslumbrante.

—Você gosta da vista? — o Rei Edric perguntou.

—As chuvas fizeram os jardins florescem, e aquece meu coração vê-lo assim.

—É bom saber que a jardineira aprova o trabalho.

Cyrene riu levemente. —Eu não jardino faz um mês. Temo que não posso mais me chamar de jardineira.

Lembrava-se de quando ela disse ao Rei de seu interesse em jardinagem no último dia festivo quase uma semana atrás. Após essa dança, Rainha Kaliana adicionou uma lista de plantas nas tarefas de Cyrene, forçando-a a reler todas as páginas que ela já tinha passado através de informações. Ela tinha desperdiçado dois dias inteiros.

—Talvez eu possa mudar isso — ele ofereceu.

Ele a levou para as escadas e para o pátio exclusivamente iluminado pelo sol poente à distância.

O estômago dela agitou com o pensamento dele oferecendo assistência a qualquer uma das suas necessidades. Parecia com o que ela tinha lido nos seus livros infantis dos contos de Leifs e como um pedido seria necessário um sacrifício muito maior. Seu maior sacrifício no momento presente era o tempo. Ela queria nada mais do que concluir seu trabalho na agricultura e provar que ela deveria ser mudada para algum lugar que envolvia viagem e aventura.

—Pelo contrário, Meu Rei, estou totalmente encantada com meus deveres de Afiliada, e acredito que jardinagem apenas iria me distrair do meu trabalho.

—Você não pode poupar uma tarde para passear em meus jardins? — Seus olhos azul-acinzentados procuraram o rosto dela. —Se você tiver metade do polegar verde que você sugeriu, então seria maravilhoso tê-la em meu jardim.

Ela engoliu. —Tenho muito trabalho a realizar antes de ir na procissão.

—Eu poderia falar com a Rainha e solicitar que sejam diminuídos, — ele sussurrou para o ar da noite.

Foi a primeira vez que ele havia admitido falar sobre ela com a Rainha. Ouvi-lo dizer isso em voz alta fez com que sua voz saísse estrangulada. — Não!

Cyrene perdeu o pé no caminho de cascalho e tropeçou um passo para frente. Edric a estabilizou. Ele virou o corpo para enfrentá-la no meio do jardim, e o hálito dela o pegou no sol poente.

—Você não quer que eu fale com a Rainha?

—Falei fora de hora. Por favor, perdoe-me.

—Não posso perdoar o que não entendo. A Rainha de alguma forma te ofendeu?

Cyrene abanou a cabeça. —Temo que a rainha não... Gosta de mim.

Edric riu suavemente, tomando uma das suas mãos na dele. —Oh, Cyrene, acredito que a Rainha não gosta de ninguém além dela mesma.

Cyrene achou que ela, também, poderia rir de seu comentário.

—Agora, me diga o que a Rainha fez para fazer você acreditar que ela não gosta de você.

—Não é nada, Meu Rei. — Ela virou o rosto para longe dele. Ela não poderia dizer-lhe a verdadeira razão.

—É suficiente para enfurecer você, o que é suficiente para mim.

Quando ela olhou de volta nos meus olhos azul-acinzentados, ela sentiu esse mesmo puxão magnético entre eles. De alguma forma, ela não tinha percebido o quão perto estavam um do outro. A mão dele estava quente contra sua pele nua. Seu corpo estava somente algumas polegadas longe dela. O hálito dele era quente no rosto dela.

O coração dela contraiu-se no peito, mas ela se forçou a responder, — Ela fala de... De sua interferência... como se... Como se você...

Tempo esticou entre eles, e por uma fração de segundo, ela pensou que ele poderia se aproximar ainda mais dela. Ela estava enraizada no lugar, cativada pelo seu olhar.

—Sim?

A outra mão flutuou para a cintura dela, e ela de repente estava em chamas.

A respiração deles se misturaram quando ela murmurou —como se você me favorecesse.

—E você acha isso?

—Eu....

—Sim? — ele perguntou, pisando mais perto.

Ela não conseguia respirar. Ele estava tão perto. Os dedos dele puxaram seu corpo em direção a ele. Ela sentia os contornos duros do peito dele através do seu vestido fino. A cabeça dele inclinou para baixo, e ela se levantou tão ligeiramente para as pontas de seus dedos dos pés, arqueando-se até ele. Seu olhar pousou nos lábios dele, e ela sabia que a qualquer segundo ia acontecer algo que nunca poderia reverter.

—Cyrene — ele sussurrou, seus lábios quase tocando —você acha que eu a favoreço?

Os olhos dela se fecharam, mas ela não poderia impedir as palavras de se derramarem de seus lábios. — Eu acho que você tem a Sua Rainha.

O feitiço foi quebrado. O Rei Edric deu um passo para trás, e Cyrene rapidamente achou as rosas incrivelmente interessantes.

Ela não podia acreditar o que tinha acabado de acontecer. *Tinha estado o Rei prestes a... Me beijar? Eu estava prestes a deixar?* Parecia incompreensível.

— Eu vou me abster de comentar sobre você a Sua Majestade novamente — ele disse friamente. — Se você acredita que irá tornar sua vida mais fácil.

— Obrigada, Sua Majestade — ela disse. Seu coração ainda estava batendo no peito. Ela tinha certeza que ele poderia ouvi-lo. — Acredito que vai.

O Rei Edric deixou o lapso de silêncio entre eles quando se dirigiu de volta pelo caminho de rosas alinhado.

Quando eles subiram a escada em espiral para retornar para a fesa, ele a parou. — Afiliada Cyrene.

Ela olhou para seu bonito rosto inexpressivo, mandíbula forte com uma barba por fazer, cabelo escuro cortado curto e brilhantes olhos azul-acinzentados. Este sentimento florescendo entre eles era perigoso, mas ela não sabia como pará-lo.

— Sim, Meu Rei?

— Eu preferiria que você me chamasse de Edric.

Bochechas de Cyrene aquecido. Ela não podia acreditar que o Rei queria que ela use seu nome determinado.

— Claro... Edric.

Ele sorriu para ela mais uma vez antes de acompanhá-la de volta ao salão.

Cyrene caminhou até onde Maelia ainda estava ao lado da lareira em uma névoa. Maelia tinha um milhão de perguntas sobre sua incursão no pátio com o Rei. A corte estava movimentada com rumores e especulações sobre o que tinha acontecido, alguns bons como conversa ociosa e outros tão mau como cópula.

—Cópula?— Cyrene perguntou, balançando a cabeça.

—Honestamente.

—Bem, o que aconteceu?— Maelia perguntou.

—Caminhamos ao redor do jardim de rosas e falamos sobre como gosto de jardinar. Positivamente chato.

Cyrene sabia que ela estava radiante do encontro, mas ela estava muito feliz para se importa no momento.

—Certo — disse Maelia, sem ter sido convencida.

Quando chegaram seus aposentos nas Videiras, Maelia finalmente parou de atormentar Cyrene por respostas.

Depois de entrar no seu quarto e se despir para usar sua camisola, Cyrene caiu em um sono fácil. Ela sonhava pacificamente em dançar com Edric em um salão de baile vazio quando ele disse a ela para usar seu nome, tornando isso uma carícia.



A HISTÓRIA



Cyrene acordou de repente. Quando ela abriu os olhos, sua cabeça martelava, e sua visão turvou. Ela se levantou da cama e em seguida caiu para trás. Uma onda de náusea caiu sobre ela.

O que há de errado comigo? Ela certamente não tinha bebido o suficiente ontem à noite para se sentir assim.

Arrepios viajaram pelos seus braços, começando com os dedos, como se estivessem dormindo e agora estavam acordando. Os arrepios viraram alfinetadas, e em seguida a dor se mudou de seus braços para o peito, descendo para estômago e depois para as pernas, como uma onda lavando a sua pele. Ela engasgou quando finalmente passou, e ela respirava o ar estagnado e úmido.

Os olhos dela se abriram.

Ar estagnado e úmido?

Seus aposentos eram na divisão interior do castelo e não havia nada molhado sobre estar dentro de uma montanha. Ela ficou em uma posição sentada, a tontura diminuiu lentamente. Cyrene não podia ver nada no quarto escuro. Ela só sentiu a pequena cama abaixo dela. Balançando os pés sobre a borda, ela caiu na terra compacta e suave.

O que em nome da Criadora?

Este é outro teste? Edric tinha sido claro que não queria mais nenhuma brincadeira. Os nervos dela picaram. *Eu não deveria ter dito nada? São os*

mascarados me punindo por causar-lhes problemas sobre a cerimônia?

Ela pouco se importava sobre o que poderia ter acontecido com as pessoas que tinham feito isso com ela. Eles mereciam o castigo, mas ela não queria retaliação — ou pior — por falar.

Além disso, a morte do Zorian estava apenas um par de semanas atrás dela. Com o pensamento de ser outro ataque, os cabelos na parte de trás do seu pescoço ficaram de pé.

Ela notou uma fenda de luz através da sala. Ela correu para a parede e sentiu ao longo da pedra até que encontrou uma maçaneta de porta.

Ela tomou uma respiração profunda, virou a maçaneta e puxou. Esperando algum tipo de resistência, ela puxou a maçaneta mais forte do que o necessário e embaralhou alguns passos para trás quando a abriu com facilidade. O percurso em sua frente não revelou nada além de um caminho de terra coberta em ambos os lados com sebes altas, iluminadas pela lua e estrelas acima.

Colocando um pé na frente do outro, ela deixou a pequena sala para trás e andou por todo o caminho, que terminou em um portão de ferro forjado com trepadeiras serpenteando em torno do design intrincado. Ela destrancou o portão e o abriu para revelar um grande pavilhão circular.

Os arbustos bem cuidados envolviam o perímetro, deixando apenas uma saída na frente dela. O pavilhão foi criado em uma série de círculos concêntricos dos arbustos ao caminho e até o pátio de placas de mármore antes de chegar em um palanque plano. Velas de cera grossas tinham sido colocadas em um semicírculo, iluminando o pátio e lançando uma silhueta sobre quatro indivíduos.

Cyrene engoliu em seco. *Não outra cerimônia.*

Ela não podia acreditar que eles estavam prestes a colocá-la através de algo mais após a cerimônia do guerreiro e tudo o que ela teve que lidar com em relação à morte do Zorian.

Com um suspiro, ela atravessou o jardim circular até que chegou no pátio. Ela não conseguia tirar o choque de seu rosto enquanto os quatro indivíduos entraram em foco — Rei Edric, Rainha Kaliana, Consorte Daufina e Príncipe Kael. Estavam todos vestidos com o verde e dourado cerimonial de

Dremylon.

O olhar dela encontrou o de Edric.

Ele tinha sido tão gentil e charmoso nos jardins mais cedo esta noite. *Há alguma segundas intenções com ele tanto quanto seu irmão?* A situação era muito confusa.

— Afiliada Cyrene — o Rei Edric finalmente quebrou o silêncio. — Bem-vinda ao Anel dos Jardins, um lugar de paz, lealdade, dever e aceitação.

A Rainha Kaliana falou em seguida — Quando o Rei Viktor Dremylon chegou a reinar Byern, onde pertencia por direito, o Anel dos Jardins foi um lugar constante de consolo. Ele acreditava que, para realmente nutrir e cultivar os aspectos mais valiosos de seus súditos, ele precisava dar o exemplo.

— O tempo antes do sistema de Classe não é bem conhecido entre os nossos cidadãos — Consorte Daufina disse. — A Doma é a nossa história, nosso exemplo, ainda que muito do que aconteceu se tornou folclore. Este tem sido nosso para fazer. Nós propositadamente deixamos ser esquecido por todas as pessoas comuns.

Cyrene olhou para a frente, os olhos dela se alargando. Eles deixaram a história se tornar folclore *de propósito?*

— O Rei Viktor Dremylon escolheu acabar com a memória da Doma e tudo o que tinham feito para atormentar o nosso povo e nossas terras — Daufina continuou. — Ele deixou um vislumbre de um lembrete com seu herdeiro e seu mais confiável Conselheiro e Afiliadas do que poderia acontecer se permitirmos se o seu sistema de Classe caia ou se parta. Ele não queria que os líderes do nosso mundo esquecessem o que era possível sob esse tipo de reino.

— Então, o Rei Viktor deixou para seus melhores e mais brilhantes, — Príncipe Kael disse, seu sorriso característico desaparecido, seus olhos como pedra. — Ele não queria que aqueles que tinham a maior influência sobre a estrutura do regime novo esquecessem. Os estudiosos, embaixadores e inventores eram a espinha dorsal, suas Afiliadas e Conselheiros.

— De volta para o primeiro grupo de Afiliadas e Conselheiros, o Rei testou aqueles que desejavam permanecer em seu serviço — disse o Rei Edric.

O sangue de Cyrene correu frio. *É por isso que ele proibiu a cerimônia do*

guerreiro? Porque eu teria que me submeter a outro teste deste tipo?

—E ele testou as muitas qualidades que representam o Anel dos Jardins, lealdade, dever e aceitação — o Rei Edric disse severamente como se a subjugação a Doma ainda lhe doía até hoje. — Afiliada Cyrene, deseja continuar em meu serviço como uma Afiliada de Byern?

Isso é uma pergunta legítima? O pensamento de ceder a sua posição, mesmo depois de tudo o que tinha acontecido, foi dilacerante.

—Claro, meu Rei.

—Então, temos que pôr você em frente ao teste do Anel dos Jardins. Lealdade ao trono, obrigação a suas terras e a aceitação da estrutura do sistema era as três qualidades que o Rei Viktor acreditava ser exigido de um verdadeiro sujeito.

—Se você optar por continuar — Rainha Kaliana disse, —saiba que as provações podem ser difíceis. O resultado, se você falhar, pode ser tão simples como a remoção do programa de Afiliadas ou tão grave como a morte. Uma vez que você começar, não há volta.

Cyrene segurou seu queixo elevado. Ela não deixaria a Rainha assustá-la. Certamente, não poderia ser tão difícil quanto a cerimônia do guerreiro.

Ela olhou uma vez para os olhos do Príncipe Kael. Manteve a mesma expressão de pedra, mas algo nele parecia estar implorando-lhe. *O que ele está pensando?*

Ela não sabia, e não podia hesitar.

—Eu aceito.

O Rei Edric andou dois passos para o centro do pavilhão e obteve um frasco de vidro pequeno. Ele o colocou no centro de uma pequena mesa e fez um gesto para Cyrene para andar para frente.

Cyrene olhou fixamente para o líquido. Ela não podia mostrar nenhum sinais de fraqueza. No seu núcleo, ela sabia que precisaria manter-se forte, ou então certamente iria falhar.

—Haverá três testes. O primeiro é sua aceitação para começar bebendo isso, — disse o Rei Edric, gesticulando para o líquido.

—Você concorda?

—Sim — ela disse fortemente.

Ele empurrou o frasco uma fração mais perto dela.

—O que vai acontecer comigo?

—Tem uma reação diferente para cada pessoa que bebe. Se não te matar, você entrará em um outro mundo no que poderia ter sido... E talvez até mesmo do que poderia ser. É o risco de tomar — afirmou simplesmente o Rei antes de dar dois passos para atrás para ficar entre sua Rainha, Consorte e o Príncipe.

Cyrene se preparou, pegou o pequeno frasco na mão e o pesou.

Lealdade. Dever. Aceitação.

Ela tinha que beber e confiar que ele não a mataria. Ela tinha que cair da borda e esperar que tivesse uma aterragem suave do outro lado. Isto era o que queriam dela. Isto era o que tinha que lhes dar.

Ela destampou o frasco e deixou a rolha cair antes de pressionar o copo nos lábios e inclinar a cabeça para trás. O líquido desceu pela garganta e estabeleceu-se em seu estômago. Cyrene colocou o vidro ao lado da rolha e olhou para as quatro pessoas em pé na frente dela, à espera.

É suposto acontecer alguma coisa?

Em seguida, a acertou como um fogo escaldante e queimando a sua pele. Pior, era como veneno transformando o seu sangue em lama e pressionando contra as veias dela. Ela se sentiu próximo a romper. Era como se vidro afiado fosse arrastado contra todo o seu corpo.

Ela caiu de joelhos quando lágrimas saltaram aos olhos. Tudo o que ela queria fazer era gritar, mas seus pulmões não cooperavam, e ela só podia abrir a boca. Ela era uma foto de agonia e desespero estrangulado. Ela fechou os olhos e balançou para frente e para trás, se perguntando se isso nunca acabaria, se ela iria morrer.

Pense!

Tinha que haver uma explicação.

O impulso do veneno revestindo as suas entranhas fez pensar ser quase impossível. Ela tentou se instalar e ignorar a dor, mas era uma batalha constante.

O que eu estou fazendo aqui? Onde estou?

Ela não conseguia abrir os olhos para dizer. Tudo o que sentia era a agonia de que consumia que certamente seria igual a morte.

Lealdade.

A palavra apareceu em sua mente do nada, e se segurou a ela como uma pessoa se afogando, tentando alcançar uma jangada.

Ela era leal. Ela tinha bebido o frasco. Ela estava perdendo sua vida para o bem do país.

Em sua cerimônia de Apresentação, ela disse a Edric que era sua súdita mais leal. O pensamento a fez sorrir apesar da dor.

Em seguida, foi substituída pelo entorpecimento.

E então, não havia nada.

Cyrene ficou de pé na sala lateral na qual tinha sido escoltada imediatamente após sua Apresentação.

O Rei Edric sentou-se atrás de sua mesa, batendo os dedos impacientemente contra a pilha de papéis na frente dele. Consorte Daufina inclinou-se contra uma estante, impassivelmente olhando para a prateleira. Os lábios da Rainha Kaliana estavam em uma linha reta severa, e ela parecia tão firmemente enrolada como o coque na cabeça dela.

Como cheguei aqui?

Um vestido azul pálido perfeitamente confortável bordado em creme servia nela com perfeição. Grampos estavam dentro de seu cabelo enquanto o segurava para longe de seu rosto. Até mesmo seus pés estavam em seu favorito par de sapatos azuis escuros, não o preto que ela usava normalmente.

— Afiliada, você sequer está ouvindo? — Estalou o Rei Edric.

— Sim, claro, meu Rei.

Cyrene mergulhou em uma reverência para cobrir seu choque com o tom dele ao invés de mostrar deferência. A poção deve ter feito algo, a fez

esquecer tudo o que tinha acontecido antes deste momento.

—Estamos preocupados com seu desempenho com o seu trabalho como uma Afiliada, até agora,— disse o Rei Edric. —A Rainha disse que você desobedeceu ordens, recusou-se a ouvi-la, pressionou contra ordens dela e mesmo solicitou ser atribuída para a Consorte sem razão aparente. Isso é tudo verdade, Kaliana?

—Tem sido terrível trabalhar com ela. Eu odiaria ter que colocá-la com Daufina. Não sei o que pensávamos quando a aceitamos em meu serviço,— disse a Rainha, sua voz controlada.

—Se ela é tão problemática assim, então não vejo como poderia trabalhar com ela também,— disse Daufina duramente. —Até sua própria amiga disse que se esconde por trás do brilho dos outros.

Cyrene olhou para ela em descrença. O seu estômago despencou. Ela tinha sido teimosa e opinativa, mas certamente não fez nada para fazê-la suportar este tipo de tratamento.

Quando ela tinha falado com o Rei Edric sobre interferência da Rainha Kaliana, ele parecia entender o que estava acontecendo. *Tudo aquilo foi uma artimanha?*

—Isso resolve tudo então.— O Rei Edric assinou um documento em sua mesa.

—Isso resolve o que?— Cyrene perguntou.

Ela congelou sob seu olhar aquecido. Seus olhos azul-acinzentados eram normalmente acesos com afeto e escondia travessuras. Ela tinha certeza que tinha interpretado mal esses olhares agora que ele estava olhando para ela tão solenemente... Como se ela fosse incompetente.

—Estamos te movendo para a Terceira Classe.

Cyrene engasgou. Sua mão voou para a boca, e seus joelhos enfraqueceram. Ela quase caiu, mas ela agarrou a mesa na hora para continuar de pé.

—Seu escasso conhecimento da agricultura deve ajudá-la com a agricultura nas margens das Montanhas Taken, passado Levin, para onde estamos reatribuindo você,— ele continuou.

Ele não parece notar ou se preocupar com o seu desconforto.

—Reatribuindo-me?— ela perguntou baixinho.

—Sim, nós sentimos que talvez esta não fosse a melhor opção para você.— O Rei olhou para Rainha Kaliana e assentiu com a cabeça.

—Edric — Cyrene sussurrou, suplicando.

Tudo aconteceu de uma vez. A Rainha Kaliana assobiou através de seus dentes e parou abruptamente, sua cadeira raspando contra o chão de pedra. Consorte Daufina caminhou através da sala, seus olhos duros, sua expressão quase tão brava quanto o da Rainha. Mas o Rei... Ele olhou fixamente para a frente, sua boca definida em uma linha. Os dedos dele tinham parado de tamborilar, e ele os apertou em um punho.

—Você não chamará o rei pelo seu nome!— Consorte Daufina repreendeu.

—Minhas desculpas — afirmou rapidamente Cyrene, endireitando e tentando parecer recatada.

—Terceira Classe — disse o Rei Edric. —Imediatamente. Você falou o Juramento de Aceitação, e irá seguir as ordens estabelecidas em nosso sistema de Classe. Você não é melhor do que ninguém na Terceira Classe, como eles não são melhores do que ninguém na Primeira. Fui claro?

Cyrene assentiu com a cabeça. *O Juramento de Aceitação*. Sim, ela tinha concordado em acatar as solicitações do rei.

Dever.

Ela arrancou a palavra a partir do nada. Tinha uma obrigação com a Classe dela, e faria como ele instruiu.

Lentamente, como se tivesse o peso do mundo nos ombros, Cyrene afundou em uma reverência, quase escovando a cabeça no chão de pedra. Ela não olhou. Ela não hesitou ou balançou.

Ela ficou lá e sussurrou —Como quiser, Meu Rei.

Cyrene ficou parada, a cabeça cheia de relutância, seu corpo doendo de desgosto. *Terceira Classe*. Ela seria transferida para a Terceira Classe. Ela nunca tinha sonhado que isso fosse possível.

Ela limpou as lágrimas que se juntavam em seus olhos. Lágrimas não fariam a ela nenhum bem. Ela tinha levado ao limite e destruiu a coisa que mais queria.

Ela não era mais uma Afiliada.

Com um começo, ela percebeu que não estava no castelo, mas em um quarto principal que se assemelhava com o da casa em que tinha crescido. Tinha as mesmas paredes robustas de pedra e espaço aberto. Mas não poderia ser a casa dos pais dela.

—Querida!— alguém chamou de fora do quarto.

O coração de Cyrene vibrou com a voz. *Mas quem é? Ninguém me chama de querida.*

Ainda assim parecia que o estômago dela tinha borboletas dentro. Ela não conseguiu evitar de morder o lábio, e um sorriso explodiu em seu rosto.

Ele está em casa. Era como se o conhecesse todo esse tempo.

Ao som de sua voz, ela correu para fora do quarto e olhou ao redor da casa que chamou de lar por muitos anos. Ela agarrou o corrimão e desceu rapidamente o lance de escadas para o vestíbulo.

Um homem estava na entrada. Ele era deslumbrante com cabelo louro escuro e olhos escuros, e seu sorriso ateava fogo dentro dela. Ele era forte, robusto e confiável. Ele era a sua cura, seu alívio, seu verdadeiro consolo. Nada mais importava quando olhou para o rosto dele.

Cyrene correu para ele.

Ele a pegou no meio do caminho e a balançou em um círculo.

—Oh, senti sua falta — Ele respirou no pescoço dela.

Ele cheirava a madeira, a tinta e o sabonete de cravo que seus servos usavam na lavagem.

—Eu também senti sua falta — ela murmurou.

Ele a pôs de volta em seu pés e a beijou na boca.

Ela nunca conseguia se lembrar de um tempo sem ele. Ela nunca conseguiu se lembrar de um momento em sua vida quando não era ele que queria acima de tudo. Esta era a sua vida, uma vida perfeita.

—Minha querida — ele a beijou suavemente mais uma vez — isto chegou para você.

Cyrene juntou as sobrancelhas. Ela pegou o envelope da mão dele e olhou para o selo real. *Um convite do Rei!* Certamente, isto seria para o casamento real. Ela tinha ouvido rumores sobre o noivado do Príncipe Kael com uma Afiliada, mas não sabia quando seria oficial.

—Vou estar no estúdio,— ele disse, esfregando os nós dos dedos contra seu queixo. —Não demore muito.

Cyrene olhou para ele, em transe, a carta já esquecida em sua mão. Ela o assistiu andar pelo corredor e para o estúdio deles. Eles pegariam a próxima hora para ler juntos antes de se sentarem para o jantar e receberem os hóspedes. Ela sorriu sonhadoramente e abriu o envelope.

Uma carta creme caiu na mão dela, e ela a leu, suas sobrancelhas se levantando.

Afiliada Cyrene,

Se você se encontrar acompanhada quando estiver lendo esta carta, por favor se retire imediatamente antes de continuar.

Sua vida na primeira classe está em risco. As vidas dos conselheiros e afiliadas em todo o reino estão em risco. Precisamos de cada pessoa para retornar ao seu lugar de direito — ao lado do Rei. Seu país precisa de você, e aqueles que são leais ao trono devem voltar à corte imediatamente.

Não diga a ninguém suas intenções de partir. Seu livre arbítrio é necessário.

Destrua esta carta depois de ler.

Rei Edric,

Sua majestade real

Um soluço escapou de sua garganta, e ela reprimiu o grito que com certeza traria seu amor de volta para o vestibulo. Ela engoliu a dor crescente em seu peito.

Eu não posso deixá-lo! E quanto ao jeito que ele olha para mim quando chega em casa e o seu cheiro forte depois do trabalho?

Não, a corte não poderia pedir isso de mim. Eles não deveriam pedir isso!

Ela deu-lhes seu tempo e dedicação. Agora, se estabeleceu e estava feliz só de estar com ele. Ela não merecia este pedido.

Ela leu a demanda real mais uma vez, correndo o dedo através da assinatura chanfrada do Rei. Ele pressionou com firmeza com a pressa.

Cyrene caminhou para o estúdio e espiou pela porta aberta. Seu maravilhoso homem estava sentado em uma cadeira, absorto em um livro antigo. Estudando profundamente enquanto lia, sua testa enrugada entre seus olhos.

Um sorriso tocou o rosto dela. Pelo menos ela sempre teria isso, uma última imagem dele, o homem pelo qual estava loucamente apaixonada.

Ela retirou-se do estúdio, abriu a porta da frente e começou a rasgar o papel em um milhão de pedacinhos.

Ela faria o que era certo. Ela tinha que ajudar a salvar o Reino. Se o Rei precisava dela, então ela obedeceria. Ela sempre obedeceria.

Ela limpou a lágrima do olho e correu para fora da casa.

Cyrene decolou em uma corrida pela rua de cascalho. Suas botas resistentes esmagaram seus dedos do pé. Ela nunca teria ido assim tão longe se usasse sapatos. As mãos dela apertaram seu vestido, assim as extremidades não arrastariam na sujeira. As estradas eram particularmente úmidas e lamacentas nesta época do ano e um movimento errado ou prender o vestido em algo poderia resultar com ela torcendo o tornozelo.

A Guarda Real estava logo atrás dela, mas ela tinha que chegar lá primeiro.

Uma vaga lembrança de um homem com cabelo castanho e olhos escuros apareceu para ela, mas a empurrou para longe. Ela nunca conheceu tal homem. Tudo o que ela conseguia pensar eram os lindos olhos azul-acinzentados que ela tinha olhado por todo estes anos.

A respiração dela estava áspera e ela estava tendo uma pontada na sua lateral, mas continuou correndo. Não era muito mais longe. Ela virou a curva e viu a pequena cabana de palha no final da pista. Um sorriso tenso tocou seus lábios, e ela seguiu em frente.

Cyrene abriu a porta da cabana e explodiu para dentro da sala quente e sufocante. —Onde ele está?— Ela olhou para a empregada, sentada em uma cadeira de balanço no canto. —Onde ele está?

A empregada se encolheu. —Bem...bem aqui, Sua Graça.

—O que está esperando?— ela falou. —Prepare-o. Traga-o para mim. Devemos seguir nosso caminho.

—Sim, Sua Graça. Para onde estamos o levando?— A empregada se levantou e enfiou pertences em uma bolsa. Então, ela içou um bebezinho em seus braços antes de o colocar em cobertores.

—Para longe. O mais longe que pudermos. Rápido!— Cyrene quase gritou, olhando para a porta em preocupação.

Havia um alçapão que levava a um túnel. Desde que elas tinham tão pouco tempo, teriam que ir por lá.

Cyrene colocou de lado uma cadeira e a sujeira cobrindo o alçapão, e ela forçou a abertura. Um lance de escadas escurecidas apareceu sob a cabana. Ela puxou uma lanterna de cima da lareira e entregou-a para a empregada. Cyrene pegou o bebê das mãos da empregada, e com um suspiro, delicadamente o embalou em seus braços. Fazia muito, muito tempo, desde que ela o tinha visto. Plantou um beijo na testa macia, ela introduziu sua criada pelas escadas abaixo, para que a mulher pudesse iluminar o caminho à frente.

Quando ela deu um passo para baixo nas escadas para seguir, a porta da frente bateu para dentro.

—Pare! Em nome do Rei!— um guarda chamou. Sua pluma o designando como Capitão da Guarda se agitou.

Cyrene engoliu e tentou manter os pés em movimento. Ela quase terminou de descer as escadas quando um guarda a agarrou pela parte de trás de sua capa e cessou o seu progresso.

—Deixe-me ir! — ela gritou.

—Sua Graça, você sabe que não posso.

—Você aparece aqui, e no entanto ainda me chama de Sua Graça.

—Estou cumprindo o meu dever como Capitão da Guarda. Venha comigo.

Ele a levou de volta pelas escadas. Ela lutou contra ele o caminho todo.

A Rainha Kaliana caminhou para os aposentos, e seus olhos estavam cheios de ódio. Cyrene na verdade nunca esperou que ela aparecesse.

—Entregue-o — Kaliana cuspiu.

—Não.

—Entregue-o!

—Nunca! Eu nunca vou entregá-lo.

—Por ordem do Rei — ela rosnou. —Ele te denunciou. Todo mundo te denunciou.

—Então, ele é tudo o que me resta — Cyrene rosnou.

—O Rei disse que teria piedade de você, se você der o menino.

—Sua bruxa! Não me importo com a piedade dele. Eu nunca vou desistir dele!

—Você fez um juramento. Não se lembra? Você jurou fidelidade ao Rei, às suas terras, ao seu povo. Se você mantê-lo... Então você realmente perderá tudo,—Kaliana disse, seus olhos duros.

—O que fará com ele? — Cyrene perguntou, o juramento pesando sobre ela.

Lealdade, dever, aceitação. As palavras vieram a ela como uma torrente impetuosa de água, como se ela tivesse pisado em furacão.

—Não é da sua preocupação... Ou a minha. Ele é um herdeiro Dremylon. O último herdeiro masculino Dremylon. Um dia, ele se tornará o

rei e para ele, será como se eu sempre fosse a sua mãe. Se você é realmente uma Afiliada deste reino, então você o dará para mim.

— Eu sei o que sou — ela cuspiu de volta.

Lágrimas escorreram pelo seu rosto quando ela olhou para o bebêzinho em seus braços. Ele era a coisa mais linda que ela já tinha visto em toda a sua vida. Ela nunca esperou um bebê. Ela nunca nem mesmo quis um, mas este menino, esse menino maravilhoso, era uma parte dela agora. *Como posso perder uma parte de mim mesma?*

— Ele não deveria ser rei — sussurrou Cyrene.

— Isso não é você quem decide.

Cyrene sentiu o juramento, como se fosse uma pedra esmagadora caindo em cima dela de milhares de metros de altura. — Só porque você nunca pode produzir um herdeiro não significa que você tem que roubar o único vivo!

— Não estou roubando. Você fez o seu dever, e agora, deve sair. Este é o próximo Rei de Byern. Se você é fiel a alguém além de si mesma, então você o dará a mim, para que eu possa criá-lo como um verdadeiro príncipe. — Kaliana deu um passo à frente e estendeu as mãos. — Entregue-o a mim, Cyrene. Você não pode mais fornecer o que ele precisa.

Lágrimas correram como um rio pelo seu rosto quando Kaliana andou para frente, removeu o bebê de seus braços e saiu da sala.

Cyrene afundou-se de joelhos se sentindo morta por dentro.

Braços agarraram Cyrene por todos os lados a ajudando a se levantar. Ela ouviu sussurros ao seu redor.

— Ela desmaiou.

— Ela deve estar doente.

— Ouvi dizer que ela está grávida.

Seus pensamentos pareciam girar ao redor dela. *Eu realmente desmaiei?*

Tudo o que ela se lembrava era Kaliana levando o bebê dela, seu lindo menino. Ele tinha os olhos do pai, aqueles mesmos olhos azul-acinzentados. A sua garganta apertou.

Em seguida, escapou. Ela não tinha filhos. *Por que achei que tinha um?*

Cyrene afastou as mãos que ainda estavam lhe importunando, e as pessoas saíram correndo. Ela se endireitou e ergueu a cabeça para examinar seus arredores. Ela estava na sala do trono, mas estava vazia, exceto por alguns membros da Guarda Real, alguns cortesãos agitados, e o Rei sentado no trono na frente dela. Ele estava sussurrando ao Capitão da Guarda com enormes penas verdes e douradas no seu chapéu.

Não havia nenhuma Rainha e nem Consorte. Era só o Rei.

— Afiliada, está tudo bem? — perguntou o Rei.

Cyrene abruptamente olhou para aquela voz suave como seda. *Kael*. Seu coração começou bater com força total para o homem que ela não esperava estar sentado no trono, vestindo a coroa enquanto vestido com o dourado e verde de Dremylon. Ele até tinha a corrente de ouro vinculada a linha Dremylon anexada a sua capa verde-floresta de veludo esmagado.

Quando ela tentou falar, sua boca ficou seca, e descobriu que não podia articular palavras.

Aquela mandíbula, aqueles olhos azul-acinzentados, o cabelo escuro quase preto, ele era tão bonito, mas de forma que ela sempre associava com um predador rastreando sua presa.

— Precisa de um pouco de água? — Kael perguntou com aquele sorriso de parar o coração.

— Não. Quero dizer, não, obrigada — Ela corrigiu, rapidamente mergulhando em uma reverência digna de um rei.

Por que parece tão errado? Pela Criadora, parece-me errado.

Mas ela não poderia identificar a razão exata para se sentir assim.

— Minha senhora, certamente precisa de um minuto antes de continuarmos os procedimentos — disse Kael.

Ele se levantou e fez um gesto para os cortesãos se sentarem. Eles se afastaram como se estivessem acostumados a seguirem suas ordens por

impulso.

—Venha comigo. Vou ver se você restaurou a saúde, antes de prosseguirmos.

Kael levantou e caminhou para Cyrene. Ele ofereceu-lhe o braço. Ela atravessou o salão de baile com ele. O Capitão da Guarda segurou a porta aberta para eles, e ela seguiu Kael dentro de um pequeno escritório.

—Eu vou vigiar. Eu tenho homens colocados em todas as saídas,— o Capitão falou grosseiramente.

Kael assentiu com a cabeça, e o Capitão fechou a porta.

Cyrene tinha tantas perguntas. Eles alternassem de lugares desconhecidas mas dissolvida no vento tão rapidamente.

—Água?— Kael caminhou até um jarro cheio do outro lado da pequena sala.

Com um começo, ela percebeu que estava na sala em que esperou antes de sua Apresentação. Tinha sido toda drapeada com cores rústicas e com muitas almofadas jogadas.

—Não. Realmente Kael, estou bem,—ela disse, usando o nome dele como sempre fez.

Ele pousou o jarro e retornou ao seu lado. Sua mão seguiu o comprimento de seu rosto até o pescoço antes de circular sua cintura e puxá-la mais perto. —Você sabe que eu cuido do seu conforto, Cyrene — ele disse, o nome dela saindo de seus lábios como uma carícia.

Ela engoliu em seco. Arrepios eclodiram em toda a pele dela, e ela tentou afastar a incômoda sensação de erro no ar. A mente dela voou para a primeira coisa que podia trazê-la à realidade.

—Edric — ela sussurrou.

Kael enrijeceu e se afastou. Ele parecia machucado e ela imediatamente quis confortá-lo, mas não se movia.

—Você realmente deve ter desmaiado. Bateu a cabeça?

Ela permaneceu em silêncio.

—Edric desapareceu há um ano, Cyrene. Eu sei que foi difícil para

todos nós, mas é por isso que estamos restabelecendo nossos votos — jurando lealdade ao trono, para a linhagem Dremylon, para mim.

Ele estendeu a mão para ela novamente, trazendo seus lábios para os dela. Seu primeiro instinto foi lutar, mas ela não o fez.

O que ela estava fazendo? E porque ela não podia estabelecer o por que tudo isso parecia tão errado?

Kael quebrou o beijo com um sorriso. Ele estava claramente satisfeito porque seu rosto mostrou apenas prazer e presunção. —Eu quero tanto de você, mas vou começar com o seu Juramento de Aceitação,— ele disse. —Podemos partir daí.

Tudo parecia girar ao redor dela de uma vez. Edric estava morto, desaparecido. Kael era rei, mas não era. Ele não podia ser. Ela *nunca* poderia jurar lealdade a ele.

Ela arrancou para trás, para fora de seu abraço e pousou sobre um divã empilhado com almofadas. Suas mãos tremiam. Ele queria que ela fosse sua rainha. Ela sabia com cada fibra do seu ser. *Como ele pode pensar que eu faria isso com Edric tendo ele desaparecido há apenas um ano?*

Kael a avaliou com um olhar de preocupação. —Tem certeza que você estará bem depois daquele desmaio?

—Sim. Bastante —ela disse.

—Então, provavelmente deveria levar você de volta para a sala do trono para terminar os procedimentos, antes que toda a corte entre em pé de guerra.— Ele ofereceu-lhe o braço.

Vendo nenhuma outra opção, relutantemente aceitou e o seguiu de volta até a sala do trono. Os cortesãos reagruparam e Kael retornou ao seu lugar no trono.

—Você foi escolhida como uma Afiliada do reino. Foi anunciada para a sua Receptora e colocada sob seu comando para formação adequada. Aceita as circunstâncias de sua Seleção?

Cyrene desafiadoramente encarou Kael de volta. Ela não poderia jurar sua lealdade a ele. Ela não podia fazê-lo. A sua lealdade descansava com Edric, com Byern, com o seu povo.

—Cyrene — ele rosnou baixinho.

Ela olhou naqueles olhos azul-acinzentados e tentou entender o que deveria fazer. *Como posso confiar em Kael?*

Aceitação. Ela tinha que aceitá-lo. Ela tinha que aceitá-lo como o próximo da linha no trono de Dremylon. Ela tinha que dar sua vida para a linha, tanto quanto para a terra, o povo e o Rei.

Ela cerrou os dentes e se preparou para responder-lhe, mesmo que fosse a última coisa que queria fazer. —No entanto estou apta e no entanto sou capaz.

—Kael — Cyrene gemeu no silêncio.

As mãos dela estavam cobrindo o seu rosto, e ela estava deitada de bruços em uma superfície dura e plana. Lágrimas correram por suas bochechas e seu corpo tremeu quando se lembrou de tudo o que tinha passado por — Terceira Classe, amor, família, lealdade.

Ela limpou as lágrimas de seus olhos, incerta de como parecia ou se alguém estaria ao redor. A cabeça dela palpitava, mas ela lentamente se levantou do pátio de mármore e ficou de pé sobre pernas instáveis. Cadeiras tinham sido colocadas na frente da plataforma pequena e Rei Edric, Rainha Kaliana, Consorte Daufina e Príncipe Kael estavam todos sentados, olhando para ela com os olhos arregalados.

Com horror, Cyrene se lembrou que tinha falado o nome do Príncipe Kael quando recuperou a consciência. Ela não conseguia nem olhar para ele, mas podia sentir os seus olhos nela.

O Rei Edric ficou de pé rigidamente e caminhou para o pódio plano onde o frasco de vidro ainda descansava. —Afiliada Cyrene, você concluiu duas das três provas de lealdade.

Dois das três? Ela quase chorou.

—O final é o mais fácil de solicitar e o mais difícil de seguir. Nós já exigimos deferência e dedicação. Agora, peço descrição de você. Jure que você

não vai falar do que viu neste teste para ninguém.

Cyrene colocou as palmas das mãos abertas sobre a mesa de mármore na frente dela. Ela nunca quis falar sobre o que tinha visto com alguém, e nunca pretendeu. Talvez descrição fosse o mais difícil para alguns, mas não seria para ela.

— Eu juro — ela murmurou, olhando para os olhos azul-acinzentados do Rei. Ela deixou seu olhar viajar para a Rainha Kaliana, Consorte Daufina, e então finalmente descansou no Príncipe Kael sentado atrás dele e repetiu. — Eu juro.

Ela sentiu uma descarga passar pelo corpo dela, e ela agarrou a mesa para ter apoio. O que quer que fosse... Era poderoso.

— Parabéns Afiliada Cyrene — Rei Edric disse com um sorriso, não parecendo notar sua paralisia momentânea. — Você passou pelo Anel dos Jardins. Você agora está vinculada por sua lealdade a Byern e a linhagem de Dremylon.

Cyrene cedeu com alívio. — Graças a Criadora.

— Você teve uma noite longa. A Guarda Real vai acompanhá-la de volta para o interior do castelo. Parabéns mais uma vez. É ótimo tê-la entre nós.

Cyrene mergulhou em uma profunda reverência antes de passar pela realza, em direção a entrada oposta da qual tinha vindo. Tanto quanto tinha jurado que nunca contaria as coisas que tinha visto, ela não esqueceria tão cedo o gosto amargo da transferência, a dor profunda de perder um amado, o golpe esmagador da perda de um filho, ou o Juramento de Aceitação a um rei no qual não confiava ou acreditava.



O PRESENTE



—O que em nome da Criadora ainda está fazendo na cama?— Maelia exigiu.

Cyrene abriu os olhos. —Por que você está no meu quarto?

—Estou batendo na sua porta faz quinze minutos. Só porque você caminhou com o Rei nos jardins não significa que pode dormir durante o nosso tempo de estudo.

—Que horas são?— Cyrene gemeu.

—12:30!

Cyrene jogou as cobertas para longe dela, horrorizada. — Não acredito que ainda estava dormindo.

—Eu também. Vista-se e vamos descer até o pavilhão para trabalhar. Está lindo lá fora hoje.

—Tive uma noite terrível.

Maelia levantou as sobrancelhas. —O que quer dizer? Voltamos para as Videiras juntas.

Cyrene conspiratoriamente olhou ao redor da sala. —Eu sei que não posso falar sobre o que aconteceu, mas eu passei.

—Oh. Ah! Não é horrível?— Maelia perguntou. —Tive pesadelos por semanas.

—Sim, foi horrível e emocionalmente desgastante, mas nada tão ruim

quanto a cerimônia do guerreiro — Cyrene admitiu.

—É mesmo? Eu pensei que o Rei Edric tinha acabado com a cerimônia do guerreiro.

—Sim, bem, ele não estava feliz quando descobriu.

—Achei que não, ainda mais depois que ele deu uma ordem direta, — disse Maelia. —O que aconteceu com você? Fiquei trancada na torre mais alta durante a noite e deixada para saber se alguém ia me deixar sair.

Cyrene recontou a história dela no lago subterrâneo para Maelia e a viu ficar gradualmente mais pálida.

—Eu nunca ouvi de uma cerimônia do guerreiro tão horrível. Disse a Rainha Kaliana o que aconteceu? — Maelia perguntou.

Cyrene riu. —Nunca traria nada para a Rainha que não precisasse.

Maelia ruborizou e olhou para seus pés.

—Me desculpe, Maelia. Eu sei como se sente sobre a autoridade, mas a Rainha me *odeia*. Eu prefiriria estar em seu lugar, trabalhando para a Consorte.

Maelia pareceu agitada e mudou de assunto. —Não vamos ter nada feito se sentarmos aqui e conversarmos o dia todo. Vamos lá. Você tem pacotes esperando por você.

—Pacotes? — Cyrene perguntou, seus olhos acesos.

Cyrene agarrou seu roupão e puxá-lo sobre a cabeça antes de correr para fora de seu quarto de dormir como uma criança na manhã do feriado Eos. Ela passou pela mesa em sua sala de estar, bagunçada com notas e papéis da pesquisa da Afiliada Lorne, para a mesa de entrada. O pacote menor no topo não tinha nota ou assinatura, e ela o moveu para examinar o segundo, que foi assinado pela Lady Cauthorn. Cyrene rasgou o papel marrom, revelando sete vestidos, três em vermelho, dois em azul e dois na cor cinza. Ela ainda estava esperando o vestido de baile e não podia esperar para pôr as mãos nele.

Depois de deixar os vestidos cuidadosamente dobrados em cima da mesa para os servos pendurarem em seu guarda-roupa, Cyrene retornou para o pacote menor. Seus olhos contemplavam o embrulho anônimo. Alcançando o pacote, ela aliviou o papel e o rasgou.

Dentro estava uma capa com capuz do melhor veludo carmesim e forrada com arminho branco. As mãos dela espalharam através do tecido brilhante antes de puxá-lo com ternura do embrulho. A capa caiu em dobras no chão, e Cyrene a jogou sobre os ombros. Era simplesmente linda e parecia ondular e se mover com ela. Ela amarrou a fita de couro vermelho na frente onde uma folha de ouro pendurava na extremidade de cada cordão.

—Isso é lindo. Você encomendou da Lady Cauthorn?— Maelia perguntou.

Cyrene abanou a cabeça. —Não. Não tenho ideia de quem a enviou. Não tinha nenhuma nota.

Maelia correu a mão para baixo pelo material macio. —Quem a mandou tem bom gosto.

—De fato,— Cyrene concordou. Ela se perguntava quem poderia ser seu benfeitor misterioso, mas não conseguia pensar em alguém que iria mandar-lhe algo tão requintado. Ela se perguntava se era porque tinha passado no teste do Jardim das Rosas. Foi a única explicação que fez sentido para ela. —Deixe-me trocar de roupa, e depois podemos ir estudar.

Cyrene escorregou em um vestido de renda creme com um busto apertado e uma saia fluída, e então envolveu a capa requintada sobre ele. Com seu trabalho enfiado debaixo do braço, saiu das câmaras com Maelia.

As meninas colocaram seu trabalho dentro de um gazebo de pedra cercado por centenas de flores que desabrochavam no sol do verão, ao lado de um riacho de fácil movimentação. Maelia estava ocupada pesquisando tratamentos herbais enquanto Cyrene encarou o trabalho da vida da Afiliada Lorne. A mulher tinha pesquisado cada região, cada ambiente e praticamente todas as espécies de planta do mundo conhecido.

Cyrene tinha passado horas trabalhando em um sistema gráfico que mostrou plantas agrícolas específicas e como eles cresceram com base na região, clima e várias outras propriedades. Depois, ela tinha completado essa lista com uma nota sobre se ela achava ou não que essas plantas cresciam em Byern e como implementar um plano para novas rotações de culturas. O relatório oneroso para a Rainha estava se tornando quase muito longo.

Cyrene e Maelia tinham trabalhado no gazebo por algumas horas quando ouviram vozes se aproximando. Jardana passou pela esquina de uma

grande cobertura com suas três lacaias, e começaram a caminhar em direção a Cyrene e Maelia.

Jardana estava no centro do grupo. Ela usava um vestido de espartilho azul-celeste que a fez parecer magra. Seu cabelo louro cera foi estilizado em um coque severo no topo de sua cabeça, da mesma forma que a Rainha. A garota no lado direito dela quase se elevou sobre as outras mulheres. Ela tinha cabelo castanho claro e liso que pendia na sua cintura e um rosto curto com olhinhos redondos. Uma baixinha gordinha com cabelo loiro-sujo e um rosto redondo com uma atitude franca apressava seus pés pequenos para manter o ritmo de suas companheiras.

A única coisa que Cyrene podia distinguir sobre a garota por trás delas eram seus cachos indomáveis loiro avermelhado. Os olhos de Cyrene estreitaram com a cor. Ela tinha visto uma garota com cabelo loiro avermelhado em sua cerimônia do guerreiro. Essa mulher deve ser a Leif mascarada.

Como se sentisse os olhos de Cyrene em cima delas, Jardana interrompeu seu progresso e sorriu-lhe. — Nós não queríamos incomodá-la, — ela disse com uma voz aguda e um sorriso perverso.

— Não me incomoda, — Cyrene disse com o sorriso mais caloroso que poderia juntar.

Ela não sabia como não tinha notado a semelhança antes. Jardana tinha sido a Braj mascarada. Ela duvidava que esta mulher fosse tão perigosa, mas com ambição, sempre havia perigo e Cyrene podia dizer que Jardana tinha ambição de sobra.

Ela queria conhecer essas meninas e por que elas tinham realizado a cerimônia contra as ordens do Rei. — Vocês gostariam de se juntarem a nós? — Cyrene perguntou.

As duas meninas em ambos os lados da Braj pareciam surpreendidas, e ambas olharam em direção a Jardana.

— Ficaríamos felizes. Não é, meninas?

Cyrene afastou o seu trabalho e o colocou de volta em sua pasta de couro enquanto as meninas se sentavam nos outros bancos. Ela não se importava que a cerimônia do guerreiro tinha sido só uma brincadeira. Ela

queria vingança pelo inferno que elas tinham feito ela passar.

—Não estou certa de que fomos formalmente apresentadas. Eu sou Cyrene. Esta é minha amiga Maelia.

—Bom ver todas de novo — Maelia disse.

Como esperado, a Braj falou primeiro —Prazer em vê-las. Eu sou Jardana, e esta é Nyasha.— Ela gesticulou para a mulher mais alta que lembrou Cyrene do pavão.

—Cheala — disse Jardana, apontando a mulher baixa, provavelmente o anão.

—E Adelas.

A Leif.

—Bem, fico muito feliz em conhecer todas vocês. Vocês irão acompanhar o Rei na procissão para Albion?— Cyrene perguntou. — Ofereceram convites para Maelia e eu.

Jardana sentou-se mais reta no banco com uma presunção e arrogância que poderia rivalizar com a Rainha. —Claro que iremos participar da procissão. Nós devemos estar no navio da Rainha já que sou assistente do DIA.

—A Rainha não viaja com Sua Majestade?— Cyrene perguntou, alargando os olhos com inocência.

Ela sabia a resposta, tendo em vista que o Rei viaja para a procissão a Albion descendo o Rio Keylandi toda a sua vida. Ela se lembrava de quando o Rei Maltrier costumava viajar. Os homens sempre preferiam a companhia de suas consortes a suas rainhas.

Jardana manteve um sorriso forçado no rosto. —Consorte Daufina recebeu o privilégio de andar ao lado de Sua Majestade para esta procissão.

—Mas o Príncipe Kael decidiu acompanhar a Rainha — disse Adelas.

Os olhos de Jardana pousaram em Adelas e a atingiram com um olhar furioso.

—Isso é maravilhoso — gritou Cyrene, fingindo não notar o fuzilamento com os olhos de Jardana. —Eu sei o quanto a Sua Majestade o favorece.

—Sim, é — Jardana respondeu lentamente.

—Príncipe Kael é tão encantador — disse Cyrene.

Ela empurrou a sua sorte. Maelia olhou para ela em confusão, mas Cyrene apenas sorriu para ela, silenciosamente implorando à sua amiga para jogar junto. Os olhos de Maelia aumentaram em compreensão.

—E atraente — Maelia disse com uma risadinha.

—Muito — Adelas concordou.

Jardana parecia estar em guerra consigo mesma. —Você sabe onde ficará alojada?

—Certamente, com o seu recém-adquirido status de Afiliada, você será colocada em um dos menores navios com as outras Afiliadas,— Nyasha ofereceu, seus olhos brilhando.

—Oh, certamente — Cyrene concordou com bom humor. —Enquanto Príncipe Kael não solicitar que eu seja movida.

—E por que ele faria isso? — Jardana perguntou. Sua voz alta estava tão tensa quanto um chicote prestes a estalar.

—Agora, confio em vocês senhoritas — ela disse — Então sei que vocês não falarão sobre isto com ninguém. Príncipe Kael solicitou que eu o chame pelo seu nome... Como se fossemos iguais.

Nyasha, Cheala e Adelas lentamente se viraram e espiaram Jardana. Ela parecia estar fervendo, pronta para queimar a qualquer momento. Maelia cobriu a boca com a mão.

—Que maravilha — Jardana retrucou.

Só então, Cyrene notou uma figura andando em direção a elas pelo caminho de grama que ela tinha tomado esta manhã. As outras quatro mulheres se viraram quando a notaram olhando.

Um sorriso se espalhou pelas características de Cyrene. Ela nunca esteve mais feliz em ver o Príncipe. Uma imagem de uma coroa na cabeça dele veio à mente dela, e ela teve que se lembrar que tinha sido só um sonho, uma realidade que nunca ocorreria.

Mesmo de longe, ele era diabolicamente bonito. Sua camisa de seda verde Dremylon se ajustava perfeitamente em seu peito musculoso. Suas botas

de montaria de couro marrom enlameadas atingiam os joelhos das calças marrom avelã. O cabelo dele, que era um pouco longo demais para o costume real, estava despenteado, e suas bochechas coradas, como se estivesse recentemente a cavalo.

Jardana e suas amigas se curvaram quando ele subiu lentamente os degraus do gazebo.

— Senhoritas. — Príncipe Kael se curvou em uma profunda reverência.

— Príncipe Kael — Cyrene disse com um sorriso inebriante e paquerador e olhos encapuzados. — Tão gentil de você se juntar a nós.

Para crédito do Príncipe, ele não perdeu o compasso. — É sempre um prazer passar o tempo com mulheres tão lindas.

— Você nos lisonjeia — Jardana murmurou, sua voz aguda se esforçando.

— Você me dá muito para lisonjear — ele disse. Seus olhos azul-acinzentados encontraram cada mulher antes de retornar a Cyrene. Ela podia ver as perguntas em sua expressão, mas ele era um cortesão muito habilidoso para falar de qualquer uma delas. — Nunca vi tantas mulheres atraentes reunidas em um só lugar.

— A que devemos o prazer da sua companhia? — Jardana perguntou apressadamente.

— Consorte Daufina solicitou uma audiência com a Afiliada Cyrene — ele anunciou, como se a notícia não atingiria um ponto sensível do grupo todo.

Cyrene sempre quis uma audiência adequada com a Consorte, e as outras garotas eram tão devotas à Rainha quanto Cyrene era contra ela.

— Mesmo? — Cyrene respirou.

Ele inclinou a cabeça afirmativamente. — Eu estava caçando com o Rei e a Consorte. Quando voltamos, me ofereci para vir e encontrar Cyrene pessoalmente já que eu sabia que ela gostava de estudar nos jardins.

— Bem, agradeço a Criadora por você estar tão bem familiarizado com o paradeiro de Cyrene — Jardana murmurou sob raiva fortemente velada. — As garotas e eu estávamos saindo de qualquer maneira. Não é, meninas?

As garotas tropeçaram em si mesmas para se levantarem e concordarem com Jardana.

—Eu estava prestes a sair também. Consorte Daufina me emparelhou com um membro do Conselho, e vou encontrá-lo em breve —Maelia disse.

Quando Cyrene encontrou o olhar dela, Maelia piscou. Cyrene teria rido da desculpa inventada de Maelia para sair, pensando que Cyrene queria ficar a sós com Kael, mas na verdade, era a última coisa que ela queria.

—Até a próxima, Cyrene — disse Jardana. Ela abanou os dedos para Cyrene e virou-se para o Príncipe Kael. —Sua Alteza.— Ela mergulhou em uma reverência formal baixa e em seguida saiu do gazebo com sua comitiva em sua cauda.

O sorriso falso de Cyrene caiu quando as garotas desapareceram ao virarem a esquina, e ela foi deixada com o Príncipe Kael.

—Deseja que eu a acompanhe? — perguntou o Príncipe, fornecendo seu braço para apoio.

Cyrene obteve a sua pasta de couro e a enfiou debaixo do braço. —Não quero ir a lugar nenhum com você.

—E eu pensei aqui que você teve uma mudança de coração. A corte transformou você desde aquela primeira noite. Parece que você pode jogar o jogo bem o suficiente agora, — ele observou sarcasticamente.

—Não sou como você.

—Pelo contrário, acho que você jogou ainda melhor do que eu teria. — Seu rosto nublou de desejo.

—Você está dormindo com ela, não está? — Cyrene acusou.

Ele riu e estendeu a mão para sua cintura fina. Ela se esquivou de sua abordagem, passou por ele correndo para fora dos coretos, navegando pelos jardins com ele quente em seus calcanhares.

—O que te dá essa ideia? — ele gritou para ela.

—Você é desprezível.

O Príncipe segurou seu cotovelo, puxando-a até parar. —Você é tão atrevida, Cyrene — ele disse com uma risada suave.

Ainda segurando seu cotovelo, ele com força a puxou contra si. Ela ofegou e olhou para acima nos seu olhos azul-acinzentados enquanto tentava se libertar do seu abraço apertado.

—Diga-me por que eu não deveria estar com ela. É porque você secretamente possui um desejo por mim? É por isso você anseia que eu volte para os seus aposentos?

—Nunca — ela rosnou.

—Então, porque você falou o meu nome no Anel dos Jardins?

Cyrene congelou. —Não devo falar disso com ninguém.

—Você disse o meu nome quando deixou os sonhos. Eu estava lá. Te ouvi gritar. Eu estava lá no seu futuro?

—Você nunca vai saber — ela disse. Ela colocou a palma da mão livre no peito dele e o empurrou para longe. —Agora, deixe-me em paz.— Ela andou para longe dele, continuando através dos jardins.

Kael seguiu por trás dela, ignorando o seu pedido. —Ora, Cyrene. Você não pode me evitar para sempre.

Ele a alcançou novamente e agarrou a capa ondulando ao vento atrás dela. O puxão a parou em seu caminho mais uma vez.

Ela olhou para ele e cruzou os braços sobre o seu peito. —Eu não estou te evitando. Eu tenho um lugar para ir.

Ele correu os dedos sobre o material macio. —Onde você conseguiu isso?

Cyrene puxou do seu agarre. —Foi um presente.

—De quem? — ele perguntou.

—Eu achava que era um presente por completar os testes.— Ela não tinha nem falado aquele pensamento em voz alta a Maelia, e agora, disse ao Príncipe acima de todas as pessoas. O homem podia ficar sob sua pele.

Príncipe Kael explodiu em uma risada zombeteira, mas seu rosto parecia tudo menos feliz. —Presentes não são dados por completar o Anel dos Jardins.

Cyrene absorveu as informações. Ela sabia que estava se agarrando, mas tinha querido afastar o presente caro como nada mais que um

presente por suas realizações. Ela não queria ler o que os olhos do Príncipe Kael estavam sugerindo.

—Não importa — disse ela, puxando a capa das mãos dele. Mas isso não era a verdade. Se o presente não era por completar os testes, então ela só podia imaginar algumas pessoas que tinham acesso a tais materiais ricos.

Não. Não estou pensando em tudo isso.

Cyrene olhou para ele mais uma vez e então começou a se afastar. Ela não queria falar sobre isso de qualquer maneira.

—Eu não deixaria Kaliana ver você — ele chamou atrás dela. Seu riso seguindo-a para fora dos jardins.



A CONSORTE



Príncipe Kael a colocou no limite.

Agora, ela tinha pensamentos rodopiando pela sua cabeça sobre sua capa misteriosa. Ela esperou por esse momento a sua vida toda e agora, ela conseguia nem se concentrar no fato de que iria se reunir para falar com a Consorte.

Cyrene alcançou o quarto onde a Consorte conduzia o seu negócio. O ruído e o comportamento agitado dos aposentos da Rainha foram substituídos pelo riso e o dedilhar de uma harpa. Somente alguns poucos membros do Conselho e Afiliadas se encontravam dentro do salão retangular. Era um lugar comunitário de avanço educacional, profunda discussão filosófica e entretenimento que resultava na obtenção de esclarecimento.

Um mural elaboradamente pintado cobria cada polegada do espaço da parede do piso ao teto. Era como se ela estivesse entrando em uma floresta com centenas de árvores, lindas vegetações rasteiras verdes e pássaros nas cores mais brilhantes imagináveis. Uma pantera perseguia o chão da floresta de um lado. Dezenas de macacos balançavam nos ramos acima de suas cabeças.

Velas flutuavam ao redor da sala escura, iluminando a atmosfera. Uma fonte em camadas produzia o som fraco de água gotejando do topo. Afiliadas descansavam em sofás verde-floresta, e inúmeros travesseiros que se assemelhavam ao fundo de um rio e pedras atravessavam a sala coberta de musgo.

Os homens do Conselho se sentavam em cadeiras de carvalho de apoio duro em torno de uma mesa correspondente que parecia estar saindo da maior árvore pintada na sala. Era um carvalho incrivelmente grande que se estendia além da parede para o teto.

O aspecto mais marcante do mural era que as folhas só cresciam em metade da árvore. Deu a aparência da árvore estar perpetuamente presa nas estações de verão e inverno, para sempre meio viva e meio morta. Ela podia sentir o poder saindo do mural. Falou de precaução, a dualidade da natureza e talvez a dualidade da condição humana.

Ela afastou os pensamentos que surgiram e arrancou os olhos do mural. Até agora, ninguém tinha notado sua aparição nas câmaras da Consorte. Ela odiava interromper as poucas pessoas que estavam profundamente envolvidas em seus trabalhos.

De repente, uma porta se materializou do nada, removendo uma das maiores árvores quando se abriu contra a parede distante. Consorte Daufina apareceu na porta aberta. Ela estava tão majestosa como na última vez que Cyrene a viu. Ela usava um vestido em que a saia tinha várias camadas começando na cintura com o tom mais claro de lavanda aprofundando para a ametista mais escura nos pés dela. O espartilho apertado do vestido entrelaçado com ametistas subia para um decote coração, e uma renda macia e transparente cobria seus braços e abotoava no seu pescoço. O cabelo preto meia-noite pendurava solto sobre os seus ombros.

— Afiliada Cyrene — ela disse alegremente. Ela acenou para Cyrene entrar na alcova que ela tinha acabado de desocupar.

Seu estúdio espelhava a floresta externa e a Consorte reclinou em uma cadeira almofadada colocada em uma pequena mesa circular. Quando Cyrene tomou o assento ao lado dela, como indicado, ela percebeu que não havia cabeceira da mesa. O pensamento a fez sorrir.

— Gostaria de um pouco de chá? — As pulseiras de Daufina fazia barulho em seu braço, enquanto acenava para um bule de chá sentado sobre um fogo ardente.

— Não, obrigada, Consorte Daufina.

A Consorte Daufina riu. Ela parecia muito mais relaxada do que alguma vez Cyrene a viu fora destas paredes.

—Por favor, não há necessidade de formalidades. Este é o meu santuário, minha fuga. Eu me recuso a títulos aqui. Você será simplesmente Cyrene, e simplesmente serei Daufina.

—Claro, Daufina. — Pareceu estranho dizer o nome dela em voz alta.

Cyrene apenas esteve ao redor da Consorte em sua Apresentação, nos dias de festa e durante a cerimônia do Anel dos Jardins.

—Viu? Já somos amigas íntimas,—ela disse. —Tenho certeza de que você está se perguntando por que eu solicitei a sua presença esta tarde.

—Estou, Daufina.

—Se continuar dizendo meu nome como se fosse um título, então farei você me chamar de Daffy pelo resto da nossa reunião. Você superará o título muito rápido então.— Daufina sorriu.

Cyrene riu em sua mão. —Alguém realmente te chamou de Daffy?

—Vou te contar que meu pai o fez até os meus dezessete anos. Era quase impossível fazê-lo parar assim que me tornei Afiliada. Ele ainda começa todas as suas cartas para mim com 'Querida Daffy',—ela disse com desânimo. —Pelo menos ele me aborda como Consorte quando está na corte.

Cyrene nunca tinha pensado sobre como o passado da Consorte tinha sido, se ela era feliz, ou como seus amigos e a família a trataram antes ou depois de seu título.

—Acho que vou ficar com Daufina. É bastante bonito, se me permite dizer.

—Obrigada. É um nome de família. Cada primeira filha através das gerações o tem. Imagina como é reunir o clã inteiro?— Ela revirou os olhos.

—Não admira que o seu pai te chamou de Daffy.

—Sim, acho que foi uma das razões.— Daufina riu junto com Cyrene. —Mas chega de falar de minha história embaraçosa. Eu gostaria de fazer um pedido a você.

—Oh?— Cyrene ergueu as sobrancelhas.

—Eu não sei se você está ciente, mas ando ao lado de Edric durante a procissão. É parte do meu dever como sua Consorte entretê-lo. Eu tinha ouvido que a tarefa era pesada, mas acho que é agradável. Edric é um homem

maravilhoso e o governante para o seu povo. Ele se importa com cada um deles, e ele torna mais fácil para mim pois tem muitos interesses. E acredito que *você* seja um desses interesses — ela disse com um sorriso que lembrava um felino.

—Eu?— Cyrene engasgou.

—De fato.— Daufina examinou Cyrene muito atentamente. —Por exemplo, essa capa está usando em seus ombros, onde conseguiu isso?

Sua boca ficou seca. —Foi um presente.

—Eu já vi esse artesanato antes.— Ela estendeu a mão e tocou o material macio entre os dedos com vários anéis. —É o trabalho de ninguém menos que uma costureira real. Edric mandou essa capa pessoalmente, se eu tivesse que adivinhar.

O estômago de Cyrene caiu. Uma coisa era Kael sugerir que o Rei tinha mandado um presente, mas era outra coisa Daufina confirmar.

—Você deve estar enganada, Daufina.

—Eu não estou — ela afirmou simplesmente por ser um fato. O seu tom sugeriu que ela devia ser duvidada outra vez. —Agora, eu fiz acomodações para você estar a bordo da embarcação de Edric destinada a Albion. Você acha isso apropriado?

—O que significa isso para você?— Cyrene não pôde deixar de perguntar.

Os olhos verdes de Daufina se estreitaram quase imperceptivelmente e então voltaram para sua natureza agradável. —Eu diria que é apenas para obter entretenimento para Edric para a viagem, mas vejo que você é uma mulher da razão. Então vou ser franca. Você não tem tido o privilégio de estar próxima de Edric em quase todas as suas horas. Eu tenho esse privilégio, e acredito que o conheço melhor do que ninguém. Provavelmente melhor do que ele conhece a si mesmo. Eu vejo como ele olha para você, e vejo o que ele sente por você.— Suas sobrancelhas se juntaram.

A mente de Cyrene voltou para quando ela tinha estado tão perto dele ontem à noite, certo que ele ia beijá-la. *Ele sempre olhou para mim assim? Quantos outros já haviam notado?*

Daufina continuou —Eu vi a primeira vez que ele fixou o olhar sobre

você no salão de Apresentação. Votei por sua aceitação como uma Afiliada por causa disso, considerando que Kaliana votou contra pelo mesmo motivo. Kaliana a viu como uma ameaça, mas eu a vi como um recurso.

— Ainda assim Kaliana é minha Receptora e não você — Cyrene falou ousadamente.

— Sim — Daufina disse com um suspiro. — Acredito que Kaliana queria ficar de olho em você.

Então, Cyrene tinha estado certa sobre a Rainha todo o tempo. Ela gostava mais de Daufina do que Rainha Kaliana, mas ambas queriam usá-la de alguma forma.

— Você suspeitou um pouco disto? — Daufina perguntou.

— É difícil confundir a antipatia da Rainha — Cyrene disse a ela.

— Sim, Kaliana é uma para não ser ignorada, mesmo em seu melhor dia — ela disse com os dentes cerrados. — Ela é irritante, aquela lá. Eu me afastaria dela se fosse você.

— Mais fácil falar do que fazer.

— Eu poderia mover você para os meus deveres — Daufina ofereceu, aparentemente de improviso.

Por mais que Cyrene queria trabalhar com a Consorte, não podia aceitar a oferta de Daufina. Ela apenas ia trocar de mãos de uma mulher para outra, e ambos queriam controlá-la. Pelo menos Daufina foi aberta sobre isso, mas ainda não desculpava o fato de que as mulheres tinham planos similares.

— Por mais que eu agradeça a oferta, acho que vou ficar com a Rainha — pelo menos até terminar o meu trabalho mais recente.

— Como quiser. A oferta está sempre aberta para você. Agora, a questão com Edric. Acho que seu interesse por você vai além da sua beleza física. Ele não distribui sua afeição facilmente, e se você é importante para ele, então é importante para mim.

Cyrene não sabia o que dizer. *Eu sou importante para o Rei?*

— Você se juntará a nós no navio dele?

Ela sabia que realmente não podia recusar, mas Daufina não pediria se não fosse importante, o que significava que ela tinha algum poder de

barganha.

—Maelia pode vir comigo?— Cyrene pediu.

—Maelia? Minha Maelia?— Daufina perguntou em surpresa. —Não sabia que vocês duas se conheciam.

Cyrene nunca conseguiu entender como ninguém viu Maelia quando elas estavam juntas. —Sim, estamos juntas o tempo todo.

—Bem, não vejo porque não. Então vou mudar para dois quartos. Há alguma outra coisa que você queira exigir?— Daufina perguntou secamente. Uma nota em sua voz disse que Cyrene estaria empurrando a sua sorte se continuasse tentando negociar.

—Não, Daufina. Obrigada por me considerar.

—Não, Cyrene, obrigada você. Eu não posso esperar por nossa procissão juntas.— Daufina apertou as mãos delas juntas.

Embora Consorte Daufina tenha dado a ela muito em que pensar, principalmente no que implicaria entreter o Rei, a única coisa em sua mente era como deixar Jardana e suas lacaias saberem que ela estaria com Edric em seu navio enquanto elas seguiriam atrás no navio da Rainha.

Cyrene riu para si mesma enquanto pensava sobre o comentário de Jardana sobre Cyrene estar em um navio menor do que o da Rainha.

Um navio menor de fato, graças a minha recém-adquirida posição.



A SALA DE GUERRA



Com um suspiro, Daufina viu a garota sair do seu escritório. Cyrene era muito jovem para lidar com este tipo de manobra da corte. Embora ela usava sua força como a capa do Edric ao redor de seus ombros, ela tinha tanto a aprender. Daufina se preocupava com submetê-la a isso, em quebrar a inocência de uma menina que tinha acabado de chegar na idade adulta, mas ela faria o que fosse necessário por Byern, por Edric. Ela sempre o tinha feito, mesmo quando ele tinha sido o Rei com apenas quinze anos, perdido e confuso sem sua mãe ou pai.

Bem, ele não era mais criança. Quando ele atingiu a idade, ele tinha derrubado todos os conselheiros do seu pai, que haviam tentado tomar o controle. Foi a única que ele deixou entrar, e ela iria descansar o peso disso em seus ombros para fazer este país funcionar.

Saindo através de uma passagem secreta em seu estúdio, ela entrou diretamente na sala de guerra de Edric. Poderia ter tomado a mesma rota para o quarto dele, mas estava certa de que acharia ele enterrado sob um monte de papelada enquanto se preparava para a procissão.

Sua cabeça se levantou com a entrada dela.

— Ah, Daufina, entre — ele disse distraidamente.

Ela flutuou pela sala e então, ficou de pé ao lado de sua mesa, dando uma espiada nas negociações comerciais que ele tinha em sua frente. — Notícias de Eleysia? — ela perguntou.

Edric passou uma mão sobre o rosto e depois se recostou na cadeira. — Eles fecharão as fronteiras para todos os cidadãos Byern se não cumprirmos com suas exigências. Rainha Cassia está enviando seu filho como um emissário para eu me encontrar com ele assim que chegarmos em Albion.

— Eles ainda estão exigindo que os impostos de importação sejam diminuídos?

— Sim. Também pediram para que não haja nenhuma buscas nas mercadorias. Não suporto isso. Estas medidas de segurança estão em vigor por duzentos anos, e eles cobram impostos semelhantes em nossas mercadorias.

Daufina apertou as mãos atrás das costas e o olhou com o pensamento.

— O que você aconselha? — ele perguntou.

— Fale com o Príncipe deles. Talvez você possa chegar a um acordo. Se nenhum consenso está disponível então medidas extremas serão necessárias, Edric.

Ele empurrou os papéis para longe. — Esta não é a razão pela qual você veio me ver.

— Não, não é.

Ele mandou a ela um olhar interrogativo, pressionando-a a continuar.

— Você mandou para a Afiliada uma capa.

— Você gostaria de uma? — ele perguntou.

Seus olhos estavam brilhantes, e ela viu um traço do menino que ela tinha pensado que amara. O relacionamento deles tinha declinado para um caso quando ela percebeu que sempre amou o trono.

— Você sabe que não é por isso que eu mencionei.

— Então por que você mencionou isso, Daufina? Tenho mil coisas para fazer, e você está se preocupando com uma Afiliada.

— Você fez ser da minha conta me preocupar com ela.

— Eu não fiz nada do tipo — ele disse, ficando de pé em sua altura total e olhando para baixo para ela.

— Eu vejo como você olha para ela, Edric. Seus olhos a seguem, você

dança as danças mais longas com ela, e agora, envia presentes. Eu te conheço há muito tempo para saber que isso é diferente do seu feitio. Você não é Kael. Você não confraterniza com as Afiadas que desfilam na sua frente, esperando por um pedaço de seu tempo. Ainda assim aqui está você com esta Cyrene. O que ela é para você? — Daufina perguntou.

Com sua pergunta, Edric passeou pelo quarto longo. Ela o assistiu através do silêncio e se perguntou o que ele estava pensando.

—Você me disse uma vez que iria me informar se quisesse ter uma amante...

—Não quero ter uma amante — Edric disse.

Daufina endireitou-se em surpresa. Ele nunca levantou a voz com ela.

—Peço desculpas — ele disse com um suspiro. — Não quis assustá-la.

—Só fale comigo.

—Você acreditaria em mim se eu dissesse que não quero nada com ela? — Os olhos dele estavam implorando.

—Não — admitiu Daufina.

—Não — ele concordou. — Não, nem eu. Continuo me dizendo que estou agindo como um tolo Daufina, mas depois a vejo novamente. — Ele acariciou seu queixo enquanto tentava encontrar as palavras. — Ela tem esse magnetismo. Quando estou com ela, o trono desaparece, e eu sou apenas um homem com uma mulher bonita. Isto tanto me intriga quanto aterroriza. — Ele espalhou as mãos na sua frente. — Eu nunca posso ser algo além do rei... Mas quando estou com ela, quero ser.



O COMERCIANTE



Cyrene protegeu-se da dureza do sol do verão escaldante e correu em direção à sombra dos estandes no Mercado Laelish. Muitos dos comerciantes estrangeiros estavam ausentes de suas lojas, e ela se preocupava que Basille Selby podia já ter voltado de Levin e seguido o seu caminho. Ela suspirou de alívio quando encontrou a barraca ainda erguida. A aba drapejada sobre a entrada indicava que foi fechada, mas não esvaziada.

Enquanto Cyrene se aproximava, ouviu vozes lá dentro, e suspirou de alívio. *Alguém está aqui.*

—Com licença — ela chamou. —Estou tentando encontrar o Mestre Basille Selby.

As vozes de repente cessaram, e então ela ouviu o farfalhar, seguido por uma quebra e xingamentos. A aba foi aberta, e uma forma enorme de um homem encheu o espaço.

—Quem pergunta por Mestre Selby?— Ele fixou nela com um olhar afiado.

Ela reconheceu o homem do dia em que ela e Maelia tinha ido ao mercado todas essas semanas atrás. Ela só tinha esquecido o quão grande ele era.

—Tão bom te ver de novo — disse Cyrene.

—Nos conhecemos?

—Vim aqui há algumas semanas, tentando localizar o Mestre Selby

sobre um livro que me vendeu. — Ela atirou-lhe um sorriso encantador.

—Eu acho que me lembro de você agora.— Ele arranhou sob seu queixo barbado com uma mão enrugada e com cicatrizes.

—Maravilhoso. Mestre Selby voltou de Levin?

—Eu não tenho visto ele.

—Eu ouvi você discutindo com alguém antes de eu chegar. Se não era o Mestre Selby, então quem foi?

—Não era ninguém. Agora, saia. Eu tenho trabalho pra fazer. — Ele enxotou-a.

—Não posso ir. Eu tenho que falar com o Mestre Selby sobre um livro. Saio para a procissão em uma semana, e não sei quando terei a chance de falar com ele novamente —ela disse a ele desesperadamente.

Os olhos de Gather incharam. —Você é uma das pessoas do castelo? Uma Afiliada?

—Sim. Eu sou uma Afiliada, assim não terei outra hora para vir até aqui.

O seu maxilar travou, e ele cuspiu para a esquerda. Cyrene reflexivamente deu um passo para trás com o fogo em seus olhos.

—Basilie não lida com o seu tipo — ele rosnou. Sua já assustadora figura atingiu uma altura adicional.

Ela embasbacou-se com a fúria de sua expressão. Ninguém nunca tinha reagido tão negativamente ao seu título.

—Não tenho ideia do por que despreza Afiliadas, mas não quero implicar a você ou Mestre Selby nenhum dano. Apenas quero perguntar sobre um livro.— Ela procurou dentro da bolsa pequeno que carregava e puxou o livro. —Este livro. Por favor, se você puder, leve isto para ele e diga que tenho dúvidas sobre isso. Isso é tudo o que peço. Eu juro pela Criadora, nunca mais vou incomodá-lo novamente.

Ele parecia estar pesando sua desconfiança da situação com o que ela dizia e o livro na sua mão. —Seu povo já quebrou promessas antes.

—Eu não.— Ela o olhou direto nos olhos quando empurrou o livro em seu peito corpulento.

— Eu vou me arrepender disto — ele murmurou, levando o livro dela e fechou a aba na cara dela.

Ela soprou irritadamente enquanto assava no calor da tarde. Sua reação a preocupava. Todas as outras vezes em que tinha pronunciado a sua posição, ela tinha recebido muito respeito e deferência. Seus pais sempre receberam estima semelhante. Na verdade, ela se acostumou com isso. Mas este homem não estava apenas zangado com ela, algo no rosto dele mostrou que estava realmente com medo dela.

O que uma Afiliada poderia ter feito para aquele homem para fazê-lo ter medo de mim?

Cyrene enxugou a testa com um lenço e esperou.

Pouco tempo depois, ele retornou, sem parecer muito satisfeito. Ele suspeitosamente a olhou de acima a baixo. — Não sei porque ele está deixando você entrar, mas se causar qualquer problema, vou te jogar para fora — ele a avisou. — Aqui está o seu livro.

Após tirar a capa da cabeça, pegou o livro da mão dele e o seguiu para dentro da tenda. Dentro da tenda, a queda na temperatura foi surpreendente. Ela olhou ao redor e viu que mais da metade dos livros estavam faltando das mesas e uma grande parcela restante das bugigangas tinham sumido, mas alguns produtos feitos em Levin estavam em exposição.

— Ele está lá atrás. — Ele apontou para uma sala dos fundos, coberta por uma cortina magenta.

— Obrigada — ela respondeu educadamente. Ela se preparou e caminhou através da parede acortinada.

A sala dos fundos guardava uma montanha de caixas meio vazias em cima de um tapete marrom surpreendentemente limpo. Uma pequena mesa foi colocada para o lado, coberta de rolos de pergaminho, algumas bolsas, uma que tombou e derramou um punhado de penas de ouro de Byern, e dois mapas grandes que Cyrene não conseguiu distinguir. A aba traseira da tenda abriu para revelar uma carroça engatada a um par de cavalos marrons.

No canto, vasculhando em uma das caixas, ficou de pé o homem que ela estava procurando. Ele era excepcionalmente alto com um corpo magro, quase fibroso.

—Com licença, Mestre Selby.

Ele girou ao redor para encará-la com um floreio. Ele não era exatamente o que ela esperava. Alguns talvez o considerassem bonito com seu cabelo escuro penteado para trás, barba e bigode bem cuidados, hábeis dedos longos e fluência geral de seus movimentos.

—Não quis interromper, — ela disse.

—De jeito nenhum, Afiliada. De modo algum —ele disse com um lindo sotaque Eleysian fluindo. Ele desceu em uma profunda reverência que correspondia a Rainha. —É sempre um prazer

Que interessante, considerando a repulsa do outro homem pelo título.

—O prazer é todo meu. Por favor, me chame de Cyrene.

—Então será Cyrene e eu sou Basille Selby, um humilde comerciante de Eleysian, — ele disse com um sorriso torto. —Ao seu serviço. Agora, como posso ser útil?

—É em relação a este livro. — Ela mostrou-lhe a capa. —Minha irmã comprou de você como um presente de aniversário para mim.

—Ótimo presente. Ótimo presente, — disse amigavelmente.

—Sim, sim, é. Ela disse que quando comprou de você, você disse que o livro era para as Crianças da Aurora. Eu estou curiosa. Quem são as Crianças da Aurora?

Basille até aquele momento, tinha parecido um pouco o empresário calmo, composto, mas com a expressão do nome, ele atentamente olhou para ela com os olhos marrom-chocolate afiados. Ele estendeu a mão para tirar o livro dela. Ele folheou as páginas em branco, seus músculos enrijecendo com o movimento, e então ele rapidamente devolveu para ela.

—Por que lhe interessam as Crianças da Aurora, Afiliada?

—Por favor, me chame de Cyrene, — lembrou-lhe. —Foi você quem disse à minha irmã sobre estas Crianças, e não sei quem são, nem posso encontrar qualquer informação nas bibliotecas sobre elas.

Basille bufou. —É claro que não pode, Afiliada. Não nas bibliotecas de Byern pelo menos. As Crianças da Aurora já não falam neste mundo... Ou em muitos outros mundos também.

Cyrene teve um flashback repentino do Anel dos Jardins. A realeza presente na sua cerimônia tinha dito que eles tinham retirado as histórias das suas terras para proteção. *Poderia isso ser parte daquela história?*

—O que você quer dizer?

—Na... Nada. Você nem deveria estar aqui, perguntando sobre as Crianças. Esqueça, o que eu disse para sua irmã. — Ele começou a acompanhar para sair.

—Mas não posso, Mestre Selby! Isto tem algo a ver comigo. Cyrene abaixou sob os braços longos dele e se moveu para mais longe na sala, segurando o livro no seu peito. — Você não entende. Eu preciso saber.

Ele se virou para olhar para ela. — Por que tem que saber?

Cyrene rangeu os dentes em frustração. A última vez que tinha revelado o que sabia sobre o livro, Elea não tinha sido capaz de ver o texto. Cyrene pensou que era louca por causa disso, e ela não sabia se estava pronta para sentir isso de novo.

—E... Eu não posso explicar,—murmurou Cyrene, se afastando do vendedor.

—Você vai ter de tentar, Afiliada. Eu tenho um pouco de trabalho para concluir antes de deixar a cidade.

Cyrene virou-se para olhá-lo. — Para onde está indo?

Os olhos dele estreitaram quase imperceptivelmente. Ou ele notou sua mudança de assunto, ou ele não gostava dela questionando o seu paradeiro. Provavelmente, os dois.

—Não lhe diz respeito. Eu sou Basille Selby. Viajo até aos confins da nossa terra e além.

—Onde você esteve? No Lago Mische, as Montanhas Barren, o assombrado Drop Pass? Até Bienco e a imensidão do Oceano Lakonia? —ela perguntou em um tom tagarelante.

Basille riu suavemente com o seu entusiasmo. — Estive em todos esses lugares e mais que você nunca deve saber. Sente-se Afiliada. Com todas estas perguntas flutuando no ar, parece que não vou conseguir trabalhar muito no momento.

Cyrene caiu contra o banco mais próximo da mesa enquanto ele graciosamente se sentou em um próximo ao dela.

Ele cruzou uma perna sobre a outra no joelho e entrelaçou seus dedos longos. Ele olhou um momento antes de perguntar —O que realmente está fazendo aqui? Você tem uma das melhores posições na sua terra. Você parece ter o mundo aos seus pés. O que está fazendo na escória do Laelish, tendo uma conversa com um vendedor ambulante? Mesmo que eu *seja* o melhor.

Cyrene guerreou consigo mesma sobre se abrir para o homem. Afinal, foi por isso que tinha vindo se encontrar com ele. Ele logo estaria fora de Byern. *Quem sabia da próxima vez que se encontrariam — se isso acontecesse?*

Ela abriu o livro no centro das páginas supostamente em branco. A fonte dourada cintilante ironicamente olhou para ela. Isso provocou a parte traseira de sua mente, como se devesse saber o que as palavras diziam, mas ela não conseguia entendê-las. Fazia ainda menos sentido do que a sua carta de Apresentação, e por medo do desconhecido, não tinha gasto mais tempo estudando o livro.

Ela colocou seu dedo sobre a página. —Esta página está em branco para você?

Basille visivelmente tremeu quando olhou para a página. —Sim.— Sua voz vacilou e, no entanto, ele prestou muita atenção.

—E esta?— Ela virou para a próxima página.

Ele assentiu.

—Todos elas?— Ela passou sua mão ao longo das páginas e as folheou.

—Sim, elas estão todas em branco.

—Não estão para mim — ela sussurrou enquanto seus olhos se levantavam para olhar para o rosto dele.

O peito de Basille levantou e caiu rapidamente, e ele esfregou as palmas das mãos contra as calças de linho, deixando marcas de suor. Ele engoliu com força, todo o seu corpo se movendo com o esforço. Seus olhos rapidamente se moveram de um lado para outro, mas ele olhou para longe, não encontrando o seu olhar.

Como se possuído, se levantou do seu lugar e começou a enfiar livros, bugigangas e assuntos pendentes em caixas aleatórias com

aparentemente nenhuma ordem. — Hora de você ir, Afiliada. — Ele passou por ela e jogou um punhado de livros em uma caixa.

— O quê? — Ela saltou para seus pés em surpresa. — Não entendo.

— Sair. Ir embora. Sair daqui. — Ele pegou mais livros e repetiu os movimentos.

— Aonde está indo? E você não vai me ajudar e responder minhas perguntas?

Basille freneticamente abanou a cabeça. — Não, não, não. Eu não posso me envolver. Me desculpe. Gosto de você, mas não posso.

— Você não pode responder às minhas perguntas, ou não pode me ajudar?

Esticou a mão para tentar pará-lo. Ele se encolheu para longe e colidiu em uma estante alta que começou a cair na sua cabeça.

O homem da frente apareceu imediatamente através da cortina. — Tudo okay por aqui?

— Sim, Gather. Obrigado. — Basille arrastou-se para fora da pilha de livros. — Se puder, por favor, acompanhe a Afiliada Cyrene para fora.

— Mestre Selby, você não me disse nada. Quem são as Crianças da Aurora? O que é este livro? Por que posso ver o que está escrito?

Gather agarrou com força seu cotovelo. — Vamos lá. Não incomode mais.

— Por favor. — Ela empurrou contra braço carnudo de Gather. — Diga-me algo, qualquer coisa!

Basille de repente se virou para ela. — Você *nunca* irá encontrar respostas aqui. Vá para Eleysia. Você deve ir para a capital de Eleysia e perguntar por Matilde e Vera. Não posso ajudar Cyrene, mas elas podem.

A respiração de Cyrene era irregular quando Gather a mandou embora da tenda com palavrões ilegíveis. Ela olhou admiradoramente para a cortina fechada por um momento, tentando entender o que tinha acontecido. Basille tinha tremido em terror com a menção de que ela podia ver a escrita dourada, mas ele tinha tido medo antes que ela tivesse dito alguma coisa. Tinha algo estranho sobre ele desde o início.

Ele conhecia alguém que podia ver as letras? Estas Matilde e Vera poderiam vê-la? É por isso que tenho que ir para Eleysia?

O número de novas questões se acumulando a enfureceu o suficiente para quase retornar e exigir respostas dele.

Quase.

Ela não podia forçar a sua passagem pelo Gather, e não havia nenhuma garantia que Basille estaria livre com informações. Ela devia se sentir sortuda com o tanto que recebera dele. Ele podia já ter deixado Byern, e ela nunca teria sabido que precisava ir para Eleysia ou procurar Matilde e Vera.

Talvez essa era a coisa que ela deveria encontrar, conforme descrito na sua carta de Apresentação. Afinal, ela estava procurando por algo que não sabia. Não que ter um destino a ajudasse, porque o enigma da sua carta de Apresentação dizia que o que ela estava procurando não podia ser encontrado.

Cyrene encontrou Ceffy e subiu na sela. Se conformou com a ideia de que não ia conseguir mais respostas hoje, chutou Ceffy em um trote enquanto começava a formular um plano.

Cyrene retornou ao caos.

Afilhadas estavam correndo pelas redondezas, agrupadas em pequenos grupos e segurando uma às outras. Uma garota estava chorando no ombro da amiga. Um grupo de Conselheiros falou em sussurros pesarosos. A DIA da Rainha, Catalin, ia de grupo em grupo com um pedaço de pergaminho na sua mão.

Cyrene trotou Ceffy para os estábulos, jogou as rédeas para um homem em serviço e então foi em busca de respostas. Ela não deixou a corte por mais de uma hora ou duas. Ela se perguntava o que tinha perdido.

Quando ela fez a curva, Maelia veio correndo direto para ela. Maelia jogou os braços ao redor dela e a abraçou apertado. — Ah, Cyrene! Você está bem. Quando você não pôde ser localizada, pensamos...

Cyrene puxou para trás e segurou Maelia no comprimento do braço. — Você pensou o quê? Só fui ao mercado.

Rosto de Maelia empalideceu. — Você não soube?

— Soube o quê?

— Afiliada Leslin foi encontrada morta no mesmo local que Zorian. O rosto dela tinha a mesma mutilação, — ela sussurrou.

As mãos de Cyrene voaram para a boca. *Não Leslin!* Ela tinha ido procurar a bibliotecária hoje. Leslin esteve de férias visitando a filha e agora... Ela nunca voltaria.



O PLANO



Cyrene afundou-se de joelhos no meio do pátio.

Leslin estava... Morta.

Ela cobriu a boca quando um soluço tomou seu corpo.

Aralyn. Ah não.

Como Aralyn reagiu ao descobrir que sua amiga está morta?

Cyrene não lidou com as notícias que Rhea tinha ido para a Segunda Classe muito bem. Ela não conseguia pensar em algo pior acontecendo a sua amiga... Ou nunca vê-la novamente.

—Maelia— Cyrene engasgou.

—Eu sei, Cyrene. É tão terrível. Quando você foi embora, pensei que tivesse acontecido o pior. Estou tão feliz que você esteja bem.

—Eu só... Não posso acreditar nisso.— Cyrene limpou as lágrimas que tinham caído nas suas bochechas, e lentamente se levantou novamente.

—Eu também. Mais guardas foram chamados ao serviço ao redor do perímetro e na cidade, e o Rei instituiu um toque de recolher. Não é permitido sair à noite.

—Mas Leslin não estava fora depois de escurecer. Foi no meio do dia.— Cyrene disse.

Maelia assentiu com a cabeça. —Eu sei, mas o que mais podem fazer?

Cyrene não sabia. Ela nunca tinha vivido algo assim. *Quem está matando as pessoas e para que propósito?*

—Preciso encontrar minha irmã — ela disse a Maelia. —Ela era amiga de Leslin.

Era. Parece tão definitivo.

—Eu vou com você. Não me agrada a ideia de você andar por aqui por conta própria —admitiu Maelia.

Cyrene nem mesmo discordou de sua amiga, o que realmente mostrou a gravidade da situação. A cabeça dela estava cheia com a notícia da morte de uma Afiada, mas ainda assim, não conseguia parar de pensar sobre o pedido de Basille para ela ir para Eleysia. Ela precisava sair do castelo, encontrar Matilde e Vera e obter respostas para suas perguntas.

Mas como isso seria possível enquanto o castelo está tão tumultuado? E eu realmente estaria segura? Certamente não sozinha...

Elas caminharam através das Videiras, passando os grupos de Afiadas amontoados enquanto discutiam as notícias e pararam no quarto de Aralyn. Cyrene bateu duas vezes e esperou. Aralyn respondeu quase que imediatamente. Ela parecia exatamente como da última vez que Cyrene tinha estado aqui. O nariz dela estava enterrado em um livro, seu cabelo castanho longe de seu rosto e o seu vestido tinha sido imaculadamente prensado.

—Aralyn,— Cyrene disse suavemente.

—O que é, Cyrene? Estou no meio de um assunto — Aralyn disse.

Cyrene compartilhou um olhar com Maelia. —Viemos para ver como você estava.

—Estou muito bem. Prestes a sair para Kell em assuntos oficiais. Eu tenho muito a fazer antes de partir.

Ela começou a fechar a porta, mas Cyrene estendeu a mão.

—Não ouviu as notícias?

—Não acompanho a fofoca do castelo — disse Aralyn. Ela finalmente fechou o livro e olhou para Cyrene com um suspiro exagerado. —O que é?

Cyrene molhou os lábios e deixou as palavras não ditas pairarem no ar. Ela odiava ser aquela a contar para sua irmã, mas ela tinha que fazer.

—Aralyn, não sei como lhe dizer...

Elas ouviram os passos pisando no corredor de pedra, e todas as três meninas viraram a cabeça para ver quem estava vindo. Maelia gritou e saltou para o lado, como se alguém estivesse vindo atacá-la.

—Reeve,— sussurrou Cyrene.

—Vim logo que ouvi — disse o irmão dela.

—Oh, honestamente, o que *vocês dois* estão fazendo aqui?— Aralyn perguntou. Os olhos dela estavam estreitados em Reeve.

Cyrene sabia que eles não se davam bem, mas foi estranho vê-los assim.

—Não contou a ela?— Reeve perguntou a Cyrene.

—Só fale logo,— disse Aralyn, cruzando os braços.

Reeve deu a Aralyn um olhar solidário. —Aralyn... Encontraram o corpo de Leslin.

Ela inclinou a cabeça para ele em confusão. —O que quer dizer, *encontraram* seu corpo?

—Ela está morta — sussurrou Cyrene.

—O quê?— Aralyn perguntou horrorizado. —Ela estava de férias para visitar sua filha.

—Eles pensam que está relacionado ao ataque a Zorian,—disse Reeve. Sua voz ficou tensa com a menção do seu amigo.

O rosto de Aralyn amassou quando percebeu que o que estavam dizendo era verdade. —Eu... Eu não —murmurou Aralyn. Ela parecia que queria chorar mas estava segurando suas lágrimas.

—Vamos — Reeve disse, colocando o braço ao redor de seus ombros. —Vamos nos sentar.

Cyrene e Maelia seguiam Reeve para dentro. Eles ocuparam-se tentando confortar Aralyn, fazendo o chá e empacotar suas coisas para Kell. Cyrene não sabia se foi de grande ajuda, mas ela não queria deixar sua irmã enquanto ela era um desastre emocional.

Horas mais tarde, quando Aralyn finalmente dormiu, Reeve os levou para fora da sala para conseguirem algum descanso.

Ela e Maelia andaram solenemente pelo corredor, de volta para seus quartos.

Ajudar Aralyn tirou a mente de Cyrene do aviso de Basille, mas agora que ela se afastou, tudo veio com força total. Ela tinha um plano. Simplesmente necessitava implementá-lo.

Na manhã seguinte, o castelo estava movimentado com a notícia de que Ahlvie tinha sido posto em questionamento pela segunda vez. Cyrene não podia acreditar que ele estava sendo acusado novamente quando não houve nenhuma evidência para indiciá-lo com Zorian. Ela ainda não pensava que Ahlvie tinha matado alguém e esperava que seus desentendimentos com Leslin não voltariam para assombrá-lo.

Desta vez ela não tinha nenhuma relação com ele e não achava que seria chamada para interrogatório. Ela esperava que ele soubesse como sair dessa novamente.

Felizmente, ela teve muito pouco tempo para contemplar as mortes. Estava na ponta da língua de todos, mas ela manteve-se enclausurada em seu quarto, vasculhando as páginas finais do trabalho agrícola da Afiliada Lorne. A procissão era apenas daqui a uma semana, e ela tinha tanta coisa para cuidar antes disso.

Dois dias antes que saísse com a procissão, ela teve todas as suas malas feitas e prontas para ir. No dia anterior, Cyrene tinha solicitado uma audiência com a Rainha e ela aguardava impacientemente essa reunião.

Cyrene não conseguiu se impedir de ficar saltando para cima e para baixo nas pontas dos pés. Passaram-se quase seis semanas desde que ela esteve tão nervosa por algo, mas parecia que sua Apresentação já tinha acontecido fazia uma eternidade.

Vestiu-se rapidamente e simplesmente em um vestido azul pálido. Então, ela trançou seu cabelo para trás e deu um nó em um coque com uma fita de cetim azul marinho. Ela queria parecer apresentável, mas não demais.

Era uma pena que ela não tivesse sido capaz de incluir Maelia em seus

planos. Cyrene queria certificar-se de que todas as peças estavam no lugar antes de discutir isso com alguém. Se tudo corresse de acordo com o projeto, ela seria capaz de dizer a ela esta tarde.

Ela pegou sua pasta de couro de sua mesa de centro e caminhou para fora da sala, com sua comitiva atrás dela. Os passos de Cyrene vacilaram quando entraram no átrio normalmente agitado dos aposentos da Rainha. A sala estava quase completamente silenciosa, e as poucas Afiliadas que permaneciam nas câmaras vazias estavam muito afastadas. Ninguém sequer deu a Cyrene um segundo olhar.

Recuperando a sua confiança, Cyrene se apressou pela sala deserta para pequeno escritório do DIA. Ela bateu duas vezes e esperou.

Um momento depois, a porta se abriu e Cyrene tentou não sibilar para a figura de pé diante dela.

—Cyrene — Jardana disse com um sorriso lento e venenoso.

—Jardana — ela disse educadamente. —A Afiliada Catalin não está hoje?

—Ela está com Sua Majestade, e estou atuando no DIA no momento. — Ela esticou o pescoço para seu limite e levantou o nariz, dando-lhe a aparência de uma girafa. — Em que posso ajudá-la?

—Eu mandei um recado ontem, solicitando uma audiência com a Rainha — Cyrene claramente disse a ela.

Jardana ajeitou seu cabelo louro e recuou para o escritório de Catalin. Cyrene não tinha escolha além de a seguir, deixando os criados na sala comum.

—Simplesmente não é possível,— Jardana proferiu uma vez que tinha feito-se confortável na mesa de Catalin.

—Eu mandei uma mensagem ontem.

—A Rainha não está bem—, disse Jardana. Os olhos azuis claro se abriram com preocupação. —E ela não verá ninguém hoje.

O estômago de Cyrene despencou no chão. A Rainha tinha que estar bem. Ela tinha feito muito para não ser capaz de falar com a Rainha. —O que há de errado com ela?

Jardana fixou seus olhos agora frios sobre ela. — Isso é dificilmente da sua preocupação. Sua Majestade precisa descansar. Isso é tudo. Você pode ir. — Ela estalou seus dedos finos bem cuidados para Cyrene.

— Muito bem. — Cyrene estava determinada a encontrar uma outra maneira de ver a Rainha. Jardana provavelmente estava mentindo. — Verei você na procissão.

Os olhos de Jardana se estreitaram em fendas com as palavras. Até aquele momento, Cyrene não estava certa de que Jardana sabia que ela estaria no navio do Rei. O desprezo de Jardana só Cyrene sorrir ainda mais abertamente.

Mas quando ela virou-se para as portas da Rainha, sua exaltação em superar Jardana fugiu. Ela não podia simplesmente aparecer para a Rainha, especialmente se Jardana tivesse de fato dito a verdade.

Algo forte bateu contra a porta de madeira do estúdio da Rainha, e Cyrene pulou para trás em estado de choque. As paredes tinham quase dezesseis centímetros de grossura de madeira sólida, e no entanto, ela podia ouvir a Rainha gritando. Ela estava tentando decifrar as palavras, quando a porta se abriu na sua frente.

Afiliada Catalin se embaralhou para fora da sala. Seu cabelo de vermelho ardente estava ainda mais bagunçado que o normal, com mechas que escapavam da sua trança, dando-lhe um aspecto de maníaca.

— Afiliada Catalin — Cyrene gorjeou.

— Cyrene — ela disse, mal olhando para ela.

— Você me prometeu uma audiência com a Rainha — ela disse alto o suficiente para sua voz chegar na câmara. Ela sabia que era um mau dia para abordar a Rainha, mas não podia voltar agora.

— Eu.... O que? Não. Não há audiências hoje. — Catalin abanou a cabeça.

— Você prometeu uma audiência, Catalin? — A Rainha Kaliana gritou, lançando o que parecia ser um orbe de vidro pequeno na cabeça de Catalin.

Catalin se abaixou quando o vidro voou através do espaço onde a sua cabeça tinha estado e explodiu contra a parede.

—Não, Majestade — ela choramingou. Ela levantou-se infinitamente da sua posição agachada.

—Oh, deixe-a entrar, sua vaca — Rainha Kaliana gritou. —Cai fora! Saia da minha frente!

Catalin se apressou para obedecer ordens e murmurou baixinho para Cyrene —Você a quer. Pode ficar com ela. Que a Criadora esteja com você.

Criadora, dai-me forças.

Cyrene entrou. O rosto da Rainha estava ainda mais pálido do que o normal e os olhos dela estavam marcados com vermelho, como se ela tivesse chorado. Seu cabelo louro perfeito caiu solto de seu coque, e alguns fios enquadraram o seu rosto. Ela parecia mais jovem e mais vulnerável. No entanto, o conjunto de seus olhos azuis gelo revelavam que a Rainha ao contrário permanecia inalterada.

Cyrene parou na frente da mesa da Rainha Kaliana e fez uma reverência. As quatro criadas, que tinham ficado paradas longe do fogo cruzado, seguiram depois de Cyrene. A primeira garota andou para a frente, e sem hesitação, colocou uma grande pilha de papéis perto da frente da mesa da Rainha Kaliana.

—Do que isso se trata?— A Rainha Kaliana perguntou quando a mulher se virou e voltou para ficar ao lado das outras garotas.

As próximas três meninas colocaram uma pilha igualmente grande de papelada na mesa da Rainha. Quando elas tinham acabado, as mulheres profundamente fizeram uma reverência para Rainha e sussurraram suas formalidades antes de desaparecerem atrás da porta de madeira.

—Em nome da Criadora o que é tudo isso?— A Rainha Kaliana fuzilou abertamente Cyrene com os olhos.

—Meu relatório, Vossa Majestade.— Cyrene passou para a frente e colocou sua pasta de couro no topo da papelada.

—Seu relatório sobre o que?

—Sobre o trabalho da vida da Afiliada Lorne sobre o desenvolvimento de culturas estrangeiras. Você irá encontrar uma lista completa e detalhada de tudo o que ela estudou que poderia ser útil para Byern. Também, com antecedência, construí um plano de implementação para vários dos mais

importantes desenvolvimentos agrícolas estrangeiros.

—Você só esteve aqui um par de semanas — disse a Rainha.

—Seis semanas — Cyrene informou-a. —E eu completei tudo o que pediu de mim com satisfação.

—Mmm — Rainha Kaliana disse de modo evasivo.

Cyrene tomou uma respiração profunda. —Gostaria de solicitar uma licença.

A boca da Rainha Kaliana estava boquiaberta e seus olhos azuis a encararam incompreensivamente. Tão rapidamente quanto a surpresa foi registrada, passou, e ela mais uma vez retomou a sua autoridade rígida.

—Gostaria de ser concedida uma licença?— perguntou a Rainha.

—Sim, Sua Majestade.

—Precisa desta licença para o que exatamente?

—Eu preciso viajar para promover os interesses da Afiliada Lorne.— Ela manteve sua voz nivelada e controlada.

—Os interesses de uma mulher morta?— perguntou a Rainha increduladamente.

—Ela era incapaz de viajar para as terras distantes que pesquisou para estudar as plantações em seu habitat natural, e se vou me tornar uma especialista em desenvolvimento de plantações estrangeiras, preciso viajar para visitar essas localidades — ela disse para a Rainha tão passivamente quanto poderia. Suas palmas suaram quando a mentira escorregou da sua boca, mas ela absteve-se de limpá-las contra o vestido.

—Afiliada Lorne se saiu muito bem sem nunca deixar Byern, não é?

—Ela conseguiu além da medida — Cyrene começou.

Rainha Kaliana sorriu.

Cyrene continuou —Para alguém que não foi dada a oportunidade de estudar totalmente o assunto ao qual estava fascinada.

—Não.— A Rainha Kaliana inclinou-se de volta na cadeira de rosa enorme.

—O quê?— Cyrene perguntou, perdendo todo o sentido de

formalidade.

—Você tem a minha resposta, Cyrene. Você não pode ter uma licença. Você vai viajar em procissão com destino a Albion amanhã, e vou continuar com a sua formação e educação de agora em diante.— Ela cruzou as mãos sobre o estômago.

—Mas, Sua Majestade, eu devo deixar Byern para estudar...

—Cyrene! Não discutimos o seu retrucamento anteriormente? Fará o que eu digo que pois sou sua Rainha e sua Receptora.

O estômago de Cyrene virou quando ela lembrou da cerimônia do Anel dos Jardins quando Edric a mudava para a Terceira Classe, com base em tal declaração.

—Claro, Sua Majestade, mas posso perguntar por que você não vai me deixar ir?— Ela sabia que a Rainha a invejava por causa da afeição do Rei, mas só poderia beneficiar a Rainha mandá-la embora.

A Rainha Kaliana se levantou tremendo, apertando suas mãos na borda da sua mesa. Mechas loira voaram na frente de seus olhos quando ela se inclinou e franziu os lábios. —Não preciso de nenhum motivo — ela disse fria e firmemente. —Eu sou a sua Receptora, sua Rainha. Você faz o que *eu* digo. Quando ordeno que permaneça em Byern e nunca deixe a cidade, você faz uma reverência e sorri como a boa menina que você é. Quando eu exijo que você estude desenvolvimento de culturas estrangeiras, você estuda o material até que *eu* diga que você acabou.— A Rainha Kaliana empurrou a papelada da mesa, deixando-o se espalharem sem rumo pelo chão ao redor dos pés de Cyrene. —Fiz me entender?

Os olhos de Cyrene nunca vacilaram da onda de ódio irradiando da Rainha. Ela manteve sua cabeça nivelada e seu queixo ligeiramente levantado, como se ela não fosse sucumbir ao tormentos da Rainha. Ela tinha passado pelo pior, perdida em um pesadelo enquanto presa nos recessos do submundo do castelo. Eles tinham pensado que iriam quebrá-la, mas ela tinha sobrevivido e voltou mais forte do que nunca.

—Muito — disse Cyrene.

—Você está dispensada — Rainha Kaliana colapsou de volta para sua cadeira. —Envie aquela mulher insípida, Catalin, no seu caminho para fora.

—Sim, Sua Majestade.— Ela cerrou os dentes quando fez uma reverência, atravessou a papelada que a tinha escravizado durante horas e deixou os aposentos da Rainha.



O ESQUEMA



Cyrene estava fervendo.

O pensamento de ficar sozinha no seu quarto a debilitava, e ela fez seu caminho em direção a uma janela aberta para olhar para fora, através dos terrenos do jardim. Ela tentou encontrar compostura da explosão da Rainha, mas nada veio a ela.

Sabendo que Maelia tipicamente estudava ervas medicinais esta hora do dia, Cyrene desceu as escadas em busca da sua amiga. Já era hora dela estar a par dos planos de Cyrene.

Depois de andar por uma fileira de arbustos de mais de três e meio de altura, Cyrene parou no portão de metal rústico que bloqueava a entrada para os jardins medicinais. Suas mãos tremiam enquanto ela destrancava o portão. Ela suspirou antes de o abrir, e olhou para dentro do jardim à procura de Maelia.

O coração dela parou quando viu o Príncipe primeiro. *O que ele está fazendo aqui?*

Ela deu um passo para fora. A última pessoa que queria encontrar quando seu temperamento estava tão ruim era Príncipe Kael.

Estreitando os seus olhos, ela olhou além dele e viu o rosto pálido de Maelia olhando para ele. Seu rosto era uma máscara, mas mais uma vez, sempre foi. Um caroço se formou na garganta de Cyrene com o pensamento do Príncipe tentar qualquer uma de suas travessuras na amiga dela. Cyrene era uma tempestade pronta para se libertar num piscar de olhos, mas

Maelia era tão tímida. Ela obedecia a autoridade como qualquer militarista da Segunda Classe. Cyrene faria um escândalo se ele usasse isso para sua vantagem, e o homem usava tudo para sua vantagem.

O que quer que eles discutiam claramente tinha chegado ao fim, e antes que Cyrene percebesse, Príncipe Kael estava avançando diretamente para ela na saída.

Tomando a maçaneta em sua mão, o Príncipe abriu o portão. — Afiliada — ele disse com um sorriso quando ele angulou em torno dela.

— Príncipe — ela murmurou, segurando a raiva.

Ele não tinha feito nada ainda. Ela poderia lidar com isso.

— Está pronta para a procissão? No navio do Rei, nada menos. — Um músculo contorceu-se em sua mandíbula.

Ele estava com ciúmes. Ela teria rido dele se não estivesse em um humor tão miserável.

— Sou tão sortuda.

— Eu diria que meu irmão é o sortudo.

— Ele é o Rei.

— Eu estava certo. — Ele deu outro passo em torno dela.

— Sobre o quê? — Ela ficou fora de seu caminho.

— Que eu não seria o único a te cortejar — ele respondeu com um sorriso.

A mente dela piscou de volta para sua primeira noite no castelo, e ela estremeceu. Não podia acreditar que ele estava trazendo a tona o assunto de novo.

— Ninguém está me cortejando, — ela respondeu com os dentes cerrados. — Muito menos o seu irmão.

Príncipe Kael riu. Ele cruzou a distância entre eles. Cyrene ficou dura, querendo nada mais do que tirar o sorriso da cara dele.

— Meu irmão foi criado ao meu lado. Ele é um cortesão por natureza. — Ele suavemente passou a sua mão pela bochecha dela.

— Você fará bem se lembrar disso.

Cyrene virou seu rosto para longe dele. — Bom dia, Príncipe Kael.

— Sempre é quando eu vejo você — ele disse quando caminhou para fora.

Cyrene forçou-se a tomar uma respiração profunda antes de entrar no jardim.

Maelia rapidamente se virou e abriu um sorriso. — Bom te ver, Cyrene.

— Você viu o Príncipe?

— Sim, ele estava aqui — Maelia disse.

— O que ele queria?

— Ele estava discutindo a procissão comigo — ela disse.

— Por que? Nunca vi vocês dois conversarem antes.

— Cyrene — Maelia gemeu, recuando de volta para o jardim, — por favor não me faça dizer.

— Ora, Maelia. — Cyrene conseguiu um sorriso. — Você pode me dizer!

Maelia balançou a cabeça de um lado para o outro, claramente debatendo consigo mesma. — Você não pode deixá-lo saber.

— Nunca vou dizer uma só palavra, — Ela prometeu.

— Ele estava questionando como chegamos no navio do Rei para a procissão, mas ele me disse para não falar nada sobre isso. Ele... Ele gosta de você, Cyrene.

Cyrene suspirou. Ela tinha estado com mais medo de que o Príncipe iria desafiar a sua sorte com Maelia.

— Lamento por ele estar lhe fazendo perguntas. Ele pressionou você de qualquer maneira? — Ela odiava a perguntar, mas tinha que saber.

— Ele... Bem, você sabe como ele é. Ele me coloca no limite, Cyrene. Não sei por que me incomodou tanto.

— Eu sei — disse Cyrene. Este foi o momento. — A primeira noite que estive aqui, antes de você e eu nos conhecermos, Príncipe Kael segurou-me contra a parede e tentou se aproveitar de mim no meus aposentos.

Maelia ofegou, olhando para Cyrene em horror.

—E quando eu o forcei a parar, não recuou, e ele tem estado me perseguindo desde aquela noite... Não contei a ninguém além de você.

Maelia estendeu a mão e agarrou a de Cyrene. —Ele não fez isso!

Cyrene mordeu o lábio e assentiu com a cabeça.

—Oh, eu sinto muito. Quão... Quão desprezível

—Eu sei. Ele nunca vai parar, e a Rainha é pior.

—A Rainha?

—Ela me odeia, Maelia. Ela acha que eu quero assumir.

—Mas você nunca fez nada para fazê-la pensar assim! — Maelia gritou.

Cyrene olhou de relance em torno do jardim, certificando-se de que ninguém estava escutando. —Nada, Maelia? Com o Rei Edric pedindo-me para passear pelo jardim e Príncipe Kael perseguindo-me como um cão de caça?

—O que vai fazer? Você tem algo em mente. Eu posso ver.

E foi quando Cyrene soube que a deliberação da Rainha sobre seu desempenho, sobre o seu comportamento, sobre a sua própria existência no castelo não importavam. Nada iria impedi-la agora.

—Sim, eu tenho um plano.

—Poderíamos ter problemas?

—Sim.

—Vale a pena?

Arrepios explodiram em toda a sua pele, e ela engoliu. *Vale a pena deixar tudo por um capricho de um vendedor ambulante?* Ainda parecia mais do que isso. O livro a chamou. Ela precisava descobrir o que significava. Precisava saber por que podia ver as palavras quando ninguém mais podia. Ela precisava descobrir por que ele tinha ficado histérico quando lhe disse sobre isso. A apavorava, mas ela não podia ignorar... Mesmo que um assassino estivesse à solta.

—Sim — Cyrene finalmente respondeu. —Eu preciso deixar o castelo.

—O quê? — Maelia perguntou. —Houve duas mortes, e você quer deixar os terrenos?

—Não os terrenos. O país —ela sussurrou.

—Isso é sobre Zorian e Leslin?

—Em parte. É complicado.— Cyrene suspirou. —Eu só... Confia em mim, Maelia?

Maelia fez uma pausa e então assentiu com a cabeça. —Sim.

—Então, sabe que eu tenho que fazer isso, e vou te dizer tudo assim que puder — Cyrene finalmente disse.

—Tudo bem. Confio em você,—disse Maelia. —Seja o que for, estou dentro.

Cyrene exalou pesadamente em alívio e em seguida começou a deixar Maelia a par de seu plano. Com Maelia a bordo, isto poderia mesmo funcionar.

Ela deixou Maelia para terminar de empacotar e entrou em seus aposentos para certificar-se que todos os preparativos para a procissão estavam perto da conclusão. As roupas dela tinham sido devidamente dobradas e colocadas em malas de viagem. Alguém viria em breve para levar tudo para o barco.

Um novo pacote estava em seu armário. Ela cautelosamente o pegou em suas mãos. Uma nota caiu no chão. Ela apressadamente recuperou-a e viu a letra rabiscada de sua costureira, Lady Cauthorn.

Um sorriso eclodiu na cara dela. Ela rasgou o papel marrom e deixou o vestido dourado cair elegantemente a seus pés. Era requintado da mesma forma que o seu vestido de baile da sua Apresentação, mas em uma cor que era digna de um Dremylon. Os dedos dela passaram pelo material sedoso. Ela imaginou que não teria algum lugar para usá-lo na procissão e lamentou deixá-lo para trás.

Depois de pendurar o vestido, ela retirou-se do seu quarto e foi em busca de Reeve para perguntar sobre Aralyn. Depois que ela descobriu sobre Leslin, Aralyn não queria mais visitas. O funeral para Leslin era amanhã à

tarde, e Cyrene esperava falar com ela depois disso.

Cyrene apressou-se para as salas comuns do Conselho, ansiosa para ver Reeve. Poucos minutos depois, ela o encontrou no quarto dele. A porta estava escancarada e ela levantou sua mão e bateu.

—Pode entrar — Reeve chamou.

Ela espiou para dentro. — Ei.

—Ei, Cyrene. O que faz aqui? — Ela mordeu o lábio. — Só de passagem para perguntar sobre Aralyn.

—Ela acabou de sair — disse Reeve. Ele balançou a cabeça. —Ela partiu para Kell esta manhã.

A boca de Cyrene se abriu. —Ela já foi? Ela não vai nem ficar para o funeral?

—Sim, bem, é Aralyn — Reeve disse.

Às vezes ela não conseguia entender a sua irmã. Ela achou que Aralyn iria ficar de luto sobre a perda de sua amiga, mas em vez disso, ela tinha acabado de sair assim que pôde. *Então, novamente, não é o que eu estou planejando fazer também?*

—Ouvi dizer que está na procissão.

—Eu estou,— disse Cyrene, ainda surpresa sobre a partida de Aralyn.

—E no navio do Rei.

—De fato.

—O que você fez para chegar lá, Cyrene? — Ele pegou seu cotovelo e a puxou para perto.

—Nada. — Ela se puxou para longe dele.

Ele suspirou. —Dormiu com ele?

Cyrene engasgou, absolutamente chocada com o rumo da conversa. Ela sempre foi mais próxima de seu irmão. Ele a adorava quando era mais nova. Nem em um milhão de anos ela teria pensado que ele iria suspeitar de uma coisa dessas.

—Isso não é da sua conta!

—Cyrene, isso é sério. Eu sei como são as coisas por aqui, mas não posso ajudá-la sem respostas.

—Não preciso de sua ajuda! Não posso acreditar que pensa tão pouco de mim.

—Todo mundo tem visto você com ele e agora isso. O que você esperava?

—Eu esperava mais de você — ela disse antes que de se virar e fugir do quarto.

Cyrene deixou corredores do Conselho em uma corrida, desesperada para escapar da cela de prisão que a apertava na qual se encontrou presa. Ela atravessou as portas mais próximas, saindo em um pátio aberto. Ela parou para recuperar o fôlego e passou uma mão pelo seu cabelo escuro emaranhado. A trilha refletida de volta para ela em um prisma de vidro rachado brilhante, passando do branco ao amarelo para laranja e depois vermelho, roxo, azul e verde.

A trilha levava aos estábulos. Ela andou o caminho e através das portas do estábulo. O lema esculpido na entrada a lembrava demais da sua cerimônia do guerreiro.

ACREDITE NAQUELES CUJA HONRA BRILHAR.

Cyrene vagou até a sua manchada Ceffy, que relinchou com sua abordagem. Ela acariciou-lhe o nariz e tentou esquecer tudo o que aconteceu recentemente.

—Vem sempre aqui?— uma voz soou atrás dela, a tirando de sua solidão.

Ela se virou e viu Ahlvie caminhando em sua direção. Ele estava instável em seus pés, mas seus olhos ainda estavam alertas.

—Um pouco demais. Continuo correndo para você, não é?

Ahlvie sorriu, segurando um odre de vinho de couro marrom. —Você parece que talvez precise disso mais do que eu.

Ela olhou-o. —Estou achando que não é água.

—Qual é a graça disso?— Ele tomou um gole.

—Acho que vou passar.

—Você quem perde.

—Ouvi dizer que chamaram você para mais um questionamento. — Ela voltou sua atenção para Ceffy. — Então, você pode precisar dele.

—Eles não têm nada contra mim, mas isso não os impede de me proibirem de deixar o local.

—Por que acham que foi você desta vez?

—Você não sabe? — ele perguntou, lançando-se para a frente. — Eu e a Leslin discutimos.

—Ela obviamente desgostava de você mais do que você desgostava dela. Pensei que estivesse claro — disse Cyrene.

—Sim, bem, vai dizer-lhes isso. — Ele estender a mão para o castelo e deu de ombros.

—Então, se você está proibido de sair, então não vai na procissão? — ela perguntou.

—Não. Eu não iria de qualquer maneira. Byern é melhor sem a corte, mas agora, não consigo nem sair do castelo para me divertir. — Seus olhos cintilaram maliciosamente.

Ela duvidou que eles poderiam mantê-lo preso.

—Você não quer apenas ser livre de tudo isso? — ela perguntou.

Seus olhos se encontraram, e por um segundo, era quase como se ele entendesse algo sobre ela que ela nem precisou falar em voz alta.

—Mais do que tudo.

—Então, eu encontraria uma maneira de ir em procissão.



A PROCISSÃO



Assim que o Rio Keylani atinge as docas da capital de Byern, é transformado de um rápido e perigoso desfiladeiro para um fluxo de água calmo e amplo. A viagem de Carhara através da passagem de corte profundo era traiçoeira e tinha diminuído a agressão entre os mundos Oriental e Ocidental por gerações. Uma vez que o rio saía das montanhas, suavemente conduzia para boca das redes de comércio de Byern em Albion.

Cyrene ficou no convés do navio do Rei com Maelia e assistiu o corre-corre abaixo delas. Adultos e crianças inundavam as docas e estradas de pedra que olhavam através dos grandes navios amarrados ao cais. Mesmo com o aumento de guardas vigiando a população em geral, um sentimento de alegria estava no ar. Pessoas estavam gritando boa sorte para os passageiros, e os vendedores estavam vendendo doces e serpentinas para as crianças.

Ela inclinou-se contra o parapeito de madeira em admiração por estar do outro lado da ovação. No momento, ela estava apenas apaixonada pelo vento em seu cabelo, o convés de madeira sob os seus pés, a bandeira verde de Dremylon balançando sobre ela e o conhecimento de que estava deixando Byern pela primeira vez.

O vento era estável, e as velas caíram, levando-os corrente à cima para a brisa que se aproximava. Atrás deles estavam os outros cinco navios com o restante da corte.

Maelia estendeu sua mão esquerda e agarrou a mão de Cyrene onde descansava no parapeito. Cyrene arrancou seus olhos longe da multidão para

olhar para ela.

—Nós realmente estamos indo — Maelia disse, sua voz quase desaparecendo no vento.

—Não é emocionante?

Os olhos de Maelia voltaram para a multidão. —É tudo um pouco esmagador.

—Isso é o que torna uma aventura.—Ela apertou a mão da sua amiga.

Maelia sorriu solitariamente enquanto observava sua segunda casa sumir.

Os navios deles passaram pelo Mercado Laelish com suas tendas coloridas, as estradas de pedra niveladas e os contornos da cidade, enquanto ganharam velocidade. Logo, até mesmo as pedras mais baixas do anel exterior da cidade sumiram de vista. Apenas planícies, elevações distantes e montanhas descansavam na distância.

—Vamos lá para baixo. Ouvi que não há mais nada para ver por um tempo.

—Nunca estive em Albion?— Maelia perguntou.

—Não. Não mencionei isso? Meus pais preferiam não viajar e nas férias íamos para o campo. Este é o mais distante que já estive fora dos limites de cidade de Byern.— Ela saltou nas pontas dos pés.

—Byern não era o que eu esperava depois de dezessete anos em Levin. Espero que goste mais.

Cyrene esperava também.

Elas foram rapidamente para baixo do convés para os aposentos de Cyrene. Ela tinha acomodações para uma mulher acima de sua posição na corte. A cama era grande e luxuosa, e ela tinha um trocador completo, cômoda e guarda roupa. Um tapete Aurumian ricamente colorido cobria o chão, e uma lixeira de prata decadente descansava no canto.

—Ainda não acredito que você conseguiu esse quarto — disse Maelia.

—Não é maravilhoso?

—Você vai me dizer como você o conseguiu, ou nem me dou ao

trabalho?

—A Consorte ofereceu para mim.

—Você tem estado em contato com a Consorte agora? Por que sequer estou surpresa? Você um dia vai dividir seus segredos comigo?

Cyrene teve o bom senso de ficar envergonhada. Ela ainda tinha segredos em abundância que não estava planejando compartilhar com alguém, não agora, ainda não.

Uma batida na porta tirou as meninas de sua discussão sobre aventuras e segredos.

Maelia cruzou a sala e abriu a porta.

—Desculpe incomodar Afiliadas — o cavalheiro disse.

Cyrene observou o logotipo do Conselho em seus trajes. Ele era bastante atraente com características escuras e um sorriso sincero.

—Agora que já passamos das dunas, a Sua Majestade solicitou suas presenças para o almoço.

—Obrigada — disse Maelia, não escondendo sua admiração com o convite.

—É um prazer. Se importam se eu mesmo as acompanhar? Faz algum tempo desde que estive na companhia de senhoritas tão bonitas. — Ele dirigiu a última afirmação a Maelia, e então seu olhar deslocou para Cyrene antes de retornar imediatamente para Maelia.

As bochechas de Maelia esquentaram, e ela olhou para o chão. —Isso seria muito apreciado.

—Vamos nos refrescar, e nós já iremos. — Cyrene caminhou até a porta.

—Eu esperarei com prazer — ele disse com um sorriso.

Ela fechou a porta na cara dele e virou-se instantaneamente. —Bem, *ele* gostou de você!

—Ah, bobagem, Cyrene. Ninguém repara em mim quando você está na sala — Maelia disse com desdém.

—Ele estava olhando diretamente para você — Cyrene insistiu. —Ele mal olhou para mim.

—Bem, não importa com a viagem em frente — Maelia anunciou um tanto defensivamente.

—Talvez não, mas é uma boa hora para flertar, no entanto.

Cyrene agarrou o braço de Maelia e puxou-a em direção à porta. Seu acompanhante estava esperando por elas do outro lado.

—Se vocês me seguirem — ele disse, oferecendo a cada uma seu braço. —Receio que eu sei quem vocês são, mas não lhes dei o meu nome. Muito tempo fora da corte, e esqueci as formalidades. Eu sou o Conselheiro Eren.

—Prazer — Cyrene disse enquanto Maelia mergulhava sua cabeça em confirmação. —Você disse que estava fora da corte. Onde estava?— Ela adorava aprender sobre outras terras com pessoas que na verdade tinham estado lá.

—Não longe. Eu era um emissário para Carhara na corte de Tahne por algum tempo e antes disso, fui colocado em Levin onde fui criado.

—Fui criada lá também — disse Maelia.

—É mesmo? Em qual posição você estava?

Maelia fez um movimento rápido de mão que Cyrene não acompanhou. Eren assentiu com a cabeça e fez um movimento de volta. Maelia riu e inclinou-se no braço dele.

Cyrene deu a ela um olhar interrogativo. Ela não sabia o que tinha acontecido.

—Me perdoe.— Maelia se endireitou. —A Guarda tem uma linguagem de sinais que usam para discutir assuntos militares.

Interessante. Agora que ela pensou sobre isso tinha visto a Guarda Real ao redor de Byern fazendo ligeiros movimentos de mão.

Parecia haver mais e mais coisas que ela não sabia. Havia uma quantidade infinita de informação que ela nunca poderia esperar adquirir.

—Aqui estamos.— Eren soltou as duas mulheres e abriu uma porta.

Luxo parecia seguir o Rei Edric onde ele ia. A longa mesa retangular com assentos para uma dúzia de pessoas encheu a sala com uma passadeira verde luxuosa. Candelabros de prata decorativos lançava uma luz brilhante entre os sete convidados já estabelecidos em cadeiras de encosto alto

esculpidas com detalhados trabalhos de carpintaria.

Mas o que chamou a atenção de Cyrene foram os olhos azul-acinzentados do Rei Edric olhando para ela da extremidade da mesa. A sua respiração ficou presa com o peso daquele olhar e faísca de eletricidade que sempre parecia a piscar entre eles. Ele parecia extremamente bonito, sem o seu traje cerimonial e em vez disso vestido com uma camisa verde solta e calça marrom.

— Afiliadas obrigado por acompanharem o Conselheiro Eren. Por favor, sentem-se — disse o Rei Edric.

Eren levou Cyrene para sentar-se à esquerda do Rei, e a Consorte sentou-se à sua direita. Cyrene agradeceu-lhe quando sentou-se, chocada com a recepção. Ela sabia que a Consorte a queria a bordo para o Rei, mas ela estava terrivelmente despreparada para isso.

Os dez membros do círculo íntimo do Rei brindaram para a boa saúde de Edric.

Com tão poucos na sala, Cyrene teve a estranha sensação de importância vindo a ela. Ela fora selecionada para isto. O que *isso* era, no entanto, estava ainda a ser determinado.

Servos colocaram um banquete de almoço com deliciosas opções diante deles, e todos cavaram em sua comida.

Cyrene escolheu um pãozinho macio e assistiu as interações de todo mundo.

— Meu bom amigo Eren — Rei Edric disse — é um prazer tê-lo de volta em Byern. Tahne tomou você de nós por muito tempo.

— Obrigado, Meu Rei. — Ele inclinou a cabeça. — É um prazer estar de volta.

— É uma pena as circunstâncias que cercam o seu retorno. Estendo meus pêsames pela perda do seu irmão, e espero que possamos trabalhar juntos para descobrir os motivos da morte de Zorian.

Cyrene olhou Eren. — Zorian era seu irmão?

— Sim. A pesquisa dele Trinnenberg, capital de Tiek, tinha chegado a algum tipo de conclusão. Então ele viajou ao norte para ficar comigo na corte

de Tahne para sua última quinzena. Ele tinha a intenção de estar de volta em Byern a tempo para uma Apresentação.

—Que foi a sua Apresentação, Cyrene — o Rei Edric disse com um sorriso fácil na direção dela.

—Sim, eu me lembro — ela disse suavemente.

O sorriso de Eren pareceu aumentar quando ele olhou para o lado dela, e Maelia afundou-se em seu assento.

—Você deve ser irmã do Reeve. Zorian o mencionou. Eu me lembro agora.

—Sim, eu sou.

—Zorian falou com carinho de seu irmão. Lamento que ele não conseguiu ver Reeve novamente antes... —Eren partiu-se e olhou para outro lugar. —Só me arrependo de não ter sido capaz de chegar a tempo para seu enterro.

O Rei Edric assentiu solenemente. — Vamos descobrir o que aconteceu com ele e Afiliada Leslin. Entretanto, vamos levar os assuntos para longe dos temas duros.

A conversa mudou de curso quando a Consorte Daufina começou a discutir as atividades da procissão. Cyrene tinha outros planos para seu tempo fora do navio, mas ouvia atentamente para bloquear os pensamentos sobre as mortes estranhas.

O almoço terminou com a insistência da Consorte para descansar depois do stress dos preparativos.

Maelia levantou-se como se fosse sair e então imediatamente se sentou novamente na cadeira.

—Você está bem? — Eren perguntou preocupado.

Cyrene olhou para a amiga dela que tinha estado em silêncio durante a refeição. A palidez no rosto dela traiu a sua disposição.

—Eu acho que um repouso soa agradável.— Maelia cobriu a boca e tentou se levantar de novo.

—Sem habilidade de não ficar enjoada para você parece — Eren disse.

—Talvez você vá me permitir te levar de volta para seus aposentos.

—Sim, isso seria muito útil Conselheiro Eren.— Ela agarrou o braço para apoio, não movendo a mão de sua boca.

Com preocupação vincando a sua testa, Cyrene voltou-se para agradecer o Rei.

—Não tema — disse ele. —Ela vai se recuperar depois de descansar por um tempo.

—Espero que sim. Não sabia que o mar podia causar tal sofrimento. Acho reconfortante.

—Acho que é conveniente e rápido, mas eu prefiro as montanhas.— Ele sorriu para ela. —Cyrene, se importa de andar comigo para meu estúdio? Tenho assuntos a tratar, e eu aprecio sua companhia.

—Eu... Claro,— Cyrene murmurou.

—Maravilhoso. Eren, por favor vá me ver depois que você ajudar a Afiliada. Eu gostaria de discutir esse assunto sobre Zorian e Leslin.

—Sim, Sua Majestade.— Eren curvou-se ligeiramente na cintura antes acompanhar uma Maelia destroçada para fora da sala.

Consorte Daufina mergulhou em uma reverência baixa com um sorriso que fez Cyrene inquieta e depois partiu com outra Afiliada em seus calcanhares.

Rei Edric ofereceu a Cyrene o seu braço. Ela cautelosamente colocou a mão nele e o seguiu para fora da sala. Sua mente estava zumbindo. Ela não tinha certeza de que aceitar o convite da Consorte para navio do Rei tinha sido aconselhável.

Caminharam através de um corredor e passaram o conjunto de escadas de madeira que levava para cima. Um guarda na frente de uma sala no final do corredor sinalizou para o Rei, e Cyrene se perguntou se era a linguagem secreta que Maelia e Eren tinham discutido.

O guarda abriu a porta para eles, e Rei Edric permitiu o acesso ao seu escritório particular. Uma mesa desarrumada era a peça central, e estava coberta de mapas, pergaminhos, estranhos objetos de ouro e manchas de tinta. O resto da sala tinha documentos e livros espalhados juntamente com duas estantes transbordando.

Quando a porta se fechou atrás deles, Cyrene percebeu que estava completamente sozinha com o Rei de Byern.

—Perdoe minha bagunça, Cyrene. — Parecia como se uma pedra tivesse sido tirada do peito dele, e ele sorriu abertamente quando se sentou na cadeira do escritório.

—Acredito que posso ajudar você — ela disse com um sorriso, sem saber onde sentar. Havia duas cadeiras de madeira com almofadas verdes, mas uma foi empilhada com livros e a outra tinha uma pilha de papéis empoeirados, então ela ficou de pé em vez disso.

—Sinto-me como se fosse esmagá-la com esta questão, e eu não quero que signifique isso — ele disse rapidamente. —Não se ofenda.

—Eu quase nunca faço com você — ela sussurrou. O coração dela martelava em seu peito.

—Enquanto estou muito feliz por ter você a bordo do meu navio, estou curioso para saber os meios em que você adquiriu sua passagem.

Cyrene levantou seu queixo. O ego dela rapidamente ficou machucado. —Eu não entendo.

—Por favor, sente-se.

—Não há lugares. — Ela levantou uma sobrancelha enquanto trancava as mãos atrás das costas.

—Ah, minhas desculpas — ele disse, pulando.

Sim, o Rei de Byern realmente levantou-se. Ele limpou uma das cadeiras para ela, depositando a pilha de livros em uma estante já muito lotada.

Cyrene varreu seu vestido vermelho para o lado e lentamente afundou na cadeira na frente de Edric. Suavemente colocou as mãos no colo, tentando parecer recatada debaixo da humilhação fervilhante que ela estava suportando.

O Rei Edric sentou-se na cadeira e claramente olhou para ela.

—Eu quero você aqui.

—Isso é decepcionante. Eu estava esperando que você me jogasse no mar. — Quando a compreensão do que disse a atingiu, ela cobriu a sua boca.

Rei Edric explodiu em gargalhadas. —Bem, eu certamente não posso jogar você no mar agora.

—Espero que não.

—Não quis ofender. Quase não tenho motivos para rir tanto na corte. Como fui tão afortunado?

—Ninguém lhe disse da minha presença a bordo do seu navio?

—Ah, você me pegou.— Ele cruzou o tornozelo sobre o joelho e se recuperou. —Eu sabia que estaria a bordo, e tinha ouvido que Daufina aprovou. Não impedi.

—Então, o que mais gostaria de saber?

O Rei inclinou-se sobre a desordem de sua mesa e olhou para ela, aparentemente esperando por algo, mas não havia mais nada para acrescentar. A Consorte a convidou, e ela tinha aceitado.

—Então, você não solicitou esta posição ou...

—O que? Claro que não —disse Cyrene.

Rei Edric sorriu e olhou para ela como se fosse um peão num jogo de xadrez.

—Não que eu não queira estar aqui — Ela corrigiu.

Ele se levantou regamente e andou em torno da mesa para encará-la. Ela olhou-o, querendo saber qual era o seu jogo final. Eles tinham tido um momento nos jardins, mas após a cerimônia do Anel dos Jardins, ela tinha visto pouco dele, ainda assim, estava no barco a pedido da Consorte. Olhando nos olhos dele, ela descobriu que não queria estar em nenhum outro lugar.

Edric estendeu a mão para ela, e ela ficou de pé diante dele. Ele não largou ela, e deram um passo para a frente até que havia pouco espaço entre eles. Ele levantou a mão dela à boca e delicadamente colocou um beijo no topo. Seus olhos nunca deixaram o rosto dela, e ela se sentiu corada.

—Acho que será um grande prazer ter você a bordo, Cyrene.

—Obrigada... Obrigada, Sua Majestade — ela disse, se esforçando para colocar alguma distância entre eles.

—Edric. Por favor, me chame de Edric.

—Edric — ela sussurrou, retirando a sua mão.

—Tenho certeza de que você precisa descansar também.— Ele a acompanhou em direção à porta.

—Sim, acho que preciso descansar.

Ele a impediu antes que chegassem até a porta. —Cyrene?

—Sim?— ela perguntou. O estômago de Cyrene vibrou enquanto encarava o Rei de Byern.

—Se eu enviar uma empregada para seus aposentos, você virá até mim esta noite?

Qualquer que fosse a parte dela que talvez teria negado ele desapareceu da sua mente. —Sim.

—Bom — ele disse com um sorriso. Edric bateu na porta uma vez, e o membro da guarda a abriu. —Bom dia, Afiliada.

Ver Eren em pé do outro lado da porta moderou suas pretensões de menina. Ela se endireitou e então saiu da sala.

—Entre, Eren.— Edric sinalizou mais uma vez, e o guarda fechou a porta depois que Eren entrou.

Cyrene levantou seu queixo e atravessou o corredor. Assim que ficou sozinha, praticamente correu de volta para o seu quarto. Ela fechou a porta e se jogou na cama com um suspiro pesado.

Edric queria vê-la mais tarde. Os nervos picaram nela, mas mais do que tudo, sentiu entusiasmo. Ela se virou, e algo enrugou sob ela. Ela alcançou debaixo de si e extraiu um envelope que não tinha notado quando chegou. Olhou para baixo para o selo de cera verde de Dremylon.

Como isso chegou aqui? Uma empregada deixou isso para mim durante a limpeza? Ou alguém entregou aqui para um propósito?

Com mãos tremendo, ela quebrou o selo real na parte de trás do envelope e retirou a carta.

Depois de desdobrar cuidadosamente, ela olhou para baixo para a caligrafia finamente rabiscada do Príncipe Kael e quase amaldiçoou em voz alta.

Lembre-se...

Cortesão, da cabeça aos pés.

Por completo.

— K



O CONVITE



Kael estava certo.

Cyrene *odiava* quando ele estava certo.

Quando ela esteve perdida no olhar de Edric, tinha esquecido de tudo exceto aquele momento entre eles. Mas ele fez exatamente o que tinha dito Kael. Edric estava jogando um jogo como qualquer outro cortesão. Ele tinha sido criado para ser o Rei de Byern, mas também tinha sido criado ao lado de Kael. Edric sabia exatamente como a vida na corte funcionava.

De todos os jogos para Kael jogar, ele teve de escolher este. E ele tinha a vantagem de não ser no seu navio para que ela pudesse lhe a sua mente opinião. Ele teve alguém para entregar a mensagem. *O arrogante, convencido, pomposo*— ela sequer tinha palavras suficientes para sua raiva. *Por que ele teve que estragar isto?*

Ela jogou o envelope inútil na sua cama e se reclinou para trás no edredom, enfurecida pelo homem e suas palavras. Seu significado era muito óbvio, e isso se encaixava com a conversa que ela tinha estado satisfeita de ter com Edric apenas alguns minutos mais cedo. Se Edric tiver a chance, ele aceitaria. Ele disse isso no seu estúdio quando convidou-a para seus aposentos... E ela concordou.

Ela não sabia o que sentia pelo Rei. Ele tinha mais poder do que ela poderia sonhar, no entanto quando ela olhou para ele, viu outra coisa... Algo mais... Algo que nunca poderia ser.



Esse pensamento a enfureceu ainda mais, e a raiva jorrando dentro dela a empurrou da cama e para entrar em ação. Ela tinha mais o que fazer em sua vida do que ser jogada para o desejo do Rei. Ela precisava ser insubstituível se fosse ter qualquer importância na corte. *Quantas outras Afiliadas ficaram na minha posição, sentindo a importância equivocada?*

Algo no fundo da sua mente a estimulou para *sentir* sua própria importância. Rigidamente, ela caminhou para sua malas do outro lado do seu quarto. Só uma tinha sido desempacotada para a viagem. Alguns vestidos penduravam no guarda-roupa, e roupas íntimas foram escondidas no armário. Por insistência dela, os servos tinham deixado sua maior mala bem embalada.

Ela inclinou-se, pairando sobre a mala. Suas mãos tremiam quando ela desfez a fivela e extraiu uma sacola de couro pequena de seu esconderijo.

Cyrene se sentou na cadeira almofadada verde e colocou a bolsa em cima da mesa. De dentro do saco pequeno, ela tirou o livro de couro rachado com o símbolo estranho que parecia um F inclinado na parte dianteira.

Ela soltou um suspiro profundo, lembrando-se que afinal era apenas um livro. Eles forneciam informações, histórias e mapas, mas nada mais do que isso.

Tudo no mundo dela tinha uma resposta.

Ela iria encontrá-la.

A nota manuscrita de Elea no interior a fez sorrir. Uma pontada tocou seu coração. Ela sentia falta dasua irmã. Antes de partir para a procissão, ela não tinha tido uma chance de dizer adeus. Era decepcionante.

Pergunte por Basille Selby no Laelish.

Sim, ele tinha sido de muita ajuda.

Cyrene não sabia o que achar dele. Ele tinha estado aterrorizado dela... Do livro. *O que este livro possivelmente possui para fazê-lo agir dessa forma?*

Virando para a primeira página, Cyrene olhou para baixo para a fonte floreada iridescente. A única vez que ela tinha tentado ler o texto, Maelia a tinha interrompido, e então ela teve muito medo de pegá-lo novamente. O conhecimento que Elea e Basille não podiam ver a fonte a tinha desanimado. *Como posso ver algo que outros não?*

Mas lá descansava, ainda tão atraentemente deslumbrante quanto na primeira vez que ela tinha colocado os olhos nele.

Ela tentou juntar o que a escrita estranha dizia, mas era diferente de tudo o que já tinha visto. No entanto, no fundo da sua mente, sentiu um familiar puxão, como se ela devesse saber o que dizia. A fraca cócegas na sua mente pareciam dizer-lhe para tentar mais... Para apenas saber.

Ela estreitou os olhos e o cérebro dela trabalhou horas extras para tentar descobrir o que aquilo significava. Ela se esforçou muito enquanto encarava infinitamente a fonte. Frustração vincava a sua testa e seus lábios enrugaram. Ela soltou um gemido descontente e virou a página, na esperança de que talvez tivesse um sorte melhor.

Agora duas páginas do texto deslumbrante e cintilante zombavam dela, e ela não estava nem perto de entender seu significado, não importa o quanto sentisse que *deveria* saber o que dizia.

Gritando em irritação, ela fechou o livro com força e se levantou. Decepção a esmagava, e ela teve que conter-se de arremessar a coisa inútil pela sala. Qual era o ponto de ser capaz de vê-lo se o que fazia era gozar dela com sua impossibilidade?

Ela pegou um lenço da gaveta da sua penteadeira e limpou a testa. *Como olhar para aquela coisa me causava tanta angústia?* Manchas vermelhas marcava as suas bochechas. Ela estava praticamente sem fôlego.

Isso é ridículo. É só um livro.

Endurecendo a sua determinação, Cyrene sentou-se e o abriu volta para a primeira página. Ela decidiu que iria tentar uma abordagem diferente. Antes, tinha se concentrado até que achou que ia explodir suas têmporas. Agora, ela tentaria não concentrar-se demais. A fonte cintilante revelou-se novamente, e ela esperou. Ela não queria se exigir ou forçá-lo. Talvez de repente faria sentido. *Pela Criadora, deveria fazer sentido!*

Apesar de sua mudança de abordagem, a fonte nunca fez mais sentido. Permaneceu eternamente inútil, o conhecimento de como se lê saindo da memória. Seu coração afundou pela segunda vez. Ela empurrou o livro de lado novamente, derrotada. Mas ela conseguiria... Eventualmente. O que a tinha antes apavorado agora deixou-a com uma determinação teimosa. *Vou descobrir isso.*

Uma rápida batida na porta a fez saltar.

—Só um minuto,— ela gritou, recolocando o livro na bolsa de couro. Ela apressadamente o posicionou volta no bolso de sua bolsa.

Ela correu pela sala e abriu a porta para ver uma criada esperando por ela. Seu estômago agitou com o pensamento do comentário anterior do Rei.

—Boa noite, Afiliada,— a criada disse humildemente, deixando cair o queixo em deferência. —Parece que você nunca recebeu o seu convite para jantar. A tempestade da tarde deve ter feito mal ao seu estômago, como aos outros a bordo.

Ela olhou para a criada em surpresa. *O que ela quis dizer?*

Cyrene estava em seu quarto por uma hora no máximo. *Como eu poderia ter perdido um convite para jantar? E que tempestade?* A despedida deles de Byern incluía um céu sem nuvens, e o navio não balançou desde que ela tinha se trancado em seu quarto.

A empregada continuou, —Se você me seguir, o Rei Edric solicitou sua presença. Acredito que ele preparou uma pequena refeição também.

O que em nome da Criadora esta garota está falando? Acabei de comer. Apenas quando ela teve esse pensamento, seu estômago roncou ruidosamente. A empregada segurou seu sorriso, mas Cyrene parecia atônita.

—Por aqui.— A criada começou a andar pelo corredor.

Mente de Cyrene bloqueou pela súbita perda de tempo. Ela entorpecidamente seguiu a criada através do corredor antes de sair para o convés principal. Quando ela olhou para o céu escuro da noite com estrelas brilhando em torno deles, a boca dela caiu. Os sapatos de seda dela lutaram para encontrar aderência contra o convés escorregadio. Claramente, uma tempestade tinha atingido o navio enquanto ela estava em segurança embaixo.

Como eu perdi tempo? Ela esteve lendo o livro e de repente, *puf.* *O livro... Roubou o dia de mim?*

A criada quebrou a linha de pensamentos de Cyrene enquanto a acompanhava por um lance de escadas de madeira separada do resto do navio que conduzia aos aposentos do Rei. Na extremidade do corredor, a criada bateu na porta e anunciou a presença de Cyrene. Ela deu a Cyrene um sorriso encorajador antes de se afastar e permitindo-lhe passar.

Após entrar, era evidente a Cyrene que o Rei não tinha poupado gastos. Dizer que os aposentos de Cyrene foram extravagantes em comparação com os do Rei seria como comparar uma poça ao oceano. Um intercâmbio de tapetes cobria o chão, criando uma aparência de carpete. Molduras douradas segurava retratos nas paredes. Uma mesa de mogno profundo no centro da sala principal foi posta para quatro pessoas com uma variedade de itens de jantar.

Através de uma porta adjacente, Cyrene podia ver uma enorme cama envolta em creme e verde Dremylon. Ela corou e desviou o olhar.

—Não sabia o que você queria para o jantar — disse o Rei Edric. — Então, fiz o pessoal da cozinha trazer um pouco de tudo, incluindo alguns dos meus favoritos.

—Obrigada — ela sussurrou, ainda de pé na porta.

—Por favor, venha e sente-se.

Cyrene encontrou um lugar na mesa dele. Eles não falaram enquanto ela comia pequenas porções do frango assado, ensopado espesso e pãozinhos. Ela não tinha reparado que estava com fome. E então, ela se sentia como se estivesse faminta. Ela tomou um gole de vinho, na esperança de acalmar seus nervos.

—Você parece mal humorada — disse o Rei finalmente. — Espero que seu enjoo tenha passado.

—Completamente — disse ela, encontrando seu olhar.

—Isso é bom de ouvir. — Ele inclinou o cotovelo contra a mesa e sorriu.

Pela Criadora, ele é bonito.

Pela primeira vez, ela deixou sua mente considerar que a Consorte quis dizer quando disse que Cyrene estava aqui para entretenimento do Rei. Os olhos dela dispararam para a grande cama de seda mais uma vez, e ela rapidamente tentou banir esse pensamento de sua mente.

Edric cuidadosamente a assistia. —Venha aqui, Cyrene.

Ela engoliu. Ela estava no quarto do Rei, eles estavam sozinhos e ele estava a abordando claramente. Este era o Rei de Byern. Ela não queria desobedecer.

—Sim, Sua Majestade — Cyrene sussurrou.

O aviso de Kael que se dane, as paredes dela estavam caindo ao seu redor. Ela se levantou sobre as pernas trêmulas e os seu pés a carregaram em direção a ele.

—Edric — ele a lembrou. —Por favor me chame de Edric.

—Edric — Cyrene repetiu, sentindo seu nome na língua dela.

—Assim está melhor.

Ele se levantou para encará-la, e a luz de velas tremeluzente dilatou as pupilas dele, refletindo de volta o anel de azul-acinzentado nos olhos dele. Ela notou as pequenas coisas cativantes sobre ele — a barba por fazer em seu queixo forte, o pequeno sorriso que puxava os cantos de sua boca, o jeito como o cabelo dele enrolava levemente em suas orelhas. Ela alcançou para a frente e escovou o cabelo para trás. Então, ela se conteve e puxou de volta a sua mão.

—Minhas desculpas — ela respirou. *O que me amarra a ele? Como eu sempre cometo tais erros?*

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela em sua própria. —Não precisa se desculpar.— Ele lentamente traçou o seu polegar sobre as articulações dela, e então a trouxe mais perto.

Ela manteve os olhos para baixo, focando no calor que se espalhava através dela vindo de sua mão, para o braço e até o seu peito. Isso era ruim, muito ruim, ainda assim ela não conseguia encontrar em si mesma uma forma de se afastar dele. O corpo dela tremeu levemente tanto em medo e antecipação. Ela queria que ele seguisse em frente, mas não sabia o que aconteceria com ela se cedesse.

—Você está tremendo — disse ele.

—Eu...

—O que está preocupando você?— Ele levou a mão até o queixo dela e inclinou sua cabeça para que ela olhasse para ele.

—A Rainha.

—Não está a bordo do meu navio.

Cyrene mordeu o lábio. —Ela ainda é minha Receptora — ela sussurrou. As palavras caíram por terra.

—Ela é o que ela é — Edric disse com desdém, claramente não querendo discutir Kaliana.

—Sua Rainha — disse Cyrene. —Ela é sua Rainha.

—Uma rainha que não cumpre seus deveres não é nenhuma rainha.

Cyrene se surpreendeu. Ela não sabia o que isso significava. *Quais deveres a Rainha não está cumprindo?*

Edric suspirou e fechou os olhos. —Perdoe-me. Tenho muito na minha mente.

Ela segurou a respiração esperando que ele se afastasse, mas quando ele abriu os olhos e olhou para baixo para ela, ela derreteu. Havia tanta paixão e calor e desejo presos dentro. Os olhos dele imploraram para ela entender, para sentir a profundidade do que estava passando entre eles. O seu batimento cardíaco parou, e aquela mesma faísca que sempre acendeu entre eles explodiu. O fio que os ligavam juntos era o pavio, e cada toque, e olhar, e emoção era o fósforo acendendo as chamas.

Ele deu um passo em direção a ela até que seus corpos quase foram pressionados juntos. Seus olhos segurava uma pergunta neles.

—Cyrene — ele sussurrou.

A respiração deles se misturavam no espaço entre eles. Eles estavam tão próximos que seus narizes estavam quase se tocando. As mãos dele vieram ao redor da cintura dela, e então seus lábios caíram levemente, sempre tão levemente, em cima dos dela.

O tempo congelou.

Os olhos dela se fecharam, e o gosto dele a consumia. Seus lábios eram macios e apreciativos, cobrindo e se encaixando perfeitamente contra a boca dela. Ele a trouxe contra seu peito largo e ela circulou seus braços em volta do seu pescoço.

O beijo se intensificou. Suas bocas moveram-se juntas, deixando a cabeça dela tonta. Ela balançou na ponta dos seus pés quando ele segurou-a no lugar. Ele começou a levá-la para trás para o quarto. Suas mãos cravaram no vestido, agrupando o material em volta da cintura dela. Os joelhos dela bateram na plataforma da cama enorme, e ela mal conseguia respirar quando percebeu para onde isso tudo estava indo.

E ainda assim, ela não parou. A faísca tinha se transformado em um inferno, chamando os engolindo, e eles ficaram presos no incêndio que era a sua paixão.

Suas mãos deslizaram gentilmente para o rosto dela antes de chegar no seu cabelo. — Cyrene — ele murmurou entre beijos — Fica comigo.

Ela puxou para trás dos lábios dele e olhou sem acreditar no que ele estava pedindo tão ousadamente. A onda de emoção jorrando dentro dela a chocou. Sensações pareciam construir e depois se espelharem através de seu corpo. Sua respiração era irregular. Até mesmo as pontas dos seus dedos formigavam.

— Ficar?

— Aqui. Hoje à noite.

Ela fechou os olhos para tentar acalmar o seu coração acelerado e tirar o eco das palavras dele fora de sua mente. Ela não podia fazer isso. Ela não podia ser sua amante. Ela merecia mais do que isso.

— Eu... Eu acho que devo ir embora — ela gaguejou.

— Você deveria ficar.

Ela balançou a cabeça e pisou em torno dele. — Não. Não, tenho que ir.

— Cyrene...

— É impróprio — ela murmurou, desejando nada mais do que os lábios dele nos seus novamente. Mesmo quando ela se afastou dele para a porta de entrada, não conseguia olhar para a cama atrás dele.

— Para o inferno com a decência!

O olhar dela vacilou brevemente e então segurou. Ele a tinha beijado! Ela tinha sido beijada antes, mas nenhuma vez era nada comparado com isto. Seu próprio interior tinha estremecido com o toque dos seus lábios nos dela. O Rei de Byern tinha lhe dado o melhor beijo que já teve em toda a sua vida.

Ainda assim ela não podia continuar desta forma.

Não *poderia* ser sua Rainha, e não *iria* ser uma amante.

A pele dela arrepiou com o pensamento.

— Me desculpe, Edric. Eu não posso.

—Eu não posso forçá-la a ficar.

Ela não acreditou nisso.

—Mas eu preferiria que você ficasse. Tenho somente quatro dias sem uma corte inteira cheia de pessoas observando cada movimento meu, quatro dias com apenas Daufina para me julgar.

—Mais quatro dias até que comece a fofoca, quer dizer — ela disse suavemente, dando mais um passo para longe dele.

—Só por sua mera presença no meu navio a fofoca irá surgir você querendo ou não.

Cyrene virou o rosto para longe dele. —Por favor não me obrigue, Edric.

Ele caminhou pela sala e pegou a mão dela. —Diga-me que você não sente o que eu sinto.

—Meus sentimentos não têm importância.

Ele escovou seus lábios contra os dedos dela. —Nunca.

Cyrene olhou para olhos suplicantes dele.

Ele poderia ter forçado em qualquer momento. Como Rei, ele poderia ter ordenado ela a fazer o que ele dissesse. Ele poderia tê-la usado. Ele não precisava considerar seus sentimentos para conseguir o que queria.

Ainda assim ele estava.

Ela disse as palavras de qualquer forma — Você é o Rei. Você tem uma rainha, uma corte e um país para reger. Não tenho nada a oferecer.

—Você.

Os olhos dela imploraram a ele para ser razoável. —Não posso te dar isso.— Ela se virou para sair.

—Seu tempo então — ele disse, alcançando mais uma vez.

—Meu tempo?— Ela virou ligeiramente a cabeça para o lado para julgar suas palavras. —Apenas meu tempo?

—Eu não preciso de mais nada.

Ele poderia manter este acordo após aquele beijo? Não estava certa se ela

podia.

Tempo com ele só iria fazê-la gostar dele ainda mais completamente. Talvez ele soubesse disso. Sua oferta era tentadora. Ela gostava de sua companhia, tornando difícil para ela segurar qualquer tipo de determinação. Ele podia ser o cortesão que Kael insistiu que era, mas não ultrapassou quaisquer limites que ela não consentiu. Edric estava pedindo para conhecê-la. *Isso é uma coisa tão ruim?*

—O que mais tem para fazer durante os próximos quatro dias?— ele perguntou com um sorriso.

No dia seguinte, Eren apareceu quando Cyrene estava com Maelia. Cyrene disse a Maelia que voltaria para vê-la mais tarde e deixou os dois sozinhos com um sorriso sorrateiro.

A capacidade de Maelia de não ficar enjoada nunca retornou, e sem muito esforço, Cyrene encontrou-se cumprindo o pedido que a Consorte tinha feito a ela. Ela e Edric passearam no convés, discutindo tudo desde formações geográficas, até história antiga e jardinagem. Durante as refeições, eles encontraram-se contemplando várias diferenças culturais entre as cidades de Byern, e à noite eles praticavam idiomas e liam em voz alta até tarde da noite. Eles escutaram um música bordo, dançaram suas danças favoritas, ensinaram um ao outro jogos de cartas e viram o sol se pôr sobre as Montanhas Taken.

Cyrene se sentiu viva outra vez pela primeira vez desde que se tornou uma Afiliada. A Rainha tinha minado a vida fora de Cyrene com o regime agrícola chato e paralisia forçada na educação dela. De repente, ela sentiu como se todos os estudos e tutores tinham valido a pena o esforço. Edric, em particular — se não os outros cortesãos a bordo — acharam-na interessante e bem informada.

—Você floresceu como uma rosa — disse Daufina de passagem em uma noite.

Edric estava dançando com Afiliada Neila, uma favorita de Daufina. Ele ficava olhando na direção de Cyrene e sorrindo. Era difícil manter a

euforia longe do rosto dela. Eles não tinham se beijado desde aquela primeira noite, mas era em momentos como este que ela queria ignorar a racionalidade de sua mente e ouvir o tamborilar do coração dela.

—Obrigada — disse Cyrene, arrancando os olhos do olhar persistente do Rei.

—Acredito que Kaliana cometeu um erro ao colocar você em estudos agrícolas. É um desperdício enquanto você daria uma maravilhosa Embaixadora ou conselheira da corte.

As bochechas de Cyrene aqueceram, e ela sorriu. Ela não podia discordar. Desde o primeiro dia, tinha acreditado que a Rainha estava desperdiçando seu talento.

—Obrigada, Daufina.

—É uma pena que Kaliana perdeu o bebê, senão ela poderia se importar menos sobre as afeições de Edric, — disse Daufina de repente.

Cyrene assustou-se para a frente. A taça que ela estava segurando sacudiu e espirrou o vinho no convés. —O quê?

Daufina a avaliou. —Não ficou sabendo?

—Não — sussurrou Cyrene.

De repente, as palavras de Edric na primeira noite voltaram. —*Uma rainha que não cumpre seus deveres não é nenhuma rainha.*

A Rainha não conseguiu produzir um herdeiro Dremylon. *É este dever que ele falou sobre? Essa é a razão pela qual tinha estado doente e enfurecida no dia em que fui pedir a ela para ir embora?*

Apesar de tudo, ciúme lhe atingiu no estômago. Edric tinha sua Rainha. Ele pertencia a ela enquanto precisasse de um herdeiro para garantir sua linhagem no trono.

Mas Cyrene não queria ter esses pensamentos, ou pelo menos, ela disse a si mesma que não queria eles. Eles levaram a uma série de preocupações em que ela não podia fazer nada. Apenas a frustrava ainda mais.

—Se você me der licença — ela sussurrou.

—Cyrene, não quis aborrecer você — disse Daufina.

—Só vou checar Maelia.

—Devo dizer a Edric que irá vê-lo esta noite?

Cyrene engoliu. *Oh, como eu quero me perder com ele no nosso último dia na procissão. Quando eu teria a chance de manter sua total atenção novamente?*

Mas ela não podia. Não com o lembrete da Rainha pairando sobre a sua cabeça.

—Não. Vou para a cama cedo. Eu preciso do meu descanso antes de chegarmos a Albion.

Daufina suspirou e acenou com a cabeça. Se alguém sabia da guerra furiosa dentro de Cyrene, era Daufina.

Cyrene deixou o convés e parou em frente ao aposento de Maelia. Ela bateu uma vez, e Eren abriu a porta.

—Como ela está?

—Hoje é o melhor dia até agora — disse ele. No dia anterior, Eren dissera a Cyrene que aquele tinha sido um dos piores episódios de enjoo que já tinha visto. —Embora ela não tem sido capaz de comer muito. Talvez você pudesse persuadi-la a tentar.

—Muito obrigada por sua paciência e atenção.

—É claro. Ajudaria qualquer um sob condições tão miseráveis.

Cyrene sorriu, certa de que ele estava sendo muito cuidadoso porque gostava de Maelia. Ela passou por ele e entrou nos aposentos apertados, sentado na cadeira ao lado da cama de Maelia. Ela ouviu a porta fechar quando Eren saiu.

—Como se sente? Eren disse que não está comendo.

Maelia estava além de pálida, mas sentou-se. —O que você esteve fazendo com o Rei?— Ela exigiu.

—Passando tempo com ele.

—Isso é óbvio.— Ela cruzou as mãos no colo. —O navio inteiro está comentando sobre vocês dois. Mesmo tão doente quanto estou, ouvi as empregadas discutindo. Você deseja chamar esse tanto de atenção para si mesma? Como você espera que façamos qualquer coisa com o *Rei* fazendo

tudo o que puder por você? — Os olhos dela eram severos.

Cyrene estremeceu com suas palavras duras, mas verdadeiras. —
Fazendo tudo o que puder?

—Cyrene! Este não é o ponto! — Maelia surtou.

Ela realmente surtou.

—Foi só por brincadeira.

—Não se esqueça o que estamos arriscando. Imagine quanto mais você
estaria arriscando se o Rei nos pegar — ela disse. Então ela suspirou
pesadamente. —Só estou preocupada. Diga-me que eu não preciso.

—Você não precisa se preocupar.

Pareceu uma mentira.



A CIDADE BRANCA



Na manhã seguinte, Cyrene saiu da cama e se apressou para subir os degraus para o convés. Os pés dela derraparam nas tábuas até que ela estava no parapeito boquiaberta. Ainda léguas à frente deles — brilhante, pálida e linda no nascer do sol da manhã — estava Albion, a Cidade Branca.

Ela nunca tinha sonhado que Albion seria tão deslumbrante. Krisana, o palácio central, tinha sido construído para ser visto de praticamente qualquer lugar na cidade dado que ficava acima dos edifícios circundantes. Rumores sugerem que conchas tinham sido esmagadas laboriosamente, moldadas e reconstruídas em uma superfície lisa, perfeita e fosca que constituía a totalidade do castelo. Os bairros seccionados dentro das paredes da cidade eram chamados de Vedas que foram construídas ao redor do castelo foram branqueados da mesma forma, mas nenhum brilhava tão gloriosamente como palácio ou ficou perfeitamente branco. A cidade se ramificava em um labirinto de estradas e encruzilhadas de casas brancas de tetos retos e lojas. De longe, deu a ilusão de que a cidade era um ponto branco na superfície da Terra.

O navio deles virava a última grande curva do Rio Keylandi levando para Albion e revelou o Oceano Lakonia em toda a sua beleza expansiva. Cyrene nunca tinha visto o oceano, e um nó se formou na garganta com a visão. Era realmente uma experiência que não podia ser equiparada com nada mais. Ela viveu sua vida nas Montanhas Taken, acreditando que eram a coisa mais magnífica e imponente existente e depois o Oceano Lakonia destruiu toda a pré-concepção que ela sempre teve.

—É linda, não é?— Daufina perguntou, chegando por trás de Cyrene.

Cyrene assustou-se, não tendo ouvido sua aproximação. —
Impressionante.

—Você acharia que não seria tão bonito voltar a um lugar que viveu durante dezessete anos, mas fica cada vez mais belo cada vez que eu volto.

—Você cresceu em Albion?

—Você não pode ver a casa dos meus pais daqui, mas é uma das mais antigas dos Vedas em torno de Krisana.

—Seus pais estavam no círculo interno?

Daufina deu-lhe um sorriso reservado, como se a pergunta fosse controversa.

—Sinto muito. Não quero me intrometer.

—Não, não é nada. Só o velho escândalo.— De alguma forma, ela conseguiu parecer gloriosamente real, mesmo com seu movimento de mão indiferente. —Meu pai estava no Conselho, e minha mãe estava trabalhando como aprendiz de costureira na Terceira Classe quando eles se conheceram. Ele deveria se casar com uma Afiliada, mas eles se casaram. Depois que meu avô morreu, meu pai deixou a corte para retornar a Albion para assumir o controle da Birket House.

—Soa como um romântico incurável.

Daufina riu. —Esse é meu pai. Provavelmente a verdadeira razão pela qual foi colocado no Conselho.

Cyrene não sabia como isso fazia sentido, uma vez que tudo era baseado na educação e o que era melhor para a pessoa e a sociedade. Havia algo sobre toda a cerimônia que estava além da compreensão. Certamente fazia pouco sentido para ela por que alguém como Jardana foi colocada para ser uma Afiliada. Se alguém tinha merecido, era Rhea.

Com o pensamento de sua melhor amiga, a animação de Cyrene voltou com força total. Ela logo se juntaria com Rhea, e não podia esperar para vê-la. Uma pontada atingiu seu coração com o peso de sua ausência.

—Venha comigo. Nós estaremos lá em breve.— Daufina atravessou o comprimento do convés e tomou um assento em uma pequena mesa.

Cyrene sentou-se na frente dela, olhando a Cidade Branca, enquanto se aproximavam.

Edric apareceu pouco depois, recém barbeado e já em sua melhor roupa. Ele sorriu brilhantemente para as duas mulheres.

—Um bom dia para chegar em Albion. Nem uma nuvem no céu.

O café da manhã junto com o chá da manhã foi colocado diante deles. Cyrene estava muita ansiosa sobre sua chegada para iniciar uma conversa com Edric e Daufina. Sua mente estava em outro lugar — na cidade e o que estaria fazendo assim que chegasse lá.

Maelia finalmente chegou no convés no final do café da manhã. Sua pele ainda estava pálida, mas Cyrene ficou feliz em vê-la de pé.

As garotas foram para o corrimão para assistir quando a procissão de navios eram levados até a doca. Edric e Daufina se juntaram a elas, sorrindo para a pequena comitiva à espera na doca.

Cyrene observava a festa de boas vindas deles. Além dos guardas estacionados ao redor das docas, apenas quinze no total os cumprimentava. Era um grito distante dos centenas acenando sua despedida no início dessa semana.

Quando eles estavam no convés, Edric roçou em seu braço, e os dedos dele deslizaram em cima dos dela. O coração dela acelerou um milhão milhas por minuto. Ela foi recebida com um relance rápido de azul-acinzentado, e viu uma mistura de emoções passarem por seu rosto.

Ela escondeu sua mão sob o corrimão, e ele atou seus dedos juntos.

Ele inclinou-se mais perto, sussurrando para que só ela pudesse ouvir —Gostaria que pudéssemos ficar.

—Você é o Rei — lembrou-lhe.

Ele poderia fazê-los ficar se quisesse.

Edric extraiu a mão e acenou severamente. Seus lábios foram definidos em uma linha reta. — Sim, eu me lembro.

Cyrene engoliu. Ela não quis afastá-lo, mas este navio tinha sido um sonho, e eles estavam prestes a caminhar sobre a prancha de volta à realidade.

O barco estremeceu até parar. Edric andou para a frente com Daufina

seguindo bem perto atrás dele. Ele não olhou para trás uma vez. Cyrene disse a si mesma que era para o melhor a longo prazo. Ele sabia que nada poderia acontecer. Depois que ela passou um minuto tentando se convencer disso, ela os seguiu para a prancha.

Cyrene desembarcou em terra firme novamente. Maelia desceu atrás dela, segurando o braço dela, já que ela parecia ir para frente e para trás algumas vezes. Cyrene apertou tranquilizantemente o braço dela, e então elas alcançaram o resto do grupo.

—Primo — Edric agarrou o antebraço do homem corpulento com uma barba crescida e uma barriga redonda na liderança do grupo —Faz muito tempo.

—Rei Edric, você abençoa nossa família com seu reinado gracioso. Que sua honra para sempre brilhe sobre Byern.

Edric riu, trazendo o homem para seu peito para um abraço.

—Venha, Duque Halston de Albion. Vamos fazer as pazes juntos sobre este belo dia na Cidade Branca.

Cyrene olhou por cima do ombro de Daufina e encarou Duque Halston. Ela sabia sobre ele e seu irmão, Duque Wynn de Levin. Eles eram os filhos da tia do Edric, Princesa Saldana e Duque Reagles.

Cyrene lembrou seus pais falando sobre que se o Rei Maltrier morresse sem um herdeiro, então seu pai, o Rei Herold, quis garantir que um Dremylon ainda governasse, e formou a aliança. Eles carregavam sangue Dremylon, mas não estavam na disputa pelo trono, enquanto houvesse um filho Dremylon na linha de sucessão.

Pela primeira vez compreendeu verdadeiramente o medo de Edric sobre os abortos da Rainha. Ela enterrou seus pensamentos obscuros e focou no assunto em questão.

Uma mulher rechonchuda em um vestido lavanda adiantou-se. Ela tinha um sorriso genuíno e vivaz, alegre rosto redondo e um bom caráter no seu passo. —Consorte Daufina.— Ela realizou uma reverência curta. —Senti falta profundamente da sua presença na corte em Albion. É uma grande honra vê-la de volta na Cidade Branca e tão arrebatadora como sempre.

—Duquesa Elida, é sempre um prazer estar em sua companhia. Pareço

perfeitamente normal ao seu lado em plena floração.— Daufina tocou na barriga dela. —Não por muito mais tempo eu acredito. Um mês ou dois?

—Dois! — ela chiou, orgulhosamente colocando as mãos sob a barriga.

—Maravilhoso! Espero que o Rei e eu possamos fazer uma viagem através da temporada de chuvas para cumprimentar seu novo garoto — disse Daufina, pagando-lhe o maior elogio.

—Só podemos esperar.— Ela praticamente deu pulinhos.

Daufina introduziu Cyrene, Maelia e a outra Afiliada Neila, que tinha acabado de chegar na doca. Duquesa Elida os saudou à sua casa e apresentou sua própria Afiliada, Karra, uma mulher bronzeada com características escuras e um comportamento agradável semelhante à Duquesa.

Duquesa Elida ligou os braços com Daufina e os levou em direção as carruagens esperando. —Venha comigo. Não podemos manter os homens esperando, podemos?

As carruagens eram grandes espetáculos brancos, grandes o suficiente para caber confortavelmente seis. Enormes cavalos brancos com mais de dois metros de altura com extensa plumagem na parte inferior das suas patas carregavam as carruagens. Enquanto acostumada com corcéis de guarda, Cyrene nunca tinha visto alguns daquele tamanho parecerem tão elegantes ou tão brancos como a neve.

Os cavalos partiram, movimentando as mulheres pela cidade, seguidos pelo restante das pessoas que estavam a bordo do navio do Rei. Os cavalos, bagagem e itens adicionais que a corte precisaria enquanto viajava iria segui-los até ao castelo pouco depois.

As ruas de Albion eram mais estreitas que as de Byern e lotadas com pessoas da cidade chamando as carruagens enquanto passavam. Mercadores e vendedores ambulantes iam em massa para a multidão, tentando vender seus produtos.

Enquanto eles se aproximavam do castelo Krisana, os olhos dela permaneceram treinados sobre as multidões, e seu sorriso era brilhante em seu rosto. Crianças jogavam flores na carruagem deles. Outros dançavam e riam nas ruas. As meninas usavam coroas de flores em suas cabeças e agitavam fitas no ar. Alguns dos rapazes espetavam uns aos outros com espadas de

madeira. As boas vindas para a procissão era um lugar feliz com música alegre.

Um calafrio correu por sua espinha, e seus olhos deram uma olhada em seus arredores para descobrir de onde vinha a sensação esquisita. Ela claramente sentia que estava sendo vigiada. *Mas como eu poderia saber quando há centenas de olhos em mim?*

O olhar de Cyrene foi lentamente para um homem que estava entre os espectadores. Com um simples manto marrom, uma camisa amarrotada correspondente e grande chapéu com abas, ele era muito mais alto do que as mulheres e crianças ao redor dele. Ao contrário de todos os outros, ele não estava sorrindo. Talvez tenha sido só a seriedade dele que a fez se arrepiar...

Quando ele desapareceu de vista, Cyrene encolheu-se de lado. Ela nem sabia por que o tinha notado ou por que estava tendo pensamentos tão sombrios.

Eles passaram pela curva final da cidade e alcançaram os grandes portões brancos que lhes permitiam a entrada para os jardins internos de Krisana.

De perto, o castelo rivalizava com a Nit Decus, o Castelo de Byern, em tamanho e grandeza. Sem ter a montanha obscurecendo suas imensas extensões, o castelo parecia infinitamente alto com centenas de varandas saindo do topo de agulha redondo.

Sua carruagem atravessou uma ponte levadiça de madeira. Krisana tinha visto mais batalhas do que qualquer outra cidade de Byern na história e nunca tinha caído. O exterior branco foi reforçado com uma fortificação forte que nunca tinha cedido a um inimigo. A cidade inteira podia desmoronar, e Krisana continuaria a ficar de pé regamente.

A carruagem os carregou em torno de uma entrada circular de viagens gasta e parou na frente das portas duplas de madrepérola. Elas brilhavam no sol da tarde em uma forma tão linda que se ajustavam perfeitamente no homônimo do castelo. Krisana era a palavra antiga para pérola.

Um homem apareceu imediatamente para ajudá-los a sair da carruagem. Cyrene pegou sua mão e seguiu atrás de Maelia para os terrenos do Castelo Branco.

As portas duplas para o castelo se abriram, e todo o grupo atravessou o saguão interno que tinha um teto alto redondo com intrincadas moldagens de madrepérola, treliças arqueadas e um tapete com cores azul-bebê, creme e dourado cobria o comprimento do aposento. A sala do trono real era no final do corredor e combinava com o vestíbulo em construção. Azulejos brancos e madrepérolas intercambiados eram visíveis no chão de todo o aposento, e vários murais de vidro do oceano lançavam luz natural no centro da sala. O ponto focal repousava sobre o conjunto de cinco cadeiras em um pedestal, todas ornamentadas e todas drapeadas em verde Dremylon.

—Como Regente de Albion — Duque Halston disse, parando no meio da sala do trono —Felizmente apresento a você Rei Edric, o grande trono de Byern estabelecido na Cidade Branca.

—Muito obrigado, Duque Halston — Edric respondeu. —Acredito que a cidade tenha estado bem sucedida nas mãos do meu parente, e vou ficar feliz se você continuar como regente, quando eu voltar para a capital.

—É uma honra. — Duque Halston curvou-se na cintura.

—Agora, este assunto que você mencionou na carruagem... — Edric começou.

—Coisa terrível.— Duque Halston engoliu em seco, seu pomo de Adão visivelmente balançando na sua garganta. —Tenho quase medo de sugerir isso na frente das mulheres.

Daufina levantou uma sobrancelha para Duque Halston, e as todas as mulheres restantes olharam chocadas para sua conduta imprópria. Pensar que uma mulher é menos capaz de lidar com o que quer seja esse assunto terrível que o Duque estava para descrever do que um homem era ultrajante. Eles também podem regredir sua sociedade e destruir totalmente o programa de Afiliadas. *Qual é o ponto de ter uma Consorte como conselheiro do Rei, se ela não fosse tão capaz como qualquer homem?*

Duquesa Elida bateu a mão contra o braço do Duque. —Halston!— ela disse ruidosamente. Ela atirou-lhe um olhar de desaprovação.

—Sem querer ofender, Consorte.— Ele teve a decência de ficar envergonhado.

—Daufina preside sobre todos os assuntos de estado — Edric disse.

—Sim, bem, não fiz por mal. É só...

—Vamos ao que interessa, Halston — Daufina o cortou, levantando a sua mão. — Acredito que deveríamos dispensar alguns do nosso público antes de falar sobre estes assuntos.

—Claro, Consorte.— Ele inclinou a cabeça. Mesmo como Regente de Albion, primo do Rei, e um Duque, sua posição estava abaixo da Consorte.

O aposento foi esvaziado dos servos e Halston conduzidos para fora a corte de Albion. Quando todo mundo estava saindo, a Rainha Kaliana entrou na sala com Jardana e Catalin perto em seus calcanhares. Os olhos dela estabeleceram-se imediatamente em Edric e Cyrene fez tudo em seu poder para manter a calma e não entrar em pânico. A Rainha não podia saber o que tinha acontecido no navio da procissão.

Em seguida, Edric olhou para cima e encontrou o olhar de Cyrene. Os dois sorriram, como se compartilhassem um segredo. Foi só por um segundo, mas foi o suficiente.

Rainha Kaliana atirou punhais nela. Qualquer chance de que ela não soubesse de que algo tinha ocorrido entre eles escapou.

—O que está acontecendo aqui?— a Rainha Kaliana perguntou.

—Duque Halston apresentou algumas novidades — Edric disse. — Houve mais duas mortes em Albion.

A sala caiu em silêncio com a proclamação. *Mais duas mortes? Como é possível?* Cyrene tinha pensado que tinham deixado o assassino para trás em Byern.

—Mais duas?— Daufina perguntou. —Quem?

—Conselheiro Grabel e Afiliada Pallia — disse Halston.

—Não acha que só devemos falar sobre tais assuntos na frente de membros do círculo interno?— Rainha Kaliana perguntou bruscamente. Ela virou os olhos para Cyrene.

—Acredito que *estamos* junto do círculo interno — rebateu Edric. Ele ignorou a sua rejeição e virou a sua atenção para longe dela. —De volta para o assunto em questão. Não podemos ignorar o que aconteceu. Zorian, Leslin e agora, Grabel e Pallia. Não parece coincidência.

—Eu conhecia Pallia — disse Daufina. — Ela era tão hábil com a espada quanto qualquer outro homem.

—Grabel cresceu na Guarda Real. Ele também conhecia o caminho da espada. Ele era um oponente formidável — Duque Halston disse a eles.

—Onde eles estiveram pela última vez? — Rainha Kaliana perguntou.

—Por vários meses, Pallia e Grabel estiveram supervisionando e auxiliando a cidade do rio Strat em Aurum — Duquesa Elida disse suavemente. —Eles voltaram a um par de semanas atrás para atender a procissão. Uma boa amiga de Pallia lhe contara que a irmã dela estaria na procissão, e Pallia estava interessada em conhecê-la. Acredito que a amiga era... Hmm... Aralyn. Deve ser isso.

A visão de Cyrene turvou. Aralyn tinha dito a alguém que ela estaria vindo a Albion, e essa pessoa apareceu morta. Ela cobriu a boca em horror. Zorian tinha voltado para sua Apresentação, e ele também foi morto. Leslin era amiga da sua irmã e tinha morrido depois que Cyrene tinha ido para pedir sua ajuda. O seu estômago apertou, e ela teve que fechar seus olhos. *O que poderia significar?* Isso não podia ter nada a ver com ela.

—Cyrene — Maelia sussurrou suavemente.

Ela balançou a cabeça, silenciando a amiga dela. Ela não podia falar sobre isso agora.

—Temos de enviar uma equipe para investigar, especialmente depois da forma das mortes de Pallia e Grabel. Nenhum desaparecimento deve ser não autorizado, mas os sinais dos alvos assassinados... — Edric deixou esse pensamento pairar no ar.

—Vou montar uma equipe e ver o que pode ser descoberto. — Duque Halston sinalizou para um Conselheiro.

—Eu gostaria de adicionar meu próprio companheiro. Conselheiro Eren é especialista neste campo e infelizmente ele perdeu um irmão nestas circunstâncias — Edric disse.

—Qualquer pessoa que você recomendar, Vossa Majestade, é de extrema qualidade. Tenho certeza disso, — Duque Halston concordou.

—Seria uma honra, Vossa Majestade — Eren disse.

—Será ótimo ter uma adição confiável do Conselheiro do Rei. Por aqui Conselheiro Eren — Duque Halston disse.

Os homens se curvaram ao Rei, e Eren seguiu Duque Halston para fora da sala.

A náusea que tinha começado com a menção do nome de Aralyn não passaria e quanto mais Cyrene pensava nisso, mais temia que precisaria falar sobre. Se tivesse sido só Zorian, então talvez ela não sentiria a conexão, mas Leslin, Pallia e Grabel também? Ela precisava dizer alguma coisa. Isso poderia ajudar a investigação.

Mas não sabia que conexão ela tinha com esses assassinatos e chamar a atenção para si mesma de tal forma poderia ser contraproducente. *Como podia contar a Edric ou qualquer um deles que acho que estou envolvida, quando eu vim aqui em primeiro lugar para cumprir o meu plano?* Ela estava arriscando muito com Maelia, e ela precisava pensar sobre isso antes de tudo.

O momento passou em que teria sido apropriado para ela mencionar sua conexão, e a conversa mudou para assuntos mais alegres.

—Acredito que estou cansada da viagem — Cyrene falou em particular a Daufina. —Preciso ir descansar.

—Claro — Daufina disse com um sorriso.

Cyrene podia sentir os olhos da Rainha Kaliana nela, mas ela não olhou na direção da Rainha, não querendo dar-lhe a satisfação.

—Você está nas Câmaras da Baía das Pérolas — disse Daufina. —Elida tem empregadas esperando para direcioná-la para seus aposentos.

—Obrigada Consorte — Cyrene disse formalmente.

Ela mergulhou em uma baixa reverência, sabendo que a Rainha estava assistindo.

Maelia saiu com ela. A empregada de Cyrene se aproximou dela, fez uma reverência e ofereceu-se como uma escolta para seus novos aposentos. Cyrene educadamente recusou, dizendo-lhe queria dar uma olhada ao redor primeiro e depois arrastou Maelia para longe da mulher.

Elas começaram a andar juntas, andando calmamente pelo recinto do castelo. A entrada circular agora cheia com pessoas que chegavam da procissão. Afiliadas e Conselheiros andavam por aí, falando livremente

uns com os outros. Um grupo de cavalos foram amarrados juntos e eram guiados em pela ponte levadiça. Homens fortes resistentes e algumas mulheres robustas descarregavam charretes, carregando tudo, desde bagagem, comida até mobília.

— Não acredito que houve mais dois assassinatos — sussurrou Maelia.

Cyrene assentiu com a cabeça. — Nem eu.

— Eles eram amigos de sua irmã e vieram ver você.

— Eu sei — sussurrou ela.

— O que você acha que isso significa?

Cyrene abanou a cabeça. Ela não fazia ideia.

— Você ainda quer seguir em frente? — Maelia perguntou.

As palavras ficaram presas na garganta. Seguir em frente significava deixar tudo o que ela conhecia para trás incluindo Edric, tudo para saber mais sobre um livro. Um livro que apenas ela podia ver as palavras, que roubava o tempo e assustou um vendedor ambulante, que insistiu que ela procurasse Matilde e Vera em Eleysia para descobrir o significado disso. *Valia a pena?*

— Sim — respondeu ela, respondendo à pergunta falada e não dita.

— Okay.

— Com tudo o que acontece agora, acho que não encontraremos uma melhor oportunidade.

— Tem razão. — Maelia parecia ficar mais alta com o pensamento. — Tem razão.

— Vamos lá, — disse Cyrene, empurrando-a para a frente.

Enquanto os cavalos de Cyrene estavam com ela em Albion, nada era organizado o suficiente para encontrar alguém para localizá-los para ela. Então as meninas encontraram os primeiros cavalos disponíveis, agarraram as rédeas com um objetivo e começaram lentamente a movimentá-los na direção oposta. Ninguém sequer parecia notá-las entre o caos do pátio. Logo, elas estavam trotando pela rua estreita fora das paredes do Krisana, longe do castelo.



A COROA



—O que aconteceu no navio?— Kaliana exigiu, seguindo Daufina para seus aposentos, depois o assunto na sala do trono dispersou.

Daufina suspirou e se afastou da Rainha. —Atividade normal.

—Não minta para mim!— ela surtou.

—Kaliana, pode ir direto para o ponto? Eu fiz uma longa viagem, e gostaria de descansar —Daufina disse secamente. Ela se sentou em seu divã.

—Ele estava com ela, não estava?— Kaliana perguntou. Sua voz sufocou, e então ela se recuperou.

—Com quem?

—Não se faça de burra comigo. Cyrene. Edric estava com Cyrene.

Daufina descansou as mãos no colo e arqueou uma sobrancelha. —Você é a Rainha dele, Kaliana. Nada mais que isso.

—É por causa do bebê?— Ela parecia tão pequena e assustada como a princesinha que tinha viajado através das montanhas para se casar com Edric, não a criatura fria e sem coração que tomou conta dela, desde que eles tinham se casado.

—Precisamos de um herdeiro Dremylon — disse Daufina. Ela não podia dizer à Rainha que Edric realmente se importava com Cyrene e não apenas porque ele precisava colocar um bebê na barriga dela.

—Se ele encostar um dedo nela, teremos mais uma morte em nossas

mãos — Kaliana rosou.

Daufina se levantou e caminhou pela sala. — Não super estime sua importância Kaliana. Suas ameaças não têm nenhum peso, e menosprezar as mortes dos caídos é nojento. Deixe Cyrene fora da sua política e saia do meu quarto!

Kaliana levantou-se algumas polegadas extras, inclinando o nariz no ar e em seguida rodopiou. Ela saiu do quarto em um redemoinho de verde e dourado Dremylon. Daufina cedeu com sua saída. Ela não quis gritar com Kaliana. Isso não fez nada para melhorar seu relacionamento sempre desintegrando.

Ao mesmo tempo, ela não podia tomar a ameaça de Kaliana levianamente. Não podia correr o risco de Kaliana agir contra Cyrene e tê-la voltando-se negativamente para Edric.

Com o coração pesado, ela navegou pelos corredores do Krisana até que chegou nos aposentos do Edric. Ela inclinou a cabeça para o guarda na frente do aposento do Rei e entrou sem bater. Ela o encontrou despido até a cintura com uma espada de lâmina larga na mão. Seus músculos das costas se flexionavam enquanto ele balançava a arma poderosa, passando através da série de exercícios para manter seu corpo e mente em forma.

Ela limpou a garganta atrás dele, e ele virou-se rapidamente, a espada pronta. Ele descansou somente quinze centímetros longe de seu coração antes que deixasse a lâmina cair para o lado. Ele estava respirando pesadamente, e um brilho escorregadio de suor revestia o corpo dele. Por um momento, ela se lembrou porque o amou no início.

— Daufina, não estava te esperando.

— Não. Eu não tinha a intenção de vir vê-lo — ela admitiu.

— Há algo em sua mente? — Ele embainhou sua espada e encontrou uma toalha para limpar seu rosto.

— Kaliana.

Edric suspirou e se afastou dela. — Há algo em sua mente sobre o qual eu realmente quero falar?

— Ela não é cega, Edric.

Ele jogou a toalha no seu armário. — Eu ainda sou o Rei?

Daufina beliscou a ponte de seu nariz e se afastou dele.

— Você a colocou no meu navio. Mandou-a para os meus aposentos. Você a deixou tomar seu lugar por quatro dias, Daufina. Esperava que não me apaixonasse por ela mais a cada dia que estava lá?

— Eu pensei que você seria esperto sobre isso. Disse que não queria uma amante, e então você fez e...

— Nada aconteceu — disse ele, agarrando uma camisa e jogando por sob a cabeça.

Daufina riu. — Tenho certeza.

— Estou falando sério.

Daufina olhou-o bruscamente. Suas sobrancelhas se juntaram, tentando ver se ele estava dizendo a verdade. Ela não podia acreditar. O homem que poderia ter tudo o que quisesse não tomou o que queria?

— Porquê?

Ele passou uma mão pelo cabelo e em seguida, atravessou a sala para ela. Ele pôs de lado os cachos escuros que caíram por cima do ombro dela. — Porque eu quero que ela queira o homem por trás da coroa.

Daufina não conseguiu encontrar o seu olhar. Isso a atraiu de volta a um tempo anterior quando eles poderiam ter sido felizes dessa forma. — Então tenha cuidado com Kaliana. Ela fará tudo em seu poder para não deixar que isso aconteça.



A INVESTIGAÇÃO



As estradas tinham sido liberadas de pessoas, e os cascos dos cavalos esmagavam as flores caídas que forravam o caminho para o castelo. Apesar de Cyrene e Maelia se esforçarem para se misturarem, as pessoas nas ruas ainda sorriam, acenavam e faziam uma reverência enquanto passavam. Ser um espetáculo na cidade era uma coisa estranha. Em Byern, não era raro ver Afiliadas na cidade. Albion tinha um ambiente diverso já que era na costa, mas a maioria dos cidadãos eram Terceiros.

Lá pelo meio do caminho para o seu destino, elas passaram por um pub todo branco e simples com uma porta de vaivém de madeira e uma placa pendurada na única dobradiça do quadro. Clientes desordeiros fizeram com que uma pequena multidão se formasse na frente, e Cyrene e Maelia fizeram seus cavalos pararem.

—E não volte!— um homem gritou. Ele empurrou outro homem através da porta aberta.

O homem tropeçou para trás para fora do bar e pousou fortemente nas mãos e costas. A cabeça dele caiu para a frente, e o seu cabelo caiu em seu rosto. Uma nuvem de poeira surgiu, cobrindo sua roupa já desgrenhada e fixando-se em seu cabelo.

—Não cortamos cartas assim aqui!— o homem gritou.

O homem lentamente empurrou suas mãos e se levantou, virado para a taverna.

Cyrene engasgou quando ela o reconheceu. *Ahlvie*.

Um sorriso cruzou o rosto do Ahlvie quando ele embolsou um pequeno saco que havia coletado do chão e então limpou o pó as calças. —Boa tarde então.— Ele floreou uma digna e profunda reverência, mas se desequilibrou no meio da curva, derrubando-o para a frente.

—Vá enganar outra pessoa!— O homem bateu a porta.

A multidão começou a dispersar, mas Cyrene manobrou seus cavalos em direção a Ahlvie.

—Cyrene — disse Maelia, se aproximando dela. —Você sabe quem é?

Cyrene assentiu. Depois de falar com ele, ela não sabia se Ahlvie seria capaz de ir na procissão, por isso não contou a Maelia.

—Apenas algumas horas na cidade, e você já está fazendo amigos,— Cyrene disse para Ahlvie.

—Tenho amigos o suficiente. É inimigos que prefiro coletar —ele respondeu.

—Bem, você é muito bom nisso.

—Eu ainda não te espantei.— Ele fez a ela a reverência que não conseguiu para o dono da taverna. Naquele momento, ele parecia muito menos com o bêbado que pareceu ser segundos antes. Ele realmente era um trapaceiro.

—Cyrene — Maelia sussurrou freneticamente —Vamos lá.

—Me dê um minuto.

—Aonde vocês ótimas Afiliadas estão indo no meio do dia?— Ahlvie perguntou incisivamente. —A procissão acabou de ancorar, e reparei que vocês estão montando os cavalos de Sua Graça.

—Cyrene — Maelia sussurrou novamente.

—Está tudo certo, Maelia.— Ela deu a sua amiga um sorriso confiante.

Cyrene desmontou e caminhou até ficar de frente com Ahlvie. Ele era uma boa cabeça mais alto que ela, e ela teve que levantar a cabeça para olhar para ele.

—Eu consegui ir no navio — ele disse.

—Então você fez.

—Você falou de liberdade.

—Não esperava você conseguir ir a bordo.

—Eu disse que faria — ele respondeu grosseiramente — e eu sempre faço o que digo.

—Sempre? — Ela estreitou os olhos. Talvez ela devesse estar duvidando de si mesma, mas algo nele a tranquilizou.

—Sempre.

—Tudo bem — ela disse, já tendo feito a sua escolha em Byern. —Então você está com a gente. — Ela sabia que ele não era um assassino, e talvez fosse precisar de um homem aonde estava indo. Ela fez um gesto para seu cavalo. —Ajude-me a subir.

Ele riu dela mas içou-a em seu corcel de qualquer maneira.

—Maelia, esse é o Ahlvie. Ahlvie, essa é a Maelia.

—Muito prazer. — Ahlvie inclinou a cabeça para ela.

Maelia sorriu a contragosto e olhou de relance para Cyrene com um brilho inquieto no olhar.

—Se você me der apenas um momento, vou pegar meu cavalo. — Ele levantou um dedo quando Cyrene começou a falar. —Um minuto.

Cyrene suspirou enquanto ele fazia a curva de um edifício. Ela olhou para Maelia pedindo desculpas.

—Cyrene, que está fazendo? — Maelia exigiu. —Você sabe que ele matou Zorian e Leslin!

—Não, ele não matou. Ele foi chamado para interrogatório. Só isso.

—Você não pode confiar nele!

—Ele me ajudou antes.

Maelia abanou a cabeça. —Você nunca falou dele para mim.

—Eu sei. Eu sei, mas...

Antes de conseguir terminar, Ahlvie retornou com um cavalo a reboque. Maelia travou a boca fechada e olhou para Ahlvie.

—Onde você o conseguiu?— Cyrene perguntou.

—Eu não o roubei, se é o que você está insinuando.— Ahlvie jogou a perna por cima do cavalo. —Usei alguns dos meus ganhos.

—O dinheiro que você trapaceou das pessoas?— Maelia cuspiu.

—Eu nunca iria enganar qualquer um por qualquer coisa que eles já não tivessem enganados a si mesmo, porém, enganar os outros.— Ele amarrou a frase ao redor em nós que possivelmente não tinham sentido. Então, ele sorriu para a confusão delas e conduziu seu cavalo para a liderança.

—Você ainda não sabe para onde estamos indo — chamou Cyrene.

—Bem, onde quer que seja, nenhum Segunda ou Terceira irão falar com você enquanto estiverem vestidas como realeza, usando seus pinos de Afiliada e desfilando por aí em valiosos corcéis Albion.

—Porquê?— Cyrene estreitou os seus olhos.

—Porque, minha ótima Afiliada, estas pessoas levam vidas diferentes do que você... Ou eu,— ele acrescentou a contragosto. —E você só causará mais danos, se tentar fazer tudo do seu jeito. Então, deixe-me tomar as rédeas, e eu farei o que faço de melhor.

—Beber?— Cyrene curvou a sobancelha.

—Pode haver um pouco disso. Ajuda.

—Tenho certeza de que sim — ela disse secamente.

—Diga-me o que você está tramando. Você quer sair? Me diga como posso ajudá-la a me ajudar.— Ahlvie enviou-lhe um sorriso torto.

—Cyrene — disse Maelia, estendendo a mão e tocando-lhe o braço, — tem certeza?— A voz dela abaixou o tom. —Pode confiar nele?

A mente de Cyrene voltou para aquela noite, quando tinha sido presa naquela caverna escura e contra todas as probabilidades, ela de alguma forma havia encontrado seu caminho para fora embora machucada, arranhada, espancada, encharcada, exausta e acima de tudo, com raiva. Quando Ahlvie tinha visto ela em um estado tão debilitado, ele nunca a tinha julgado. Ele simplesmente tinha oferecido a sua assistência. Cada interação depois daquilo a tinha feito ver mais e mais que ele tinha sido sufocado e maltratado pelo ambiente ao seu redor, e como ela, precisava de uma fuga.

—Sim,— ela finalmente respondeu. Ela virou sua atenção de volta para Ahlvie.

Ele usava uma camisa velha verde com cotovelos remendados, calças castanhas empoeiradas, e sólidas botas marrons de equitação que atingia os joelhos. Ele mal parecia membro do Conselho. Talvez ele soubesse do que estava falando.

Cyrene rapidamente contou a Ahlvie seu plano — ou pelo menos a parte que diretamente lhe dizia respeito. Ele teria que tirá-los de Albion em um navio para Eleysia.

Enquanto eles continuavam a avançar em um ritmo vagaroso, ele escutava, acenando ao longo de alguns pontos e bufando em outros. Ele refletiu sobre a ideia antes de pegar uma curva em uma encruzilhada para um Veda diferente.

—Aonde vamos?— Cyrene perguntou.

—Seguindo o seu plano. Confie em mim.

Maelia suspirou alto.

Os cascos dos cavalos faziam barulho contra os paralelepípedos no Veda, e após algumas voltas um pouco estranhas, encontraram-se em uma pista ao longo da costa. Quando os olhos de Cyrene cortaram através do porto, ela encontrou a gigante procissão de navios à distância, e franziu a testa. Eles foram ainda mais longe das docas do que ela pensava.

—O que está fazendo Ahlvie?— ela perguntou.

—Improvizando.

—Isto não é parte do plano.

—Nós deveríamos voltar.— Maelia puxou para trás em suas rédeas.

—Seu plano não faz sentido. Você quer sair do porto?—ele exigiu, encarando as duas mulheres.

Ambas olharam de volta, olhares de pedra.

—Não iremos passar perto do Rei ou do Duque ou qualquer outros barcos reais, nem sequer perto. Então, ouçam com atenção. Façam o que digo, e nós estaremos fora daqui mais rápido do que você poderia chegar até esses navios.

—O que vai fazer?— Ela exigiu.

Ele encolheu os ombros como se não tivesse nenhuma preocupação. — Fazer uma pergunta.

Com isso Ahlvie continuou em frente pela rua.

—Você é aquela que confia nele. Você o segue — Maelia cuspiu.

Cyrene recuou e inclinou-se mais perto de Maelia. —Não fique com raiva de mim.

—Você o convidou sem me avisar! Não confio nele, e nem entendo por que você o faria.

—Você só não sabe?— ela perguntou.

—Não. —Maelia olhou para longe dela em frustração. —Nós não devemos apenas saber. Devemos seguir o plano como o estabelecemos.

—Vida não é sempre como a Guarda Real, Maelia. Às vezes, você tem que correr riscos para ver os resultados! Estou tomando o meu risco com Ahlvie. Você se arriscou em mim.

Maelia suspirou. —Este é o seu plano. Você se torna bem sucedida ou fracassa.

Cyrene assentiu com a cabeça enquanto sua amiga começou a avançar após Ahlvie. Elas o alcançaram quando ele parou diante de um beco sujo e estreito. Ele acenou para elas parar em também. Ele desmontou e amarrou seu cavalo em um poste na boca do beco.

—Você provavelmente deveria vir comigo — ele disse a Cyrene. — Duas de vocês podem colocá-los no limite, mas uma pode me dar alguma vantagem.

Cyrene desceu do cavalo e começou a amarrá-lo.

—Você realmente vai segui-lo?— Maelia perguntou.

—Por favor cuide dos cavalos — ela pediu a sua amiga.

Maelia desceu e amarrou seu cavalo também. —Se você não voltar em breve, vou buscá-la. Se eu não te encontrar, irei até o Rei,—disse incisivamente a ela e Ahlvie.

Cyrene corou com a menção de Edric e um nó formou em seu

estômago. Ela não queria um lembrete de que o estava deixando para trás por isto.

—Fechado.— Cyrene levemente agarrou a mão dela antes de seguir Ahlvie pelo beco.

—Ela confia bastante, não é mesmo?— Ahlvie olhou não tão discretamente por cima do ombro.

—Dê a ela uma razão para confiar em você!

Ele deu de ombros evasivamente, e ela suspirou. —Apenas me siga e não diga a ninguém que sou um Conselheiro. O que quer que eu diga a eles não fique surpresa. Eles estarão procurando por isso.

—Exatamente quem são *eles*?— Ela enrugou a testa.

—Não importa. Um conhecido, mas não aquele que dá livremente informações. Você irá seguir minhas instruções?

Ela assentiu com a cabeça, pensando no que tinha se metido.

—*Não lute comigo.*

Cyrene virou-se rapidamente. —Você ouviu isso?— ela perguntou.

—Ouvi o quê?

—Eu não sei. Pensei ter ouvido alguma coisa.

—*Deixe-me entrar.*

Cyrene saltou novamente. —Eu acho que talvez alguém esteja aqui.

—Não vejo ninguém — disse Ahlvie olhando ao redor.

Ela estremeceu com os sussurros assustadores que tinha ouvido. *Onde eu ouvi isso antes?* Ela não se lembrava, mas com um assassino à solta e todas as mortes conduzindo a ela, ela de repente não se sentia segura andando nas ruas.

—Vamos nos apressar — ela disse.

Chegaram no fim do beco com pressa, e Ahlvie bateu na porta.

A porta abriu apenas um pedaço e uma mulher de aparência feroz com olhos afiados, longo cabelo preto e reto, e um vestido escuro de peito largo espiou de volta para eles. —O que quer?

—Haille Mardas ao seu serviço, Senhora Bellevue.— Curvou-se mais baixo do que em qualquer reverência que Cyrene o tinha visto dar ao Rei ou Rainha.

—Você disse Haille Mardas?— Ela abriu a porta um pouco mais.

—Em carne e osso.

—A última vez que ouvi esse nome, você me devia cinco pence de ouro,— ela disse casualmente.

—Ah, um mal-entendido.— Ele varreu a mão no bolso e retirou algumas coisas do pequeno saco. —Mas ao que parece, eu tenho três berloques de ouro Aurumian. Se você considerar, eles são a mesma coisa.— Ele removeu as três bugigangas quadradas e mostrou a ela.

—Cinco pences de ouro Byern, Haille.

—Quatro berloques — ele respondeu, fazendo outra peça aparecer do nada.

A mulher os tirou da mão dele e os enfiou em seu corpete. Cyrene tentou não parecer escandalizada.

—Entrem então. Eu me lembro agora. Foram quatro bugigangas de Aurumian.

—Pensei que se lembraria.— Ele a seguiu através da porta com Cyrene em seus calcanhares.

O quarto em que entraram estava escuro, salvo para algumas velas. Caminharam através daquela sala e entraram em uma apenas um pouco mais brilhante.

Duas mulheres com maquiagem escura passaram por eles com corpetes decotados e saias transparentes reveladoras. Seus quadris balançaram em uma dança sedutora.

Uma das meninas correu a mão ao longo do ombro de Cyrene. — Senhora, é ela nova?— perguntou a garota. Seus olhos escuros estavam encapuzados, e seus lábios estavam tão vermelhos quanto sangue.

—Ela não é — disse Ahlvie. Ele rapidamente tirou a mão da menina.

Cyrene olhou para Ahlvie em descrença. *Onde em nome da Criadora Ahlvie me trouxe? Estamos numa espécie de prostíbulo?*

A garota deu uma risadinha e voltou-se para sua amiga. Senhora Bellevue arqueou uma sobrancelha, e elas saíram correndo. Ela empurrou uma chave em uma porta trancada, e Cyrene manteve sua atenção sobre isso e nada mais. Ahlvie tocou seu braço e Cyrene apressou-se atrás da Senhora Bellevue. Ela os escoltou acima por um pequeno lance de escadas e para o que parecia ser seu estúdio privado.

O quarto tinha paredes vermelho-sangue e mobília que combinava. Almofadas brancas macias estavam no topo de dois sofás e uma mesa branca delicada parecia impressionante contra o contraste das paredes. Uma dúzia ou mais de velas de cera estavam acesas em torno do quarto e cortinas pretas e castanhas tinham sido puxadas para trás apenas o suficiente para lançar alguma luz natural vindo do porto além da janela. Era impressionante, se não tão exagerado.

—Sinta-se livre para se sentar.— Senhora Bellevue colocou de lado a saia longa e sentou-se no sofá de frente para a janela. Quando ela cruzou as pernas, a sua saia caiu sobre o joelho, revelando uma fenda alta e mais perna do que Cyrene considerava apropriado.

—Acredito que ficarei de pé.— Ahlvie fez um gesto para Cyrene se sentar em frente a ela, o que ela fez.

—Quem é sua adorável amiga, Haille?— Senhora Bellevue perguntou.

—Uma Afiliada procurando um conselho. Ela deseja permanecer anônima, o que tenho certeza que você pode entender. Ela veio até mim à procura de respostas, e eu tenho metade do conhecimento que você e seu mestre possui.

—Hmm.— Ela tombou a cabeça para o lado e encarou Cyrene. —Uma Afiliada você diz? Sim, eu vejo o pino bem ali no seu seio, exibido como uma jóia preciosa.— Ela sorriu timidamente. —Que tipo de respostas posso te dar?

—Simplesmente procuramos uma informaçãozinha de seu mestre.

—Ele não está— ela respondeu.

—Estamos com um horário apertado. Você acha que pode verificar os horários de doca você mesma?— Ahlvie perguntou.

—Os horários da doca?— Senhora Bellevue considerou. Ela levantou a mão, palma para cima e esperou.

Ahlvie resmungou algo sob sua respiração que Cyrene não pegou e então puxou outra bugiganga Aurumian do seu bolso. —Demais — disse ele. —Procuramos qualquer navio para Eleysia, de preferência direto.

—Verei o que posso fazer.— Ela deslizou a outra bugiganga em seu espartilho e se levantou.

Ela saiu por uma porta lateral que Cyrene não tinha notado antes. Quando Cyrene abriu a boca para falar com Ahlvie, ele silenciou-a com um balanço de sua cabeça.

Um momento depois, Senhora Bellevue voltou com um pequeno pedaço de papel na mão dela. —Você está com sorte.

Ahlvie se aproximou dela e disse algo rapidamente em voz baixa que Cyrene não conseguiu ouvir à distância. Ele arrebatou o pedaço de papel de sua mão quando ela respondeu com uma gargalhada.

—Espero ver você em breve, Haille. Você é sempre muito divertido.

—Vamos.

Ele agarrou o braço de Cyrene e a arrastou pela casa estranha. Logo, eles estavam de volta sob o sol de verão à tarde no beco deserto. Maelia estava andando pela sujeira ao lado dos cavalos e pulou quando ela os viu saindo da casa.

—Você está de volta — ela gorjeou quando eles chegaram nela. —O que aconteceu?

—Podemos sair daqui primeiro?— ele perguntou, desatando todos os cavalos tão rapidamente quanto possível.

—O que? Por quê?— Maelia perguntou, olhando para ele.

—Maelia!— O tom de voz de Cyrene fez Maelia imediatamente subir em seu cavalo.

Eles seguiram Ahlvie para longe do beco estranho. Eles chegaram a uma pequena taberna, The White City Pub, antes Ahlvie parar o seu cavalo.

—Nós vamos entrar aí?— Cyrene olhou ao redor. —Não há outro lugar que poderíamos ir?

—Podemos falar aqui sem o risco de sermos ouvidos.

Cyrene e Maelia se olharam apreensivamente antes de descerem de seus cavalos e seguirem Ahlvie. O pub parecia igual como qualquer outro lugar respeitável que Cyrene tinha posto os pés em Byern com seu teto baixo com vigas, uma meia-dúzia mesas de madeira e barris de vinho e cerveja descansando atrás de um bar. Uma mulher encorpada com um avental marrom e branco derramou bebidas, colocou-as em bandejas e as levou para alguns fregueses sentados no estabelecimento. Os homens falavam jovialmente com a mulher e todos eles pareciam serem amigos.

O trio assumiu uma mesa perto da lareira vazia.

A mulher veio quase que imediatamente para o lado deles. —Tarde,— disse ela, inclinando-se contra a sua mesa com a bandeja apoiada no quadril. —O que vão querer?

Ahlvie pediu uma caneca de cerveja, mas as duas Afiliadas não quiseram nada. Quando Ahlvie teve sua cerveja na mão, ele extraiu o pedaço de papel do bolso e colocou-o sobre a mesa.

—O que diz?— Cyrene perguntou impacientemente.

—Parece que tem havido problemas no porto — disse Ahlvie. —Eles não estão permitindo passagem para Eleysia a menos que seja um navio de Eleysia.

—O quê?— as duas perguntaram ao mesmo tempo.

Que coisa ridícula.

Viagem pelo mar nunca tinha sido guardada firmemente, e qualquer um tinha passagem permitida se pudesse pagar a tarifa.

—Estamos com sorte embora. Parece que há um navio de Eleysia na doca com planos de sair esta noite.

—No escuro?— Maelia perguntou.

—Viagens Eleysian tradicionalmente começam à noite. A sério, nenhuma de vocês lê?—ele perguntou condescendentemente. —Se quisermos estar naquele barco, precisamos encontrar o capitão e tomar providências agora. Não há nenhum outro por pelo menos duas semanas a menos que você conte o navio real Eleysian vindo ao porto.— Cyrene abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Ahlvie balançou a cabeça. —Não. Não estamos considerando o navio real. Isso seria impossível de conseguir, e poderíamos ir

lá e voltar com o tempo de permitirem outro navio de deixar porto.

—Portanto, hoje à noite então?— ela perguntou. Ela não pensava que tudo daria certo tão cedo.

—Hoje à noite — Ahlvie confirmou.

—Mas não tenho nenhuma das minhas coisas,— Cyrene disse-lhe.

—Podemos conseguir coisas assim que chegarmos lá — ele disse-lhe impacientemente.

—Me desculpe. Há coisas que preciso do castelo que eu não posso deixar para trás,— Cyrene disse suavemente.

Ela achou que teria muitos mais navios saindo para Eleysia e que teriam tempo suficiente para pegar seus pertences de seus quartos. Eles não tinham acesso para suas malas já que outra pessoa tinha descarregado o navio. O livro, a carta... Ela não conseguia ir embora sem eles.

—Bem, se apresse agora então. Se você se apressar, acho que pode fazer isso. Encontramo-nos nas docas ao pôr do sol com suas *coisas*, e eu vou ter feito os arranjos.

Cyrene assentiu com a cabeça, se levantando da mesa ao lado de Maelia.

—Cyrene — ele chamou antes dela desaparecer —Não se atrase.



AS DOCAS



Não havia outra opção.

Se um navio Eleysian estaria deixando Albion, então Cyrene tinha que estar nele.

Por mais que quisesse ver Rhea, ela já não tinha mais tempo de espera. Seu coração doeu com o pensamento de vir até aqui e não ver a sua melhor amiga.

Talvez ela pudesse mandar uma carta a sua amiga a tempo. Mas o que diria? Que ela esteve aqui? Que estava indo embora? Que queria que Rhea viesse com ela, mas não conseguia explicar o porquê?

Rhea nunca iria aceitar isso. Ela precisaria de uma boa explicação. Cyrene também não se sentia confortável explicando a situação em uma carta. Rhea teria que confiar nela.

A parte mais difícil de voltar para o castelo era tentar não se apressar. Ela e Maelia não podiam levantar suspeitas. Manter sorrisos fáceis em seus rostos enquanto caminhavam pela rua longa até o castelo era ainda pior. Com preocupação vincando sua testa suave, Maelia olhou ansiosamente para Cyrene enquanto brincava com sua rédeas, tornando o seu cavalo nervoso. Cyrene tinha que lembrá-la de parar. Um passo em falso e eles perderiam aquela navio.

Quando chegaram à entrada de Krisana, um membro da Guarda Real acenou para passarem depois de ver seus pinos de Afiliada. Tão logo chegaram ao estábulo, Maelia desceu do cavalo marrom e saiu

correndo para longe de Cyrene para conseguir tudo o que precisaria. Cyrene avisou o tratador para ter os cavalos selados e prontos para sair antes do anoitecer.

Uma vez fora da vista do menino, ela saiu correndo, pegando suas saias nas mãos e se apressou para a entrada principal. Ela atravessou as portas de pérolas, entrando no hall de entrada do castelo. Felizmente, uma empregada andava pela sala, carregando um jarro de água de porcelana branca.

—Com licença,— chamou Cyrene, tentando não mostrar o quão sem fôlego estava depois de sua corrida louca.

A mulher parou e se virou. —Sim, Afiliada?

—Esqueci-me o caminho para o meus aposentos, e eu estava esperando que você pudesse me ajudar me mostrando a direção.— Cyrene apertou as mãos na frente dela para não tremer.

—Me desculpe, Afiliada. —A mulher caiu em uma pequena reverência enquanto segurava o jarro entre suas mãos. —Devo levar isto a Rainha Kaliana em pessoa. Ela pediu-me, e eu estaria fora de mim para recusar seu pedido. Eu ficaria feliz em te mostrar o caminho depois, se lhe for conveniente.

Um sorriso eclodiu no rosto de Cyrene. —A Rainha, você disse?

—Sim, Afiliada.

—Eu acredito que meus aposentos são de um assunto mais delicado do que esse jarro de água. O próprio Rei encomendou meus aposentos. A Rainha Kaliana dificilmente se importará de esperar alguns minutos extras pelo desejo de seu marido,—ela disse corajosamente. Em qualquer outra noite, ela não teria sido tão franca, mas não tinha outras opções.

A mulher parecia que ia soltar o jarro com as palavras de Cyrene quando ela mergulhou em uma reverência real. —Minha desculpas, Afiliada. Se o Rei solicitou seus aposentos, então certamente os mostrarei — ela gaguejou. —Siga-me.

Cyrene suspirou. Ela não gostou de impor sua posição nessa inocente. Esta mulher não precisava ser puxada para a teia de mentiras que permeava a vida na corte.

—Você foi informada sobre em qual câmara você estará vivendo

durante a sua estadia na Cidade Branca? — a criada perguntou humildemente, caminhando em direção de Cyrene.

—Creio que foi-me dito que ficaria nas Câmaras da Baía das Pérolas.

A criada parou imediatamente derramando um pouco de água do seu jarro.

—As Câmaras da Baía das Pérolas? Tens certeza?— Ela tocou em seu vestido molhado.

—Sim, foi o que a Consorte Daufina me informou.

A garota gaguejou para a frente, em seguida parou e em seguida, dirigiu-lhe por um corredor. —Eu-eu não sabia.

—O que há de errado com as Câmaras da Baía das Pérolas?

—Nada! — ela guinchou. —Nada de mais. Elas são lindas.

—Então, por que está tremendo?

—Bem...— Ela olhou ansiosamente para Cyrene. —Achei que você estaria nos alojamentos das Afiliadas, e você está ficando... — ela engoliu — Ao lado do Rei.

—O quê?—Cyrene gritou.

—Minhas desculpas, Afiliada,— ela sussurrou, abaixando o queixo para o seu peito quando pegou o ritmo.

Uma coisa era estar no navio de Edric mas outra completamente diferente era ter os aposentos ao lado dele no castelo.

Quando elas finalmente chegaram em seus novos aposentos, ela teve uma dor de cabeça que parecia um pouco como se alguém estivesse sondando o cérebro dela o dia todo. Ela desejava que só pudesse tirar uma soneca, mas não havia tempo.

A empregada abriu a porta para as Câmaras da Baía das Pérolas, permitindo-a entrar. O quarto era enorme, e os olhos de Cyrene esbugalharam quando ela entrou. Ela redigiu uma carta rápida para Rhea para a empregada entregar urgentemente para ela.

A mulher mergulhou em uma reverência e saiu correndo da sala, deixando para trás o jarro de água da Rainha Kaliana. Cyrene riu e então saltou para seus pés. Ela correu para o quarto de dormir, e os pés dela

tropeçaram para a frente quando a beleza do quarto a atingiu com a força de um relâmpago.

Uma cama branca de dossel com cortinas brancas penduradas em cada coluna ocupava a maior parte da sala. Móvel branca com candelabros de prata em cima deles foram colocados artisticamente em torno do quarto. As paredes eram da mesma concha branca com um molde de filigrana de pérola maravilhosamente projetado do qual Krisana recebeu seu homônimo. Era tão requintado que ela vacilou em sua decisão por um momento... Só um momento.

Então, ela abanou a cabeça e preparou para o que estava fazendo. Coisas bonitas não eram o que importava no mundo dela.

Ela abriu o armário branco. Na parte inferior estava a bolsa dela, ainda intocada tanto quanto ela podia dizer. Ela ficou feliz que tinha deixado instruções detalhadas para os criados que os tinham levados para dentro do castelo. Suas outras duas malas tinham sido desfeitas, e muitos dos seus vestidos penduravam em ordem de cor. Alguns pares dos seus sapatos estavam arranjados perfeitamente em uma bancada. Seria tão fácil ficar. *Tão fácil.*

Expirando fortemente, ela tirou sua bolsa de couro do guarda-roupa. Quando encontrou o livro e sua carta de Apresentação ainda escondidos dentro, colocou a bolsa sobre o ombro. Além da grande janela panorâmica, o sol estava se pondo no horizonte. Ela estava quase sem tempo. Esperançosamente, Maelia estaria pronta.

A mão de Cyrene estava descansando na maçaneta da porta, quando alguém bateu do outro lado. Ela pulou rapidamente e escondeu a bolsa atrás do divã nas proximidades. A batida soou novamente, e ela gemeu baixinho.

Vá embora. Vá embora. Vá embora!

—Só um minuto,— falou. Ela caminhou para a porta e a abriu. Seu coração afundou quando ela viu quem estava parado na frente dela. —Sua Alteza.

—Afiliada,— Kael disse, seu tom suave. Ele apoiou seu quadril contra o batente da porta, os olhos desejosos e seu comportamento mostrando o típico príncipe que ela tinha crescido adorando odiar.

—Kael não tenho tempo.

—Tempo para quê?

—Para isso.— Ela fez um gesto entre eles.

—Não sei o que dizer.

—Para nós. Não tenho tempo para discutirmos.

—Então, há um nós? — ele perguntou com um sorriso.

Ela revirou os olhos. —Não tenho tempo.

—Eu não vim para discutir.

—Você nunca vem,— ela disse secamente.

—Posso entrar?

—Eu aprendi há muito tempo para não deixar um cortesão entrar no meu quarto.— Ela manteve a porta firmemente em sua mão. —Agora, por favor vá.

—É mesmo?— Sua mão gentilmente empurrou contra a porta. —Você prefere vir ao meu então? Ouvi que você segue as regras da corte dessa forma.

Ela olhou para ele. *Como ele ousa vir aqui e falar sobre Edric dessa forma!* Nada tinha acontecido no navio.

—Você bebeu?

—Sim,— ele disse com um encolher de ombros —Mas não muito.— Ele forçou a porta aberta, apesar do controle dela.

Ela recuou e soltou a porta o suficiente para ele tropeçar através dela. —Pronto! Você está feliz? Você entrou.

Ele sorriu enquanto fechava a porta atrás de si.

Ela precisava de tirá-lo de seu equilíbrio se quisesse sair daqui a tempo. —Já estive nas Câmaras da Baía das Pérolas antes?

Ele sorriu ainda mais. —É claro.

Ela andou para trás, lenta e sedutora. Os olhos dele seguiram o movimento, e ele tombou a cabeça para o lado. Ele cautelosamente a seguiu, julgando os movimentos.

—E o quarto de dormir?

Os olhos dele estreitaram, e ele lambeu os lábios. — É claro.

— Então você sabe sobre a linda cama branca? — ela perguntou. A voz dela estava provocando quando ela entrou no quarto, e o coração martelado no peito enquanto zombava da sua presa.

— Uma cama muito grande para uma pessoa.

Os olhos dela correram para a janela panorâmica, mas ela se certificou que também olhasse para a cama, na esperança de tranquilizá-lo. Escuridão caía com o pôr do sol.

— Muito grande, — ela concordou. Ela lambeu os lábios.

Os ombros dele relaxaram com a afirmação.

Ela o teve aí. *Pela Criadora, é quase fácil demais.*

Soltando uma respiração lenta, ela chegou para a frente e agarrou o pulso dele na mão, puxando-o para a frente para o quarto na frente dela. Ele riu suavemente, e era um tom baixo e sexy de vitória quando atravessou a porta.

Quando ele passou por ela e estava olhando em outra direção, os dedos dela apertaram em torno do candelabro de prata na cômoda. Então, cambaleou para trás, e com cada grama de força que poderia reunir, bateu a coisa contra a parte trás da cabeça dele. Ele caiu no chão numa pilha.

Ela olhou para baixo para o Príncipe de Byern deitado aos pés dela, nocauteado por sua própria mão. Suas mãos tremendo, ela soltou o candelabro, incapaz de acreditar no que tinha acabado de fazer. Nunca na vida ela tinha recorrido à violência para conseguir o que queria. Pareceu antinatural, e ela não podia afastar os tremores de seus joelhos.

Melhor que isso funcionasse, senão ela estaria com problemas sérios.

Apesar de suas mãos tremendo, ela pegou sua bolsa escondida e saiu do castelo. Ela ainda não se conteve de sair correndo pelo corredor vazio. Alguns dos criados a olharam estranhamente, mas neste momento, ela estava muito atrasada. Ela precisava ir para o cais, ou ficaria em Albion, em Byern, sem respostas e com um príncipe irritado.

Os pés dela a carregaram para os estábulos, e ela estava sem fôlego quando chegou.

Maelia sentou-se no Astral, roendo as unhas. —Porque demorou tanto?,— ela gritou.

—Não há tempo para falar,— Cyrene disse ofegante, prendendo sua bolsa em Ceffy. Ela atirou-se sobre a sela. —Tempo nenhum.

Elas colocaram seus cavalos em ação, indo para fora das paredes internas do Krisana e para baixo da ponte levadiça. Cyrene mandou Ceffy em meio galope e, em seguida, um galope na estrada. O sol se pôs como uma meia lua contra o Oceano Lakonia.

Apenas uma lasca do pôr do sol ainda permanecia quando os cascos dos cavalos bateram contra as docas de madeira. Cyrene temia que estavam muito atrasadas. Ahlvie levantou-se na extremidade da doca indicada com seu cavalo, uma pequena bolsa anexada na sela e nada mais.

—Vocês estão atrasadas — ele chamou.

—Não estamos.— Ela olhou para o pôr do sol. —Ainda há luz.

—Então rápido — ele disse com um balançar de sua cabeça parecido com derrota.

Chegaram até o fim da doca quando o navio longo tinha acabado de puxar para cima sua prancha. Ahlvie chamou e acenou com as mãos para o navio.

—Espere!

—O que disse você, garoto?— o homem perguntou em um forte sotaque Eleysian. Ele tinha uma cicatriz profunda atravessando o lado direito do rosto, e sua cabeça era grande demais para seu pescoço atarracado, que a maior parte desaparecia em seus ombros.

—Falei com o Capitão Lador mais cedo esta tarde para uma passagem segura para três para Eleysia,— Ahlvie informou ao homem.

O homem riu. —Capitão Lador foi encontrado morto na sarjeta há menos de uma hora, rapaz. Agora está olhando para o novo capitão do The Nether Knave, Capitão De la Mora,—ele disse florescendo o seu sobrenome.

—Capitão De la Mora, é um prazer. Minhas companheiras e eu ainda poderemos fazer uma passagem segura no seu lindo navio, o The Nether Knave?

—Duas Afiliadas e um Conselheiro?— Ele acenou para um membro da tripulação. —Tenho certeza de que podem encontrar seus próprios caminhos. Não tenho espaço para os passageiros da Primeira Classe que procuram infiltrar-se em meu amado país.

—Capitão De la Mora, estamos buscando nada do tipo. Estamos apenas interessados em visitar o seu maravilhoso país e trazer de volta um pouco da rica história e cultura à nossa pátria.

O Capitão arranhou o pelo do peito. —Nenhum Conselheiro ou Afiliadas possuem qualquer negócio em Eleysia. É melhor vocês três se lembrarem disso.

—Por favor, senhor!— Cyrene pediu.

—Arrematar!— o Capitão gritou para a tripulação, se afastando do convés.

—Ahlvie, faça alguma coisa!— ela gritou.

—O que você quer que eu faça?— ele perguntou, seu rosto duro. —Fiz tudo o que pude.

—Capitão De la Mora!— ela gritou, impotente, quando a última corda foi desamarrada.

O barco começou a distanciar-se lentamente para fora do porto.

Cyrene o assistiu sair, seu coração afundando. Depois de tudo o que tinha feito para chegar aqui, ela perdeu. Não havia mais navios por uma quinzena.

—O que fazemos agora?— Maelia sussurrou.

Ela desejava ter uma resposta. Ela se virou e puxou Ceffy da doca.

Uma figura negra parou no final da doca. —Em nome da Criadora o que acha que está fazendo?— a pessoa perguntou enquanto jogava o capuz para trás.

Cyrene eclodiu em um sorriso e correu para ela, deixando seus amigos na doca. —Rhea!— Ela embrulhou seus braços em torno da amiga.

—Cyrene.

Elas esmagaram uma a outra em um abraço.

—Eu senti tantas saudades.

—Eu também senti saudades, Cyrene.

Rhea se afastou de Cyrene, mas manteve uma mão em cada um dos seus ombros. —Agora, o que é tudo isso? Uma mensagem enigmática quando você acabou de chegar em Albion? Eu não entendo.

—Eu temia explicar em uma carta, — Cyrene disse-lhe timidamente.

—Mas estava disposta a ir embora sem me ver?

—Não! É por isso que enviei a carta em primeiro lugar.

Rhea abriu a boca para falar e então a fechou quando olhou por cima do ombro de Cyrene. Cyrene olhou para trás para ver Maelia e Ahlvie se aproximando.

—Quem são eles? — Rhea perguntou.

—Amigos — Ela os apresentou aos outros.

Rhea parecia apreensiva. Ela assentiu com a cabeça de um modo quase malcriado. —Por que me pediu para vir para as docas? Aonde vamos?

—Lugar nenhum — Cyrene disse tristemente. — O navio partiu.

Rhea mordeu o lábio e olhou entre os três, que tinham expressões sombrias combinando. —Venham comigo. Já quebrei o toque de recolher, e Mestre Barca não vai gostar. Também posso trazer uma razão para isso. Talvez possamos resolver isso aí.



O MOTIVO



Através das estradas sinuosas de Albion, Cyrene montou Ceffy ao lado de Rhea. Cyrene não queria que seu reencontro fosse assim, mas não havia outra escolha sob as circunstâncias. Quando Rhea olhou de relance sobre ela, Cyrene poderia dizer que ela estava pensando a mesma coisa. Ela estava tão feliz por ter Rhea de volta. Com a amiga ao lado dela, ela estava inteira de novo.

Rhea recostou contra Cyrene e olhou de relance de novo para Maelia e Ahlvie. — É sobre a carta? Eles sabem?

— Não — Cyrene respondeu igualmente baixinho.

— Então, há algo mais?

— Sim. Vou te dar os detalhes quando estivermos sozinhas, — prometeu Cyrene.

— Assim como eu. Tenho notícias, — Rhea disse quando viraram em outra rua. — Sobre a carta. Eu estive cavando através das bibliotecas sempre que pude. Achou alguma coisa?

— Dificilmente. Não tive chance. A Rainha me odeia.

Rhea olhou para ela, surpresa pela declaração.

— Tenho muito o que explicar, — acrescentou Cyrene.

— Claramente. — Rhea olhou para trás sobre o ombro novamente.

Ela não confiava em Maelia e Ahlvie, e Cyrene não podia culpá-la. Ela

nunca os tinha conhecido antes e não sabia os seus motivos.

—Vamos conversar em particular. Nós teremos que ir à biblioteca de qualquer maneira para eu mostrar a você —disse Rhea.

Cyrene suspirou. Agora que ela tinha que estar aqui por mais uma quinzena, teria tempo com Rhea, mas também teria que justificar suas ações com Kael e adiar a viagem por mais tempo.

Rhea a tirou de seus pensamentos. —Por que a Rainha te odeia?

—Porque o Rei não.— Cyrene abaixou sua cabeça e depois olhou para cima para Rhea.

—O que isso... — ela parou e sua boca caiu aberta. —O Rei gosta de você?— ela guinchou.

—Sim — ela sussurrou. Ela não falou nada de seus próprios sentimentos.

—O Rei Edric gosta de você?— Rhea perguntou novamente em estado de choque.

Talvez Rhea não estivesse preparada para ouvir essa. E se não estava pronta para ouvir sobre o Rei, ela certamente não ia estar pronta para o inconsciente Príncipe nos aposentos de Cyrene.

—Cyrene, não sei o que dizer.

—Eu também não — Cyrene disse honestamente.

—Você tem... *Estado* com ele?— ela sussurrou, corando furiosamente. — Quero dizer... Eu sei que o Rei tem sido o motivo de boatos que... Bem, você sabe. Não estou insinuando que você alguma vez... Não se preocupe.— Rhea olhou para a frente e continuou andando propositadamente.

Cyrene riu dela e balançou a cabeça. —Não estive.

Rhea estourou uma respiração. —Bom. — Ela apertou a mão dela. —A vida realmente não é o mesmo sem você. Obrigada por não pular no navio e me deixar para trás.

—Ugh, não quero nem falar sobre isso.

—Está tudo bem,— Rhea assegurou a ela. —A casa de Mestre Barca é nesta esquina.

Eles viraram mais uma esquina e Rhea apontou a residência do seu Mestre — um edifício quadrado branco liso com apenas uma janela virada para a rua e uma cerca alta. Não parece muito vista de fora, mas era em um Veda mais agradável perto do castelo, então Cyrene tinha altas expectativas sobre o interior.

Rhea abriu a porta exterior e permitiu-lhes escoltar os seus cavalos através do portal antes de fechá-lo de forma segura por trás dela. No estábulo, um homem mais velho tomou a rédeas, sorriu carinhosamente para Rhea e até mesmo acariciou o cabelo vermelho escuro dela. Ela sorriu para ele antes de pegar a mão de Cyrene e puxá-la através de uma entrada por trás para casa.

A sala em que entraram estava escura, e abria para um jardim interno bem iluminado que rivalizava com o tamanho da mansão dos seus pais em Byern. O Receptor de Rhea deve ser um homem extremamente rico para ter tal extravagância.

Enquanto caminhavam pelo jardim interno, Cyrene percebeu que algo estava errado sobre isso. Onde as fontes teriam estado entre as flores, objetos de metal estranhos estavam em seus lugares. Cyrene encarou um dispositivo gigante com um estranho pedaço circular que girava em torno de outro círculo enorme. Ela se perguntava para o que aquilo servia.

— Apenas ignore essas coisas — Rhea pediu. — Eu faço. É mais fácil do que perguntar.

Cyrene com cautela olhou para ela. — Ele não te diz?

— Suas explicações são muito confusas, então eu não me incomodo.

— Eles confundem *você*?

Rhea riu e inclinou-se em Cyrene. — Vir aqui me fez perceber o quão para trás eu realmente estava. Espere até conhecer Mestre Barca.

Entraram em um salão cheio até a borda com bugigangas aleatórias. O salão em si era além de grandioso, mas teias de aranhas se penduravam nos cantos das paredes brancas e entre as peças de cristais do lustre. Poeira se estabeleceu nas estantes enormes cheias até em cima com obscuros pedaços de metal, livros antigos sem títulos, rochas estranhas e muito mais que Cyrene nem mesmo conseguia distinguir entre os entulhos. Pilhas de cabos soltos foram empilhadas quase até o teto, e vias tinham sido liberadas, revelando o vibrante piso azul e branco em cruz que uma vez tinha sido uma bela

característica da sala. Como alguém poderia dar sentido em tudo aquilo e muito menos ter alguém *vivendo* lá, estava além da compreensão de Cyrene.

—Desculpe a bagunça.— disse Rhea guiando-os através do labirinto.

Cyrene olhou em volta e viu que Ahlvie e Maelia usavam olhares semelhantes de fascínio enquanto eles caminhavam.

—Você chama isso de bagunça?— Ahlvie perguntou sarcasticamente.

—Eu tento ajudá-lo a arrumar as coisas, mas ele me diz que vai esquecer onde colocou as coisas se eu movê-las — Rhea disse.

—Como poderia ele saber onde tudo isto está?— Maelia perguntou o que todos eles estavam pensando.

Rhea deu de ombros. —Ele fez as pilhas, suponho.

Ela pegou um lampião aceso na parede e em seguida, entrou em um pequeno escritório arrumado. Cyrene reconhecia a obra de Rhea por toda a sala. Uma mesa de madeira resistente, com seis cadeiras em torno dela tinha pilhas de livros e desenhos de objetos diferentes. Um corrimão corria em volta de toda a sala no nível do quadril e a metade inferior era de uma cor verde suave, enquanto a parte superior era de um marrom claro. Apenas uma estante estava contra a parede do fundo, e Cyrene ficou surpresa ao ver tudo vazio comparado com o que havia do outro lado da porta.

—Sentem-se.— Rhea puxou a cadeira e esperou os outros segui-la. — Agora, alguém pode por favor me dizer *o que* está acontecendo?

Ahlvie e Maelia olharam para Cyrene começar.

Cyrene suspirou. —Nós estamos tentando ir para Eleysia.

—Porquê?— Rhea levantou suas sobrancelhas.

Cyrene mordeu o lábio. Ela não tinha contado a todos as mesmas informações, não tinha nem mesmo contado a alguém toda a verdade. Maelia sabia que Cyrene queria ir Eleysia para completar a sua formação e que a Rainha se recusou a deixá-la ir. Ahlvie sabia que eles estavam indo embora, e embora ele tivesse tido os meios para sair por conta própria anteriormente, nunca tinha tido o empurrãoque precisava para ir sozinho. Rhea, claro, sabia sobre a carta de Apresentação.

Nenhum deles sabia sobre o livro. Nenhum deles sabia sobre Basille

Selby. Nenhum deles sabia que todas as respostas dela descansavam em Eleysia com Matilde e Vera.

—Porque eu preciso ir lá.

Rhea estreitou os olhos. —Mas por quê?

Cyrene engoliu e fechou os olhos. Então, tudo derramou para fora dela... Toda a história. Eles precisavam estar em uma página semelhante. Ela precisava confiar neles como eles confiavam nela.

Ela contou-lhes sobre Edric, o inconsciente Kael, a invejosa Kaliana e a manipuladora, mas ainda cativante Daufina. Ela contou sobre a carta de Apresentação. Ela cautelosamente disse-lhes sobre o recebimento do livro e como às vezes parece perder tempo quando o lê, mas ela não contou a eles sobre o texto floreado estranho. Lembrava-se da apreensão de Basille Selby, e ela não repetiria isso a menos que precisasse. Mas ela contou sobre a declaração do Mestre Selby sobre como deveria ir para Eleysia para obter respostas.

Finalmente, revelou sua conexão com todos os crimes. Ela não sabia como aquela peça encaixava no quebra-cabeça, mas parecia importante.

—Os assassinatos estão ligados a você?— Ahlvie perguntou em surpresa.

Cyrene assentiu. —Só descobri quando voltamos. Então, você vê por que tenho que sair para encontrar respostas. Há algo de... Errado comigo —ela disse lentamente. —Eu não sei o que é ou até mesmo como explicar isso. Eu quero fazer vocês acreditarem em mim, mas não posso. É algo que não entendo, mas me aterroriza. Tenho tido medo, querendo saber o que está acontecendo, se vai piorar, se alguma coisa vai acontecer, se vou me machucar ou a outra pessoa enquanto tento descobrir o que está acontecendo dentro de mim.

Uma lágrima caiu e depois outra. Ela não conseguia parar. Ela colocou as mãos sobre os olhos para tentar acalmar a tempestade que se levantava dentro dela.

Um minuto passou em silêncio, antes que ela pudesse continuar, —Eu queria dizer a todos vocês, mas não acho que vocês acreditariam em mim. Então, peço desculpa por ter enganado vocês, por mais leve que tenha sido a

decepção, mas eu preciso ir para Eleysia. Eu *tenho* que ir a Eleysia. Eu vou com ou sem vocês, mas prefiro que venham comigo.

Ela esperava nojo, dor, traição e raiva. Ela esperava que eles a odiassem por usá-los, como Kaliana, Daufina e até mesmo Kael tinham usado ela. Ela se odiava um pouco por isso.

Tudo que olhou de volta para ela foi determinação, compaixão, angústia, esperança e amor. Rhea cobriu a mão esquerda de Cyrene com a sua e apertou como nos velhos tempos. Maelia lentamente estendeu a mão e a colocou sobre a de Rhea. Ela assentiu uma vez e então sorriu.

Ahlvie riu suavemente e balançou a cabeça. — Eu serei amaldiçoado — ele disse. — Acho que estou dentro, também.

Sua mão deslizou sobre a mesa e cobriu a mão delicada de Maelia.

Mais uma lágrima desceu pela bochecha de Cyrene. Eles iriam ficar com ela mesmo depois de tudo isso, mesmo depois que ela tivesse mantido segredos deles. Ela engoliu em seco. Pela primeira vez em meses, o peso lentamente saiu do seu peito.



O INVENTOR



Enquanto eles se afastavam, a porta do escritório bateu aberta, e todos saltaram para longe.

—Rhea!— um velho gritou, caminhando para a sala com os olhos fechados e as mãos cobrindo suas têmporas. Ele era incrivelmente alto com uma grande barba branca e cabelo branco comprido despenteado. —Você viu aquele último desenho que eu fiz? E a coisa com ornamento elaborado? Eu usei da última vez. Onde está?

Cyrene olhou com boquiaberta. Ela não sabia do que ele estava falando.

E Cyrene ligeiramente ficou chocada com a aparência do homem. Suas roupas estavam tão desarrumadas quanto sua casa. Ele usava uma túnica longa marrom, atingindo quase os joelhos, que estava gasta na bainha e por todas as costuras. Parecia que ele precisava de uma boa esfregada antes de sequer estar apto para ser visto pelo público.

—Deixei o desenho na sua mesa — Rhea disse-lhe com um sorriso. — No centro, em cima de seu mais recente conceito de arte.

—Que lugar estranho para deixar algo!— Virou-se em um círculo, olhando para o teto. —E se eu precisasse encontrá-lo?

—É para isso que estou aqui senhor — ela disse-lhe com humor na voz.

De repente Mestre Barca parou a meio da rotação, virado para a porta e esticou o pescoço ao redor. —Rhea — disse ele baixinho, sua loucura aparentemente se dissipando —Não me disse que temos visitantes.

—Minhas desculpas — disse ela com seu sorriso fácil sempre presente.

—Esta é a minha amiga Cyrene. Nós crescemos juntas em Byern antes de me mudar para cá. E estes são seus dois amigos, Maelia e Ahlvie. Eles acabaram de chegar da procissão com o Rei Edric e o resto da corte.

— Afiliadas e um Conselheiro, posso ver.

— Sim, senhor — Rhea disse com firmeza.

Cyrene reconheceu aquele tom perfeitamente. Ela queria rir porque Rhea tinha usado aquele mesmo tom com ela em muitas situações. Significa que você deve segurar a língua, antes que se metesse em problemas. Cyrene geralmente não escutava, e não parecia que o seu Receptor tinha escutado também.

— Bem... — ele fez outro círculo, como se ele já tivesse esquecido o que esteve pensando anteriormente — Vamos lá então. Há muito a fazer.

Ele saiu da sala da mesma maneira em que ele entrou. Cyrene, Maelia e Ahlvie encararam a sua figura em retirada.

Rhea, no entanto, já tinha pulado do seu assento. Quando ela percebeu que eles não estavam vindo junto, ela parou e voltou-se para eles. — Vamos.

Eles saíram correndo de suas cadeiras e seguiram os passos rápidos de Rhea para alcançar seu Receptor.

Mestre Barca resmungando para si mesmo, os levou através do salão bagunçado. Ele virou para um longo corredor que estava completamente vazio e, em seguida, em outro pátio. Fileira após fileira de caixas de madeira perfeitamente alinhadas forravam o interior do recinto.

— Explosões — Ahlvie murmurou suavemente em admiração.

O inventor olhou para o céu da noite limpo por alguns minutos. Quando ele afastou o seu olhar, ele olhou para Rhea, mas seus olhos estavam distantes, como se olhasse através dela para um tempo diferente ou um lugar diferente.

— O Rei encomendou esse lote — disse ele, apontando para um lote coberto em um canto.

Todos eles olharam para ele.

— Está aqui para eles, não é? — ele perguntou.

—Sim — Cyrene respondeu imediatamente, tendo nenhum indício de como transportá-los, mas não vendo outra opção sobre como fazê-los entrar no castelo.

—Você terá de voltar amanhã para o resto. Sequer me lembro de enviar uma nota sobre o primeiro lote.

—Eu mandei a nota senhor — Rhea interferiu. — Eu disse hoje cedo.

—Você mandou? — ele perguntou distraidamente.

—Você esteve ocupado replicando aquela explosão que você criou. — Ela o desaprovou como uma criança. — Você esqueceu tudo sobre isso, como o desenho que deixei na sua mesa.

—Sim! Está na minha mesa. Rhea, garota, eu sei o que é! — Ele saltou, pegou uma vela da parede e moveu-se para a primeira explosão em uma fileira.

—Senhor, é realmente necessário neste momento? Pense sobre o Veda.

—Oh, deixe-os reclamarem — ele disse, de repente lúcido e vigilante. Quando ele começou a trabalhar, sua loucura saiu dele como uma cobra trocando a pele, e ele mergulhou em tudo o que estava fazendo.

Ninguém se moveu uma polegada.

Ele ansiosamente estendeu a mão para Rhea. Ela suspirou e trouxe seu lampião para ele. Ele extraiu a vela para fora do recipiente e tocou a chama a uma corda no final.

—Para trás! — Ele se moveu desajeitadamente para a saliência perto da porta.

Eles seguiram atrás dele e apertaram seus corpos contra a parede.

O coração de Cyrene acelerava. Ela nunca tinha visto um tão perto, e fazia um tempo desde que tinha visto o último. Na verdade, ela não conseguia se lembrar a última vez. Possivelmente foi o feriado há dois anos.

Eles preparavam-se, sorrisos crescendo em seus rostos, quando a partícula de luz viajava mais longe na corda. O pequeno pedaço de papel em erupção, atirando para fora de sua cápsula na fileira e para o céu da noite. Cyrene empurrou contra a parede e ficou no pátio aberto.

Então, aconteceu. Com um grande estrondo, o céu explodiu em um

milhão de estrelas vermelhas brilhantes que choveram ao redor de todos. Cyrene levantou suas mãos, esperando para pegar uma estrela, quando caiu em direção a eles. Mas como todas as outras vezes que ela tinha visto, a cor da erupção desapareceu logo antes de tocar o chão, deixando o céu noturno com uma névoa de fumaça onde tal beleza tinha estado antes.

Então, não era mágica. Ele tinha simplesmente acendido um cabo, e a Explosão tinha ganho vida no céu, como se o fogo tivesse feito a sua própria mágica.

Ela suspirou, ligeiramente aliviada que estava certa.

—Argh!— Mestre Barca puxou com força a sua barba. —Não funcionou!

Todos eles olharam para ele como se fosse o lunático que era. Claro, que tinha funcionado! Foi lindo e iluminou o céu inteiro.

Ele gritou mais algumas vezes, galopando para onde ele tinha acendido a Explosão e irritadamente brincou com a corda.

Rhea deu de ombros, como se isso fosse completamente banal.

—Vamos lá. Vamos pegar Rouster, para que ele possa ajudar você transportar estes.

Quando eles se viraram para deixar o inventor com seu trabalho, encontraram uma pessoa andando ansiosamente pela porta dos fundos.

—Ouvi a comoção — disse o homem mais velho do estábulo.

—Está tudo bem, Rouster — Rhea disse-lhe. —Ele está mexendo com as Explosões novamente, tentando recriar a mesma explosão.

—Isso é normal, Senhorita Rhea — disse ele, empurrando um pedaço de papel em suas mãos. —Mas a Guarda Real, indo de casa em casa, perguntando por uma mulher semelhante em aparência com uma mulher que temos em nossos aposentos, não é.

—A Guarda!— Rhea guinchou.

—Aqui diz que Afiliada Cyrene desapareceu há algumas horas. A cidade está em alvoroço, procurando por ela. A nota é assinada por ambos os irmãos Dremylon. Nunca vi nada igual,—admitiu tremendo.

Guarda Real. Cidade em alvoroço. Os dois irmãos Dremylon. Cyrene se

sentiu fraca. Eles estavam procurando por ela? *Ambos?* Se tudo tivesse ido bem, ela estaria longe do porto agora.

Ela finalmente encontrou sua voz. —Eu sou Afiliada Cyrene. Acredito que seja hora de eu voltar para o castelo.— Ela empurrou seus ombros para trás, aceitando tudo o que poderia vir a seguir.

Rhea agarrou a mão dela. —Se perguntarem, você estava aqui o tempo todo. Eu vou jurar. Não faça nada precipitado.

Seu aviso tocou na cabeça de Cyrene em alto e bom som.

Cyrene virou-se para Maelia. —Fique aqui e encontre seu próprio caminho de volta. Não quero levantar suspeitas.

Maelia assentiu com a cabeça, parecendo enjoada, enquanto Ahlvie estoicamente ficou parado com os braços cruzados.

Dois Guarda Real sentavam em cima de cavalos pretos enormes quando ela saiu da casa. —Você é a Afiliada que buscamos?

—Sim. Permita-me pegar meu cavalo e vou acompanhá-lo.— Ela habilmente pôs a máscara de Afiliada que usava no castelo. Era uma atitude que poucos argumentavam contra.

Ela entrou com Rouster nos estábulos e rapidamente desamarrou sua bolsa de Ceffy. Isso chamaria a atenção indesejada. Por mais que estivesse inquieta por deixar o livro, ela mudou sua bolsa para Astral do outro lado dos pertences de Maelia. Ela confiou em Maelia para entregá-lo de volta para ela.

Rouster ajudou-a a subir nas costas do Ceffy, e um guarda dirigiu-a a andar o cavalo entre eles. *O quanto me encenquei com a realeza para eles me temerem tanto a ponto da Guarda Real me tratar como uma prisioneira, obrigando-me a andar pela rua entre eles?*

Ela não tinha percebido antes o quão perto a casa do Mestre Barca era do castelo. Seu estômago estava embrulhado, e ela estava se esforçando para manter a compostura.

Cruzando a ponte levadiça parecia como uma sentença de morte quando ela viu o número de Guarda Real andando pelo o pátio circular aberto e outros postados em cada entrada. *Quantos tinham sido mandados atrás de mim?*

Os dois guardas saltaram de seus cavalos e caminharam com ela em

direção as portas de pérola gigantes. Eles deviam querer reclamar o seu prêmio por encontrar a fugitiva.

A entrada estava estranhamente calma para a quantidade de atividade acontecendo lá fora. Ela atravessou o hall de entrada, e os dois guardas estacionados na entrada para a sala do trono real abriram a porta para eles. Ela respirou fundo e entrou na sala requintada, pronta para enfrentar o que estava vindo para ela.

Apesar da hora, muitos estavam de pé rodeando os tronos. Edric sentava em seu trono, sua mão pressionada na cabeça. Kaliana e Daufina estavam em cada um dos lados dele. Kaliana parecia triunfante. O braço de Duque Halston estava em volta dos ombros de sua esposa grávida soluçante, que estavam abraçados em uma posição desconfortável no trono menor dela. Finalmente, o olhar dela localizou a única pessoa que ela não queria ver na sala, e ele foi o primeiro a notá-la.

O hálito dela ficou preso com a mistura de emoções nos olhos tempestuosos de Kael. Raiva era a mais proeminente, mas felicidade, desejo e vingança passaram pelo seu rosto quase no mesmo instante. Quando ele começou a vir em sua direção, todos os olhos viraram e a encontraram de pé na sala. Ela viu os próximos segundos através de câmera lenta.

Kael continuou para a frente até que estava de pé na frente dela. Sua mão escovou seu ombro como se para certificar-se de que ela era real. Edric chegou um segundo depois, quase empurrando o irmão para fora do caminho, suas mãos macias substituindo as ásperas de Kael. Os olhos dela travaram com os de Edric e toda a preocupação sobre as mortes estarem relacionadas com ela e o pensamento de deixá-lo para trás a acertou em cheio. Naquele momento, tudo o que ela queria fazer era afundar em seus braços e beijá-lo.

Então, a agitação aconteceu toda de uma vez, e o silêncio transformou-se em confusão ensurdecadora. Todos falavam, e ela não tinha certeza qual pergunta responder primeiro. Na verdade, a maioria das questões sequer faziam sentido, e ela não podia processá-las com tanta coisa sendo lançada para ela. Tudo o que sabia era que parecia que tinham estado *preocupados* com ela, e não com raiva. E ela não conseguia compreender o porque.

Finalmente, Edric ditou as regras e calou a maior partedeles, soltando suas mãos dos ombros dela. — Onde esteve?

Ela levantou seu queixo, recuperando a sua postura regal.

—Na residência do Mestre Barca, obtendo um carregamento de Explosões.

—O quê? — Edric gritou.

Ao mesmo tempo Kael gritou —Sério?

Eles se olharam e então se voltaram a Cyrene.

Daufina interceptou os dois homens e ficou ao lado de Cyrene.

—O que eu acho que eles querem perguntar é porque você faria uma coisa dessas?

—Eu recebi uma carta instruindo-me a fazê-lo — ela afirmou simplesmente.

—E onde está essa carta? — Kaliana perguntou orgulhosamente. Ela não se moveu do trono e estava encarando Cyrene tão gélida quanto a rainha do gelo que era.

—Acredito que deixei no Mestre Barca onde seu guarda me buscou, Sua Majestade. — Ela sorriu tão docemente quanto possível para a mulher que queria ela fora.

—Bem, agradeço à Criadora que você esteja bem — disse Daufina. — Estávamos todos preocupados com sua segurança.

Cyrene tentou esconder a surpresa do seu rosto, mas ela claramente não foi bem sucedida.

—Por que você sairia para a cidade dessa forma? — Kael exigiu. — Você nos deu bastante dor de cabeça. — Ele esfregou sua testa.

Ela ficou firme em sua insinuação e lembrete. Ela não podia quebrar na frente de todo mundo. Não parecia que ele tivesse contado a alguém, e ela não o faria.

Mas por que ele não disse a eles? E qual preço viria disso?

—Não queria dar a ninguém uma dor de cabeça. Eu estava simplesmente seguindo ordens e meu dever como Afiliada. Mas posso perguntar por que estavam tão preocupados? — Dificilmente essa era a recepção que ela estava esperando quando os guardas foram buscá-la no

Mestre Barca.

Daufina e Edric compartilharam um olhar cheio de conhecimento.

—Outra Afiliada apareceu morta,— disse Daufina. —Da mesma maneira que a Afiliada Pallia e Conselheiro Grabel.

—Mais uma?— ela engasgou, cobrindo a boca.

—Sim,— Edric disse a ela.

—Já chega,— Kaliana cuspiu, ficando de pé e caminhando em direção a eles. —Este é um assunto oficial da realeza. Ela não tem o direito saber nada mais. Ela está perfeitamente segura, e não tem ideia do que estamos falando. Talvez ela devesse ir para seu quarto de dormir... Nos alojamentos das Afiliadas —acrescentou.

Edric olhou fixamente para sua Rainha. — Kaliana, você saiu da linha. Você esqueceu quem dirige este reino?— Sua língua estava afiada.

—Como eu poderia esquecer?

—Então, talvez você deva permitir que eu decida quem requer informação e quem não tem.

Kaliana sorriu, e foi quase pior do que quando ela olhou para ele. — Como quiser — disse ela com uma pequena inclinação da cabeça, —meu *marido*.

Cyrene ficou parada, não querendo interferir. Nunca teve a intenção disso tudo acontecer. Tudo o que ela queria fazer era ir para Eleysia e descobrir o que significava o livro. Ela não queria a atenção do Rei, a paixão do Príncipe, animosidade da Rainha ou ajuda da Consorte. Ela certamente não queria ter que pensar sobre o assassinato de cinco pessoas da Primeira Classe. Não pela última vez ela desejou que estivesse naquele navio.

Edric ignorou o último comentário da Rainha e voltou-se para Cyrene. —Como eu estava dizendo, tivemos outra Afiliada morta esta noite. Afiliada Karra era parte do comitê de busca para a Afiliada Pallia e Conselheiro Grabel. Ela juntou a coincidência incerta sobre Conselheiro Zorian, retornando para Byern para sua Apresentação e as circunstâncias de Pallia e Grabel vindo para Albion para encontrar a irmã da Afiliada Aralyn. Aralyn é sua irmã, certo?

As mãos de Cyrene tremiam quando Edric falou. Seu egoísmo foi a

causa da morte de outra Afiliada. O seu estômago virou, e ela quase não podia responder — Si-sim.

—Quando Karra descobriu que tinha sumido, ela mesma saiu procurando por você. Antes do pôr do sol, ela e um marinheiro Eleysian, Capitão Lador, foram encontrados mortos perto das docas.

Os joelhos de Cyrene desistiram. Ela fechou os olhos. Kael estendeu a mão e agarrou-a antes que ela pudesse cair. Sua cabeça inclinou para trás enquanto pensava sobre o capitão morto que ela havia tão facilmente descartado quando foi pedir passagem ao Capitão De la Mora no navio dele.

Como tudo isto está conectado?

—Um pouco de água! — Edric gritou para um dos guardas de vigia. — Você está bem? — ele perguntou enquanto Kael a colocava suavemente no chão. — Não queríamos...

Água apareceu, e uma empregada derrubou um pouco em sua boca.

Ela engoliu, e os seus olhos abriram. Sua respiração era pesada. Ela não queria pensar sobre o que ele estava dizendo. Ela não queria pensar sobre o sangue nas suas mãos, mesmo que não tivesse matado eles.

—Desculpe incomodá-la — Daufina disse suavemente. — Achamos que você deveria saber.

—Quando você não retornou — Kael disse — todos pensamos que o assassino tinha escolhido sua próxima vítima.



A BIBLIOTECA



Prisão domiciliar.

Ou eles chamam de prisão do castelo?

Cyrene não se importava porque de qualquer forma, significava que ela não iria embora. Ela estava presa atrás das bonitas paredes brancas do Krisana. Ela estava em uma prisão branca quando tinha estado tão perto da liberdade no dia anterior.

Eles estavam fazendo isso para seu próprio bem. O assassino os tinha seguido para Albion. Eles não podiam deixá-la passear até descobrirem o que estava acontecendo, mas isso não quer dizer que ela iria gostar.

Estando presa, passear pelos corredores vazios sem fim do castelo era a última coisa que ela queria fazer. Se ela tivesse que permanecer em Albion por muito mais tempo, queria pelo menos ver os jardins do outro lado da ponte levadiça e o oceano. Ela ainda não tinha estado nas praias do lado oeste. Ela poderia olhar sonhadoramente para fora das janelas o tanto que quisesse, mas não teria permissão para sair.

Maelia retornou e conseguiu esgueirar a bolsa de Cyrene de volta para o quarto dela. Aparentemente, Ahlvie conhecia passagens através de Krisana quase tão bem quanto de Nit Decus e ele a tinha esgueirado para dentro do edifício. Ele nem deveria entrar em Albion, então ele decidiu ficar com um amigo na cidade.

Guardas foram postados em cada entrada e saída, bem como em intervalos ao redor do castelo, como tinha sido em Byern. Albion

estava em modo de bloqueio, e Cyrene ainda tinha que descobrir uma maneira de ver Rhea sem solicitar a Edric — ela não o tinha visto desde a noite na sala do trono. Era como se ele a estivesse evitando, e ela não culpá-lo... Mesmo que sentisse falta dele.

Com a ausência de Edric e sua prisão forçada, ela foi deixada com muitos dias sozinha. Em uma daquelas manhãs chatas, duas semanas depois de sua tentativa de fuga de Albion, uma batida suave na sua porta a despertou de seu tédio. Ela levantou-se e apressadamente abriu a porta para o quarto dela.

Príncipe Kael estava parado lindamente do outro lado. Ele parecia como se estivesse cavalgando. O cheiro do ar fresco e salgado o impregnou. Ele ficou olhando impassível enquanto estava na frente dela com os braços cruzados, com um chicote de montaria marrom debaixo do braço.

— Sua Alteza — disse ela.

Suas interações tinham sido frias, breves e poucas. Quando ele olhou para ela, ela poderia dizer que ele estava conspirando, mas ela não era nada além de educada. Ela achava que o nocautear tinha feito bastante dano.

— A que devo o prazer? — ela perguntou.

— Parece que sua liberdade foi temporariamente concedida.

— Eles encontraram o assassino?

— Eu não seria tão otimista, — ele disse secamente. — Foi concedida a você permissão para visitar a biblioteca.

— A biblioteca? — Ela tinha feito nenhum pedido nesse sentido.

— Você não quer ir sair?

— Eu quero — disse automaticamente. — Para onde vou? Como chego lá?

— Estou acompanhando você — ele disse.

E então, ela entendeu sua conduta pedregosa. Ele não queria estar fazendo isso. Ele não queria estar perto dela. Devia ser isso.

— Estarei aí em um minuto. — Cyrene correu de volta para o quarto. Ela jogou um pouco de pó no rosto, acrescentou um toque de blush e agarrou seu manto de seda azul.

Kael estava em sua sala de estar, o chicote pendurado ao seu lado quando ela voltou.

—Estou pronta.

Ele encontrou as mãos dela vazias, e então seu olhar foi para o rosto dela. —Você não trouxe um candelabro com você desta vez?

Ela engoliu. —Não.

—Então acho que não preciso disso afinal.

Ele fez um movimento e estalou o chicote no ar, e os olhos dela esbugalharam.

Ele piscou para ela. —Pena.

—Oh, honestamente — ela surtou. As bochechas dela coraram carmesim e ela virou-se. *O homem pensou em outra coisa?*

Uma risada suave soou atrás dela, e ela tentou manter um sorriso longe de seu rosto.

—Você é divertida — ele sussurrou, a seguindo para fora da porta e golpeando seu traseiro com o chicote.

—Kael! Pare com isso.

—Como sempre, seu desejo é uma ordem, Afiliada.

Ela resmungou sob sua respiração. Ela passou pelas paredes sinuosas do Castelo Branco e saiu para o sol da manhã. Todos os guardas da cidade agora sabiam da sua aparência, e todos eles olharam para ela como se para lembrá-la que não ia a lugar nenhum.

Dois cavalos foram selados e esperavam por eles. Cyrene se apressou para seu cavalo e Kael ficou com o ao lado dela. Só quando ela pensou que não poderia ficar pior do que esta prisão, seis guardas reais em seus ganhões pretos enormes fizeram uma formação em torno dela e Kael.

Sim, desfilando pela cidade com guardas armados é pior.

—Então — Cyrene começou quando a exibição abominável deles atravessaram a pista principal de Albion — Por que está você me escoltando?

—Se você está perguntando porque eu e não meu irmão, você terá que perguntar a ele — disse ele, olhando para frente.

Ela tinha se perguntado por que Edric não a tinha ido vê-la por todo o tempo em que ela esteve sozinha no castelo. Depois da maneira como ele agiu sobre a procissão, ela achou que as coisas seriam diferentes.

Mas além disso, ela ficou surpresa que Kael estava aqui. Depois que ela o nocauteou, diria que ele iria querer ficar em qualquer lugar do que perto dela.

—Eu simplesmente estava perguntando por que você e não apenas seus guardas? Tudo isso não é um pouco demais?

—Você não sabe o quão importantes as Afiliadas são para o reino? Não podemos perder mais nenhuma —Kael disse, cada bocado de humor longe de sua voz. —Se é assim que Edric quer parar a situação, então assim seja. Ele não acredita que o assassino vai atacar um membro da realeza.

—E você? Você acha isso?—ela perguntou. Ela não esperava a honestidade dele.

Ele encolheu os ombros. —Acho que assassinos provavelmente não pensam muito sobre isso, mas eu não sou o rei.

Cyrene reteu seu comentário sarcástico sobre ele obviamente querendo ser o rei. Ele estava sendo educado, e ela não queria arruinar. Era uma ocasião rara.

Estar fora da cidade, mesmo com os guardas desnecessários, foi refrescante depois de ficar trancada por tanto tempo. A biblioteca não era exatamente onde teria escolhido para a primeira vez dela fora das paredes brancas, mas ela não ia reclamar.

—Então, por que a biblioteca?— Cyrene perguntar.

—Mestre Barca enviou um pedido para você.

—Ele fez?— Cyrene escondeu um sorriso. —O que foi pedido?

—Algo sobre a ajudá-lo com uma explosão.— Kael coçou sua cabeça. —Eu não podia achar muito sentido sobre, mas o homem é um gênio, então nós geralmente o agradamos.

Cyrene deu uma risadinha, abaixando a cabeça em sua capa. Ela sabia exatamente do que ele estava falando, e também sabia que Rhea provavelmente era a pessoa que enviou o pedido.

Quando olhou para cima, Kael a encarava, e ela rapidamente afastou o olhar.

Um momento depois, os guardas detiveram-se em uma grande entrada para a biblioteca. Kael desmontou e a ajudou descer da sela. Ela deslizou para o chão com seus corpos quase pressionados juntos e então, deu um passo para trás apressado.

—Obrigada pela escolta. Foi bom ter companhia,—ela admitiu.

—Foi bom não estar inconsciente. Então, nossas interações estão melhorando.

—Sim, bem...— Cyrene corou.

Ela deveria se desculpar. Ela tinha sido a única a seduzi-lo uma vez que estava em uma fuga.

Quando ela estava prestes a se desculpar, Kael deu um passo longe dela. Ele derrubou a cabeça na direção dela e então balançou para cima em sua sela. —Espero que encontre o que você está procurando lá dentro.— Olhou para fora na distância, seu rosto ilegível. Então, sem um último relance, ele conduziu o seu cavalo na direção contrária.

—Obrigada — ela sussurrou em suas costas. Ela se perguntava se ele tinha desejado que lhe pedisse para acompanhá-la para dentro. Ela mastigou o lábio inferior e o deixou passar.

Um membro da guarda real abriu a porta para permitir o seu acesso a um grande átrio. Um lindo mural pintado de anjos — alguns flutuando nas nuvens, outros caminhando sobre a grama verde grossa que ela associou com o campo de Byern e mais se banhando no grande Oceano Lakonia — cobrindo cada pedacinho de espaço da parede. O artista realmente capturou a semelhança da natureza etérea dos anjos.

Cyrene entrou na biblioteca principal e considerou um círculo perfeito que ia infinitamente para cima em direção ao teto abobadado. Uma escadaria de mármore branca com um corrimão de metal preto envolvia todos os andares acima. Livros foram empilhados em cima de livros que estavam empilhados no topo de mais livros. Eles foram empurrados contra prateleiras, empilhados contra a parede e cobrindo mesas uma vez usadas, mesmo assim eles ainda conseguiam estarem devidamente arrumados. O suave aroma de papel, tinta, encadernações de couro velho atingiu suas narinas, e o

familiar arranhado de penas contra pergaminho conseguiu fazer Cyrene se sentir em casa.

O melhor de tudo era ver o sorriso de Rhea entre as pilhas, o nariz enterrado em um livro, como antigamente.

Ela correu até onde Rhea estava sentada e jogou os braços ao redor de sua amiga. — Eu sabia que era você — murmurou contra os cabelos ruivos de Rhea.

— Tinha que tirar você de lá de alguma forma — ela sussurrou.

— Agradeço a Criadora que você o fez! Eu suponho que você quer me mostrar o que encontrou.

Ela tomou um assento ao lado de Rhea, ansiosa demais para saber o que ela tinha descoberto. Duas semanas atrás deviam se encontrar na biblioteca para discutir isso.

— Sim! — Ela pegou dois livros e se levantou. — Siga-me.

Caminharam para a primeira escada e seguindo a espiral para o próximo andar e o próximo depois disso. Ela estava um pouco tonta quando elas finalmente chegaram no quarto andar. Era muito mais silencioso aqui, e os livros estavam empoeirados por causa da negligência. Ela não podia nem mesmo ouvir os sons das inscrições gentis pela Afiliada bibliotecária de pé em uma mesa em forma de ferradura no centro.

Rhea substituiu um livro em uma prateleira e em seguida olhou ao redor para ver se alguém tinha notado. Os guardas estavam olhando para a frente, prestando mais atenção nas entradas em vez de Cyrene, e o resto das pessoas na sala estavam muito envolvidos em seus estudos. Rhea inclinou a cabeça para o lado, e elas caminharam até o lado oposto da escadaria antes de pararem na frente de uma estante que quase parecia com cada outra estante no lugar.

Rhea engoliu, olhando ansiosamente para Cyrene, antes de puxar para baixo quatro livros sem descrição de vários locais nas prateleiras. Todos eles pareciam bastante comuns para Cyrene.

— Tem sua carta com você? — Rhea sussurrou mesmo que estivessem quatro andares acima e ninguém podia ouvi-las.

Cyrene abanou a cabeça. Ela estava com tanta pressa para sair do

castelo que a tinha deixado para trás.

—Sem problemas. Eu a tenho memorizado. Só queria para provar...

—Eu sei de cor também — admitiu Cyrene.

—E você odeia memorização — Rhea, disse com um sorriso. —Tão crescida.

Cyrene riu, mas o riso morreu quando os nervos aumentaram.

Rhea lambeu os lábios e colocou os livros em uma mesa meia vazia. Ela abriu o livro em um lugar aparentemente aleatório até Cyrene notou o pedaço de papel marcando a página. Ela fez isso para cada um dos quatro livros. Cyrene saltou sobre os seus dedos dos pé quando olhou para as páginas.

Cada um foi escrito em uma caligrafia distinta e diferentes idiomas. O primeiro foi escrito em Helix antigo, no qual ela era fluente, mas os olhos dela dispararam para o próximo livro, que estava em Helix moderno. O terceiro livro mal era legível e borrado ao ponto de Cyrene se perguntar o quanto de pressa o escritor tinha em conseguir colocar isso no papel. Quando ela apertou os olhos, podia ver que era algum tipo de dialeto Sorpo. O maior livro do lote era claramente da região norte quando Carhara e Tiek tinham sido originalmente divididos em vários condados e então unificados sob o reinado do Império Trejcken.

—Isto é o que eu encontrei,— disse Rhea, gesticulando em direção os livros. —Eu estava procurando por enigmas e respostas para charadas, e não consegui encontrar nada. Em seguida, aleatoriamente, um dia quando estava limpando o quarto do Mestre Barca, me deparei com este diário. — Ela apontou para o dialeto Sorpo. — Eu fiquei fascinada no começo só por causa da língua rara e a escrita apressada. Então, encontrei isto.

Cyrene olhou para baixo para onde apontava o dedo de Rhea. Ela cuidadosamente decifrou o que podia do texto e em seguida engasgou. —Mas isto... Esta é minha carta de Apresentação.

—Eu sei! Não pude acreditar. Então, eu comecei a procurar por outros como ele na biblioteca, que foi como descobri esses —ela disse.

Cyrene abanou a cabeça e se sentou em uma cadeira disponível. Uma grande nuvem de poeira se formou em torno dela, e ela tossiu, abanando para longe do rosto dela. —Não entendo.

—Eu também não. — Ela pegou o Helix moderno e o leu.

Quatro livros diferentes e minha carta em cinco línguas diferentes. Tudo a mesma coisa. O mesmo enigma. O que isso significava?

—Você tem um palpite? O que todos eles têm em comum? — Cyrene perguntou, esperando por algo, qualquer coisa.

—São todos diários de algum tipo. Um é uma coleção de cartas indo e voltando durante uma batalha. Dois são relatos diários de suas vidas, mas eles não possuem nenhuma conexão de tempo ou lugar. Uma é uma mulher educada de classe alta, outro um mendigo que costumava fazer transcrições e traduções, mas perdeu a voz em um acidente de algum tipo, um é um fazendeiro, e o outro é um marinheiro. O texto Helix é o mais difícil de juntar as peças, e mesmo assim, posso dizer que uma mulher acha importante escrever esta passagem. Ela mesmo diz — disse Rhea. Ela apontou para a passagem.

—Mas se eles não têm nada em comum...

—Essa é a sua coisa em comum — Rhea continuou. —Sua urgência. Três deles, saem do nada no meio de um outro pensamento e outro, parece que o homem tinha que escrevê-lo antes que ele o perdesse. Só não sei por quê.

Cyrene tocou a mão de sua amiga com um sorriso. —Tem de haver mais. Por que a minha carta de Apresentação estaria em todos esses livros? Deve significar algo.

—E se... — Rhea engoliu e evitou os olhos dela. —Não importa. É até mesmo loucura para considerar.

—Eu poderia usar um pouco de loucura agora, — disse Cyrene com um suspiro.

Rhea olhou para cima. —Tudo bem. E se tudo isso... For acontecer?

—Como uma profecia? — Cyrene perguntou, experimentando a palavra. —Mas ninguém pode prever o futuro.

Então, novamente, ninguém deveria ser capaz de ver o tipo de letra que não existe ou perder tempo olhando para um livro. Talvez isso *era* possível.

—Eu sei, mas por que mais estaria em todos esses livros?

Cyrene suspirou. — Eu não sei. Talvez seja profecia. Mas então, por que eu tenho isso?

Rhea significativamente olhou para ela. — Talvez você esteja destinada a cumprir a profecia.

As portas se abriram quatro andares abaixo, e Cyrene pulou com a interrupção na biblioteca tranquila. Ela e Rhea olharam de relance sobre o balcão de metal. A imponente figura de pé em plena altura no centro da entrada comandou a atenção com sua chegada abrupta, e elas não eram as únicas a olharem para ele.

A mão de Rhea caiu para o corrimão. — O que o Rei está fazendo aqui?

— Não sei — ela respondeu honestamente. Ela não o via desde a noite que ela retornou da residência do Mestre Barca.

Elas assistiram ele caminhar até a Afiliada bibliotecária sentada atrás de sua mesa enorme em forma de ferradura, enterrada até a testa em livros. Um segundo depois, a mulher apontou para cima. Cyrene engoliu e assistiu quando o olhar dele a encontrou entre as pilhas. Sabendo que ela não tinha outra opção, deixou Rhea com a pilha de livros misteriosos e desceu as escadas em espiral.

— Afiliada.

— Sua Majestade — disse ela com uma reverência.

— Eu pensei que você poderia gostar de alguma companhia em seu caminho de volta para o castelo.

Ela não esperava ser escoltada de volta já. Rhea e ela tinham apenas começado. Certamente, elas poderiam encontrar mais pistas nesta biblioteca gigante. Mas ela dificilmente poderia recusar Edric, e ela realmente não queria. Só vê-lo tão perto novamente enviou uma faísca através do peito dela.

— Claro — ela disse. — Se importa se eu dizer adeus?

— Não há problema.

Ela voltou para Rhea.

— Eu tenho que ir — ela disse.

Rhea agarrou a mão dela, sua expressão ligeiramente preocupada. — Vou mandar notícias a você se eu encontrar alguma coisa. Espero que toda

esta confusão seja esclarecida em breve.

—Espero que sim, Rhea.— Cyrene sorriu desesperadamente. —Boa sorte.

—Cyrene — Rhea disse antes de Cyrene se virar para ir —Fique em segurança.

Cyrene assentiu com a cabeça e voltou para Edric. Ela seguiu-o para fora da biblioteca. Um comandante dos membros da Guarda sentou-se sobre seu garanhão negro quando saíram. Edric içou-a na sela do Ceffy, e eles trotaram através da cidade sinuosa. Os Guardas tomaram a direita na primeira oportunidade e Cyrene sentou-se reta em sua sela. Este não era o caminho de volta para o castelo. Os olhos dela dispararam para Edric, e ele sorriu.

—Eu pensei que talvez quisesse ver as praias brancas de Albion.

—Demais, mas é seguro?

—Comigo está sempre segura.

Quando eles finalmente contornaram a curva que levava até as praias, Cyrene estava quase saltando para cima e para baixo. Ceffy empinou, sentindo o peso de sua dona.

—Deixaremos os cavalos aqui. Não quero quaisquer tornozelos quebrados — ele disse, e desmontou, ajudou-a a descer e então levou seus cavalos para a Guarda.

Uma comitiva de guardas seguiu atrás deles quando eles partiram para a praia arenosa. As ondas suavemente rolaram até arrebentarem, deixando vestígios da espuma branca em toda a superfície. Uma brisa suave demorou-se no ar, fresca contra sua pele. Ela respirou o distinto cheiro salgado e escutou as gaivotas ao longe.

Cyrene se perguntou o que tinha possuído Edric para vir aqui com ela esta tarde. Depois de tanto tempo distante, aqui estavam, como se estivessem de volta ao barco da procissão. Eram só eles dois perdidos neste sonho de retiro. Ela sabia que isto não escapava da atenção da Rainha. Nada escapava. E enquanto Cyrene não tinha recebido qualquer instrução desde que chegou da procissão, ela tinha certeza que Kaliana inventaria algo quando pensasse que Cyrene se aproximava de Edric novamente.

Talvez ele tivesse ficado longe para seu benefício. Ela realmente não sabia. Ela colocou os olhos sobre ele, avaliando-o, e seus pés afundaram demais na areia.

—Oh!— ela gritou, perdendo o equilíbrio.

Ela cambaleou para frente, e Edric puxou-a para perto com um abraço estabilizador. Uma vez que a tinha em seu alcance, ele não a soltou. Fazia tanto tempo desde que eles estiveram assim tão juntos e ela teve que lutar contra seus instintos para impedir que seus olhos continuassem em seus lábios.

—Senti sua falta — ele sussurrou.

O coração dela cantou com a notícia. Ela esperava que soasse composta quando falou em seguida —Tenho certeza de que tem estado ocupado.

Edric suspirou. —Tenho estado. O Príncipe de Eleysia deve estar chegando, e nós estivemos nos preparando para sua chegada, mas...

—Mas?— Ela perguntou.

—Foi difícil ficar longe.

Cyrene corou. Ela ficou feliz que não era a única que se sentia assim.

—Cyrene — ele escovou o cabelo castanho escuro para longe do rosto dela quando a brisa do mar o açoitou por aí —Não quero ficar longe por muito mais tempo.

Sua mão moveu para trás da cabeça dele, e ele trouxe seus lábios nos dele. Foi o primeiro beijo que eles tinham compartilhado desde a noite na procissão, e ela ficou chocada com o quanto queria isso. Foi ela quem o fez parar antes, mas isso agora era a coisa mais distante de sua mente.

Seu corpo agitou no seu toque. Sua conexão chocou através dela. Os lábios dela ficaram desesperados. Ela não conseguia chegar perto o suficiente dele. Não conseguia encontrar a respiração ou manter seu coração firme. Tudo o que precisava era este momento aqui com ele. Ela agarrou a camisa dele e seus dedos enroscaram através do cabelo dela. Ele tinha a mesma necessidade enlouquecedora abrindo caminho em cada beijo e cada toque. O chão parecia deslocar abaixo deles.

Eles se separaram com um suspiro. O olhar inebriante que passou entre

eles era muito diferente dos seus olhares inocentes através do salão de baile. Ela queria mais. Ela queria *sentir* novamente.

Edric removeu suas mãos tremendo dela e esforçou-se para assumir o controle de seu corpo. Ela podia ver as profundezas do desejo derramando através dos seus olhos azul-acinzentados. Ela tinha certeza de que era uma imagem espelhada dele. Lentamente, ela soltou sua camisa e deixou seus braços penderem em seus lados.

—Cyrene...

Ela engoliu. —Sim?

Ele balançou a cabeça e agarrou a mão dela. Seus dedos cruzados juntos, e ele colocou um beijo suave por entre as juntas dela. O coração dela martelou com a intensidade de tudo.

Edric dirigiu-a para continuar sua caminhada, enquanto o tempo permitia. Ela tinha tanta coisa acontecendo, tanta coisa que não entendia e tanto com o que se preocupar, mas aqui, na praia, as preocupações desapareceram.

Ela não sabia quanto tempo tinha passado antes deles voltarem. O sol estava baixo no horizonte, e Cyrene notou o quão alta a maré estava, cobrindo suas primeiras pegadas na areia, limpando-as como se nunca tivessem acontecido.

—Nunca pensei que seria tão lindo aqui — ela disse com um sorriso em sua direção.

—Você é linda — ele sussurrou, puxando-a para si novamente. — Venha até mim esta noite.

—Edric... — Ela sabia que não deveria fazê-lo.

Ela tinha que ir para Eleysia, o que significava longe dele. Ele tinha uma Rainha e muito mais o que importava para ele.

Mas como eu posso recusá-lo?

—Esta noite? — ele perguntou antes de pontuar seu pedido com um beijo suave.

Os olhos dela fecharam. —Okay. Hoje à noite.



O SILVER TRINKET



Cyrene retornou com segurança para os seus aposentos, se sentindo mais feliz do que estava em semanas. Ela não podia acreditar na virada nos eventos de hoje. Kael agiu como um ser humano, Rhea tinha descoberto sobre as profecias e em seguida Edric...

Um tímido sorriso atravessou o seu rosto com o pensamento de sua tarde juntos. Ela fechou a porta e esticou seus pés cansados. Seus sapatos estavam cheios de areia, apesar de ter limpado várias vezes já. Ela jogou-os no chão e andou para o quarto de dormir para trocar as roupas que tinha usado o dia todo.

Depois de lançar o manto azul na cama, ela abriu seu guarda-roupa, inclinou-se e correu a mão contra o bolso lateral de sua bolsa de couro grande. O contorno do livro era visível, e ela suspirou de alívio.

Ela se levantou, fechou a porta do guarda-roupa dela e quase gritou quando a forma de uma figura se materializou no batente da porta do nada. Seu coração bateu a mil milhas por minuto.

—Shh,— disse Ahlvie. Ele colocou um dedo na boca.

—O que está fazendo aqui? Você quase me matou de susto.

—Parece estar intacta para mim.

—Como você sequer entrou aqui?

Ele encolheu os ombros. —Eu tenho os meus caminhos. Onde estive o dia todo? Não está no confinamento? Eu tenho procurado por você.

—Você não devia estar no castelo.

Ele deu de ombros, despreocupado.

—Me foi concedida a permissão para visitar a biblioteca. Encontrei Rhea lá.

—Esteve lá a tarde toda?— ele perguntou como se já soubesse a resposta.

—Não importa o que eu estava fazendo. O que está fazendo no meu quarto de dormir?— Ela pôs o seu olhar de pedra nele.

—Obviamente procurando por você — ele disse.

—Sim, mas para quê?— Ela tinha outros planos esta noite, e ela realmente gostaria de se limpar antes disso.

—Temos que ir.

—Ir?— Cyrene perguntou. —Onde? Por que? Não posso deixar o castelo.

—Você terá que fazer outra exceção.

—Ahlvie, o que é isto tudo? Não há uma maneira de eu sair... Todos os guardas sabem quem sou.

—Posso te levar para fora, mas temos de ir andando — ele disse. Ele já estava andando fora de seu quarto e indo em direção à saída.

—Espere.— Ela correu atrás dele. —E sobre Maelia? A estamos levando? Eu preciso da minha bolsa?

—Não. Você não vai precisar disso até mais tarde. Não posso levar as duas, então você terá que se contentar comigo esta noite. Vai ser divertido.

Ela ficou firme. —Aonde vamos, Ahlvie?

—Você tem que saber de tudo antes de fazer algo? Confie em mim quando digo que temos que ir agora. Você não o fez da última vez, e perdemos o navio. Agora, você está presa no castelo. Então, vamos lá!

—Ahlvie, alguém lá fora está tentando me matar — lembrou-lhe.

Ele balançou a cabeça e para frente e para trás, como se estivesse debatendo se tudo isto era uma perda de tempo. —Acho que encontrei para nós outro navio, mas preciso da sutileza de uma mulher.

—Para quê?

—Nós vamos a um bar.

—Um bar? — ela perguntou cética. — Agora?

—Não há nada como o presente.

—Ahlvie, não posso ir a um *bar*. Eu sou uma Afiliada!

—Você não usará seu alfinete.

—Este não é o ponto.

—Você quer uma maneira de ir embora? — ele perguntou. — Então, viva um pouco. Pare de se preocupar com a expectativas dos outros, e vivas pelas suas. Vamos ou não?

Cyrene não podia exatamente lhe dizer que tinha outro lugar para ir hoje à noite. Talvez eles nem estariam fora até tarde, e ela ainda pudesse ver Edric.

—Tudo bem. Lidere o caminho.

Ahlvie conhecia Krisana como se estivesse lendo uma planta. Ela pensou que suas duas semanas vagando pelos corredores a tinham familiarizado com o castelo, mas ele tomou curvas, corredores e escadas ao qual ela nunca tinha pisado antes. Ela desejava saber como ele era tão bom nisso. Sem mencionar que ele não estava fazendo som algum na pedra enquanto andava. E ela não tinha ouvido ele entrar em seus aposentos também.

Quando eles viraram uma esquina, Cyrene parou quando ouviu passos se aproximando. Ahlvie agarrou-a, e entraram em um canto pequeno. Eles tinham feito quase todo o caminho através do castelo ininterruptamente, e não estava prestes a ser pega agora. Ela esperou ansiosamente, tentando prender a respiração. Ela tinha certeza de que quem estava lá podia ouvir seu coração batendo descontroladamente. Os passos pareceram parar perto deles, e ela ouviu as vozes por um segundo.

—Não podemos ir para os alojamentos das Afiliadas.

—Você não faria isso por mim?

Cyrene soltou um pequeno suspiro, e Ahlvie cutucou o cotovelo no lado dela. Ela reconheceria o tom sedutor daquela voz em qualquer lugar.

Príncipe Kael estava tentando convencer Jardana a levá-lo de volta para os quartos das Afiliadas.

Ugh! Canalha.

— A Rainha me mataria se encontrasse você lá comigo.

Cyrene mordeu o lábio o máximo que podia para se impedir de grunhir com o som daquela voz incessantemente irritante.

— Deixe-me preocupar com Kaliana. Você só se preocupe sobre nós.

Jardana deu uma risadinha.

Cyrene orou a Criadora para que eles passassem, porque não tinha certeza quanto mais disso ela podia ouvir.

— Você está falando sobre nós como se não gastasse tempo com aquela mulher — ela cuspiu.

— Não comece isso de novo.

— Bem, se você não tivesse feito tal demonstração pública ao levá-la para a biblioteca esta manhã, eu não precisaria.

Cyrene fechou os olhos e concentrou-se na respiração uniformemente. Ela não podia acreditar que Jardana estava se queixando para Kael sobre ela.

— Da próxima vez que o Rei de Byern me der uma ordem direta, vou dizer-lhe que disse-me para recusar — ele disse secamente.

— Tudo bem — ela gemeu. — Os alojamentos das Afiliadas então. Não suporto mais isso.

Na verdade, Cyrene concordou com ela em uma coisa.

Seus passos se retiraram pelo corredor, e Cyrene estourou um suspiro de alívio. Ahlvie correu para a escadaria e abriu uma porta de madeira na parte inferior, e ela o seguiu através dele. Ele pegou uma tocha acesa da parede. As escadas escuras iam para baixo, e as pedras ficaram mais e mais frias apesar das temperaturas do verão.

Quando chegaram no fundo, eles correram por um corredor vazio. Mesmo com a tocha, ela não podia ver mais que alguns pés na frente dela. Ahlvie pegou algumas curvas aleatórias. Claro que esperava que ele soubesse seu caminho para fora, porque ela não achava que poderia trazê-los de volta.

Ele hesitou em um cruzamento de três vias e então seguiu em frente por outro túnel impossivelmente longo.

Tempo pareceu passar sem parar.

Quando ela abriu a boca para perguntar se ele tinha alguma ideia de onde eles iam, ele disse —Aha!

Ele clicou uma fechadura e abriu uma porta de pedra pesada. Do outro lado, a lua brilhava, alta no céu.

Cyrene olhou ao redor. Krisana poderia ser visto de qualquer lugar da cidade, mas ela ficou chocada com a distância. Os túneis não passavam sob o castelo. Eles correram sob toda a cidade!

O beco estava escuro, e ela cobriu o nariz para evitar engasgar como o fedor de esgoto e estrume beliscado no estômago dela. Onde quer que eles estavam certamente não era a melhor parte de Albion, e se perguntou que tipo de bar eles estavam indo nesta parte da cidade. Não seria certamente como o que tinham se aventurado na costa.

—Este é o lugar?— perguntou a ele, tentando respirar através de sua boca.

Ele olhou para ela e riu. —Nunca estive em favelas antes?

Ela arqueou uma sobrancelha.

—Você vai ficar bem. Eu estarei com você o tempo todo.

—Por que estamos aqui?— Ela agarrou seu braço e o manteve perto.

—Só sorria muito e pareça burra. Eles vão pensar que estamos juntos e me deixarão em paz.

Ela apertou a mão mais apertado em torno do bíceps dele. —O que está tramando?

Ele rudemente a empurrou contra a parede de pedra branca suja e cobriu a boca dela com a mão. Dois rapazes passaram por eles e riram da posição deles, mas continuaram andando.

Ele deixou cair a mão tão logo foram embora e inclinou-se para perto. —Não estou tramando nada.— Sua voz era rouca. —Na casa do inventor, todos nós concordamos que iríamos fazer isso juntos. Se você não aprova os meus métodos, ótimo, mas isso não significa que eles não sejam eficazes. Tudo

bem?

Ela olhou para ele. — *Nunca* mais me toque desse jeito novamente. Você está certo. Eu não aprovo seus métodos, e certamente não aprovo você jogando-me contra uma parede. Mas se é assim que saímos de Albion, então vamos sair de Albion. — Ela empurrou o corpo dele para longe e cerrou os dentes. — O que eu preciso fazer?

—Pra começar, seu nome é conhecido por toda a cidade, então você precisa de algo diferente, algo comum. O que acha sobre Haenah? —

Cyrene revirou os olhos. — Haenah de'Lorlah? Como a dança?

—O que funcionar para você. A pessoa que estamos prestes a conhecer pode parecer boa, mas ele tem truques por trás de cada pergunta. Ele não joga limpo, e ele não responde honestamente.

—Estamos jogando também? — ela chiou, querendo nada mais do que deixar este lugar.

—Sim. Ele tem uma queda por mulheres tomadas. Então, aja como se você me pertencesse, e nós vamos conseguir a nossa resposta.

—Mulheres tomadas? — ela zombou. A pele na parte de trás do pescoço dela arrepiou, e ela olhou brevemente para trás, vendo se alguém estava por perto. Ela se voltou para Ahlvie, com raiva que o ambiente a estava fazendo perseguir sombras, mas ainda mais furiosa com ele. — O que exatamente estamos fazendo?

—Confie em mim nisso. — Ele estava pedindo demais de uma vez só.

Ele ofereceu-lhe o braço, e ela revirou os olhos, se perguntando por que na terra ela concordaria com este plano absurdo.

—Vamos, Haenah.

Ela suspirou e relutantemente colocou a mão no braço dele. Ela se perguntou no que diabos estava se metendo quando Ahlvie os levou em direção a uma pousada caindo aos pedaços com uma placa oscilante onde se lia *The Silver Trinket*.



OS DADOS VICIADOS



O Silver Trinket era o pior estabelecimento em que Cyrene já tinha entrado. Foi além do mau estado e repleto de homens jogando dados ou sentados em mesas de madeira surradas e cortando cartas. As mulheres usavam vestidos mostrando excessivamente os seios e rindo para os homens que agarravam-nas enquanto passavam para trazer sua cerveja. Vários homens dormiram no bar mal iluminado nos fundos e mais alguns torciam num jogo de cartas. Escadas em ruínas iam para cima, e uma lareira tinha uma enorme panela pairando sobre. Uma das principais mulheres que serviam caminhou até a panela, derrubou um pouco do guisado indefinível em duas tigelas e entregou-as para homens sentados nas proximidades. Quando ela tentou ir embora, um homem puxou a mulher em seu colo e começou a rir.

Cyrene ficou horrorizada. *Quem trata as mulheres assim?*

Ahlvie a puxou mais perto, e ela não deixou essa posição. Ela arranhou a nuca e olhou ao redor da sala, em todos os rostos sujos olhando de volta para ela. Ou talvez nenhum deles estivesse olhando para ela. Ela não sabia. Parecia isso desde que ela era a pessoa mais limpa no lugar.

Ahlvie caminhou até o bar e pediu uma cerveja. Mas ele a segurou em sua mão, mal bebendo alguma coisa.

Poucos minutos depois, quando outro homem não estava olhando, ele trocou-a com outro cliente no bar. Seu comportamento mudou. Ele estava inclinando-se ligeiramente, como se ele tivesse bebido já demais, e ele sorriu para ela.

Ele assentiu com a cabeça na direção da mesa de dados, e Cyrene angulou o corpo para que pudesse ver.

—Quem é ele?— ela murmurou.

—O proprietário.

O homem sentado à mesa era surpreendentemente alto e magro com uma barba aparada e roupa muito mais limpa do que as dos homens à sua volta. Ele exalava confiança. Ela se perguntava qual era a sua importância na empreitada deles quando Ahlvie supostamente terminou outra bebida.

Aproximando-se das mesas, eles assistiram alguns jogos de dado. Cyrene não conhecia o jogo em particular e olhou para ele fascinada, tentando determinar as regras. Quando ela olhou para Ahlvie, ele parecia completamente diferente. Seus olhos estavam vidrados e inclinou-se em um lado, mas ela podia ver que ele estava jogando o jogo na sua cabeça e esperando a sua vez.

Quando esse momento chegou, ele agarrou a mão dela, indo para a frente no meio do multidão e colocou na mesa dois berloques de prata. — Estou em um e minha linda mulher também — ele disse. Ele forçou-a em um lugar bem ao lado do homem em que estavam interessados e sentou ao lado dela.

—Nós não temos espaço para dois!— gritou um homem.

—Deixe-os ficar — disse o homem. Ele combinou os dois berloques de prata do Ahlvie e olhou de relance não tão sutilmente para Cyrene. —Qual é o seu nome? Este não parece com o seu tipo de estabelecimento.

Ela sorriu, sem saber o que seu papel deveria ser. —Haenah.

Ela abaixou os olhos e olhou para Ahlvie. Ele propositadamente não dava atenção a ela.

—Meu marido gosta de jogar dados.

—E você? Gosta de jogar dados, Haenah?— O homem apontou para o cenário na frente dela.

—Não sou boa — ela disse.

O olhar dela disparou para cima e do outro lado da mesa para a escada escura. Ela podia jurar que alguém estava ali um segundo atrás, mas não havia

ninguém lá agora.

—É tudo uma questão de sorte.

—Não tenho sorte também.

—Talvez você terá hoje à noite. — Ele encorajou-a a pegar os dados. — Eu sou Jestre Farranay, dono deste estabelecimento, e acredito que você faz a sua própria sorte.

Ela engoliu, pegou os dados e os deixou cair sobre a mesa de madeira destruída. Eles saltaram e rolaram algumas vezes antes de pararem, revelando em linha reta olhos de cobra. O coração dela caiu. Em todos os jogos que ela tinha jogado dados, isso significava má sorte. Mas antes mesmo de ter uma chance de franzir a testa, os homens ao redor dela comemoraram.

—Um arremesso imbatível. — Jestre empurrou o pote na direção dela. — Parece que encontrou a sua sorte.

Cyrene encarou seus ganhos em surpresa. Todos os outros na mesa jogaram outro berloque de prata, e o jogo começou tudo de novo. Ahlvie perdeu a próxima mão, e Cyrene tinha certeza de que ele tenha feito isso de propósito. O dado deslizou pelo resto da mesa. Alguns ganharam e alguns perderam. Depois da torcida, pisoteio, gritos, um soco no rosto, um sorriso triunfante surgiu em Jestre enquanto ele coletava do pote, os dados foram colocados diante dela outra vez.

Ela respirou antes de os pegar. Cyrene empurrou o cabelo do pescoço dela e tentou impedir os arrepios de aparecerem em seus braços. Esse lugar lhe dava arrepios.

—Só mais um para mim — ela disse. — Meu marido pode jogar o resto.

Ela balançou os dados na mão e jogou-os em cima da mesa. Ela segurou a respiração quando o primeiro que revelou apenas um ponto, assim como o próximo e o outro depois desse. Quase todos eles estavam mostrando um, e ela olhou com espanto quando o último rolou mais e mais para baixo da mesa. Quando o dado finalmente veio a uma parada, ficou de lado, preso entre duas tábuas de madeira sobre a mesa com um e uma pequena marca quadrada com uma barra no meio.

—Empate — Jestre disse quando o dado não se mexeu mais. — Um Braj e um anulam ao outro.

Cyrene suspirou. Ela só queria ir embora. Ela não sabia o que Ahlvie estava conseguindo ao trazê-la aqui ou o que o jogo tinha a ver com qualquer coisa, mas ela estava pronta para ir embora, agora.

—De repente não me sinto bem.— Ela colocou a mão na testa e se levantou.

Ela realmente sentia-se quente ao toque. O espaço estava muito lotado, e o jogo estava entrando na sua cabeça.

—Besteira — disse Jestre. —Não pode sair ainda. Você está em uma série de vitórias.

—Uma mão é dificilmente uma série de vitórias. Enfim, meu marido é o jogador, não eu —disse ela com um pequeno sorriso. —Se me der licença.

—A mulher requer assistência.— Jestre passou os dados para Ahlvie e seguiu Cyrene para longe do jogo.

Ahlvie às pressas passou os dados adiante e seguiu atrás deles. —Uma palavra, Sr. Farranay.— Bêbado, ele agarrou o braço do homem.

—Não tenho tempo.— Jestre olhou para ele como se ele fosse a escória do mundo. —Sua mulher precisa de cuidados. Você sequer notou a febre dela?

Cyrene assistiu quando eles se olharam fixamente. *O que Ahlvie tem na manga? E por que ele está lidando com um homem desses?* Ele era mais que intimidante e mais alto que os dois, e Ahlvie não era baixo.

—Eu tenho um pequeno problema, e pensei que nós poderíamos resolver. Eu, você e a minha linda mulher.— Ele fez um gesto para Cyrene e levantou suas sobrancelhas.

Jestre pareceu entender e assentiu com a cabeça. —Siga-me.

Eles andaram para trás do bar e em um quarto pequeno que poderia passar como um escritório. Dificilmente era grande o suficiente para três com a mesa na sala, mas se espremeram e fecharam a porta. As paredes estavam vazias, somente alguns pedaços de pergaminho estavam sobre a mesa e nada mais do que um armário trancado estava no canto.

—Com o que posso ajudá-lo?— Jestre ficou atrás da mesa e casualmente inclinou-se contra a parede do fundo.

—Precisamos de um barco — disse Ahlvie.

—E como poderia ajudá-lo com isso? Sou apenas um simples proprietário de The Silver Trinket.

—Um passarinho me disse que você tem conexões com um cargueiro deixando Albion.

—E quem é esse passarinho?

Ahlvie deu de ombros.

—Bem, então. Claramente, você está mal informado. Isso é tudo? Sua esposa não parece bem.

—Temos de entrar no barco, e precisamos que você nos ponha lá,— continuou Ahlvie inalterado.

—Mesmo se eu tivesse um barco, por que eu ajudaria um bêbado como você? Já te vi aqui antes, desperdiçando seu tempo nessa espelunca. Sua esposa estava em casa o tempo todo? Você achou que trazê-la hoje à noite faria você ganhar a minha simpatia?—ele perguntou friamente.

Cyrene engoliu. Ela desejava que Ahlvie tivesse te dito qual era o seu plano. Ela odiava se meter nas coisas despreparada.

—Pelo o olhar no rosto dela, acredito que ela nem sabia que você tinha vindo aqui.— Jestre tinha adivinhado corretamente, mas dificilmente era o que ele pensava.

—Haenah é minha preocupação e eu estou fazendo o melhor que posso por ela. Albion tem mais nada para nós, e eu preciso de seu navio para sair — disse Ahlvie, tropeçando um passo para a frente e descansando a mão sobre a mesa.

Para manter as aparências, Cyrene foi para a frente e o estabilizou.

Jestre olhou para baixo para Ahlvie. —Você é uma desgraça. Você pode fugir da bebida, mas ela vai encontrar você.

—Vou jogar dados com você pela viagem.

Cyrene engasgou. —Não.

—O que recebo quando você perder?— Jestre perguntou com um sorriso astuto.

Ahlvie considerou por um momento e então apontou com o polegar na

direção de Cyrene. As sobrancelhas de Jestre levantaram, e a boca de Cyrene caiu aberta.

—Você é louco?— ela gritou.

—Feito.— Jestre estendeu a mão e apertou as de Ahlvie. —Quando você perder, eu fico com a garota.

—Eu não vou tolerar isso!— Ela deu um tapa no ombro de Ahlvie o mais forte que podia.

Não admira que ele não contou o plano dele. Ela nunca teria aceitado.

Que completo imbecil e idiota!

Ele não podia apostar *ela*. Ele não tinha o direito para isso. *E se ele perdesse...* Ela, uma Afiliada, seria de alguma forma anexada a este... Este *homem*! Se eles conseguissem passar por isso, ela ia matar Ahlvie.

Eles a ignoraram como se a opinião dela não tinha nenhuma influência sobre o assunto. Ela nunca esteve em um mundo de qualquer tipo, onde sua opinião não importava.

Os dois homens saíram da pequena sala e voltaram para o salão principal. Jestre limpou a mesa e agarrou um recipiente de dados. Os homens desordeiros que tinham cercado eles antes pararam seu jogo para ver a comoção no meio da sala. Mesas foram colocadas juntas, e cadeiras raspavam pelo chão, para que os homens pudessem assistir ao jogo.

Cyrene olhou para Ahlvie do seu ponto de vista do jogo. Ela queria o estrangular por trazê-la aqui. Ele certamente nunca parará de ouvir sobre isto.

—Melhor de três?— Ahlvie zombou.

—Um lance,— Jestre corrigiu. —Apenas um.— Ele empurrou o dado em direção a Ahlvie.

—Você primeiro.— Ele os devolveu através da mesa. —Tenho mais a perder.— Ele riu suavemente.

—Não importa,— disse Jestre com um encolher de ombros.

Ele tinha um ar sobre si, de alguém que nunca perdeu. Ele estava completamente inabalável pela confiança do Ahlvie. Ele estava tão acostumado a ganhar que não podia nem ver os sinais de embriaguez saindo de Ahlvie ou os dedos dele se contraindo para tocar os dados.

Jestre sacudiu o dado uma vez antes de os jogar sem esforço na mesa. Rolaram algumas vezes do outro lado da mesa, e todos no bar respiraram ao mesmo tempo. A antecipação varreu a ansiedade que ela estava sentindo durante toda a noite. Ela tinha estado tão nervosa sobre onde eles foram, e agora, quando sua mente estava concentrada em outro lugar, ela percebeu que este lugar não tinha a mesma vantagem, tinha exatamente a mesma névoa desconfortável sobre tudo.

O dado parou, e Cyrene cobriu as orelhas para segurar o aplauso ensurdecedor dos espectadores. Jestre triunfalmente sorriu-lhe da mesma forma em que tinha feito quando ganhou a última mão no jogo anterior. — Quase perfeito, — informou a ela. Um lado de diamante no dado casou com o perfeito olhos de cobra. — Sua vez.

Ahlvie avidamente agarrou o dado, todos os sinais de sua embriaguez anterior se foram. Ele rodou o dado no copo algumas vezes, testando. Ele cobriu o copo com a mão e sacudiu para frente e para trás, deixando o dado chacoalhar e tinir em torno do recipiente. Ele sorriu para Cyrene e depois os soltou em cima da mesa.

Ela não conseguia nem olhar.

Os dedos dela cobriram seus olhos para manter longe a decepção. Ela não queria saber. Ahlvie parecia tão confiante, mas este homem jogava dados para viver em sua pousada. Ela não podia acreditar que Ahlvie podia enganar alguém assim.

Ela removeu os dedos de seus olhos e viu quando o último lado virou, rodando em um eixo algumas vezes e, em seguida caiu na mesa. Todos um. Olhos de cobra em linha reta. *Ele tinha ganhado!*

Vaias e gritos eram jogados ao redor pela perda do Jestre. A atmosfera na sala mudou com a vitória do Ahlvie. Ela conseguia ouvir alguns grunhidos zangados sobre Jestre nunca perder um jogo mano a mano. Isso não parecia bom, e eles precisavam de sair daqui.

Isso foi um erro. Mesmo se eles tivessem ganho, e eles tinham, Jestre não os deixariam entrar em seu barco. Eles o tinham humilhado na frente de todos os seus clientes, e ele não se esqueceria tão cedo assim.

—Trapaceiro!— Jestre gritou, batendo com o punho na mesa. —Me enganou no meu próprio jogo. Você acha que pode se livrar disso no meu

estabelecimento? Você vai nunca ir jogar novamente quando eu terminar com você!

—Vamos embora — disse Cyrene. Ela puxou aterrorizada a manga do Ahlvie.

—Você nos prometeu uma carona! — Ahlvie gritou sobre o barulho que estava crescendo entre os homens bêbados.

—Eu não prometi nada a um trapaceiro! — Jestre agarrou a ponta da mesa mais próxima de Cyrene e jogou junto com os dados para o outro lado da sala.

Cyrene se afastou em choque da exibição de violência e correu para um homem segurando uma caneca cheia de cerveja. A cerveja derramou sobre um cara em pé ao lado dele e de repente, antes dela sequer estar ciente do que estava acontecendo, o homem jogou seu punho no rosto daquele segurando a caneca.

Caos arrebentou tudo ao seu redor. Cyrene gritou quando um homem caiu no chão ao lado dela, só tendo sido atingido na cabeça com uma cadeira de madeira velha. Ela se mudou para mais longe da cena. Jestre se jogou no Ahlvie, levando-o para trás em outra mesa. Eles lutaram, socando desordenadamente. Canecas de cerveja quebraram no chão. Mesas quebraram, mulheres correram para a cozinha com a comoção e sangue fluiu livremente. A mistura de cheiros novos combinados com o fedor do bar virou o estômago dela, e ela engasgou quando desviou do caminho de outro punho balançando.

Ahlvie acertou alguns socos no estômago do Jestre e o proprietário do bar retaliou com outros. Um homem esbarrou na lateral dela. Ela ofegou quando caiu no chão, e todo o ar saiu dos seus pulmões. Içando-se do chão, ela fez a única coisa que poderia pensar em fazer.

Ela fugiu.



OS TÚNEIS



Os sentidos de Cyrene vibraram enquanto a adrenalina corria nas veias dela. Ela precisava continuar se movendo.

Ela tinha estado no limite a noite toda, e sabia que algo estava errado, que algo ia dar errado. *Como Ahlvie não pode sentir a mudança na atmosfera, logo que ele tinha começado o jogo?* Estava destinado ao fracasso, e eles deveriam ter saído antes que o inferno ocorresse.

Cyrene empurrou a porta lateral e correu para um beco. A respiração dela soltou quando ela olhou para baixo nas profundezas escuras. O beco estava todo enlameado. Os sapatos dela já estavam um desastre, mas ela levantou suas saias para impedir que encharcasse toda a parte inferior.

Ela correu em direção a boca do beco, pressionando as costas contra o prédio sujo. Quando ela tocou em algo molhado e viscoso, puxou a mão para longe e encolheu-se. *Nojento!*

O pé dela conectado com um objeto encostado na parede, e ela retirou apressadamente. Nenhuma outra peça permaneceu no beco. Ela se inclinou e viu uma caixa cheia de lixo. Sem pensar duas vezes, os dedos dela agarraram uma grande placa de madeira dos destroços. Embora ela soubesse técnicas defensivas, não era um soldado e não ia arriscar alguma coisa. Ela não era estúpida.

Placa na mão, ela andou os últimos poucos metros até borda do beco e perscrutou ao virar a esquina, segurando a respiração. A briga tinha quebrado pela porta da frente, e os homens lutavam abertamente nas ruas. A Guarda

Real certamente estaria aqui em breve para terminar a briga. *Não estariam?*

A porta para o beco estourou aberta na frente dela, e ela gritou quando homens caíram para fora do prédio. Eles se derubavam mutuamente contra as paredes imundas, batendo cabeças e tirando espadas enferrujadas de seus cintos. Ela não tinha tempo para esperar a Guarda agora. As espadas se atingiram atrás dela, o tilintar ecoando em seus ouvidos, propelindo-a para ação.

Ela correu para a rua aberta. Dois homens pularam na frente dela. Um perdeu o homem que estava lutando e deixou cair sua espada quando o peso do seu balanço o tirou de seu equilíbrio. O homem que ele estava atacando agora ficou por cima dele com sua espada levantada.

Cyrene passou por eles para evitar o derramamento de sangue e em seguida, caiu logo no coração da briga. Ela tentou não ver o que estava acontecendo ao seu redor, mas não conseguia parar. Homens caíam no chão, sangue derramando de feridas abertas. Os outros estavam lutando na rua enlameada, dando socos bêbados e chutes para seus amigos que se tornaram inimigos. Alguns permaneceram em seus pés, espetando adagas escondidas através do ar aberto e amaldiçoando cada vez que eles perdiam. Gritos e mais gritos encheram o espaço e Cyrene queria desesperadamente que o barulho parasse.

Ela se aproximava do beco que ela tinha entrado com Ahlvie. Quando ela espiou uma garçonete inconsciente, voz de Cyrene vacilou quando ela gritou de horror. Um hematoma enorme azul tinha formado na cabeça da mulher, e o sangue fluía da ferida. Ela inclinou-se para ajudar a mulher, e uma espada pegou Cyrene no lado.

A respiração dela saiu dos pulmões quando ela caiu, a placa deixando suas mãos e fazendo barulho no chão quando caiu alguns metros de distância. Ela engasgou. Dor queimou através dela. Cada inspiração desesperada enviou excruciante dor na sua lateral. O branco do vestido escurecia sob a mão dela.

Lágrimas explodiam de seus olhos quando a dor súbita a consumiu. Ela apertou a mão com mais força contra o lado dela, esperando que a lâmina tivesse apenas perfurado a pele e não tinha causado danos mais graves. Ela nem sabia onde o homem que lhe atingiu tinha ido. Ela só precisava sair da luta. Ela precisava chegar a algum lugar seguro, em algum lugar onde poderia

avaliar o seu ferimento, em algum lugar onde poderia obter ajuda.

Quando ela rastejou pelos últimos metros em direção ao beco perto da porta do túnel, segurança era o único pensamento na mente dela. O vestido arrastava na lama, encharcando-a até o osso. Ela cravou os dedos na lama e trancou sua mente, tentando ignorar a dor, a náusea subindo em sua garganta e o sentimento de deixar ir.

Ela finalmente encontrou apoio na parede, sua mão segurando o lado do edifício branco no lado oposto da rua do bar. O peito dela estava arfando, e ela apertou com mais força a ferida. Adrenalina a impulsionava para a frente. Ela tropeçou para fora da rua e para o beco, suas costas pressionada contra a parede encardida. Gastando alguns preciosos segundos para recuperar o fôlego, ela inclinou a cabeça para trás. Ela teve que se mover. A porta não estava muito longe.

Usando a lateral do edifício como alavanca, ela colocou o peso sobre seus pés e deslizou em uma posição ereta. Rangendo os dentes, se forçou a começar a andar. Infelizmente, a dor não aliviou.

Mais alguns passos.

Ela não podia morrer assim. Cyrene endureceu sua determinação, trancando a dor na parte mais profunda de sua mente, e ela correu para a frente.

A porta estava escondida em torno de uma curva, e ela deslizou sua mão ao longo da parede para encontrar a fenda que a abria. Sua mão escorregou para o pequeno buraco, e empurrou. A porta do túnel soltou para dentro, e ela tropeçou para as profundezas escuras do sistema de túnel subterrâneo.

Uma vez que fechou a porta atrás si, ela caiu no chão. De dor e alívio, lágrimas corriam para baixo do rosto dela. A tocha havia perdido a intensidade de onde eles a deixaram no fundo do pequeno conjunto de degraus.

O medo dela começou a diminuir durante todo o tempo em que ela ficou sentada na entrada do túnel. Verdade, o seu ferimento doía mais do que qualquer coisa que ela sequer achou possível, e estava presa em uma rede de túneis em que possivelmente não podia navegar, no entanto, estava segura.

Mas ela não podia dizer o mesmo de Ahlvie. *Será que os homens de Jestre se juntaram contra ele? Teve uma faca empurrada em suas costelas? Ele está deitado morto naquele bar nojento?*

Não! Ela não podia pensar assim. Ahlvie podia se cuidar. Ele estava sóbrio e poderia se tirar da situação que havia criado. Se ele não viesse encontrá-la em breve, ela encontraria uma maneira de voltar para ele.

Cyrene se abaixou no conjunto de escadas e meticulosamente ficou assim. Ela murmurou algo entre os dentes, as lágrimas caindo mais rápido, quando seus dedos lamacentos encontraram o punho da tocha e puxou-a de seu gancho. Cautelosamente afundou-se para baixo no degrau de pedra, segurando a tocha alta e puxando para trás sua mão revestida de sangue para ver a ferida na sua lateral.

Ela engasgou com a quantidade de sangue molhando seu vestido e desviou o olhar, tentando não vomitar no túnel. Depois de alguns segundos de respiração profunda, ela levantou a bainha do seu vestido e encontrou um buraco de cerca de uma polegada de diâmetro onde a borda da espada do homem a tinha cortado na lateral. Sangue ainda escorria do corte, e ela reaplicou pressão. Não estava coagulando. Ela precisava de alguém proficiente no tratamento medicinal, como um médico... Ou Maelia. Ela recolocou tocha acima de si e sentou-se outra vez, cobrindo o seu ferimento.

O próximo fôlego trêmulo de Cyrene fez os pelos na parte de trás do seu pescoço levantarem. Ela engoliu, subitamente alerta. Foi a mesma sensação que ela tinha tido mais cedo, primeiro no beco e em seguida no bar. Ela achou que tinha algo a ver com seus arredores, mas ela estava segura no túnel agora.

A atmosfera no túnel mudou, se transformou, desintegrou-se e voltou. Tornou-se seu próprio ser, rodando em torno de seus pés e se fundindo. Seu estômago virou, e arrepios eclodiram em seus braços. Ela se embaralhou para seus pés, sua mente sonolenta e lenta. O ar comprimiu nela como se quisesse aliviar a tensão do seu corpo. Ela mordeu o lábio, olhando ao redor, nas sombras, sabendo instintivamente que outra pessoa estava fazendo isso, o que quer que isto fosse... Comandando o ar, dizendo-lhe o que fazer.

Ela soube então que tinha acontecido antes — esse sentimento estranho que ela teve no funeral do Zorian, no Mercado Laelish, no meio da multidão

deixando os navios quando chegaram em Albion, no bar quando tinha vencido com todos os olhos de cobra, e quando a luta tinha começado.

Alguém estava aqui.



ESSE ALGUÉM



Cyrene engoliu. —Olá? Alguém está aí?

—*Não tente lutar contra mim.*

Uma onda atingiu a mente dela, e ela encolheu-se para longe da facada.
—O que você está fazendo? — ela gritou.

—*Você vai ceder.*

—Provavelmente não — ela cuspiu.

Cyrene fechou os olhos dela apertados e tentou se concentrar em se livrar da dor. Ela não conseguia aguentar o choque na lateral dela e o que quer que fosse que esta *coisa* estava fazendo dentro da sua mente. Mesmo sem saber o que estava fazendo, ela empurrou de volta o sussurro do seu cérebro. Ela o empurrou como se fosse um organismo vivo invadindo sua mente. Ela encontrou uma extremidade, imaginou uma parede de tijolo se formando entre ele e a sua mente, e então, ela fechou a parede o mais forte que pode. Ela empurrou mais e mais até que algo clicou. Uma parede caiu ao seu redor, como gelo quebrando, e ela ouviu um som suave, como um ganido dentro de sua cabeça.

Eu fiz alguma coisa? Funcionou Ela não conseguia compreender como isto foi possível, mas não tinha energia o suficiente para pensar sobre isso. Tudo o que ela fez foi empurrar sua mente com força e lutar com todas as suas forças... Ela sabia instintivamente o resultado final se perdesse.

Ela ouviu uma risada em sua mente. A *coisa* ainda estava lá.

—*Eu sou velho e poderoso, garota. Você vai perder esta batalha, e irei apreciar sua derrota.*

Ela resmungou com a interrupção. Pensou que poderia intimidá-la. Ela nem sabia o que *isso* era, mas não ia permitir acesso a ela. Ela revidou, arranhando as palavras se formando em sua cabeça. Ela não iria perder!

Ela balançou a cabeça, enquanto gritava —Não— em sua mente. Fosse o que fosse, não poderia ter a mente dela.

—*Fraca, você acha que pode me derrotar?*

Sua boca se abriu com a ferocidade da voz que parecia como a borda de uma navalha. Alguém não deveria ser capaz de falar em sua mente. O choque deu uma abertura, e voltou para ela com força, estalando como um chicote e fatiando através da mísera fortificação que ela construiu.

—*Seus poderes se tornaram mais fortes desde que comecei a persegui-la. Desta forma, deve ser extinto como a chama de uma vela.*

Ela não entendia. *Poderes? Que poderes?*

A voz riu na mente dela outra vez. —*Sua relutância em acreditar nesses assuntos é engraçado. Sim, você tem poderes, e ninguém com poderes sobrevive neste mundo, não enquanto eu estou aqui. Independentemente da sua crença, ainda tenho de matar você.*

—Me matar?— ela gritou.

—*Você age surpresa, mas já estava planejado faz muito tempo.*

—Não entendo.

A força de manter a coisa de entrar ainda mais na sua cabeça doía muito, e ela queria que acabasse. Ela não queria montar acampamento onde não devia.

—*Fui convocado para rastreá-la, desde que você usou seus poderes para trazer uma chuva torrencial. Isso provocou a derradeira morte de outros com poderes como você enquanto procurava por você. Certamente, você tomou conhecimento.*

Um calafrio correu sua espinha com a suavidade misturada com a cruel nitidez da voz.

Eu trouxe a chuva? O isso significa? Como na minha Apresentação depois que me tornei Afiliada? Isso tinha sido a razão para tudo o que tinha saído do controle

desde então? Todas as... Mortes.

Seu pensamento correu através de uma série de imagens, começando no dia da sua Apresentação — as mortes de Zorian e Leslin, os assassinatos de Pallia e Grabel, Capitão Lador e a pobre Afiliada Karra que tinha procurado por ela. Eles todos estavam ligados a ela de alguma forma. Essa coisa que a estava caçando finalmente tinha a apanhado.

— *Então você se lembra,* — a voz guinchou na cabeça dela, irritando seus tímpanos.

— Assassino — ela rosnou baixo, raiva jorrando dentro dela.

— *Já recebi esse nome antes.*

Ele riu na mente dela, e ela atacou com sua mente no seu ar frívolo. Ele retaliou, fatiando a fortificação mais recente em sua mente. Ela berrou, agarrando suas têmporas. Só piorou a dor em sua lateral, e ela empurrou a mão de volta ao seu sangramento.

— *Isso não vai curar.*

— Por que não? — ela cuspiu, segurando o ferimento mais forte com suas palavras.

— *A espada que usei para te cortar possuía uma lâmina venenosa. Eu mesmo inseri o veneno. Ele impede a coagulação do sangue e é terrivelmente doloroso.*

— Você fez isto? — Ela aplicou mais pressão, quando o medo das palavras dele quebrou em sua mente.

— *É muito simples levar minha presa a sua ruína. Eu sabia que você andaria bem para mim. Eu simplesmente tinha que esperar o momento certo. Os outros foram vítimas de sua faísca de poder. Seus sangues ainda cantarolavam com energia, mesmo que eles não pudessem usá-lo como você faz. Agora, o sangue deles não cantarolam mais. Você terá isso em comum.*

— Meu sangue cantarola com energia? O que isso significa? — ela gritou. — Por que está fazendo isto? — Novas lágrimas caíram pelas suas bochechas.

— *Porque fui convocado pelo legítimo herdeiro Dremylon para cumprir minha missão para nunca permitir que as Crianças da Aurora ressurgissem depois que foram extintos há dois mil anos.*

—O herdeiro legítimo Dremylon? Edric?—ela engasgou. —Ele nunca iria...

—O *Doma* e suas habilidades mágicas amaldiçoaram esta terra. Após a Queda da Luz, *Escuridão* reina agora, e não iremos arriscar de você recuperar o controle. Se você se juntar à *Escuridão*, você pode ser poupada.

As Crianças da Aurora são pessoas com poderes? E também *Doma*? E eu tenho esses poderes como *Doma*?

Ela engoliu com força, incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Nada fazia sentido. Isto não podia ser algo que Edric esteja fazendo. Ele era o verdadeiro herdeiro Dremylon afinal, mas ele... Gostava dela. Ele nunca teria enviado esta criatura para matá-la.

Estava falando em enigmas tudo de novo, e ela tinha tido o bastante de enigmas.

—Não entendo nada do que está dizendo! Não tenho poderes, e Edric não poderia tê-lo mandado. Quem é você? E por que está fazendo isso?

A atmosfera ao redor dela mudou novamente. Ela engoliu e preparou-se para o que estava por vir. Qualquer mudança não poderia ser boa.

A neblina na mente dela limpou ligeiramente quando passos fracos soaram no corredor do túnel. Ela engoliu e passou a trabalhar na sua mente. Ela sentiu ele derrubar uma parede. Ela nem sabia que tinha construído, mas enquanto essa coisa estava pouco preocupada, ela iria reconstruir novamente.

Ela pensou de novo no que achava que formaria uma parede na sua mente contra ele. Recriando esse sentimento, ela empurrou ao seu redor e descobriu a mais fraca das paredes começando a crescer e fortificar. Ela não sabia o que estava fazendo. Ela só sabia que era necessário manter-se viva.

A medida que a *coisa* chegava mais perto, ela construiu paredes em cima de paredes tão rápido quanto podia. Quando os passos se aproximaram, ela estava pegando o jeito de fechar sua mente. Trabalhando, construindo, entrelaçando, edificando, tinha de ser feito.

A presença bateu contra a mente dela novamente, e ela pulou.

O sussurro estava praticamente ausente, parcialmente ilegível atrás da camada sobre camada de tijolo e cimento na mente dela. Ela se concentrou em bloquear até o mais ínfimo dos sibilos construindo mais uma parede. Pareceu

fácil quando ela começou, mas agora estava ofegante.

—Ha!— ela engasgou. Ela estava orgulhosa do que tinha formado nos poucos minutos enquanto a coisa estava ausente.

Os passos pararam, e duas botas pretas espreitaram o halo de luz lançado pela tocha. Ela manteve sua mão trêmula comprimindo o ferimento. O som da sua respiração constante era a única coisa que ela podia ouvir no sistema de túnel.

—Você aprende rápido, mas não importa. Você não é páreo para mim —disse a coisa, falando em voz alta pela primeira vez.

De alguma forma, a voz era tão penetrante e dolorosa, e ela encolheu-se longe do barulho.

—O que é você? Venha para a luz!

A coisa riu um riso hediondo e deu um passo em sua direção. Ela engasgou, vendo o rosto da Afiliada Karra em uma máscara de horror, como se estivesse gritando. Mas seu corpo tinha sido encontrado nas docas com Capitão Lador. Maelia dissera a Cyrene o terrível relato que Eren tinha lhe contado após a investigação. Afiliada Karra estava morta!

Então quem... Ou o que está vestindo o rosto dela?

Cyrene queria gritar mais e mais, vomitar, agarrar a coisa na frente dela com a máscara do rosto bonito da mulher que ela tinha conhecido. Mas tudo o que ela fez foi olhar em estado de choque, quando a coisa deu mais um passo para a frente enquanto a curva de sua lâmina refletia de volta a luz da tocha. Tinha um perverso cabo preto com uma inscrição em prata e uma linha vermelha ao longo da própria lâmina. Era a peça mais perturbadora, grotesca, e errada de armamento que ela já tinha visto. Mesmo de longe, ela podia sentir o mal sobre ela e seu mestre.

—O que... O que você é?— ela sussurrou, sua voz rouca.

—Eu acredito que seu povo tem nos denominado Braj.

Seu corpo cambaleou. Braj eram um mito, uma história assustadora que os pais contavam para manterem seus filhos sob controle. As criaturas do mal que apareciam durante a noite na verdade não existiam.

—Oh, sim,— ele sibilou, — Nós existimos. Nós estivemos bem escondidos, mas estamos em seu folclore por um motivo. Encontramos

nossos alvos. Nós destruimos nossos alvos. E nós nunca paramos. Nós sempre continuaremos vindo.

Um Braj. Um verdadeiro Braj.

Não era Jardana, a bruxa, brincando em uma máscara... Mas um verdadeiro Braj, um assassino treinado e experiente.

Se isto é realidade, o que mais é real?

Ela engoliu em seco e inclinou-se contra a parede. O seu ferimento a estava matando, e esta nova informação enfraqueceu sua fortificação física. Sua mente estava ainda milagrosamente alerta, mas o corpo dela estava perdendo a batalha venenosa.

—Por que eu?— Ela exigiu.

—A Luz já não brilha, e nós desejamos que continue assim.

—Pare de enigmas! O que *eu* tenho que ver com esse absurdo?

—A Profecia Circadiana previu que as Crianças da Aurora, liderados por um com grande poder, ascenderiam para destruir a Escuridão e todos aqueles que governam sob ele. Fui enviado para garantir que isso não aconteça — disse o Braj, sua voz raspando. —Eliminando você.

*Profecia!*A boca dela se abriu.

Ela tinha usado essa palavra com Rhea hoje cedo. Parecia uma vida atrás.

O Braj acreditava que ela tinha esses poderes como parte das Crianças da Aurora.

Em seguida, o Braj removeu a face da Afiliada Karra.

Cyrene engasgou. No folclore, para ver a verdadeira face de um Braj significava que seria a última coisa que veria.

O Braj era humano, ou tinha sido, mas não era mais. Sua forma era distorcida, despedaçada e de alguma forma totalmente errada. Onde olhos normais deveriam estar, apenas orbes vermelho-sangue a perfuravam com um olhar de morte feroz. O nariz estava cru até o osso. Dentes alongados se projetavam de sua boca, caninos afiados compridos pendendo. A pele parecia que tinha sido arrancada e costurada de volta tantas vezes que sua elasticidade tinha sido destruída. Tinha cedido e caído, cobrindo parte de um

olho e caiu algumas polegadas do lado esquerdo do queixo indefinido. Suas orelhas pontudas pretas tinham sido esticadas, quase escondidas atrás do cabelo preto emaranhado crescendo de forma desigual no topo de sua cabeça.

Cyrene nunca tinha visto nada tão horrível ou aterrorizante.

— *Adeus, Luz* — explodiu em seu consciente quanto ele foi para a frente na direção dela, empunhando a lâmina curvada.

A barreiras mentais o manteve longe, mas o físico, ela nunca poderia esperar conter. Aquela lâmina correu em direção a seu corpo, e ela não sabia como pará-lo, para impedir que o Braj cortasse através dela.

Ela preparou-se para o golpe. E de repente, o corpo dela parecia expandir e abrir mesmo que ela não estivesse se mexendo. A luz infiltrou na mente dela, como um rio correndo através dela, descendo por cada polegada de seu corpo e então para fora, como uma explosão de energia, passando pelas pontas dos dedos.

Nenhum som foi feito. Nenhum movimento ocorreu. Não aconteceu nada.

Ela viu o Braj ali com sua espada na mão. Um olhar de choque passou por seu rosto horrível.

Então, a visão dela ficou fraca e embaçada, e ela perdeu sua batalha com a escuridão, caindo em uma pilhano chão de pedra fria.



OS TRONOS



Cyrene acordou, a cabeça pesada e se sentindo grogue. Neblina sombria instalava na mente dela, e ela teve que empurrá-la fisicamente para o lado. Ela concentrou-se, tentando se forçar a superar a névoa. Lentamente, ela levantou, e as nuvens clarearam. E então, a mente dela tinha voltado ao normal.

Ela abriu olhos e olhou ao seu redor em estado de choque. *Onde é que estou?* Um minuto, ela estava olhando para um Braj em um túnel subterrâneo, e agora, ela estava no meio de um caminho com enormes árvores ao seu redor.

Ela deve ter batido a cabeça bem forte. Ela estava sonhando, ou ela estava morta. Não havia outra opção concebível. Ela engoliu de volta a bile com o pensamento. Ela não podia estar morta. Ela se sentia... Bem. Ela estava em pânico, mas seu corpo estava intacto.

Se ela não estava morta, onde estava?

A lama sob os pés dela tinha sido pisoteada suavemente em anos de viagens. Em uma direção, o caminho era mais profundo para a floresta, e ela só podia observar uma infinidade de edifícios de pedra. Em outro, era um castelo inserido na lateral de uma montanha.

Ela nunca tinha visto as árvores antes, e esse caminho não parecia familiar. Mas ela reconheceria o castelo em qualquer lugar. Ele tinha sido uma fixação do mundo dela toda a sua vida.

Nit Decus, o Castelo de Byern.

Como estou em casa? Era uma viagem de quatro dias para Byern!

—Você pode parar isso!

Cyrene virou-se para o ruído da confusão. *O em nome da Criadora o que estou fazendo em Byern, falando com um homem estranho? Eu enlouqueci completamente?*

O homem tentou pegar a mão dela, e ela moveu-se para se afastar. Mas seu corpo não respondeu. Ela sequer se mexeu. Mesmo quando ela gritou para si mesma para se afastar deste estranho, ele envolveu a mão ao redor da dela. Era quente e mais ou menos calejada.

Terror estava se instalando. *Por que não consigo me afastar? Por que não consigo me mexer nem um pouco? Eu estou paralisada?*

Não. Ela podia se mover. O corpo dela estava se movendo. Ela apenas não estava no controle dele.

—Você sabe que eu faria se pudesseb— ela sussurrou. As palavras saíram de sua boca, mas ela não comandou a fala, nem era uma coisa que ela teria dito. *O que está acontecendo?*

—Então, o faça!— Ele agarrou o queixo dela e forçou-a olhar para ele.
—Você sabe o que vão fazer, o que eles serão forçados a fazer.

—Eu sei.

Cyrene olhou para o rosto do homem e tentou afastar seu pânico crescente. Certamente, havia uma explicação para o que estava acontecendo.

Ela olhou para o homem e tentou entender porque ele parecia estranhamente familiar. Ele era jovem, não mais velho que ela e extremamente bonito com o cabelo castanho escuro cortado curto. Seus olhos azul-acinzentados olharam para ela, cheios de remorso, ansiedade e desespero.

—Como pode aceitar isso?— Ele deixou cair a mão dela. —Nós estamos noivos. Isso já não importa para você, Sera?

Noivos! Cyrene não sabia quem era este homem, e ela se sentiu desconfortável, como se estivesse invadindo este momento entre ele e a pessoa cujo corpo ela habitava. Era como se ela estivesse encenando com a vida de outra pessoa. Ela estava presa neste limbo onde não poderia fazer ou dizer nada, apenas assistir como se acontecesse com ela.

—Não importa para eles, Viktor.— Ela deu um passo para trás.

Viktor? Esses olhos azul-acinzentados, aquela mandíbula forte, o cabelo escuro e porte físico.

Este poderia ser o lendário Viktor Dremylon?

—Eles nunca importaram para você antes.— Ele pisou longe dela, jogando as mãos no ar.

—Isso foi antes. Não posso exatamente recusá-los. Isso vai acontecer comigo eu querendo ou não. Eu tenho que aprender a controlá-lo.

Ele olhou para o chão, como se pensasse que pudesse armazenar as respostas. —Quem me dera que seus poderes nunca tivessem se manifestado — ele murmurou sob sua respiração.

Ela sentiu o choque registrar-se na mulher como se fosse o maior insulto que ela já tinha sofrido. Cyrene não se sentiu ofendida, mas ela não podia acreditar que ele tinha acabado de mencionar que esta mulher tinha poderes. O Braj acabara de lhe contara nos túneis que também tinha poderes.

—Retire o que disse — Sera disse, sua voz gravemente mortal.

—Eu nunca vou perdoá-los.

—Nós podemos passar por isso.— Ela se aproximou dele e pegou as suas mãos. —Se alguém pode, com certeza podemos. Não é inédito! Por favor, apenas lute por mim.

—Como eu posso lutar por você quando você já desistiu?— ele exigiu. Ele passou o dedo pela mão dela.

—Eu não desisti, mas se você me ama, vai me deixar fazer isso. Vai me deixar fazer o que *devo* fazer. Sempre serei sua mesmo que já não acredite mais em mim.— Decididamente, ela deixou cair seus braços.

—Eu acredito em você.— Ele a agarrou pela cintura e puxou-a para si.

—Eu vou sempre te amar, Sera.

Cyrene sentiu seu beijo na bochecha dela e o rubor que se seguiu.

—Eu amo você também, Viktor — ela sussurrou em seu peito. Ela puxou para trás, deu-lhe um sorriso triste e correu pelo caminho. O coração dela bateu no peito e uma lágrima deslizou para baixo na sua bochecha quando fez a curva à esquerda na estrada até o castelo.

Cyrene não sabia o que estava acontecendo, ou quem Sera era em relação a Viktor Dremylon, mas seu peito doía mesmo. Ela tinha testemunhado amantes separados por causa do destino desta mulher. O remorso e perda de Sera era dilacerante, mais dolorosa do que o ferimento da espada do Braj. De alguma forma, valeu cada momento.

Sera andou lentamente, claramente não querendo chegar ao castelo mais rápido do que ela precisava. Ela não olhou para o homem que tinha deixado para trás. À medida que se aproximavam do castelo, Sera olhou para cima e Cyrene teve uma imagem clara da estrutura. Alguma coisa sobre ela parecia estranho. Ela não pôde perceber até que cruzou os exuberantes jardins florescendo e percebeu que nunca tinham andado através de um portão, e não havia nenhum muro ao redor do castelo.

Sera atravessou as portas duplas gigantes e entrou.

—Serafina?— chamou uma mulher vestida de azul, em pé no final do corredor com as mãos cruzadas sobre seu estômago.

Outra descarga de choque atravessou Cyrene. Havia apenas uma Serafina na história deles — a Domina Serafina. *Poderia Viktor Dremylon ter uma vez amado a mulher que ele tinha matado para corrigir a ordem do mundo?*

—Sim. Sou eu.— Ela fez uma reverência profunda.

—Você está atrasada, criança,— a mulher disse severamente.

—Minhas desculpas.

—Não importa. Venha comigo.— A mulher de azul caminhou pelos corredores.

Cyrene reconheceu onde elas estavam, mas ela não achava que Serafina sabia. Foi estranho sentir o medo, inquietação e nervosismo saindo de Serafina, enquanto ao mesmo tempo se sentindo perfeitamente calma e controlada. *O que estou fazendo, presa na mente milenar da Domina Serafina?* E se essa mulher era verdadeiramente a Domina, que atrocidades Cyrene veria antes de que fosse libertada da prisão?

A mulher de azul parou na frente de uma parede vazia. Ela fechou os olhos e pressionou a palma da mão direita contra a parede. Cyrene assistiu a mulher com fascínio, se perguntando o que estava prestes a acontecer. De repente, a parede deslocou para dentro. Ela não podia acreditar que a rocha

estava se movendo por sua própria vontade e deslizando, deixando um buraco.

—Pode ir — disse-lhe a mulher de azul.

Serafina olhou para ela com olhos preocupados. —Ir sozinha?

—Todos devem em algum momento. Acredite naqueles cuja honra brilhar.

Serafina sugurou a respiração e começou a avançar para o corredor de pedra mal iluminado. Cyrene sentiu que estava segurando a respiração também. Elas caminharam pela abertura, e então a porta deslizou fechada atrás delas. Serafina saltou com o clique que as selou lá dentro. Cyrene desejou poder ajudar Serafina de alguma forma, mas ela não podia — pelo menos, não sabia como.

Serafina avançou pelo corredor escuro. Após seis metros, ela desceu uma longa escada. Quando chegou ao fundo, seus pés tocaram um piso de mármore cinza ardósia. Havia suficiente luz para Cyrene ver as paredes ao redor dela. Mesmo o teto tinha sido esculpido e pintado com estranhos gravuras de algum tipo. Alguns tinham pintadas verdadeiras representações de todos os tipos de criaturas que Cyrene tinha lido a respeito em seus livros de folclore.

E então, começaram as vozes. Cyrene não sabia de onde elas estavam vindo ou quem estava falando, mas elas ficaram mais e mais altas até serem ensurdecedoras. Serafina apertou as mãos sobre os ouvidos, mas ela não podia parar de ouvir as palavras.

—*Morte. Destruição. Assassinato. Traidora.*

As palavras acusadoramente gritaram para ela.

—Não! — Serafina gritou. —Não fiz nada errado!

—*Assassina.*

—Não! Por favor, não. — Ela balançou a cabeça e forçou-se a andar para a frente.

—*Assassina. Você o matou. Você vai matar todos eles.*

Serafina choramingou quando imagens das mortes de todos que ela conhecia e amava eram exibidas na frente dela nas paredes, e a palavra

assassina continuou a chamar nos seus ouvidos.

— *Assassina. Assassina. Assassina.*

As palavras misturaram, reverberando nas paredes e ecoando volta no corredor longo. Quando não tinha a certeza de que ela aguentaria por mais tempo, as palavras diminuíram para um sussurro.

Sua visão turvou, e ela tropeçou enquanto se esforçavam para frente em direção a abertura do corredor. Ela cavou suas mãos no chão duro e arrastou o corpo pelo chão de mármore.

— Sera?

Serafina olhou para cima e viu Viktor de pé na frente dela. *Como ele poderia estar aqui?* Serafina tinha-lhe deixado para trás. Ele não deveria estar na sala com ela.

— Viktor, — ela sussurrou.

— Você sabia que chegaria a isso — disse Viktor. Ele desembainhou a espada longa de sua bainha.

Ela arrastou-se para seus pés e ficou de pé diante do homem que ela amava. Ela passou as mãos sob os olhos para deter as lágrimas. — O que quer dizer? Chegar a isso o que?

— Você fez sua escolha.

— Eu não entendo. Eu vou sempre escolher você.

Viktor balançou a cabeça. — Eu te amo, Sera.

— Eu amo...

As palavras morreram em seus lábios quando Viktor cravou a espada no corpo dela. Ela engasgou, dobrando, quando dor queimou através dela. Ela sentiu como se estivesse pegando fogo, como se a vida estivesse derramando do corpo dela.

— Porquê?

— Sabe por que, meu amor.

Cyrene ficou chocada. Não foi assim que aconteceu na história. Serafina foi a grande Domina, e Viktor Dremylon tinha libertado o seu povo. *Isto é alguma premonição?* Isto não poderia ser o fim.

Serafina tomou duas respirações ofegantes antes de puxar a espada de seu corpo e cair no chão. Viktor impassivelmente olhou para baixo para o corpo dela se deteriorando.

—Esta é *minha* escolha — ela disse.

—Você escolheu errado.

Ela o ignorou e então começou a rastejar os últimos metros até a saída. O sangue vazava de seu vestido, os batimentos do coração dela diminuíram, e ela estava tendo problemas ofegando em seus últimos suspiros.

Assim que os dedos dela cruzaram o limiar, Viktor desapareceu. Serafina olhou para seu vestido esfarrapado, apenas para encontrá-lo completamente inteiro e o seu corpo intacto. Ela estava abalada, mas não morta.

Ela se embaralhou para fora daquele corredor traiçoeiro e se levantou. Ela passou os dedos trêmulos através do seu longo cabelo escuro e tentou esconder a apreensão de avançar após o que tinha acontecido.

Ela levou um minuto para recompor-se, e então olhou, encontrando-se em um grande auditório aberto.

Cyrene nunca tinha visto nada como isso no castelo antes. A sala era perfeitamente esférica e feita inteiramente de mármore cinza ardósia. Escadas de cada lado da entrada levavam para cima para o camareto vazio com assentos de vários níveis. Um pequeno pódio de pedra ficava diante de sete indivíduos. Quatro mulheres e três homens estavam sentados em tronos de vidro ascendentes. Cada pessoa estava vestida de preto, exceto a mulher no centro que usava um austero branco contrastante e tinha o rosto mais severo.

Serafina engoliu, e os olhos dela saltaram, seu terror palpável.

Quem são essas pessoas? Por que estão vestidos de tal forma e sentados em tronos de gelo? Cyrene de repente sentiu como se estivesse em sua própria Apresentação, perante o Rei Edric, Rainha Kaliana e Consorte Daufina, tremendo em seus sapatos com o pensamento de não ir para a Primeira Classe.

Depois de um momento agonizante, Serafina deu o primeiro passo inquieto para a frente. Cyrene simpatizou com ela. O primeiro passo era o mais difícil e encarar quem quer que essas pessoas fossem não ia ser muito mais fácil.

A respiração dela começou a estabilizar, até mesmo seus passos tornaram-se mais estáveis. Ela manteve o rosto dela virado para a frente, quando parou diante do pódio, nunca deixando cair seu olhar do escrutínio deles.

Os tronos tinham um enorme quadrado atrás com um desenho de videiras enrolando para o topo. No centro de um círculo de chamas estava uma pedra preciosa. Cada trono abrigava uma pedra colorida diferente — amarelo, laranja, vermelho, branco, roxo, azul e verde. Suas pedras correspondiam com o pingente de diamante nos peitos dos indivíduos sentados sobre os tronos, excepto para a mulher de branco, que tinha um gigante colar branco de diamante.

A mulher branca sentou-se reta em seu trono enorme, e Serafina levantou os olhos para ela. Tudo sobre a mulher exalava autoridade e deferência, apesar de ser muito mais frágil do que o resto sentado ao seu redor. Ela tinha mais poder, sabedoria e autoridade em uma olhadela do que Cyrene já tinham visto em outro indivíduo.

Em seguida, clicou na mente de Cyrene exatamente quem estava na frente dela.

Branco, amarelo, laranja, vermelho, roxo, azul, verde.

Pela Criadora! Era a corte Doma com seus diamantes, retratando suas fileiras de cor, e a temida Domina vestida de branco estava olhando diretamente nos olhos dela.

A corte Doma foi a sociedade maligna que tinha subjugado seus povos e forçado Viktor Dremylon a libertar o país da tirania, trazendo paz para Byern.

Ela estava andando através da história, antes de Serafina ter ascendido ao trono Domina, quando ela e Viktor de alguma forma tinham sido um casal. Parecia impossível, e no entanto, ela estava vivenciando isso.

—Você foi trazida diante de nós hoje — Domina começou —Para ser testada em toda a extensão do ritual de Ascensão Doma. Por atravessar o Corredor da Evocação, você aceitou o critério do nosso povo e sobreviveu. Parabéns.— As palavras saíram da sua boca.

A mente de Cyrene zumbiu com as palavras que Domina tinha falado. O ritual de Ascensão Doma, onde indivíduos eram aceitos no círculo

Doma, era uma das poucas coisas que ainda ensinavam sobre as pessoas Doma. A Doma tinha sido exterminada fazia quase dois mil anos, e ela estava prestes a passar pelo próprio ritual de Serafina. Ela não podia acreditar.

—Você pode prosseguir com a tarefa final. — A Domina apontou para o pódio. —O Hino da Evocação.

Olhar do Serafina viajou até o pódio diante dela. A descrença de Cyrene no que estava no pódio poderia rasgado através de todo o mundo naquele momento. Ela achou que tinha ficado alarmada com os comentários da Domina sobre o ritual de Ascensão, mas nada comparado com isto.

As mãos de Serafina viajaram pelo comprimento da lombada de couro imaculada na frente dela com minúsculas letras pretas e a marca familiar na frente — uma linha reta paralela com a lombada e duas linhas saindo em um ângulo para cima no lado direito. Era o *exato* livro que Cyrene tinha recebido de sua irmã no dia de sua Apresentação.

Serafina abriu o livro e virou para a primeira página. A primeira página revelou a fonte pérola brilhante que Cyrene tinha tentado decifrar por meses. Ela gloriosamente deslocou na luz dodourado, amarelo, laranja, vermelho, roxo, azul, verde e de volta para o dourado. A letra tinha uma ponta, uma nitidez e ferocidade que cortavam os redemoinhos da fonte.

Ela inerentemente sabia que Serafina também podia ver a fonte, e ela estava encarando isso da mesma maneira que Cyrene tinha quando percebeu inicialmente que podia vê-la. Pela intensa concentração de Serafina, Cyrene adivinhou que Sera não podia lê-la também.

Serafina olhou para Domina, silenciosamente suplicando-lhe por respostas.

—Continue — retrucou a Domina.

Ela engoliu em seco e olhou para baixo para o livro. Cyrene podia sentir a sua leitura, tentando descobrir o enigma. Ela estava testando as águas, fazendo todas as coisas que Cyrene tinha tentado. Cyrene desejou que pudesse sussurrar em seu ouvido sobre a inutilidade de suas ações.

Serafina fechou os olhos, respirou fundo e espalhados as mãos para fora do pódio. Cyrene não sabia o que ela estava fazendo, e ela certamente não sabia o que ela estava pensando.

Depois de alguns minutos, Serafina abriu os olhos para o texto dourado cintilante e Cyrene viu algo que nunca esperava acontecer. A fonte começou a se mover! Ele rodou em torno de si, como uma cobra rastejando na areia do Deserto Fallen. A boca de Serafina abriu, e ela deu um passo tímido para trás do pódio.

As palavras saltaram para fora das páginas, torcendo para cima, parecendo maiores quando viajou em direção ao teto. As páginas de repente começaram a virar ferozmente, as palavras atirando para fora das páginas mais e mais rápido. As palavras se uniram em uma besta alada gigante que voou ao redor da sala. Serafina se escondeu quando voou em sua direção. Os olhos dela se esbugalharam com a manifestação diante dela. Em seguida, a criatura disparou direto no ar e bateu no teto. Todas as palavras derramaram sobre o teto esférico até que cobriram toda a superfície.

Serafina olhou para cima para a impressão agora escrita nas paredes, e para o espanto de Cyrene, ela podia realmente *ler* as palavras. Tão claro quanto o seu próprio dialeto, as palavras foram escritas para ela e tudo fez sentido, completo e total sentido.

Serafina mordeu o lábio, tendo a sala ao seu redor. Ela absorveu tudo, experimentando tudo que podia, até estar prestes a explodir. Então, tão rápido quanto o livro tinha explodido nas paredes, saiu delas, cada palavra correndo pelas costas e o peito dela, antes de cair de volta no livro. Quando a última palavra retornou para a página, fechou com um baque, e Serafina dobrou com o impacto.

Ela tremia quando finalmente foi capaz de se endireitar. Ela apoiou as mãos no pódio para estabilizar-se. *Ela passou?*

A corte Doma levantou-se e recuou para um vestíbulo para discutir, deixando Serafina sozinha.

Poucos minutos depois, a corte voltou a seus tronos, e todos os seis Doma se viraram e olharam para Domina, levantando a deferência ao mais importante. A Domina encarou Serafina como se ela não fosse mais digna que um verme para estar em sua presença, mas Serafina não se mexeu, e ela não desviou o olhar. A mandíbula estava dura e determinada.

Era isto. Este era o momento.

O rosto severo da Domina lentamente eclodiu em um sorriso, e ela

acenou com a cabeça. — Sim.

Os seis Doma aplaudiram, e Serafina espelhou o sorriso da Domina, claramente incapaz de acreditar em tudo o que tinha acabado de acontecer.

—Parabéns, Serafina — a dama de vermelho disse, que era a autoridade com a classificação mais alta após a Domina. —Você completou com êxito a tarefa do Hino da Evocação com nossas mais altas honras. Sua Ascensão está completa, e foi adequadamente selecionada como uma Doma. Foi decidido que Domina Valera será sua Receptora.

O espanto era palpável em Serafina. —Branco?— Serafina perguntou em descrença. —Mas... Ninguém é educado para o Branco.

—Muito poucos são educados para o Branco — Corrigiu a Domina. — Isso significa que você tem uma afinidade com todos os elementos mágicos, mais o quinto, éter.

A boca de Serafina estava aberta. —Branco — ela repetiu.

—Discorda da nossa decisão, criança?— perguntou a Domina. Sua voz transmitiu que responder incorretamente seria um grave erro.

—Não, claro que não. Obrigada.

—Bom. Você vai começar o treinamento comigo imediatamente. Após seu período de treinamento, acreditamos que você deve trabalhar com as Mestres Domas Matilde e Vera em Eleysia — disse a velha Domina. Todos os outros Doma assentiram com a cabeça.

A boca de Cyrene teria caído aberta em estado de choque se ela não estivesse em uma realidade alternativa no momento. *Matilde e Vera? Mestres Domas? As pessoas que estou procurando em Eleysia de alguma forma são as mesmas pessoas e ainda estão vivas?*

—Mestres Domas Matilde e Vera irão ajudá-la a entender os... Talentos únicos que vimos em você hoje. Sua educação iniciará prontamente amanhã de manhã para começar a treiná-la a como usar e controlar seus presentes.

—Obrigada, Domina.— Serafina fez uma reverência ao grupo, tentando conter sua surpresa e excitação.

—Serafina — chamou a Domina, levantando-se. —Seja cautelosa com suas habilidades. Elas são uma ferramenta poderosa, e nas mãos erradas,

podem ser mortais.

—Sim, Domina,— ela disse, o coração repleto de alegria.

Eles tinham passado.

Eles eram Doma.



A LEMBRANÇA



Cyrene acordou com um sobressalto, se levantando, quando engasgou em pânico. Seu lado rugiu com fogo, e ela caiu para trás.

Enquanto o corpo dela recuperava-se da dor de sentar, sua mente foi mais rápida. Ela desesperadamente tocou seu estômago, sua lateral, seu rosto. Ela era ela mesma outra vez. Ela não estava mais presa.

Foi só um sonho, um sonho estranho.

Ou foi real?

As mãos dela descansaram para baixo, e ela finalmente percebeu que estava tocando em algo macio. Abriu os olhos, e olhou ao seu redor. O quarto era pequeno com uma cama de solteiro e duas cadeiras. Ela não podia descobrir mais nada na escuridão. *Se não estou no túnel e não estou no castelo, onde eu estou?*

Antes que ela pudesse se mover para investigar, alguém abriu a porta e entrou, carregando uma bandeja com uma vela e uma tigela. A mulher sussurrou para si mesma quando pousou tudo sobre uma mesa e foi reorganizar o conteúdo. Cyrene esperou até que a mulher virasse em sua direção com uma tigela de madeira e um pilão.

—Onde estou?— Cyrene empurrou-se em um cotovelo, apesar da dor na sua lateral.

—Oh!— a mulher gritou, pulando e sacudindo a tigela. —Oh, querida, você está acordada!

—Onde estou? — Cyrene repetiu.

—Orden! — Ela correu para a porta. —Orden! Ela está acordada! Ela sobreviveu!

Orden atravessou a porta e olhou para Cyrene em surpresa. —Vá acordar o menino e seus amigos — disse ele, levando a mulher para fora.

Ele colocou um lampião na mesa ao lado da bandeja, iluminando o quarto. O homem parecia vagamente familiar. Ela olhou para ele enquanto tentava reconhecê-lo.

—Sim. Você já me viu antes — ele respondeu em uma voz profunda e rude, enquanto se sentava na cadeira mais afastada dela.

Mesmo quando ele se sentou, era óbvio que ele era uma das pessoas mais altas que ela já tinha visto na vida. Ela não sabia como o conhecia, mas ele havia confirmado seus pensamentos.

—Onde? — ela perguntou.

—Seu primeiro dia em Albion. Você olhou para mim quando estava cavalgando até o castelo.

—Eu fiz! — Ela tossiu com sua própria exclamação.

Sabia que o tinha visto! Ele tinha se destacado para ela no meio do multidão por ter um expressão tão severa. E agora, ele estava sentado aqui na frente dela, ainda faltando um sorriso.

—Não achei que me reconheceria. — Ele inclinou-se para trás e olhou para ela com seus olhos castanhos profundos.

Orden começou a falar novamente, quando Ahlvie derrapou a uma parada na porta, ainda tirando um braço da sua manga da camisa. Seu cabelo castanho escuro estava bagunçado já que tinha acabado de acordar, e os olhos dele estavam largos. Ela nunca tinha considerado realmente o quão jovem parecia até aquele momento.

—Você está viva — ele sussurrou.

Ele correu para a cama e jogou seus braços ao redor dela. Dor bateu o lado dela, e ela gritou. Ele retirou-se apressadamente.

—Sinto muito. Me desculpe.

—Pela Criadora, Ahlvie, ela acabou de acordar — Maelia disse, aparecendo na porta.

Um segundo depois, Rhea apareceu atrás dela.

—Está tudo bem — disse Cyrene. Ela mudou o seu peso para inclinar-se mais em seu lado ileso. —Estou feliz em vê-los. Eu realmente estou. Mas alguém pode por favor me dizer onde estou e o que aconteceu?

—Nós não sabemos,— disse Rhea. —Ahlvie veio e nos chamou no meio da noite. Todos nós pensamos... Que não ia sobreviver.

—Nós pensamos que você poderia ser capaz de nos dizer o que se lembra.— Orden inclinou-se na cadeira, descansando o cotovelo no joelho.

Tudo voltou a ela em uma onda — a luta no bar, a mulher morta, a espada em sua lateral, o túnel, a terrível voz sussurrando no ouvido dela e nublando sua mente, ela encontrando uma maneira de bloquear a voz, o rosto da Afiliada morta, o Braj e as profecias e os poderes e, em seguida, o olhar de choque no seu rosto quando algo explodiu para fora dela.

E então, ela tinha acordado, só que não tinha. Ela tinha sonhado com Serafina. *Mas como poderia ter sido um sonho quando tinha parecido tão real?* Ela tinha visto Serafina se afastar de Viktor Dremylon. Ela esteve no ritual de Ascensão da Serafina perante a corte Doma. Ela tinha estado lá, quando o livro abriu-se a eles, e ela tinha percebido, assim como tinha Serafina, que ela tinha poderes.

Agora, ela precisava aprender a controlá-los. Ela precisava de alguém para ensiná-la. Ela precisava de Matilde e Vera. Finalmente tudo encaixou no lugar.

—Pode começar Cyrene.— Ahlvie sentou na cadeira ao lado de Orden.

Ela olhou suspeitosamente para Orden. Enquanto apreciava que ele a estava acomodando após a lesão nos túneis, ela não o conhecia nem confiava nele.

—Ele é um amigo. Ele não vai contar pra ninguém —disse Ahlvie.

—Me sentiria mais à vontade falando sem ele — ela sussurrou. —Sem ofensa.

Ahlvie começou a protestar, mas Orden o interrompeu —Eu entendo suas preocupações, e as respeito. Estou muito interessado na sua história

e como posso ajudar, mas até o momento em que você precisar, eu vou só ver se Younda precisa de algo. — Ele levantou, passou pelas meninas e saiu do quarto sem reclamar mais.

—Ele é realmente um amigo, Cyrene. Você pode confiar nele — disse Ahlvie.

—Não conhecemos ele como você — disse Maelia. Ela tomou o assento abandonado por Orden. —Nós nem confiávamos em você até... Recentemente.

—Hoje, quer dizer.

Maelia deu de ombros.

Rhea fechou a porta e cruzou os braços. —O que ela quer dizer é que somos um time. Devíamos decidir juntos quem mais incluir em nossos planos.

—Ela ia morrer! — Ahlvie gritou.

—Está tudo bem! — Cyrene interrompeu. —Podemos voltar para o assunto em questão?

Eles assentiram, e Cyrene começou a colocá-los a par de tudo o que aconteceu ontem à noite. Ela não contou-lhes sobre a explosão de energia ou o sonho. Ela não podia confiar nem mesmo em seus amigos mais próximos com essa informação ainda. Ela não sabia como poderia lhes dizer que tinha poderes.

—Espere... Um Braj? — Rhea perguntou incrédula.

—Braj são contos de fadas — Maelia disse.

—Não, sério, eu vi! — Ahlvie disse, a apoiando.

Cyrene balançou a cabeça. —Você acredita... No Braj? — ela perguntou, um pouco surpresa que ele estivesse aceitando tudo isso tão levemente.

—Vi com meus próprios olhos lá embaixo no túnel. Se não acreditasse neles antes, então eu acredito neles agora —ele disse com uma risada nervosa.

—E você acreditava neles antes? — ela questionou.

Ahlvie olhou para longe e de volta. —Sim — ele disse sem elaborar.

Ela queria saber porque nem sempre tinha achado que eram reais até hoje. Mas iria respeitar seu silêncio desde que ela mesma não estava contando tudo a ele.

—Certo. É um Braj — disse Rhea, jogando seus braços.

Maelia abanou a cabeça como se não quisesse acreditar.

—Então — Ahlvie disse — não sabe o que aconteceu depois que o Braj atacou você?

Cyrene abanou a cabeça. — Não.

Rhea deu-lhe um olhar de soslaio que dizia, *Você não está nos contando tudo*, mas Cyrene só levantou suas sobrancelhas.

—Bem — disse Ahlvie, coçando a parte de trás da sua cabeça — Eu só sei que quando eu alcancei o túnel, algo como uma onda me bateu, e então de repente, o céu abriu. Podia jurar que era uma noite sem nuvens, mas foi uma chuva torrencial quase instantânea. Eu corri para dentro do túnel e te encontrei desmaiada no chão com um Braj morto ao seu lado.

—Morto?— ela guinchou.

—Eu sei! Alguém deve tê-lo matado. Eu pensei que era impossível, mas lá estava ele. Entrei em pânico quando vi a quantidade de sangue que tinha perdido, e te trouxe apressado para a Orden. É muito mais perto do que o castelo, e eu sabia que ele ia entender.

Que tipo de pessoa Orden é já que ele espera as pessoas meio-mortas na sua casa?

—O socorro dele ajudou você. Ele disse que a ferida tinha começado a se curar muito cedo, e ele mal teve tempo para retirar o veneno antes de que fechasse completamente.

Cyrene cautelosamente tocou a sua lateral. A pele na ferida dela não estava aberta. Pelo contrário, era um pedaço de carne enrugada e sensível. A última vez que olhou para ela, ela tinha perdido muito sangue, e o Braj lhe disse que não coagularia. *Como tinha uma pele nova já coberto o lugar?*

A palavra atingiu a mente dela novamente. *Magia*. Ainda parecia errado pensar isso, mas era a única coisa que fazia sentido. Tinha que ter sido a explosão de seus poderes.

—Olha, não sei o que aconteceu com você lá em baixo, mas quem salvou você é um lutador louco para enfrentar um Braj,— Ahlvie disse.

—Nós realmente estamos aqui contemplando a suposição de que

alguém matou um Braj? Que Brajs existem? — Maelia perguntou.

— Estou dizendo para você que é o que era.

Cyrene assentiu com a cabeça. — Eu vi também, Maelia. Ele falou comigo e disse que tinha matado outros Afiliadas e Conselheiros para tentar chegar a mim.

— Então, um Braj veio atrás de você como um alvo e matou outros em seu lugar ao longo do caminho? Por quê? — Rhea perguntou.

Cyrene suspirou quando o silêncio arrastou. Ela mordeu o lábio e considerou o que lhes dizer em seguida. — Não fui completamente sincera sobre o que aconteceu.

Ahlvie estreitou os olhos, Maelia inclinou-se em sua cadeira e Rhea apenas cruzou os braços.

— Eu realmente não sei como explicar, mas tem a ver com o que disse pra vocês no Mestre Barca.

— Sobre alguma coisa estar acontecendo com você? — Ahlvie perguntou.

— Sim. Bem, isso aconteceu nos túneis. — *Magia*. Magia tinha acontecido.

— Isso? — Maelia perguntou. — O que?

— Não sei — disse Cyrene. — Tudo o que sei é... Eu era a única lá embaixo nos túneis com o Braj, e estava prestes a me matar quando aconteceu. Então, eu acho... Que devo ter matado ele.

Os próximos poucos momentos pareceram como uma eternidade enquanto Cyrene esperava por algo, qualquer coisa — riso, zombaria, descrença. No Mestre Barca, ela não ouviu nada quando lhes contou sobre as coisas estranhas acontecendo com ela, mas agora, ela dizia que tinha matado um Braj. Quanto mais colocava em perspectiva com seu sonho de Serafina, era a única coisa que fazia sentido. Ninguém mais esteve lá para salvá-la, e Ahlvie tinha sentido a explosão que ela produziu em seu corpo, então deve ter sido poderoso.

— Cyrene, não quero duvidar de você, mas você tem certeza disso? — Rhea perguntou.

—Não. Sim. Não. Eu não sei. Eu acho que sim. Isso provavelmente não ajuda, mas o que mais poderia explicar minha ferida? Eu ainda estou dorida, mas está curada.

—Eu vi o buraco na sua lateral. Se está curado, então algo deve ter feito isso acontecer em questão de horas —disse Ahlvie.

—Exatamente. Não consigo pensar em outra explicação.

Ahlvie parecia pensar por um segundo, como se tentasse descobrir a extensão de tudo, como ela tinha feito mais cedo. —Está bem.

—Tudo bem? É só isso?

—Tudo bem. Eu acredito em você. O que fazemos agora?

Ela olhou para ele com admiração. *De onde ele tinha vindo? E porque demorou tanto para ele entrar na minha vida?*

—O que quer dizer com tudo bem, e é isso? — Maelia perguntou. —Um assassino está atrás de Cyrene. Vocês não perceberam o detalhe mais importante que está faltando sobre Braj?

—Eles nunca param de vir — Rhea preencheu.

—É isso mesmo. Talvez você não seja o verdadeiro alvo, mas se é, e eles são reais, então precisamos ter um plano para detê-los. Precisamos descobrir como foram mortos em primeiro lugar. — Maelia levantou e plantou as mãos em seus quadris. —Devemos alertar a Guarda Real e deixar o Rei saber o que aconteceu. Você sabe que ele estaria preocupado com sua segurança.

—Não podemos ir à Guarda! — Ahlvie protestou.

—Ou o Rei! — Cyrene gritou.

Lembrava-se muito claramente do Braj falando sobre o legítimo herdeiro Dremylon. Ela não queria acreditar que era Edric, mas a única outra alternativa aterrorizante era que ele estava falando sobre... Kael. E se o Kael podia controlar um Braj... Todos eles estavam em apuros.

Rhea suspirou pesadamente e balançou a cabeça. —Eu suponho que você tem um plano maluco, Cyrene — ela falou.

—Sim. — E era realmente louco após a informação em seu sonho. —Eu preciso ir para Eleysia.

Maelia se jogou de volta em seu assento em descrença. —Você honestamente ainda está pensando em ir lá agora que foi *atacada*? Os dois lugares mais seguros em toda Emporia são aqui em Albion e de volta em Byern. Como você poderia considerar ir embora?

—Eu tenho que ir — ela insistiu. Ela estava mais certa do que nunca.

—Você sequer sabe o que está procurando? — Maelia olhou para baixo, como se ela não quisesse perguntar isso.

—Sim, eu acho que sei — disse Cyrene.

—Acha? — Rhea perguntou.

—Eu sei que você está determinada, mas não quero que isso seja uma caçada inútil — Maelia falou.

Cyrene engoliu. Se ela contasse a verdade para todos, então soaria como uma maluca, mas sabia que tudo estava ligado a esse sonho. —Há duas mulheres em Eleysia que preciso ver.

—Quem são elas? — Maelia perguntou curiosamente.

—Matilde e Vera.

Todo mundo olhou fixamente para ela.

—Quem? — Maelia perguntou.

—Como sabe que precisa vê-las? — Rhea perguntou.

—É complicado. Eu conheci um vendedor ambulante em Byern que disse que haviam pessoas em Eleysia que sabiam como me ajudar. Ele me disse para procurá-las.

Cyrene não lhes disse sobre a conexão com o sonho. Parecia loucura que pudessem ser as mesmas pessoas que as que Basille Selby lhe disse para encontrar.

—Como você sequer será capaz de encontrá-las? — Maelia perguntou.

—Não sei — ela admitiu. —Eu sei que não parece muito, mas é tudo o que tenho.

—Não é muito? Isso não é nada —disse Maelia. —Você está arriscando sua segurança pelo capricho de um vendedor.

—É minha segurança em risco, Maelia. Vocês estão comigo ou não? —

Cyrene disse.

Ahlvie inclinou a cabeça para ela. — Estou dentro.

Rhea inclinou-se contra a parede e assentiu com a cabeça também.

— Maelia? Vamos com ou sem você, mas eu quero você com a gente — Cyrene disse a ela. Ela odiava fazer isso. Ela entendia de onde Maelia estava vindo, mas isto era muito importante para ficar escondido atrás das muralhas do castelo. Ela não podia viver a vida assim.

— Gostaria de ir dizendo que é uma má ideia, mas eu não vou deixar você ir com este patife imprudente — ela disse, gesticulando para Ahlvie. — Além disso, você provavelmente precisará de um médico.

— Eu acho que ela gosta de mim — Ahlvie disse secamente.

— Olha, enquanto nós formos um time, nós estaremos bem lá fora. Não sei como vamos chegar lá. Nosso último esforço para obter um navio não foi como planejado.

Ahlvie sorriu. — Desculpe por isso.

Cyrene sacudiu a cabeça. — Alguém tem uma ideia melhor?

— Acho que devemos falar com Orden — Ahlvie disse a ela. — Eu sei que você não conhece ele. Eu entendi. Ele não parece exatamente como o cara de confiança. Mas ele será nossa melhor aposta.

Cyrene olhou ao redor do grupo. Todos pareciam apreensivos, mas realmente não via outra opção. Se Orden poderia ajudá-los, então ela precisava usar a ajuda dele. Ela não ia exatamente conseguir ir em um navio Eleysia tão cedo.

— Tudo bem, Ahlvie.

Ele levantou e saiu da sala.

Um minuto depois, Orden entrou de volta no quarto pequeno agora muito lotado com Ahlvie em seus calcanhares. Orden tomou o assento que Ahlvie tinha abandonado. Ele tinha a aparência de que sabia que isto ia acontecer desde o início.

Cyrene engoliu quando tentou decidir como começar. Ela olhou para Ahlvie, que assentiu com a cabeça para ela.

Ela teve que fazer do jeito dela. — Precisamos de uma saída da cidade, e precisamos sair o mais rápido possível, hoje de preferência.

Orden sentou novamente na sua cadeira.

— Precisamos de sua ajuda — continuou Ahlvie, dando a Cyrene um olhar feio.

— Como posso ajudá-lo a sair da cidade? — Orden perguntou ríspidamente.

— Você conhece caminhos em toda Albion, e muito mais no mundo que Albion. Você me ensinou alguns dos sistemas de túnel — disse Ahlvie. — Você pode encontrar para nós uma passagem segura, para que possamos conseguir um barco e sair daqui.

— É tudo verdade. — Olhos escuros de Orden permaneceram firme.

— Por favor — disse Cyrene, a voz dela, abaixando — Se você sabe todas essas coisas, pode nos mostrar uma saída?

— Vocês crianças querem sair de Albion? Andem para fora dos muros da cidade. Ninguém está impedindo vocês.

— Eu faria, se toda Guarda da cidade não conhecesse meu rosto, — disse Cyrene.

Orden endureceu.

— As misteriosas mortes em toda Byern estavam ligadas a mim. Como uma confidente do Rei, Consorte e Príncipe — ela respirou — fui colocada sob forte vigilância. Eles estavam preocupados que eu seria o próximo alvo.

— E você é — ele disse.

Ela assentiu com a cabeça. — O Braj estava atrás de mim.

— Brajs estão sempre atrás de alguém por uma razão. Qual era a sua?

— Eu não sei. Não entendia o que estava dizendo. Tudo estava confuso.

— Ele falou em sua mente? — Orden perguntou.

— Sim.

Sua boca caiu aberta.

Falei demais?

—Por quanto tempo? Quando você se lembra disso acontecer primeiro?

—Eu... Eu não sei. Talvez já em minha Apresentação... Talvez logo antes da procissão —ela disse suavemente. —Eu não sabia que estava tocando minha mente até o túnel. Como sabe disso? Eu nunca li isso em qualquer lugar.

—Quando um Braj toca sua mente, você nunca esquece — ele disse a ela.

Silêncio seguiu essa afirmação.

—Olha, não sei como você sabe tudo isso, mas neste momento, não preciso de todas as informações — Cyrene começou.

—Eu acho que você precisa. Se você teve um Braj falando com você, então está com problemas muito piores do que eu pensava.

Cyrene engoliu, mas foi Ahlvie que falou —O que você quer dizer?

—Braj são assassinos. Todos ouviram o folclore dizendo que eles nunca param. Bem, é verdade. Um Braj morto não significa o fim de tudo. Significa o fim daquele Braj. Já os vi continuarem vindo até mesmo quando os melhores não podiam combatê-los. E eu vi meu mestre cair para sua lâmina curva rápida.

Maelia enviou a ela um olhar eu-te-disse.

—Cyrene — sussurrou Ahlvie. Seus olhos pareciam temerosos.

—Eu entendo o que está dizendo — ela disse. —Mas eu preciso ir para Eleysia.

—O que há para você lá?— Orden perguntou. Ele pensativamente olhou para ela.

—Não é da sua conta. É o meu bilhete para sair desta confusão, e é isso o que importa.

—Essa é uma resposta vaga o suficiente. — Orden estreitou os olhos em Cyrene.

—Ela precisa ir — disse Ahlvie. —E todos nós vamos com ela, Orden. Você nos ajudará?

Orden suspirou, olhando entre eles. —Tudo bem. Com uma condição

— ele disse. —Leve-me com vocês.



A DECISÃO



Quando Cyrene e Maelia finalmente conseguiram voltar para o castelo para recuperar seus pertences, o amanhecer espreitava no horizonte. Orden tinha oferecido um mapa de túneis e um pequeno pônei para ajudá-las a voltar através do labirinto de túneis desde que Cyrene ainda estava ainda fraca. Foi mais rápido do que Cyrene lembrava de ir na noite anterior, mas ontem tudo parecia estar em câmera lenta.

Elas deixaram o pônei perto da entrada para Krisana onde Younda tinha concordado em recuperá-lo, e acharam as escadas que ela e Ahlvie tinham usado ontem à noite.

Ahlvie e Rhea estavam coletando seus pertences na cidade enquanto Cyrene e Maelia manobravam através do castelo.

Maelia colocou um braço ao redor da cintura de Cyrene e a ajudou a subir as escadas. Quando chegaram na porta estranha que Cyrene tinha entrado antes com Ahlvie, Maelia soltou.

—Espere aqui — ela sussurrou, levantando um dedo. Ela espiou pela porta e olhou em volta para o corredor. Um minuto depois, ela saiu de lá com Cyrene. —Vou ver você em poucos minutos para recolher sua bolsa.

Cyrene assentiu com a cabeça e em seguida correu para fora dos túneis. Sua lateral não estava tão ruim como quando tinha acordado. Parte disso deve ter sido por comer alguma coisa para restaurar a energia e a mistura nojenta que Younda a tinha feito beber. O corpo dela estava se reparando em um ritmo alarmante. Foi quase como na noite após a sua fuga da quase morte no

lago subterrâneo.

Ela se moveu tão rapidamente quanto poderia angustiar pelos corredores vazios. Ela segurou a respiração enquanto caminhava através do castelo, esperando que não encontrasse ninguém. Younda tinha lhe oferecido um vestido branco limpo seu, mas dificilmente encaixa como seus próprios vestidos, mesmo todo preso. Tinha que servir mesmo assim. Ela não podia usar o vestido destruído da noite anterior.

Cyrene virou a esquina e entrou no seu quarto, fechando a porta atrás dela. Ela apertou a mão em sua lateral e suspirou pesadamente. Ainda doía como o inferno. O Braj estava certo sobre isso.

Depois de andar para seu quarto de dormir, ela abriu seu guarda-roupa para o mar de vestidos pendurados perfeitamente. Sua capa vermelha que Edric deu estava lá, intocada. Ela não tinha tido a chance de usá-la desde que deixou Byern. Os dedos dela moveram através do belo material. Memórias voltaram a ela da primeira vez que tinha recebido este presente embrulhado em seus aposentos.

O coração dela bateu. Isto era tudo o que ela teria de Edric quando fosse embora. Ela deveria deixar, porque sabia que o que quer que tinha acontecido, ou tinha estado preter a acontecer, estaria acabado há muito tempo uma vez que fosse embora. Ela não tinha ido aos seus aposentos ontem à noite e com a sua ida, tudo estaria perdido entre eles. Ela não sabia por quanto tempo teria que ficar em Eleysia, e tinha certeza que ele iria em breve esquecê-la.

No entanto, quando ela olhou para a bela capa, não achou que poderia deixá-la aqui. Mesmo que ela estivesse deixando Edric para trás, sabia que sempre se lembraria dele desse jeito. O sorriso fácil no jardim das rosas, o brilho de seu rosto no pôr do sol na praia, os beijos desesperados no seu navio — essas eram as coisas que ela nunca quis esquecer.

Com um suave suspiro, ela finalmente dobrou a capa e a colocou no último pedaço de espaço na mala. Embora talvez não fosse precisar, não podia ir embora sem ela. Ela não podia sair sem levar um pedaço dele com ela.

Cyrene ergueu sua mala para fora de seu guarda-roupa com um grunhido e removeu a bolsa de couro contendo o livro e a carta. Ela tinha uns minutos antes de Maelia voltar para pegar a mala dela. Ela sabia que seria

arriscado abrir o livro aqui, mas uma parte dela desesperadamente queria saber se o sonho tinha sido real.

Ela estava deixando tudo o que conhecia e amava para atrás para ir a Eleysia baseado neste livro, nas palavras de um velho vendedor e um sonho fantástico sobre a antiga corte Doma e Viktor Dremylon. Se ela pudesse ler as palavras, então saberia que estava no caminho certo.

As mãos dela tremiam quando segurou o livro. O seu futuro estava diante dela. Por uma fração de segundo, quis desesperadamente que tudo fosse um sonho, para que então ela acordasse ao descobrir que se tornou uma Afiliada, e então tudo iria se endireitar. Haveria nenhum livro, sem enigmas, sem sonhos estranhos. Depois passou, e ela estava desesperada para saber e entender este poder zumbindo sob sua superfície. Este poder suficientemente forte matar um Braj... Poderia ser forte o suficiente para fazer muito mais.

Com um suspiro ponderado, ela abriu a encadernação delicada e olhou para baixo para a cintilante e afiada fonte na primeira página. Ela piscou duas vezes, mais em choque do que qualquer coisa. Desta vez, ela não teve nem que se concentrar para decifrar o significado. As palavras estavam claras como o dia e tão lindas e vibrantes como no primeiro dia em que olhou para elas, mas agora, o seu significado cantou para ela como se tivesse sabido desde o início. Falou da sociedade Doma e os poderes mágicos que os vinculou todos juntos.

Isto era a prova que ela tinha procurado. Seus poderes realmente existiam.

Agora que ela sabia a verdadeira importância do livro, nunca mais o queria fora de sua posse. Seria assustador se caísse em mãos erradas. Ela deslizou a bolsa sobre a cabeça, para que pudesse mantê-lo consigo.

Sacudindo para fora seus pensamentos sobre o livro, a porta do quarto dela se abriu. Ela correu para fora para a câmara principal para encontrar Maelia com uma pequena mala unitária da Guarda facilmente pendurado por cima do ombro.

—Temos de ir andando se não quisermos sermos vistas. Os servos já estão se movendo,— Maelia disse.

—Sim. Você está certa. Aqui está a minha mala — Cyrene disse. Ela entregou a sua mala, mas ela manteve o livro e a carta cuidadosamente escondidos em sua bolsa.

—Tem certeza que é isso o que você quer?

Depois de ler o livro Doma e viver o ritual de Ascensão com Serafina, ela estava mais segura do que nunca.

—Sim.

Maelia carregou a mala de Cyrene sobre seu outro ombro.

—Okay. Bem, vou encontrá-la com os cavalos.

—Obrigada por confiar em mim.

—Boa sorte nos túneis.— Maelia deu-lhe um abraço rápido antes de desaparecer pela porta.

Cyrene apressadamente trocou o vestido de Younda, para um dos seus vestidos azuis mais resistentes. O olhar dela moveu-se ao redor dos seus aposentos luxuosos quando ela terminou e se preparou para sair. Era difícil acreditar que ela e Edric tinham andado na praia ontem mesmo. Foi ainda mais difícil de acreditar que tinha prometido ir aos seus aposentos. Tudo tinha mudado em uma noite.

Em breve ela estaria fora de Byern pela primeira vez e a caminho de Eleysia.

Tristeza a sufocou, e ela engoliu de volta as lágrimas. Ela tinha querido o que Edric estava lhe oferecendo, e ainda assim tinha feito a sua decisão quando partiu com Ahlvie. Ela estava tomando a decisão novamente quando estava indo embora agora. Em outra vida, ela poderia ter sido a garota feliz por estar ao dispor de um Rei, feliz de ser uma amante. Mas aquela outra garota não teria ouvido o destino batendo na porta, e ela não responderia.

Ela não podia ficar em Byern por Edric. Ela não sabia o que estava à sua espera em Eleysia, mas sabia que era necessário ir até lá. Levaria um tempo para ela descobrir a extensão de suas habilidades e descobrir a verdade sobre este novo mundo no qual estava se metendo.

Cyrene cuidadosamente fechou a porta para as Câmaras da Baía das Pérolas e sussurrou —Adeus, Edric.



O DESAPARECIMENTO



Daufina se inclinou na cadeira no conforto do estúdio de Edric. Ele tinha estado no limite toda a manhã. Ela podia ver isso na tensão nos ombros dele, a maneira que ele apertava a mandíbula e um milhão de outros detalhes minuciosos que alguém em sintonia com seu corpo podia ver de longe. Ela queria acreditar que ele estava apenas se preparando para as negociações comerciais com Eleysia, mas ele não era normalmente tão mal-humorado quando se tratava de assuntos de estado.

—Vai me dizer o que está acontecendo? — ela perguntou com cuidado.

Ele disparou um olhar exasperado onde ela estava. Ele tinha uma propagação da papelada diante de si, todas as coisas que ele precisava decidir e assinar antes de que chegasse o Príncipe Eleysian.

—Se você ficar com esse humor quando ele chegar, tenho certeza que ele vai ser facilmente seduzido para o nosso lado com seu... Charme, Edric.

Edric mergulhou a pena que estava usando para escrever de volta no pote de tinta e cruzou os braços. —Eu sei como governar este país, Daufina. Eu fui criado para este papel, criado para saber meu lugar desde a infância e venho fazendo um bom trabalho nos últimos cinco anos. Se gostaria de ocupar o meu lugar, esteja à vontade. — Ele gesticulou para as páginas.

Ela curvou uma sobrancelha em seu castigo e enviou-lhe um sorriso perplexo. —Ninguém poderia comandar Byern como você faz. Eu estava apenas observando que nosso representante Eleysia pode não apreciar o fato de que você está de mau humor.

Ele passou uma mão pelo cabelo dele e suspirou. — Não é nada. Deixe para lá.

Então, ela deixou para lá. Ele diria a ela no seu devido tempo. Ele sempre fazia.

O tempo passou desconfortavelmente. Ela mal podia concentrar-se no texto que estava lendo. Ela odiava que ele estivesse tão conturbado.

— É o bebê? — ela finalmente perguntou.

O fato de que Kaliana tinha perdido outro enquanto Duquesa Elida estava a meses de ter seu próprio bebê, na verdade, perturbou Daufina profundamente. Eles *precisavam* um herdeiro Dremylon. Nada estava seguro sem um.

Edric suspirou. — Não. Embora talvez devesse ser.

— Você precisa de um herdeiro.

— Foi o último desejo do meu pai para mim, Daufina. Eu *sei* que preciso de um herdeiro. — Seus olhos azul-acinzentados estabeleceram-se nela, e ela viu o peso neles. — Talvez se tivesse se preocupado mais com isso do que com o que me incomoda, eu já teria um bebê a caminho. Mas isso não é possível quando não se esteve com sua mulher.

— Nenhum um pouco? — Daufina perguntou com as sobrancelhas levantadas. — Edric...

— Eu sei! — ele surtou. — Eu deveria. É meu dever, e deve ser feito.

— Então, é Cyrene? Eu pensei que você tivesse encerrado esse assunto quando chegamos. Eu sei que a segurança dela preocupa você, mas você parou de mostrar favorecimento a ela. Pensei...

— O que quer que você pensou estava errado. Fiquei longe para agradar uma esposa que não amo. Ainda sou o Rei, não sou? Eu deveria me agradar, não devia? — A voz dele aumentou continuamente como se ele estivesse mais se convencendo do que a ela. — Convidei Cyrene para meus aposentos.

Daufina tentou controlar sua surpresa. Edric tinha jurado que ele nunca quis uma amante... Nenhuma competindo pelo seu coração. Ele tinha tentado tanto amar Kaliana, mas a mulher tornou impossível para alguém fazê-lo.

—Então — ela disse calmamente, —Se você a convidou para ficar com você, porque está tão zangado? Está zangado consigo mesmo por ter decidido continuar com isso?

Edric riu sem humor. —Ela nunca veio até mim. Ela prometeu que o faria. Esperei a noite toda. Mandeí uma empregada para seus aposentos. Ela se recusou a até mesmo responder a porta. Parece que até o Rei é rejeitado.

—Ela é uma tola por ter feito isso.

—E você sabe que isso me fez a querer mais?

—Ah, Edric...

—Sua Majestade! — uma empregada gritou, correndo para o escritório sem aviso prévio.

O rosto em pedra, Daufina virou-se para enfrentar a mulher. Ninguém vinha até o Rei de Byern dessa maneira. Mesmo que ela estivesse aqui pelo Príncipe de Eleysia, ela deveria anunciar um emissário real.

—O que você quer garota? — Daufina perguntou friamente. —Você acabou de interromper o Rei.

—Minhas desculpas — ela engasgou. Desceu em uma profunda reverência. —Eu acabei... De ir para as Câmaras da Baía das Pérolas para levar para a Afiliada Cyrene seu café da manhã e a encontrei *desaparecida*! O quarto dela estava em desordem, e algumas coisas dela tinham sumido!

—O quê? — Edric e Daufina gritaram ao mesmo tempo.

—Sim. Sei que fui enviada... Ontem à noite. — Suas bochechas coraram. —Eu acho que... Ela devia ter ido embora já! Vocês acham que o assassino entrou de alguma forma no castelo?

—Absolutamente não! — Daufina disse.

Mas um olhar para o rosto pálido de Edric disse o contrário.

—Inicie uma busca imediatamente Daufina. Procure em todos os lugares. Encontre qualquer informação que puder.

—Edric, você não está mesmo considerando que algo aconteceu com ela? — ela perguntou baixinho.

—Tudo faz sentido. Ela era o alvo, ela deveria estar comigo na noite passada, e agora, ela está desaparecida. Acho que é uma possibilidade

muito real.— Ele caminhou em volta da mesa e a alcançou. —Não podemos deixar nada acontecer com ela, Daufina.

Só então, entrou um Guarda Real. —Sua Alteza Real, o Príncipe de Eleysia.

Edric amaldiçoou sob sua respiração. — Cuide disso por mim. Eu tenho que lidar com as negociações comerciais, mas não vou descansar até que ela seja encontrada. Guarde minhas palavras — ele gritou antes de sair do quarto.

Daufina viu suas costas se retirando enquanto o medo se estabelecia. Se Cyrene estava desaparecida, potencialmente capturada por este assassino misterioso, então significava que nenhum deles estavam verdadeiramente seguros, mesmo no castelo. E tão ruim quanto — em sua mente neste momento, ainda pior — Edric não iria se recuperar disto. Ela o conhecia muito bem. Ele iria se culpar. Ele já estava se culpando. E ela não sabia o que aconteceria com seu Rei sob tais circunstâncias.



O DESTINO



Cyrene apressou seus passos em direção a entrada do túnel e engoliu de volta a dor de deixar Edric para trás. Ela sabia que, uma vez que que passasse pela porta, teria perdido ele para sempre. E não importa o que o Braj tinha dito sobre o legítimo herdeiro Dremylon, o coração dela ainda doía só de pensar. Mas não havia como voltar atrás. Ela não podia ficar aqui e esperar o Braj vir atrás dela, esperando que fosse descobrir seus poderes por conta própria. Ela tinha que agir. Se isso significava perder tudo que conhecia... E amava, então que fosse assim.

Tomando o caminho mais direto para o corredor onde estava a entrada, esperou o corredor ficar vazio e então disparou através da porta. Ela a fechou tão rápido quanto tinha entrado e respirou fundo. Ela arrancou a tocha ainda acesa que ela e Maelia tinham deixado em um gancho no topo da escada e desceu até o fundo.

Rhea estava esperando por ela, como prometido, no último degrau, andando com impaciência. —Cyrene!— Rhea gritou quando ela apareceu.

—Desculpe por demorar tanto. Estou atrasada.

—Estou feliz que você está segura.— Rhea puxou sua trança vermelha. —Eu sei que você não está nos dizendo algo. Você está tão determinada a ir para Eleysia porque algo está acontecendo com você, mas eu não sei o que é. Eu tenho sido a sua melhor amiga por toda a sua vida. Eu te conheço. Então, o que está acontecendo?

Cyrene suspirou e assentiu. Ela odiava que elas tinham que ter esta

conversa agora, mas ela não sabia quando estariam sozinhas novamente. — Eu não confiei em ninguém com isto, Rhea, mas confio em você.

— Claro que pode confiar em mim. Nos conhecemos por toda as nossas vidas. — Ela parecia tão confiante como sempre, mas um vinco formou em sua testa, e seus lábios estavam franzidos com preocupação.

— Mas, Rhea, você não entende...

— E como posso se você nem mesmo começou a explicar?

Cyrene firmemente agarrou a sua bolsa de couro na mão enquanto ela pegava o livro de dentro. *Se não posso confiar em Rhea, em quem lá fora posso confiar?*

Ela abriu na primeira página, e quando olhou para a bela fonte, as palavras eram claras. O coração dela acelerou rapidamente quando viu que podia lê-las.

— Eu ganhei esse livro de Elea no dia da minha Apresentação. Você vê alguma coisa aqui? — Ela apontou para a fonte graciosa com suas bordas afiadas e redemoinhos.

— Não, — disse Rhea, virando a cabeça para olhar a página. — Está em branco.

— Não, não está. As palavras estão lá. Eu posso vê-las. Eu sou a única que pode vê-las, — ela disse, sua voz mantendo o nível.

— O que você quer dizer?

— Quero dizer exatamente o que eu disse.

Rhea olhou para a página, como se as palavras pudessem aparecer de repente para ela. — Me desculpe. Não as vejo. O que isto tem a ver com o Braj e a partida para Eleysia?

— É a verdadeira razão pela qual eu tenho que sair de Byern. — Ela engoliu, não estando pronta para dizer a sua amiga, mas sabendo que tinha que dizer a alguém. — Eu tenho... Habilidades, Rhea.

— Que tipo de habilidades? — Ela estreitou os olhos.

— Isso vai parecer louco, mas você se lembra de quando descobriu sobre o Mestre Barca? Quando você pensou que Explosões fossem mágicas?

—Sim,— Rhea respondeu hesitante. —Mas elas não são.

—Não, mas eu sou. Eu tenho poderes, Rhea,—ela sussurrou. —Acabei de descobrir, e eu preciso aprender tudo o que isso significa... Como controlá-los.

Rhea encarava, perplexa. Ela era tão lógica, tão direta, o tipo de pessoa estudiosa. Ela provavelmente não conseguiria processar esta informação. Mas agora saiu, e Cyrene não podia voltar atrás.

—Poderes? Como a magia contada nas histórias?

—Do tipo. Não sei —admitiu Cyrene. —Não sei o que posso fazer ou como fazê-lo. Não poderia te mostrar nem nada. Mas se o Braj é real... Isto é tão improvável?

—Então, você acha que tem poderes?

—Rhea, eu tenho poderes. Acho... Que é o que a carta de Apresentação disse. *O que você procura encontra-se onde não pode procurar. O que você encontrar não pode ser encontrado.* Rhea, não posso procurar magia porque isso já está lá, escondida dentro de mim. E não pode ser encontrado porque eu não conseguia procurá-la. Só estava lá. Ninguém mais poderia encontrá-la, a menos que já a tinha, e eu já tinha. Sinto que talvez... Eu tenha começado a cumprir a minha carta de Apresentação,—ela disse, —para cumprir a profecia.

—Pela Criadora!— Rhea disse, sua mão indo ao seu coração. —Na verdade... Faz sentido.

—Ainda não posso dizer os outros. Contei-lhes apenas o que eu estava confortável para contar. Você guardará meu segredo enquanto viajamos?

Rhea olhou para baixo para o chão sujo. Seu rosto era uma máscara, mas Cyrene instantaneamente sabia o que sua amiga estava pensando. Ela conhecia Rhea fazia muito tempo para não ver na cara dela. Ela realmente esperava que estivesse errada sobre isso.

—Não posso — ela finalmente disse. Ela torceu o dedo ao redor de sua longa trança.

—Rhea, venha comigo — Cyrene suplicou. —Não temos mais tempo a perder, mas eu preciso de você comigo.

Ela balançou a cabeça. —Eu não posso. Eu não sou como você, Cyrene. Eu nunca quis uma aventura. Nunca quis deixar Byern. Eu amo Albion

agora, mas isso só porque fui afortunada o bastante de ter o melhor Receptor. Mestre Barca é um bom homem, e ele me trata bem. Aprendi tanto com ele, e eu aprecio o trabalho. Eu pensei que queria ser uma Afiliada. Eu pensei que seria feliz como uma Afiliada, mas estava errada. Não acho que nada me faria mais feliz. Então, não posso ir. Eu sei que você vai fazer grandes coisas, porque nasceu para isso Cyrene. Acho que nasci para vê-la dos bastidores.

Uma lágrima caiu no rosto de Cyrene. Ela agarrou a amiga em um abraço apertado, ignorando sua lateral. Ela não queria soltar Rhea naquela tarde na chuva quando ela foi para a Segunda Classe, e ela não queria fazer isso agora. Parecia tão injusto que ela teria que deixar sua melhor amiga para trás duas vezes.

—Você vai fazer grandes coisas Cyrene — disse Rhea. Ela soluçava e cobriu a boca enquanto lutava para segurar as lágrimas. —Saiba que sempre estarei aqui. Vou sempre estar cuidando de você. Sempre serei sua melhor amiga. Eu te amo.

—Eu também te amo — Cyrene suspirou.

—Mantenha-se a salvo, tudo bem?— Rhea apertou a mão dela.

—Eu vou fazer o meu melhor.

—Adeus, Cyrene.

—Apenas até a próxima vez,— ela emendou.

—Da próxima vez — Rhea concordou com um sorriso.

Cyrene limpou seus olhos e então assentiu com a cabeça. Colocou o livro em sua bolsa e então andou. Ela olhou mais uma vez para Rhea e lhe deu um sorriso fraco, antes de cair lágrimas novas.

Depois que ela tinha andado uma distância longe do castelo, ela arrancou o pequeno mapa que Orden tinha esboçado para ela — uma rota subterrânea direta a seu ponto de encontro — e seguiu o que foi escrito. A lateral dela ficava a incomodando, e ela teve de fazer pausas frequentes. Ela não sabia o quão longe estava indo, mas parecia quilômetros e mais quilômetros subterrâneos com nenhuma fonte de luz que não fosse a tocha e nenhuma maneira de dizer o tempo.

Quando ela fez a curva final, ela estava ansiosa para estar acima do solo. Diante dela, havia uma porta. Ela segurou a tocha para trás e puxou a

maçaneta. Ela não se mexia. Ela resmungou em frustração quando tentou abri-la, mas parecia estar trancada.

Ela correu as mãos ao longo da junção da porta. Havia um buraco em um ponto onde parecia que se encaixava uma chave, e ela teve que assumir que estava trancada. Ela se afastou da porta. Ela estava tão perto. Só precisava estar do outro lado da porta. Não havia nenhuma rotas alternativas nos túneis, e ela se sentiu completamente presa.

Em um ato de desespero, colocou a mão direita na parede perto do buraco e fechou os olhos como a pessoa no seu sonho de Serafina tinha feito para abrir a porta. Esse sonho permitiu que ela fosse capaz de ler o livro, então ela também pudesse ver se alguma outra coisa de lá tinha sido útil.

Cyrene esperou por alguns segundos e segundos transformaram-se em poucos minutos. Ela concentrou-se tanto que estava explodindo suor na testa e as suas bochechas estavam coradas. E então, quando pensou que estava prestes a desistir, algo clicou no lugar, e a porta se abriu.

Sua boca caiu aberta, e ela olhou para a porta em surpresa. *Pela Criadora! Como fiz isso?*

Ela aceitou, embora a contragosto, que tinha feito isso. E que levaria um tempo para ela entender *como* tinha feito isso. Este era seu propósito em ir embora. Era seu propósito em ir a Eleysia. Era seu propósito em procurar Matilde e Vera quando elas deviam ter morrido há dois mil anos.

Enquanto ela subia as escadas, a luz de manhã cedo cumprimentou-a em uma pequena área verde à beira das fronteiras de Albion. Ahlvie e Maelia estavam andando em um gramado entre quatro cavalos. Orden estava a uma certa distância, olhando para longe da cidade, ao lado de um enorme cavalo marrom e um cavalo de carga menor com suas malas e suprimentos carregado nele.

—Eu consegui,— disse Cyrene.

Ahlvie e Maelia saltaram e correram para ela. Ahlvie vergou em alívio, e Cyrene podia ver a linha de preocupação na testa de Maelia.

—Pensamos que tinha desistido — admitiu Maelia.

—Quanta confiança — ela sussurrou, não querendo que eles soubesse o quão perto disso ela tinha estado.

—Estamos felizes que você está segura — disse Ahlvie. —Onde está Rhea?

Cyrene afastou as lágrimas e balançou a cabeça. —Ela não vem.

—Entendo — disse Ahlvie.

Maelia deu-lhe um abraço. —Sinto muito.

—Certo, então. Temos uma longa estrada pela frente — Orden interrompeu, usando seu grande chapéu marrom de novo. —Vamos embora.

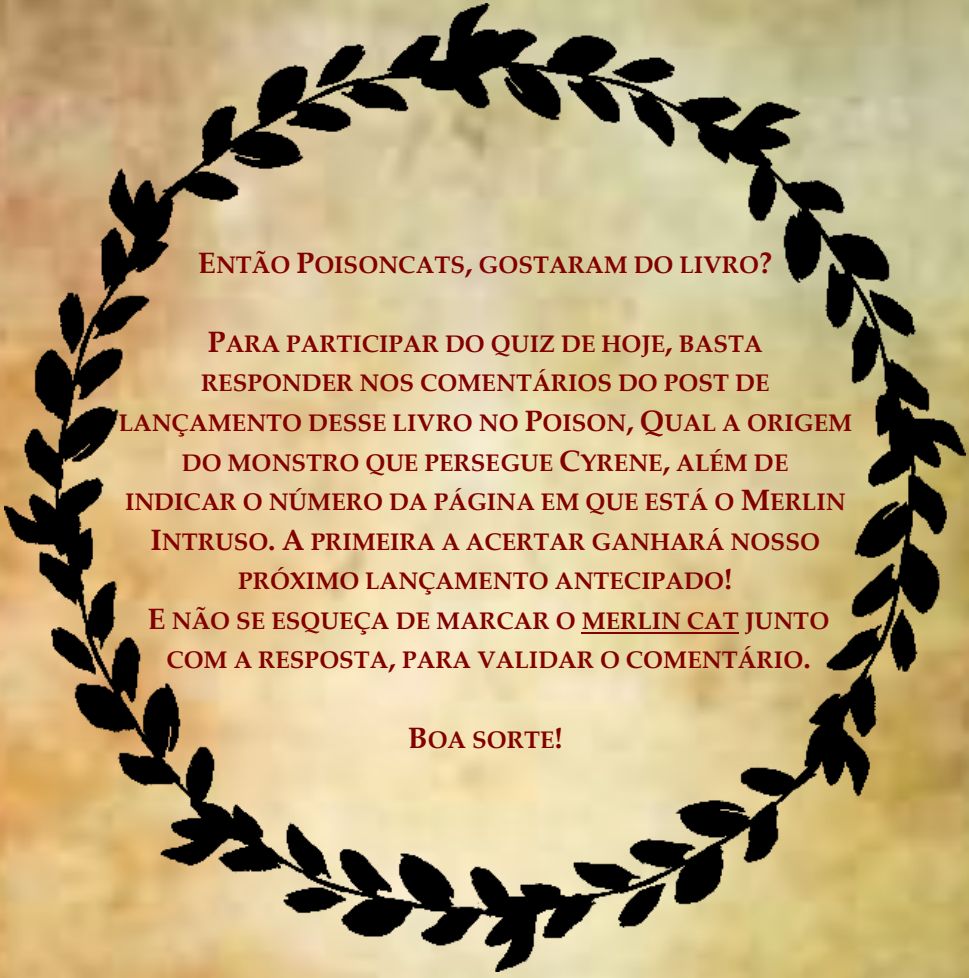
Maelia deu-lhe um sorriso melancólico e seguiu Ahlvie para suas montarias. Cyrene seguiu, passando a mão contra o nariz da Ceffy e sorriu para a sua amiga querida. Ela colocou o conteúdo de sua bolsa de couro em sua sela onde pertencia, perto dela. O pé enganchou no estribo, e ela puxou-se na sela, ajustando o assento.

Cyrene olhou para trás para o que estava deixando para trás, sua cidade, sua posição de Afiliada, sua melhor amiga e Edric. Ela disse um adeus silencioso por agora e prometeu ver todos eles novamente um dia.

Então, eles partiram, cavalgando pelo campo aberto para a estrada de terra levando para fora de Albion, para Aurum e além.

E ela esperava que fosse encontrar todas as suas respostas.

Continua...



ENTÃO POISONCATS, GOSTARAM DO LIVRO?

PARA PARTICIPAR DO QUIZ DE HOJE, BASTA
RESPONDER NOS COMENTÁRIOS DO POST DE
LANÇAMENTO DESSE LIVRO NO POISON, QUAL A ORIGEM
DO MONSTRO QUE PERSEGUE CYRENE, ALÉM DE
INDICAR O NÚMERO DA PÁGINA EM QUE ESTÁ O MERLIN
INTRUSO. A PRIMEIRA A ACERTAR GANHARÁ NOSSO
PRÓXIMO LANÇAMENTO ANTECIPADO!
E NÃO SE ESQUEÇA DE MARCAR O MERLIN CAT JUNTO
COM A RESPOSTA, PARA VALIDAR O COMENTÁRIO.

BOA SORTE!